

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

LUCIELE COPETTI

INTERAÇÃO, MEMÓRIA E SAÚDE NAS REDES DE CONEXÕES MÓVEIS:
UMA ANÁLISE DAS CONEXÕES SOCIAIS DA NIKE+ *FUELBAND*

Porto Alegre
2013

LUCIELE COPETTI

**INTERAÇÃO, MEMÓRIA E SAÚDE NAS REDES DE
CONEXÕES MÓVEIS: UMA ANÁLISE DAS CONEXÕES
SOCIAIS DA NIKE+ *FUELBAND***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Porto Alegre
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C782i

Copetti, Luciele

Interação, memória e saúde nas redes de conexões móveis: uma análise das conexões sociais da Nike + *FuelBand*. / Luciele Copetti. – Porto Alegre, 2013.

231 f.; il

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS.
Orientadora: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda

1. Comunicação Social. 2. Redes Sociais. 3. Sistemas de Comunicação Móvel. 4. Tecnologias – Aspectos Sociais. 5. Saúde Móvel. I. Pellanda, Eduardo Campos. II. Título.

CDD 301.243

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

LUCIELE COPETTI

**INTERAÇÃO, MEMÓRIA E SAÚDE NAS REDES DE
CONEXÕES MÓVEIS: UMA ANÁLISE DAS CONEXÕES
SOCIAIS DA NIKE+ *FUELBAND***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Gustavo Daudt Fischer - UNISINOS

Prof. Dr. Roberto Tietzmann - PUCRS

Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda (orientador) - PUCRS

Porto Alegre
2013

Dedico este trabalho aos meus pais pelo apoio e amor incondicional. Em especial à Lourdes, mãe guerreira e excelente profissional da comunicação; observadora atenta das redes e tecnologias. À minha avó Paulina (*in memoriam*) que, com sua dedicação e amor, fortaleceu nossos laços. Minha eterna gratidão a vocês.

AGRADECIMENTOS

Cada decisão é como uma nova rota sem mapa, sem geolocalização, sem acesso a Internet, sem qualquer tecnologia híbrida junto ao corpo. Cada nova etapa são novas descobertas, novas redes de conexões sociais que se formam. É você e as possibilidades à sua frente. Mas, para isso, é preciso estar disposto, presente, com objetivos e hipóteses. É preciso desconfiar e observar. Traçar novas vias, encarar os problemas de pesquisa, buscar novos conhecimentos, ouvir, perceber, ver, sentir. Assim, novas redes, cidades, pessoas e conhecimentos vão formando a sua trajetória. Então, nenhuma conexão social é formada isoladamente.

Manifesto a minha gratidão aos professores e funcionários do PPGCOM-PUCRS, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda, pela paciência e parceria nesta jornada; ao Prof. Dr. Juremir Machado da Silva; a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de mestrado que possibilitou este estudo; ao Grupo de Pesquisa UBITEC, pelo conhecimento e interações.

Aos meus pais, Celso e Lourdes, pelo amor, compreensão e apoio; ao meu irmão Lucas, pelas ideias compartilhadas e conexões musicais; ao Salustiano (O gato), por compartilhar suas experiências de tempo e espera, pelo carinho, paciência e auxílio diário; ao Wayne (O cão), pelos passeios nos fins de tarde, por sua empolgação canina e amor incondicional. À minha família, que constantemente fortalece seus laços e cria conexões de uma forma linda e simples; em especial, à avó Olina, tia Vilmarina e prima Letiane, pelo incentivo, fé, amor e carinho.

Aos meus amigos, pelo afeto, amor e saudade. Obrigada Douglas, Michel, Paulo e Pedro. Aos meus colegas e grandes amigos que, de alguma forma, com maior ou menor intensidade, foram essenciais nesta jornada: Angela, Breno, Cinthia, Jandré, Pedro Henrique, Priscilla, Polianne, Sandra.

Obrigada Assunção, Lulu e Susan. Às minhas amigas e colegas Annie, Tanira, Thaís C. e Thaís M. que, com as interações, possibilitaram um sorriso no rosto, trocas, novas perspectivas para esta pesquisa e a descontração tão necessária.

À Casa de Cultura Mario Quintana, pela conexão. A Frédéric Chopin, pela trilha sonora.

A todas as conexões, interações mediadas e laços estabelecidos durante esta jornada, obrigada.

Somos o que lemos. Tanto em nossa vida profissional quanto pessoal, somos julgados pela informação que utilizamos. A informação que ingerimos molda nossa personalidade, contribui para as ideias que formulamos e dá cor à nossa visão de mundo (Richard Wurman, 1992, p. 29).

RESUMO

A interface observada e analisada, nesta pesquisa, refere-se ao contexto amplo das tecnologias híbridas móveis, com a inserção do corpo na cibercultura, constituindo conexões, memórias e interações. O objetivo deste trabalho foi observar e analisar as conexões sociais entre a pulseira Nike+ *FuelBand* e a comunidade no *Facebook Nike+ FuelBand*, com aporte metodológico no interacionismo simbólico, netnografia e observação participante. Assim, foram identificados conceitos nas interfaces: redes de conexão e fluxos comunicacionais; memória; saúde (bem-estar social, físico e mental); comunicação para saúde, saúde móvel (*eHealth* e *mHealth*); e o corpo como interface para tecnologias híbridas móveis. Como principais fontes, esta pesquisa utilizou os autores André Lemos, Raquel Recuero, Manuel Castells, Henri Bergson, Gunther Eysenbach, Michel Foucault, David Le Breton e Michel Maffesoli. Foram analisadas e identificadas as dinâmicas a partir das conexões estabelecidas pela pulseira Nike+ *FuelBand* como um “acoplamento” ao corpo, como forma de compartilhamento de dados e informações referentes à saúde de cada indivíduo na comunidade da Rede Social. Esta pesquisa produziu as proposições que seguem, diante das conexões sociais da Nike+ *FuelBand*. Foram analisadas as questões da midiatização da saúde que desvela os processos da “geração saúde”, a qual se movimenta em torno de um objetivo comum: a busca pelo culto ao corpo e bem-estar físico, tornando-se a visibilidade do corpo fonte para o compartilhamento. Foram observados processos de engajamento e constituição de conexões afetivas, a partir da investigação netnográfica e observação participante. As conexões constituídas em diferentes espaços e ambientes nas cidades entre dispositivos e aparatos tecnológicos híbridos estabelecem uma nova perspectiva à comunicação para a saúde, a memória, o corpo e a visibilidade desses fluxos nas Redes Sociais na Internet.

Palavras-chave: Comunicação. Redes de conexão. Interação. Tecnologias híbridas móveis. Corpo. Saúde móvel.

ABSTRACT

We analyze, in this work, an interface that refers to a broad context of the hybrid mobile technologies, where the body is located under a cyber-culture that constitutes connections, memories and interactions. The main goal of this research was to observe and analyzable the social connections between the bracelet Nike+ FuelBand and the community on the Facebook Nike+ FuelBand, using as methodological reference the symbolic interactionism, netnography and participant observation. Thus, there were identified the following concepts on the interfaces: connection networks an communication flow, memory, health (well being in social, physical and mental aspects), communication for health, mobile health (eHealth e mHealth) and the body as an interface for the hybrid technologies. As main sources, this research used the following authors: André Lemos, Raquel Recuero, Manuel Castells, Henri Bergson, Gunther Eysenbach, Michel Foucault, David Le Breton and Michel Maffesoli. In this purpose, we analyzed and identified the dynamics starting from the connections created by the bracelet Nike+ FuelBand as a “coupling” to the body, as a way of sharing data and information about the health of each individual in the social network community. This research made the following propositions about the social connection in our object: there were analyzed issues about mediatization of the health that reveals the process of a “health generation”, that moves itself around a common purpose: the worship of the body and physical welfare; where the visibility of the body is the motivation for sharing the information. Also, there were observed the processes of engagement and creation of affective connections under the netnography and observant participation. We consider that the connections that were made between the hybrid technological apparatuses in different spaces and environments in the city establishes a new perspective for health communication, memory, body and the visibility of these informational flow on the internet social networks.

Keywords: Communication, Connection Networks, Interaction, Hybrid Mobile Technologies, Body, Mobile Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Internet das Coisas	51
Figura 2 - Internet das Coisas	52
Figura 3 - Quadro demonstrativo dos produtos Nike+.....	123
Figura 4 - Apresentação do "Trendwatching"	125
Figura 5 - Página no Facebook "Fabulosa Ideia".....	126
Figura 6 - Publicação na revista Exame.com (Página Nike no Facebook).....	127
Figura 7 - Três modelos Nike+ FuelBand: Black Ice, Black e White Ice	130
Figura 8 - Site Nike+ FuelBand	131
Figura 9 - Níveis de interesses mais significativos (Brasil).....	132
Figura 10 - Níveis de interesse mais significativos (região - Brasil).....	132
Figura 11 - Níveis de interesses mais significativos (Estados Unidos).....	133
Figura 12 - Níveis de interesses mais significativos (região - Estados Unidos).....	133
Figura 13 - Termos de pesquisa (Estados Unidos).....	133
Figura 14 - Página Nike+ FuelBand no Facebook	134
Figura 15 - Conexão 1: artefato tecnológico.....	138
Figura 16 - Conexão 2: site Nike+ FuelBand.....	139
Figura 17 - Conexão 3: página oficial da Nike+ FuelBand	140
Figura 18 - Conexão 4: comunidade Nike+ FuelBand.....	140
Figura 19 - Conexão 5: rede de compartilhamento Nike+	141
Figura 20 - Conexão 6: física e presencial.....	141
Figura 21 - Adicionando "amigos".....	144
Figura 22 - O compartilhamento das informações Nike Fuel	145
Figura 23 - Dúvidas e busca por resoluções de problemas com o produto (o sentido de cooperação).....	146
Figura 24 - Início da interação: "Where are you guys and girls from?".....	147
Figura 25 - Integrante com forte relevância e compartilhamento de dados.....	147
Figura 26 - Integrante ativo com maior fluxo de dados	148

Figura 27 - Integrante com forte capital social (maior fluxo de dados)	148
Figura 28 - Primeira publicação de imagem da comunidade	153
Figura 29 - Primeira interação na rede: adicionar	154
Figura 30 - "Eu preciso de alguns Nike fuelfriends"	155
Figura 31 - "Eu não tenho amigos que estão usando a Nike fuel band"	155
Figura 32 - Dúvida	156
Figura 33 - Publicação na página pessoal	157
Figura 34 - Campanha para o ano de 2013: compartilhamento como foto de capa	158
Figura 35 - Foto de capa	159
Figura 36 - Incentivo (publicação página pessoal).....	160
Figura 37 - "Finalmente...meu novo brinquedo chegou"	161
Figura 38 - Divulgando evento de 2013 na comunidade	162
Figura 39 - "O que eu faço?"	163
Figura 40 - 2013	164
Figura 41 - "Start again"	164
Figura 42 - Interação reativa.....	165
Figura 43 - Interação reativa 2	166
Figura 44 - Interação reativa 3	167
Figura 45 - Interação (visibilidade)	168
Figura 46 - Atualizou sua foto de capa	171
Figura 47 - Publicação final de ano Christian	173
Figura 49 - "Eu voltei amigos"	174
Figura 48 - "Parabéns a todos"	174
Figura 50 - "Vou me tornar um nikefuel milionário".....	176
Figura 51 - Exercícios para maratona.....	177
Figura 52 - "Todos por um" (maratona)	177
Figura 53 - Preparação para maratona.....	178

Figura 54 - Emagreceu. "Mas há muito mais a fazer"	180
Figura 55 - "Vício" no regime.....	183
Figura 56 - "Quantas calorias por dia?"	183
Figura 57 - "Eu preciso de motivação"	184
Figura 58 - "Incrível".....	185
Figura 59 - Mais uma chance.....	186
Figura 60 - "Se esforçar pelo progresso, não pela perfeição"	186
Figura 61 - Mantendo a motivação.....	187
Figura 62 – “Vale a pena”	188
Figura 63 - "Faça do exercício parte da sua rotina".....	188
Figura 64 - Frases de incentivo (publicação na comunidade).....	189
Figura 65 - "Para mais motivação"	189
Figura 66 - Motivação	190
Figura 67 - Treinamento para maratona (incentivo comunidade).....	190
Figura 68 - Motivação (página oficial no Facebook).....	191
Figura 69 - "Meu primeiro fuel"	192
Figura 70 - Agradecimento à motivação recebida.....	193
Figura 71 - Compartilhamento de trajeto via aplicativo Nike	195
Figura 72 - Compartilhamento de desempenho via Nike+ FuelBand	196
Figura 73 - Mega fuel.....	197
Figura 74 - Pré-lançamento das pulseiras Black e White Ice.....	200
Figura 75 - "Eu amo você Nike+fuelband".....	200
Figura 76 - "Eu amo a fuel band".....	200
Figura 77 - "Amo a minha fuelband".....	201
Figura 78 - "Goals hit - Amo a minha fuelband"	201
Figura 79 - Nike+ FuelBand como acessório.....	202
Figura 80 - Contando fuel com a música.....	203

Figura 81 - Os diferentes usos	204
Figura 82 - Pulseiras - acessório	205
Figura 83 - Publicação da pesquisa na comunidade.....	206
Figura 84 - 1. Qual a sua idade?.....	209
Figura 85 - 2. Qual seu sexo?	209
Figura 86 - 3. Cidade; 4. País.....	209
Figura 87 - 5. Você utiliza algum aplicativo para monitorar a sua saúde? Se sim, cite um.	210
Figura 88 - 6. Qual a motivação para comprar a Nike+ <i>FuelBand</i> ?	210
Figura 89 - 7. Em que nível a Nike+ <i>FuelBand</i> ajuda na sua saúde?.....	210
Figura 90 - 8. Há quanto tempo você usa a Nike+ <i>FuelBand</i> ?	211
Figura 91 - 9. Com que frequência você usa a sua Nike+ <i>FuelBand</i> ?	211
Figura 92- 10. Qual a sua atividade favorita com a Nike+ <i>FuelBand</i> ?	211
Figura 93 - 11. Qual é o nível da sua motivação para compartilhar os resultados nas redes sociais (<i>Facebook, Twitter</i>)?	212
Figura 94 - 12. Qual a sua motivação para participar do grupo do <i>Facebook</i> (Nike+ <i>FuelBand</i>)? Marque apenas uma alternativa.....	212
Figura 95 - 13. Você participa de interações com sua Nike+ <i>FuelBand</i> ?	212
Figura 96 - 14. Você participa com seus amigos do grupo do <i>Facebook</i> com sua Nike+ <i>FuelBand</i> ?	213
Figura 97 - 15. Você compartilha informações pessoais?	213
Figura 98 - 16. Por que compartilhar informações pessoais?	213
Figura 99 - 17. Você utiliza outras mídias para compartilhar seus resultados?	214
Figura 100 - 18. Em que nível a Nike+ <i>FuelBand</i> auxilia nas suas atividades diárias?	214
Figura 101 - 19. O que mais motiva você a usar a Nike+ <i>FuelBand</i> ?	214
Figura 102 - 20. Você compartilharia informações de saúde com o seu médico?	215

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REDES DE CONEXÃO E UBIQUIDADE COMUNICACIONAL	24
2.1 REDES DE CONEXÕES E FLUXOS COMUNICACIONAIS.....	32
2.2 TECNOLOGIAS E DISPOSITIVOS HÍBRIDOS MÓVEIS NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET (RSIS).....	42
2.3 INTERNET DAS COISAS.....	49
2.4 CIDADÃO IMERSIVO.....	55
3 MEMÓRIA MÓVEL: ARQUIVOS NÃOBIOLÓGICOS	62
4 SAÚDE MÓVEL: PERSPECTIVAS NA UBIQUIDADE COMUNICACIONAL	71
4.1 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: interfaces para a comunicação para saúde com a mobilidade.....	75
4.2 PRÁTICAS RESSIGNIFICANTES NA COMUNICAÇÃO PARA SAÚDE.....	79
4.3 <i>MHEALTH</i> E <i>EHEALTH</i>	84
5 MUDIATIZAÇÃO DA SAÚDE: CONEXÕES HÍBRIDAS	89
5.1 CORPO (HÍBRIDO) NA CIBERCULTURA.....	93
5.2 VISIBILIDADE DO CORPO NA CIBERCULTURA.....	105
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	111
6.1 A ESCOLA DE CHICAGO E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO.....	111
6.2 NETNOGRAFIA	114
6.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	118
7 TRAJETÓRIA E IDENTIDADE NIKE+	120
8 ANÁLISE DA NIKE+ <i>FUELBAND</i> E SUAS EXTENSÕES SOCIAIS NAS REDES	129
8.1 AS CONEXÕES SOCIAIS DA NIKE+ <i>FUELBAND</i>	136
8.2 CONEXÕES RESSIGNIFICANTES NA COMUNIDADE NIKE+ <i>FUELBAND</i>	149
8.3 PRÁTICAS FÍSICAS EM REDE: motivação e engajamento	175
8.4 REDE DE CONEXÃO: memórias, dinâmicas e visibilidade do corpo	191
8.5 PESQUISA APLICADA	206

9 CONCLUSÕES	217
REFERÊNCIAS	224

1 INTRODUÇÃO

Observar e analisar um objeto tecnológico ubíquo são processos de imersão. Não há como ignorar as suas conexões, suas vias, os laços estabelecidos e todo o contexto em que está inserido. Trata-se muito mais de um processo evolutivo de percepção e análise de um fenômeno, do que uma simples busca metodológica de aplicação a um objeto. São novos processos, modos operacionais e novas esferas comunicacionais que surgem com este fenômeno da comunicação para saúde no contexto ubíquo da comunicação, onde os aparatos tecnológicos estão imbricados no cotidiano; criando e recriando subjetividades nas rotinas, nas interações, nos espaços, na memória e no próprio corpo dos indivíduos. Essas subjetividades são fortalecidas pela mediatização da saúde; nascem ou são “moldadas”, tornando-se dependentes, recriando-se sedentas por informações e tecnologia (Sodré, 2011). Logo, as mudanças são transitórias e imbricam-se entre si. As redes de conexões agregam novas possibilidades na ubiquidade tecnológica. Com isso, novas formas comunicacionais são estabelecidas e experimentadas. Ao mesmo tempo, a pesquisa científica é um processo de desconstrução. Ao tentar descobrir esses “mundos”, o pesquisador depara-se com novas possibilidades, meios e vias. Dessa forma, novas conexões são formadas.

Diante de tal perspectiva, é possível que um produto analisado, em determinado momento, saia do mercado. No entanto, o que se torna relevante, na pesquisa científica, são as suas possibilidades de mudanças, de intersecção com os meios, suas conexões, sua capacidade de interagir com indivíduos e de modificar as formas de sociabilidade de uma comunidade nos diferentes espaços híbridos de uma sociedade. Os objetos pesquisados, então, referem-se aos processos evolutivos; o que permanece são as suas conexões sociais. Observar o que ocorre entre estas conexões móveis é a que se propõe esta pesquisa, ressaltando as interações, a memória e a saúde nas redes de conexões móveis da *Nike+ FuelBand*¹. Portanto, independentemente da evolução do mercado de aplicativos e

¹ A *Nike+ FuelBand* teve seu lançamento em 19 de janeiro de 2012. É uma pulseira que monitora e mede os movimentos diários de cada indivíduo através dos sistemas *NikeFuel*, calorias, passos e tempo. O sistema possui um display de *LED* com uma série de vinte luzes, do vermelho ao verde. As sequências em cores vão estabelecendo, à medida que o usuário aproxima-se do seu objetivo diário, através dos indicadores (passos, calorias, tempo e *Fuel* – sistema de medida de métricas *FuelBand*),

aparatos tecnológicos o que permanece são seus impactos sociais, suas possibilidades de interações e suas modificações nos diferentes contextos sociais. Dessa forma, o artefato tecnológico híbrido auxilia na comprovação das hipóteses iniciais desta pesquisa.

As tecnologias estão moldando-se às formas do corpo, às potencialidades dos desenvolvimentos para um melhor bem-estar físico, mental e social. No contexto atual, uma nova forma de relação com os dispositivos e artefatos móveis se insere no cotidiano dos indivíduos. Com as possibilidades de interação com os diferentes meios e os processos de onipresença constantes, essas tecnologias configuram-se como modos de constituição do humano (Regis, 2012). As apropriações entre máquinas, artefatos e dispositivos tecnológicos constituem um amplo espectro para esta pesquisa que visto a relação entre corpo e informação está modificando as formas de interação. Atualmente, este corpo, conectado a diferentes dispositivos, compartilha dados pessoais, recebe e monitora os seus desempenhos diários (seja na medicina – com tecnologias avançadas e o uso de dispositivos similares aos jogos virtuais para a efetivação de cirurgias menos invasivas, ou seja nas práticas esportivas para o monitoramento de atividades diárias, bem-estar físico e prevenção de doenças.). O corpo já não é apenas um meio biológico, resultado de interações entre moléculas, mas um corpo integrado com interações entre os meios e suas conexões. Um corpo que está inserido na cibercultura e interage com o meio ubíquo. Dentro dessas redes de conexões, é relevante também observar como este corpo procede às informações com as redes; e como a memória vem sendo modificada, no sentido de novos processos cognitivos serem estabelecidos para processar estas diferentes vias das redes de conexão. A interface, então, a ser observada e analisada, refere-se a esses processos, por estar inserida no contexto amplo dos dispositivos de saúde. Portanto, as interfaces entre cibercultura, corpo, memória e os “*wearable health tech devices*”² (será exposto na perspectiva da Internet das Coisas, no subcapítulo 2.3) serão analisadas dentro deste contexto.

uma pontuação das atividades diárias desenvolvidas de acordo com a meta pré-estabelecida. Dessa forma, serão enumerados os objetivos a serem atingidos durante o período de atividades (desde caminhadas a práticas desportivas podem ser pontuadas, no entanto, não é recomendável para natação). Os dados podem ser enviados via *USB* (embutido na pulseira), sistema *Bluetooth*, ou pela sincronização com a plataforma Nike+. A pulseira é comercializada por uma média de R\$ 570,00. Já o aplicativo é gratuito para o sistema iOS. Ainda possibilita que o usuário armazene as atividades, grave e acompanhe o progresso diário através do site nikeplus.com, compartilhando nas Redes Sociais na Internet (*Twitter* e *Facebook*).

² Dispositivos portáteis de saúde.

É importante salientar que a pulseira *Nike+ FuelBand* é um produto tecnológico, de uma marca com inerências mercadológicas e para um público-alvo definido, com intuito central de monitoramento do seu desempenho das atividades diárias. Esta pesquisa trata-se de um movimento histórico, em que observar as redes de conexão, criadas a partir de um novo modelo de interação entre sujeito, aparato tecnológico e diferentes redes de conexões, são estabelecidas. Novas fronteiras para a comunicação da saúde são abertas. Dito isso, o objeto desta pesquisa está inserido no contexto antropológico da ubiquidade tecnológica.

Esta pesquisa teve início na análise e observação da comunicação digital dentro da esfera da saúde. Sites, portais de notícias, aplicativos de saúde (categorizados em bem-estar, exercícios físicos, bem-estar social, boa forma, etc.) foram percebidos como um novo fenômeno no modo de comunicar, compartilhar, receber informações e dados sobre saúde, bem como, a ascensão dos dispositivos portáteis de saúde, observados como relevância histórica e antropológica, visto que são estas mudanças – no modo de receber, transmitir e compartilhar dados de saúde pessoal – que determinarão a pesquisa e sua trajetória. Trata-se de outra esfera, não apenas científica, mas comunicacional, e, portanto, de ordem apreciativa para pesquisa na comunicação ubíqua. As formas de comunicação que surgem com tais tecnologias híbridas implicam novos formatos de cognição, linguagem, distribuição e observação destes fluxos para a comunicação para saúde. O estar conectado na sociedade contemporânea é estar em conexão com diferentes aparatos tecnológicos híbridos, convergentes com as diferentes esferas sociais. Este “estar em conexão” refere-se, nesta pesquisa, aos processos de interações sociais entre objetos e indivíduos; entre corpo e dispositivo tecnológico; entre as conexões e as interações em outras esferas. Um indivíduo que estabelece vínculos sociais não apenas em esferas privadas e/ou redes de conexões físicas, mas, cada vez mais, insere-se em processos com a tecnologia, compartilhando, enviando e emitindo dados pessoais relativos à sua saúde (dados privados até pouco tempo atrás).

Cérebros, cidades e softwares estão interligados a instâncias de auto-organização, constituindo-se como interações locais que levam à ordem global. Pela primeira vez, condutas pessoais, fluxos comunicacionais e geração de dados sobre saúde são expostos no espaço público compartilhado da Internet. A saúde referenciada como todo o processo de aquisição de bem-estar social, físico e mental possibilita inúmeros fluxos informacionais nas redes de conexão. Na área da saúde,

há muito tempo, equipamentos e dispositivos tecnológicos que auxiliam no monitoramento e na distribuição de informações e dados têm seus efeitos evidentes neste setor. Contudo, alguns aspectos podem ser salientados: o que deve ser observado é a redução do tamanho desses aparatos; as novas apropriações; suas interfaces (com interações mais contínuas e usabilidade amigável); e a ascensão na comunicação ubíqua (possibilitando maior acesso, compartilhamento e monitoramento da saúde de cada indivíduo nas diferentes Redes Sociais na Internet – RSIs). Esse paradigma tecnológico da comunicação para saúde está inserido no contexto dos “*Wearable health tech devices*”, em que os dispositivos tecnológicos de saúde são como parte de uma vestimenta, ou como uma “segunda pele” (Mafessoli, 2012), intimamente ligados entre corpo e informações compartilhando dados pessoais sobre saúde. Portanto, são novas experiências e processos de conexões sociais, em que os processos de vigilância e visibilidade estão intimamente imbricados nos fluxos infocomunicacionais.

A comunicação ubíqua extrai as possibilidades do espaço e do tempo; assim, relações “ausentes”, que são localmente distantes, dão-se em qualquer ambiente. O lugar, nesta esfera atual, está presente de forma invisível, ocultando as relações distantes. Bem como, o corpo interligado aos diferentes aparatos tecnológicos passa a ser parte desse deslocamento ubíquo da comunicação. A onipresença dos indivíduos nas redes de conexão, munidos de diferentes aparatos tecnológicos e dispositivos híbridos móveis possibilita o “reforço da identidade individual” (Ferraris, 2007), ou seja, o celular tornou-se a extensão do homem e de seus sentidos. A Internet tornou-se fonte de informação, na área da saúde, com o crescimento das redes sociais, *blogs* e portais direcionados para esse segmento. A comunicação para saúde torna-se um mercado em potencial com a ascensão das tecnologias e dispositivos móveis.

A empresa Nike Inc.³ – especializada na execução de projetos, comercialização e distribuição de calçados, roupas, equipamentos e acessórios esportivos exclusivos para esportes e atividades físicas –, vem produzindo tecnologias que possibilitam maior interação e monitoramento entre as práticas cotidianas e esportivas dos indivíduos. A Nike+, com foco em tecnologias que possibilitam maior desempenho e interação entre corpo e dispositivos móveis,

³ Ver capítulo 8 Trajetória e identidade Nike+.

possui sistemas com geolocalização, características de *games* sociais e interação ubíqua (*chip* que, acoplado à palmilha do tênis e através do aplicativo, monitora as atividades físicas; relógio Nike+ *SportWatch GPS*, que funciona como um treinador de pulso e a Nike+ *FuelBand*). Nas Redes Sociais na Internet, investe em imagens de incentivo, comunicação direta com o seguidor e campanhas promocionais (com foco nos produtos audiovisuais). Assim sendo, a marca é agregadora de um imaginário social nas redes de conexão. Além disso, a Nike+ promove eventos (como, por exemplo, a *NikeFuel Missions*⁴) e interações em espaços físicos e virtuais, potencializando os lugares e as suas conexões. Isto posto, o objeto de análise desta pesquisa é a pulseira Nike+ *FuelBand*⁵, lançada pela empresa no dia 19 de janeiro de 2011. Tal objeto está representado por suas conexões, a serem observadas pelas interfaces entre corpo, informação e saúde, configurando-se não apenas como um produto, mas como um processo de imbricação antropológica diante do cenário da ubiquidade tecnológica tão efêmera e veloz.

No entanto, a centralidade da pesquisa não está na pulseira, que se configura como artefato tecnológico, com acesso a redes. E diante de observações preliminares da comunicação para saúde, da emergência dos aplicativos e dispositivos móveis, percebeu-se uma crescente influência nas Redes Sociais na Internet. Esta análise, portanto, tem como objetivo apresentar reflexões sobre o objeto central das redes de conexões que são formadas a partir das interações entre a pulseira Nike+ *FuelBand*. Além disso, tem como finalidade apresentar e identificar conceitos nas interfaces: redes de conexão e fluxos comunicacionais (laços sociais, compartilhamento, cooperação e engajamento); memória; saúde (bem-estar social, físico e mental); comunicação para saúde e saúde móvel (*eHealth* e *mHealth*⁶). Ainda, analisar as conexões da pulseira Nike+ *FuelBand* como um artefato tecnológico acoplado ao corpo, que compartilha dados e informações referentes à saúde de cada indivíduo nas questões de engajamento, cooperação, compartilhamento e constituição de laços sociais na comunicação para saúde.

Portanto, almeja-se compreender e observar os fluxos comunicacionais e informacionais referentes à saúde, no sentido do compartilhamento na comunidade

⁴ Competição entre os usuários do Nike+ através do aplicativo ou da pulseira Nike+ *FuelBand*, no qual os participantes podem enviar seus desempenhos de atividades desenvolvidas e compartilhar no *Facebook*. Os eventos são presenciais e virtuais, neste último caso, acontecem na rede *Facebook*.

⁵ A nova versão Nike+ *FuelBand Ice* teve seu lançamento oficial no *Facebook* no dia 01 de novembro de 2012, e em 19 de janeiro de 2013 ocorreu o lançamento das novas versões: *Black Ice* e *White Ice*.

⁶ Estes conceitos serão aprofundados no subcapítulo 4.3 *mHealth* e *ehealth*.

do *Facebook Nike+ FuelBand*, analisando o entre; assim sendo, as conexões estabelecidas pelas tecnologias (os dispositivos móveis, as comunidades da Internet) e os indivíduos envolvidos. A questão da memória e das redes de conexão referenciadas pelas RSIs, bem como outros aspectos relevantes da construção da “saúde móvel”, será abordada a partir dos referenciais teóricos já expostos. Para tal assertiva, será utilizada, como metodologia de análise, a netnografia com aporte do interacionismo simbólico e na observação participante.

Diante da análise preliminar, observaram-se seis tipos de conexões Nike+ *FuelBand*: enquanto artefato tecnológico (pulseira) e dispositivo móvel (aplicativo Nike+ *FuelBand* para acesso, monitoramento e compartilhamento); enquanto produtor de conteúdo (site Nikeplus.com) que permite o acesso às informações, dados, conhecimento da ferramenta em distintas narrativas; página oficial da Nike+ *FuelBand* na Rede Social na Internet (RSIs) *Facebook* (narrativa inerente das RSIs); a comunidade oficial do *Facebook* (Nike+ *FuelBand*), grupo fechado que qualquer pessoa pode ver, mas somente membros podem acessar as publicações; a rede de compartilhamento de Nike+ onde são inseridos “Nike name”, uma rede social de compartilhamento a partir do aplicativo, desta forma não é necessário que o usuário tenha laços nas outras RSIs, mas a partir desta conexão podem ser compartilhados em outras redes; e a conexão física e presencial (onde através das conexões são divulgadas as interações sociais presenciais, ou seja, as promoções, campanhas, eventos, etc.). A rede social *Facebook* é uma plataforma para comunicação, interação e colaboração, configurando-se como uma rede altamente direcionada e relevante (*feed* de notícias). Contudo, são considerados três aspectos, sendo eles: afinidade, peso relativo de cada tipo de conteúdo e tempo. Já que, para oferecer mais relevância algoritmos precisam de mais dados, demandando filtros cada vez mais sofisticados. Desta forma, o indivíduo que participa de uma comunidade só irá receber as suas atualizações se participar ativamente das redes de conexão. Portanto, este artefato tecnológico, por possuir conexões amplas e narrativas com focos distintos é inerente que não esteja situado em apenas uma mídia, mas em diferentes dispositivos e aparatos tecnológicos que podem inserir-se nas redes de conexão.

As ligações auxiliam no processo da comunicação para saúde, visto que aumentam as possibilidades de conteúdo, processos de recepção e aquisição das informações. Para tanto, deve-se salientar que as redes são formadas por dispersão

geográfica, suas interligações e quantidades. O mapeamento do corpo e o monitoramento da saúde de cada indivíduo tornam-se amplos através da ubiquidade tecnológica; assim, cada mídia exige do corpo uma nova configuração. São necessidades específicas para a utilização desses aparatos que auxiliam na circulação dos fluxos informacionais, já que são objetos conectados com capacidades de comunicação, de envio e trânsito de informações. Estes espaços híbridos permitem uma maior circulação e compartilhamento de informações referentes à saúde. Comunidades se estabelecem, tornando-se um espaço de dinâmicas de interações, compartilhamentos, laços sociais, engajamento e cooperação.

O comportamento humano é o resultado desse vasto processo de interpretação que os indivíduos, de forma coletiva ou isolada, conduzem à definição de um objeto, situações, eventos, etc. Assim, diferentes apropriações terão como aporte diferentes abordagens do método, com maior ou menor flexibilidade e adaptação. O interacionismo possibilita compreender o significado destes processos para os indivíduos, não somente nas suas interações sociais, mas também através dos elementos envolvidos nas ações sociais. Sendo inerentes as relações e a luta pelo espaço, o processo inicial de organização na sociedade começa. A cidade é observada como lugar da mobilidade, com seus interagentes, processos distintos de aculturação e suas possibilidades de interação social com outras comunidades. Atualmente, o sentido dessa mobilidade reflete-se nas Redes Sociais na Internet (RSIs) onde se locomover tem sentido amplo. Nestas redes, o indivíduo possui um espaço imenso para a locomoção em vias, sem sair do seu lugar físico, contudo, alterando as percepções de mundo, sociabilidade e cognição. Os objetos sociais são construídos e reconstruídos pelos atores. Com isso, os significados formados desses objetos dão-se pelo fato de os indivíduos imprimirem-lhes sentido no decorrer das interações sociais. O processo de interpretação, levado ao indivíduo a partir da ação e observação, relaciona-se com os seus significados, traçando, desta forma, seu próprio fluxo a luz da interpretação estabelecida. Surge, então, o processo de interpretação em que o indivíduo relaciona os processos e os significados das ações e observações, traçando seu próprio fluxo, assim como as práticas desenvolvidas a partir da mediatização da saúde. Desta forma, a inserção do pesquisador no ambiente e no cotidiano do grupo investigado é imprescindível;

assim, os aportes metodológicos da netnografia e da observação participante são relevantes para a análise de tais dinâmicas na rede.

Neste contexto geral, verifica-se a vertente para os estudos desenvolvidos nas perspectivas da realidade virtual, em que as interações acontecem em um determinado espaço físico, mas inseridas na virtualidade do ciberespaço; uma vez que nesse sentido, o corpo físico é o referencial para a ação do dispositivo. Ou, em distintos casos atuais na medicina, quando são aplicadas técnicas de jogos virtuais para a realização de procedimentos cirúrgicos. O corpo, nesta perspectiva, faz parte da cibercultura, produzindo significado no ciberespaço e nas ações desenvolvidas. Neste caso, a representação e a experimentação da virtualidade estão concebidas com um poder metafísico – o corpo passa por uma experiência de representação sob esse poder. Considerando os aspectos das práticas esportivas e a exaltação da saúde no sentido da sua mediatização, o corpo já não é apenas um meio biológico, mas uma extensão de artefatos e dispositivos móveis que possibilitam um fluxo intenso de informações e estocagens de dados sem precedentes. A multiplicidade das RSIs permite diferentes lugares e ferramentas, utilizadas para manter os relacionamentos e as interações nos processos de manutenção dos laços sociais e do capital social. Assim sendo, é preciso estar “presente” no ciberespaço para efetivamente existir nesse ambiente, já que o ator social é o que ele expõe nos espaços por onde circula. É, portanto, através dos seus registros de informações, que a memória vai constituindo-se. De fato, faz-se necessário analisar as interações nas redes e os inúmeros compartilhamentos das informações referentes à saúde, visto que a quantidade ficará estática.

Nesta análise, a referência à “saúde móvel” segue esta escala de abrangência na comunicação, considerando a pertinência da pesquisa para área da comunicação para saúde, face à ascensão de novas vertentes como *mHealth*. Analisando sua relevância com o direito à informação, um homem que sabe se comunicar obtém conhecimento e informação e suas chances de participação na sociedade efetivam-se. Portanto, a comunicação interativa e coletiva das Redes Sociais na Internet (RSIs); os processos de interações nas redes de conexão formadas pelos dispositivos e aplicativos móveis; a memória e a “saúde móvel” configuram-se como aspectos relevantes para esta pesquisa, já que daí emergem os indivíduos que buscam não apenas informações, mas também sanar suas dúvidas, trocar e compartilhar dados referentes a suas atividades de bem-estar físico, mental e social.

Uma conexão que estabelece e fortalece os vínculos das redes e esferas sociais, antes restritas a um determinado local, espaço e tempo. Logo, o indivíduo inserido no mundo digital já não faz parte de uma construção de ideias lineares. Seus rastros, deixados nas redes de conexão, estabelecem uma identidade social compartilhada, em que preferências, e a própria saúde, são expostas nos diferentes fluxos e redes.

2 REDES DE CONEXÃO E UBIQUIDADE COMUNICACIONAL

As mudanças da sociedade contemporânea modificaram forma e conteúdo, receptor e emissor. Modificaram o modo de cognição, a dialética e a retórica nas sociedades. Transmitir e receber informação ficou mais fácil, ágil e instantâneo. A informação ficou móvel. O modo de legitimação das informações modificou a forma de transmitir e receber os conhecimentos nas diferentes áreas. A dimensão da sociedade em rede estabelece novas vias, fluxos de informação, comunicação, dados, pessoas e objetos que se hibridizam. O ciberespaço e, por sua extensão, a cibercultura, são espaços de fluxos que agregam um hibridismo cultural e processos de mobilidade das informações. São, dessa forma, conexões e interações sociais que se constituem entre indivíduo, corpo e tecnologias.

A cultura do ciberespaço é marcada por uma prática de desterritorialização, em que não existe mais um centro gerador de informação, nem é necessário estar em um determinado lugar para acessar tais dados. Assim, a interação entre os usuários é de todos-para-todos, ignorando as limitações geográficas do espaço físico (Lévy, 2008). São, no entanto, relações mediadas por dispositivos e tecnologias híbridas na ubiquidade comunicacional. A ubiquidade está relacionada à movimentação, complementando-a, no entanto, esta não recoloca a mobilidade. Ou seja, não se trata de uma ausência de movimento, mas de processos que se integram (Paraguai, 2008). Desta forma, a ubiquidade refere-se ao acesso à informação em qualquer ambiente, onde o espaço ocupado é convergente e não ignorado; logo, o acesso à informação torna-se amplo, realizado em qualquer lugar territorial através dos dispositivos tecnológicos, relacionando, desse modo espaço e as inúmeras possibilidades de deslocamento. Assim sendo, o espaço híbrido não é identificado apenas geograficamente, mas também pelo acesso às redes. Então, a

virtualidade passa a ser localizada e atualizada por essas tecnologias móveis (Paraguai, 2008).

Para tanto, a religação desse mundo que já estava em rede fortalece os laços sociais através das conexões com a Internet. Logo, o ciberespaço é o conjunto e a composição de comunicação interativa, podendo ir a diferentes níveis, desde a tecnologia computacional – da simples pesquisa e interações virtuais – até as relações de desenvolvimento econômico, social e cultural.

O conceito de ciberespaço diz respeito a uma estrutura infoeletrônica transacional de comunicação de dupla via em tempo real, multimídia ou não, que permite a realização de trocas (personalizadas) com alteridades virtuais (humanas ou artificial-inteligentes); ou, numa só expressão conceitual, a uma estrutura virtual transacional de comunicação interativa (TRIVINHO, 2003, p. 168).

O ciberespaço é caracterizado como um espaço virtual, não oposto ao real, mas que o complexifica, sendo público e imaterial; composto através da circulação de informações (Lévy, 1999, p. 94). Com isso, modificando e alterando as áreas da comunicação e da saúde, as tecnologias vêm auxiliando no imenso espaço de fala dos indivíduos, antes restrito apenas à esfera privada. Tais aspectos podem ser observados principalmente nas Redes Sociais na Internet (RSIs) (Lemos e Santaella, 2010), em que a expansão do lugar de fala é progressiva. Para Lévy (1996), o crescimento da Internet pode e deve ser encarado de uma perspectiva mais humanista. Nesta configuração, o autor aborda as consequências que a virtualização suscita na sociedade moderna, ocasionando os efeitos das tecnologias de comunicação do mundo contemporâneo. No contexto atual, a cultura da participação nas redes auxilia nos processos da inteligência coletiva⁷ (Lévy, 1998) que se potencializam com o uso do ciberespaço.

No entanto, não se trata de uma revolução dos paradigmas comunicacionais, mas sim de uma evolução dos suportes, ferramentas e tecnologias atreladas a esses, já que a virtualização é uma mutação em curso. Trata-se de uma “passagem

⁷ As conexões sociais são relevantes e intensificadoras do processo da inteligência coletiva, desta forma, só é potencializada no ciberespaço. A interatividade, nas comunidades virtuais, *weblogs*, *wikis*, redes sociais, etc. são sustentadas por esse processo de coletividade no qual o conhecimento não ficaria exclusivo em apenas uma via, ou, um indivíduo, mas para um crescente número de conexões. Visto que para o autor “todo saber está na humanidade” (Lévy, 1996).

do atual ao virtual” (Lévy, 1996). A virtualização, então, não é a alteração da realidade como algo possível, “não é uma desrealização” (Lévy, 1996). Neste sentido, o virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Então, antes de todos os dispositivos tecnológicos vigentes, a virtualização já nutria as relações dos indivíduos (através da imaginação, memória, conhecimento, religião e essencialmente a linguagem). Portanto, este ciclo não afeta somente a comunicação e a informação, mas também os corpos e o exercício da inteligência. A virtualização atinge a constituição dos “nós”, do estar junto. O virtual, por conseguinte, produz efeitos, não se configura como imaginário.

Cada novo agenciamento, cada “máquina” tecnossocial acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam, em que as durações se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse (LÉVY, 1996, p. 22- 23).

Portanto, os movimentos comunicacionais e a ubiquidade presenciada na cibercultura participam dos processos virtualizantes da sociedade. Exterioridade e interioridade, hoje, estão em um ciclo constante e retroativo. O virtual, contudo, não é o contrário do real; na virtualidade são estabelecidos novos efeitos desterritorializantes. Deste modo, o sentido das mensagens trocadas na comunicação tem sua essência nas representações, “cada nova mensagem coloca em jogo o contexto e seu sentido” (Lévy, 1993, p. 22). A comunicação perfaz um fluxo de informação que “é apenas a imagem congelada de uma configuração de comunicação e determinado instante, sendo geralmente uma interpretação particular desta configuração, um ‘lance’ no jogo da comunicação” (Lévy, 1993, p. 22). Os indivíduos participam deste processo que não se refere apenas a máquinas, mas de todo um processo intelectual e institucional para sua distribuição. Desta maneira, como assegura Santaella (2003), os indivíduos são responsáveis pela forma de atuação das novas tecnologias na sua vida social e até psíquica. Através das diversas narrativas, linguagens e sistemas comunicacionais que são formados, é

possível delinear um “perfil cognitivo” (Santaella, 2003), deste leitor que está imerso nas redes de conexão ubíquas, considerando as três grandes eras culturais: oral, imprensa e informacional-digital. A autora ressalta que o “sujeito da virtualidade se forma nas interfaces dinâmicas com o computador” (Santaella, 2003, p. 131).

O contemplativo, leitor do livro e o movente, leitor da velocidade dos sinais urbanos, do mundo em movimento nas imagens do cinema, dos *outdoors* e da televisão. Essa análise comparativa revelou que foi o leitor movente justamente que preparou a sensibilidade perceptiva e cognitiva em estado de prontidão motora e lúdica que caracteriza o perfil do internauta (SANTAELLA, 2003, p. 131).

Deste modo, a onipresença dos indivíduos, os modos de socialidade⁸ e as conexões entre diferentes redes vão formando a comunicação ubíqua. O atual momento das redes é configurado pela informação em fluxos constantes, transitoriedade e instantaneidade; da personalização, das novas possibilidades de busca e filtragens das informações (com *feeds* de notícias personalizados). As mudanças são constantes. Então, diante de tal perspectiva, faz-se necessário observar as suas interações entre estes componentes que formam as redes de conexão. Não se trata apenas de observar a tecnologia como via única e potencializadora do social, mas observar e analisar suas conexões de interações entre as ações desenvolvidas nesses ambientes, considerando-se que as interações na cultura ubíqua são paralelas à desterritorialização, à reciprocidade e apropriação dos meios de cada aparato e dispositivo tecnológico que possibilitarão uma comunicação em rede entre indivíduo e estes processos. Assim, alteram-se as formas de expressão, a cognição e os processos de percepção de uma sociedade e suas interações. Esta relação muda conforme a apropriação, o uso e a assimilação de cada indivíduo com as tecnologias.

Deste modo, dentro do contexto cultural, a técnica está inserida onde a cultura relaciona-se aos interesses tanto dominantes, quanto aos de uma sociedade. Assim a articulação do poder é estabelecida. Em contraponto, a mediação do poder é realizada “através dos sistemas existentes de estratificação da sociedade (em

⁸ Segundo Maffesoli (1998), a sociabilidade caracteriza-se por relações institucionalizadas. Já a socialidade faz referência a um conjunto de práticas que escapam ao controle social rígido, a um “estar-junto” que independe de um objetivo a ser atingido.

relação à classe, gênero, raça, habilidade, idade e assim por diante), que são, em geral, um dado adquirido pela maioria das pessoas, a maioria do tempo” (JENKS, 1993, p.72). Esta cultura é precedida de uma estrutura cultural anterior ao indivíduo, em que as interações entre comunidades e indivíduos eram estabelecidas em contextos presenciais, espaços públicos e compartilhados. E, continuam sendo transformadas para estes novos espaços a partir da ubiquidade comunicacional, visto que se ampliam os espaços de comunicação. A ampliação do processo conversacional (*blogs, wikis, softwares sociais, microblogs, podcasts, mobile social networking* – que permitem trocas entre pessoas e comunidades em mobilidade, através dos dispositivos portáteis de acesso sem fio às redes) (Lemos; Lévy, 2010) expande a perspectiva para uma conversação entre pares, e, portanto, não mediada por instrumentos massivos. Assim são instituídas formas de conversações planetárias expandidas (Lemos; Lévy, 2010). Com a liberação dos polos de emissão ampliando-se, surgem novas formas de conversação na área da saúde e suas práticas de bem-estar físico, social e mental. Para os autores, o futuro da Internet e da cibercultura está no contexto de produção aberta do “sentido”, através das diversas inerências e particularidades que podem surgir do diálogo e da cooperação nas redes. Trata-se de uma ampliação dos processos comunicacionais.

Nesse contexto exposto, as redes de conexões, a mobilidade e a onipresença proporcionada pelas funções pós-massivas (*laptops, celulares, GPS, etiquetas RFID, bluetooth, Wi-Fi*) ampliaram o acesso à Internet nos últimos quatro anos. No Brasil, empresas, Organizações Não Governamentais (ONGs) e espaços públicos já disponibilizam acesso à rede *Wi-Fi* gratuitamente. Há, também, projetos colaborativos de mapeamento de pontos gratuitos dessas redes em algumas cidades do País⁹. Getschko (2009) afirma que o “número mágico” para o acesso a Internet, nestes últimos anos, no país, chegava a cerca de 20%. Os meios de conexão, o acesso à rede em banda larga, a migração para a conexão permanente e a crescente adesão de dispositivos móveis com acesso a rede sem fio no país têm

⁹ O mapa colaborativo “*Wi-fi livre POA*”, criado pela empresa jornalística Zero Hora, inclui dicas de sinal e senhas que devem ser utilizadas. A participação pode ser realizada por qualquer usuário cadastrado na Google, podendo, assim, modificar e/ou atualizar os pontos. Mais de setenta *hotspots* estão cadastrados no momento. A empresa Google, em parceria com a *Enox On-Life Media*, iniciou em dezembro de 2012 o projeto “*Free Wi-fi*”, com duração de 90 dias em sete cidades das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Através do site oficial, um mapa sinalizava os pontos com acesso à Internet sem fio gratuita. O projeto, em Porto Alegre – RS, foi disponibilizado em 15 estabelecimentos comerciais (bares e casas noturnas). Fonte: <<http://brasilfreewifi.withgoogle.com>>. Atualizado em 23 de janeiro de 2013.

possibilitado uma maior adesão às trocas e fluxos comunicacionais, assim como ao uso frequente de aplicativos para monitoramento de atividades cotidianas na saúde. Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)¹⁰ mostram que em 2007, 675.104.08¹¹ mil usuários tinham acesso à internet no país, refletindo no percentual de usuários da Internet por país, segundo estimativas da União Internacional de Telecomunicações (UIT). O acesso à Internet pelo celular, no Brasil, triplicou em um ano, segundo pesquisa divulgada em 2012 pelo CGI.br. O acesso via dispositivo móvel mantinha uma média de 6% de indivíduos conectados desde 2008. Já entre 2010 e 2011, esse número subiu para 17%. Um movimento crescente também nos domicílios com computador: um aumento de 45%; já o acesso à Internet, em casa, de 38%. O resultado e a soma desses dados apontam para um interesse cada vez maior com os dispositivos móveis, visto que com a usabilidade, as interfaces amigáveis e com os modelos sendo barateados, o consumo cresce. A pesquisa divulgada pela Nielsen¹², na primeira quinzena de janeiro de 2013 confirma esse interesse. Os dados apresentados dão conta de que 36% dos aparelhos no Brasil são *smartphones*, aparelhos que possuem acesso à Internet e às redes sociais, representando 21% desse total. Portanto, o uso de dispositivos móveis com acesso à Internet possibilita uma maior inserção aos diferentes aplicativos que auxiliam nos processos cotidianos de saúde.

A Internet, deste modo, congrega processos comunicacionais importantes para a democratização do conhecimento científico e do pertencimento a comunidades, atuando como uma ligação na importância do paradigma da comunicação da saúde (prevenção, cidadania, bem-estar social, físico, mental e qualidade de vida). Weinberger (2007) observa que as “informações médicas que costumavam ser transmitidas apenas por meio de cuidadosos filtros de especialistas e publicações médicas, agora estão disponíveis a qualquer pessoa mediante os processos básicos de *seleção e descarte*” (2007, p. 23). Com isso, o modo de organização das informações, do acesso às pesquisas científicas e da autoridade implícita concedida pelas publicações em papel modificam-se. Logo, o indivíduo

¹⁰ O Comitê coordena e integra todas as atividades de incentivo à Internet no Brasil, bem como recomenda padrões, procedimentos técnicos e operacionais, visando à qualidade técnica, à inovação e à disseminação dos serviços ofertados.

¹¹ Fonte: <<http://mdgs.un.org/unsd/mdg/SeriesDetail.aspx?srid=608&crd>>. Acesso em 23 de janeiro de 2013.

¹² Fonte: <<http://tecnologia.ig.com.br/2013-01-18/entre-os-celulares-usados-no-brasil-36-sao-smartphones-diz-nielsen.html>>. Dados da empresa Nielsen referentes ao primeiro semestre de 2012. Acesso em 19 de janeiro de 2013.

inserido no mundo digital já não faz parte de uma construção de ideias lineares. O mundo digital é diversificado, a realidade tem múltiplas faces e o indivíduo recebe um “aninhamento” de informações, permitindo, assim, “transcender a regra mais fundamental de arrumação do mundo real: em vez de tudo ter o seu lugar, é melhor que as coisas sejam designadas a vários lugares ao mesmo tempo” (Weiberger, 2007, p. 15). Dessa forma, o autor configura a “terceira ordem da ordem”, que “remove as limitações presumidas como inevitáveis no modo como organizamos as informações” (Weiberger, 2007, p. 20). Os laços sociais da contemporaneidade favorecem a ideia de pertencimento plural, ou seja, um mesmo indivíduo está ligado a vários grupos em um mesmo espaço-tempo, o que possibilita novas formas de comunicação e de busca por informações. Esta cultura de rede (rede de informações e, portanto, pessoas que produzem e acessam, compartilham e distribuem conteúdos) é dinamizadora do universo *online*. A interação entre sociedade, cultura e novas tecnologias caracteriza o termo cibercultura. Assim sendo, essa dinâmica dos indivíduos conectados em rede e sua apropriação social da técnica caracterizam o termo.

A cibercultura surge da evolução de seis eras culturais anteriores – oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital –, que segundo Lemos (2003), não desapareceram ou perderam importância com o seu surgimento, mas redimensionaram seu papel. Da cultura de massas à Internet, a identidade do indivíduo se fortalece. Conforme o autor, o elo surge do estabelecimento de uma sinergia entre as formas sociais vigentes e as novas tecnologias digitais.

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, *palms*, *pages*, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna (LEMOS, 2003, p. 1).

No entanto, apesar de trazer consigo elementos da comunicação de massa, não pode ser nominada por ela, pois “não há vínculo entre o instrumento e a prática” (Lemos, 2003). Trata-se de uma troca, um contato criado das máquinas através

delas mesmas, para tanto, a ligação com o outro, ou a religação, configura-se como uma das questões da cibercultura. As dinâmicas sociocomunicacionais são, em muitos aspectos, inovadoras; apresentam influências mútuas do trabalho cooperativo, criações, engajamento, sociabilidade e conflito. Assim, a livre circulação em diferentes processos comunicacionais e dispositivos móveis constitui a cibercultura e suas potencialidades. Como salienta Rüdiger (2011), a cibercultura não é uma “entidade objetiva”:

O entendimento esclarecido da mesma se encontra quando a vemos como uma relação entre nossas capacidades criadoras e sua materialização tecnológica em operações e maquinismos, mas também em mundos sociais e históricos. A cibercultura é o movimento histórico, a conexão dialética, entre os sujeitos sociais e suas expressões tecnológicas, através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em dada direção (cibernética e maquinística?) (RÜDIGER, 2011, p. 114).

Para tanto, a concepção do ser humano capaz de estabelecer vínculos e como parte desse processo maquinístico “de processamento e arranjo de informações” (Rüdiger, 2011, p. 115) revela-se do pensamento cibernético. O homem, então, configura-se como um agregador de informações, “a identidade física de um indivíduo não consiste na matéria de que se compõe. A individualidade biológica se basearia nas suas informações celulares” (Breton, 1989, p. 165 *in* Rüdiger, 2011, p. 116). Foi através da mobilidade física, da evolução das sociedades e dos indivíduos que a aceleração presenciada hoje nas comunicações se estabeleceu. No entanto, esse deslocamento não alterou a mobilidade física dos indivíduos. Mesmo com o avanço das tecnologias da Internet, a infinidade de lugares, o acesso às culturas, à comunicação e à informação que se têm a disposição sem sair do seu lugar são possibilitados por essa mobilidade. Logo, o ciberespaço também aumentou as possibilidades de fala de cada indivíduo numa amplitude jamais vista anteriormente. No entanto, a hibridização entre corpo e tecnologia está proporcionando aos indivíduos uma experimentação complexa de acessos a informações e dados em diferentes redes de conexão. A tecnologia vinculada aos indivíduos possui esse caráter político referenciado anteriormente, pois a técnica faz parte da extensão efetiva da espécie humana.

2.1 REDES DE CONEXÕES E FLUXOS COMUNICACIONAIS

A arquitetura dos múltiplos sistemas complexos como as cidades, com suas pontes e ruas de ligações; as sociedades e as pessoas que se unem por relações de amizades, laços profissionais e familiares; o cérebro e as redes de células nervosas conectadas por axônios; as células que estão ligadas a moléculas formando redes por reações bioquímicas; todas essas redes, em diferentes escalas de constituição, são ligações que conduzem informações. O conjunto dessas conexões, ligadas entre si, quer sejam objetos, dados, pessoas, configuram-se como parte integrante de um sistema em evolução e autoconstituição. Para tanto, fatores como a continuidade, quantidade, dispersão geográfica e interligação são processos pelos quais se constituem uma rede de conexão. Conexões entre os indivíduos e as estruturas mais abrangentes, em meio às quais a convergência midiática articula-se na sociedade contemporânea transitam na esfera da comunicação ubíqua e reativa. Portanto, estas conexões sociais são formadas por redes de objetos, indivíduos e tecnologias.

Logo, os processos informáticos produzidos pelas interações serão estabelecidos pelos indivíduos e suas relações com as ferramentas. Nesta análise, o que se considera como relevante são as dinâmicas produzidas nesta constituição das interações na rede, que estabelecem novas associações e estão ligadas a milhares de *links*, dados, informações e indivíduos. Então, as habilidades conectivas destas ações geram novas conexões e vias na rede. A expansão e novas possibilidades de circulação das informações na comunicação ubíqua permitem que as redes de conexões se ampliem na atual sociedade. Por conseguinte, a circulação pelos contínuos espaços de fluxos estabelece vínculos e diferentes formas simultâneas de práticas que irão (re)definir estes processos. Castells (1999) identifica, através da perspectiva da teoria social, o espaço como um “*suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. [...] qualquer suporte material tem sempre sentido simbólico*” (1999, p. 500). Para tanto, as “práticas sociais de tempo compartilhado” são definidas como práticas simultâneas, reunidas pelo espaço.

Por fluxos, entendo as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, política e simbólica da sociedade. Práticas sociais dominantes são aquelas que estão embutidas nas estruturas sociais dominantes. Por estruturas sociais dominantes, entendo aqueles procedimentos de organizações e instituições cuja lógica interna desempenha papel estratégico na formulação das práticas sociais e da consciência social para a sociedade em geral (CASTELLS, 1999, p. 501).

O autor estabelece assim, o espaço de fluxos como “uma nova forma espacial” da sociedade em rede, com “características das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede” (Castells, 1999, p. 501). Este espaço caracteriza-se pelos processos de funções de organização material das práticas da sociedade informacional, descritos pela combinação de três camadas de suportes materiais, que formam, assim, o espaço de fluxos. A primeira camada é constituída por “um circuito de impulsos eletrônicos”, configurando-se como um “suporte material de práticas simultâneas, [...] é uma forma espacial” (1999, p. 501); essas funções ocorrem através das interações entre as possibilidades das tecnologias da informação. Os lugares, nessa rede, existem pelas definições dos “intercâmbios de fluxos de redes”. A segunda camada é formada pelos nós, os “centros de importantes funções estratégicas”, os nós e os centros seguem a hierarquização conforme o peso na rede. Para tanto, o espaço dos fluxos possui um lugar, ainda que sua estrutura lógica não seja determinada pelo lugar, desta forma “[...] está localizado em uma rede eletrônica, mas essa rede conecta lugares específicos com características sociais, culturais, físicas e funcionais bem definidas” (Castells, 1999, p. 502). Ou seja, alguns lugares como o centro das redes, são intercambiantes. Já a terceira camada “refere-se à organização espacial das elites gerenciais dominantes (e não das classes)”, exercendo funções que são direcionadas ao espaço articulado. Portanto, estes espaços de fluxos são:

[...] parte da suposição implícita de que as sociedades são organizadas de maneira assimétrica em torno de interesses dominantes específicos a cada estrutura social. O espaço de fluxos não é a única lógica espacial de nossas sociedades. É, contudo, a lógica espacial dominante porque é a lógica espacial dos interesses/funções dominantes em nossa sociedade. Mas essa dominação não é apenas estrutural. É estabelecida, na verdade, concebida, decidida e implementada por atores sociais (CASTELLS, 1999, p. 503).

Nesta perspectiva, “o poder dos fluxos é mais importante do que os fluxos do poder” (1999, p. 565), sendo deste modo, parte imprescindível, os atores sociais. No entanto, a forma, a capacidade de organização e a legitimação dos processos são da “elite dominante”, capaz de constituir e estabelecer os parâmetros das estruturas sociais e de interesses dominantes. Como tendência dominante, configura-se a sociedade da informação, com suas funções e processos de comunicação em redes. Esses processos comunicacionais e a difusão das redes, bem como a nova morfologia das sociedades, modificam substancialmente a operação e os resultados de todas as esferas sociais, dos processos de produção, poder e cultura.

Dessa forma, as ligações e interações ou laços sociais impulsionam as informações e seus fluxos em diferentes aparatos tecnológicos e dispositivos móveis. Raquel Recuero (2009) observa a definição do termo dentro da perspectiva das Redes Sociais na Internet. Para tanto, uma rede “é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões” (Recuero, 2009, p. 24). O uso de diferentes artefatos tecnológicos e dispositivos móveis para produzir, estocar e compartilhar informações nas diferentes esferas da comunicação está sendo utilizado em escala crescente para a produção e recepção de conteúdos na área da comunicação para saúde.

Com os fluxos comunicacionais cada vez mais intensos, as possibilidades de acesso à informação e as interações nas Redes Sociais na Internet (RSIs) potencializam-se, oportunizando não só a interação entre indivíduos, como também um novo espaço para a comunicação da saúde. O indivíduo inserido nas redes aproxima e estreita os laços sociais num processo comunicativo e de interação social, construído constantemente pelos atores envolvidos de forma perene. Logo, é a interconexão entre grupos que pode gerar mudanças significativas nas redes. As relações de interatividade – aliadas às possibilidades de interação, compartilhamento, engajamento e distribuição nas redes de relacionamento – aumentam as potencialidades do texto. A abundância textual ofertada nas redes de conexão perfaz um caminho entre a cognição e o processo de aquisição das leituras obtidas. A potencialidade das tecnologias móveis, das Redes Sociais na Internet, além das mudanças causadas nas diferentes esferas sociais e na sociabilidade,

permite uma observação no modo de construção dos textos; “a tecnologia informática veio potencializar a criação de textos permutatórios, antes criados através de cartões e páginas soltas pelos pioneiros” (Primo, 2003). Essa relação estabelecida com o texto nas diferentes telas permite que qualquer leitor, em diferentes espaços, possa receber as potencialidades hipermediáticas. Acarretando, portanto, nesta nova modalidade de inscrição, divulgação e apropriação dos textos que multiplicam o acesso e as redes de conexão.

O impacto das tecnologias de informação na vida dos indivíduos e nas diferentes comunidades de interação vem transformando o modo de comunicar, interagir, compartilhar e distribuir informações na sociedade contemporânea. A ampliação das redes de conexão trouxe uma perspectiva ampla para distribuição e recepção de diversos conteúdos. Essas formas alteraram a relação nas diferentes esferas sociais e nos seus grupos, bem como as interações entre o virtual, o real e os atores sociais. As relações de vigilância entre público e privado estabelecem novas perspectivas nas esferas da comunicação ubíqua. Há uma reconfiguração do espaço público, das conexões que enviam dados e informações nos diferentes ambientes das cidades e na esfera privada; por conseguinte os atores sociais estão inseridos nas redes produzindo e compartilhando informações, trocando e estocando dados. Essas ações e interações nas diversas plataformas ubíquas estão cada vez mais vigiadas e monitoradas; a cada clique, são potencialmente personalizadas por filtros e algoritmos que indicam o próximo caminho que será seguido. Os novos espaços que surgem a partir dos fluxos comunicacionais e informacionais das sociedades em redes, assim como novas formas e processos espaciais são (re)configurados nestes ambientes, onde os indivíduos deixam seus rastros, podendo seguir, buscar, trocar, compartilhar, engajar-se, cooperar, e, assim, fortalecer os laços sociais nas redes de conexão na Internet.

As conexões e interações que esse indivíduo estabelece, entre dispositivos e aparatos tecnológicos móveis, estão inseridas no grande contexto ubíquo da comunicação. As diversas redes sociais constituem-se como ambientes de sociabilidade; onde é possível observar as interações, as dinâmicas de participação, colaboração, filtragem e presença que são, também, habilidades cognitivas. No vasto campo das Redes Sociais na Internet (RSIs), a atual *Web 3.0* renova e amplia o espaço de fala desse indivíduo. A criação do *Facebook* delimita o início desta nova “era”, ingressando, a partir de 2004, “na era das RSIs 3.0, caracterizadas pela

integração com outras redes e pelo uso generalizado de jogos sociais [...] assim como de aplicativos para mobilidade” (Santaella e Lemos, 2010). Os espaços de fluxos informacionais possibilitam trocas em tempo real, modificando processos da forma de apropriação desses conteúdos, bem como no modo de transmitir informações. São conversações, compartilhamentos, fluxos de cooperação e engajamento que ressaltam as suas dinâmicas de inserção em diferentes vias.

Essas trocas e fluxos informacionais perfazem um caminho da democratização do conhecimento científico, até pouco tempo atrás centrado nas comunidades científicas e/ou na comunicação de massa. Com as Redes Sociais na Internet (RSIs) 3.0 e a potencialização da ubiquidade da informação, a mudança traz consigo uma nova perspectiva para a comunicação da saúde. Tanto no que se refere à construção de um imaginário coletivo – as diversas formas de agregação destes espaços, relacionando-se entre corpo e tecnologias, sob as formas de representação nestes espaços –, quanto às informações de fontes não oficiais, referentes à prevenção, qualidade de vida, a programas e ações do Estado; como de fato aos recursos relativos para o bem-estar social, físico e mental. A nova condição “móvel”, na sociedade urbana mundial, citada por Lévy (2003), multiplica os contatos, contribuindo para novos (re)encontros e reconexões entre indivíduos e consigo mesmo. Os contatos intensificam-se “em escala planetária”. Uma nova sociedade, então, é reconfigurada, no sentido de estabelecer diferentes conexões em tempo e espaço distintos.

As interações constituem-se como rastros, pois permanecem em determinado espaço e tempo até que sejam apagadas. Algumas, mesmo assim, mantêm-se ativas em servidores e outros arquivos. Essas interações mediadas por computador, dispositivos e aparatos tecnológicos móveis estabelecem uma ligação com os atores da ação. Desta forma, há percepção das trocas sociais determinadas pelas interações. É através dos aparatos tecnológicos que acontece a circulação da informação; é através deles que os indivíduos criam “laços sociais” em diferentes níveis, podendo as identidades tornarem-se persistentes nas redes e é também por meio deles que a informação transita.

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais). [...] O estudo das redes sociais na Internet,

assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas (RECUERO, 2009, p. 24).

Ou seja, o primeiro elemento constitutivo de uma rede social são os atores, representados pelos nós (ou nodos). Atuam como parte do processo, moldando as estruturas sociais estabelecidas com as interações e constituição dos laços sociais. No entanto, não são de imediato discerníveis, devido às interações mediadas por computador, podendo, desta forma, serem representados por perfis nas diferentes Redes Sociais na Internet. Recuero (2009) relata a diferenciação da observação dos atores nas análises destas redes:

Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. Quando se trabalha com redes sociais na Internet, no entanto, os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. Um ator, assim, pode ser representado por um *weblog*, por um *fotolog*, por um *twitter* ou mesmo por um perfil Orkut. E, mesmo assim, essas ferramentas podem apresentar um único nó (como um *weblog*, por exemplo), que é mantido por vários atores (um grupo de autores do mesmo *blog* coletivo) (RECUERO, 2009, p. 25).

Os atores, então, são representações dos atores sociais, configurando-se como espaços, lugares de fala, de interações, onde são expressos elementos da personalidade e/ou individualidade de cada um. A construção de diferentes narrativas e expressões de “eus” personaliza as redes da Internet. O espaço de fala potencializa os laços sociais. O indivíduo não apenas recebe informações, mas tem a possibilidade de emitir e transmitir diversos questionamentos, informações, opiniões. Nesse ambiente, não é apenas a noção de tempo e espaço que muda; também as relações são modificadas, possibilitando um vasto acesso às informações referentes à saúde. Esses fluxos comunicacionais em tempo real fortalecem os laços sociais na área da saúde. O redimensionamento conduziu a novas adaptações para as demandas das comunicações. Uma ideia pode ser

replicada de forma viral e instantânea no ciberespaço em questão de segundos, alcançando diferentes vias de conexões.

Através da análise dos laços sociais, pode-se aferir o capital social de uma rede, empresa, marca, pessoas, etc. Na perspectiva de Recuero (2009) os laços relacionais possuem interações entre os participantes da rede. Já os laços dialógicos têm interações sociais mútuas entre os indivíduos. Os laços associativos, por sua vez, têm conexão entre indivíduo e um grupo e/ou instituição; portanto, as interações sociais reativas possuem um sentimento de pertencimento em determinada comunidade formada pela rede. A combinação da quantidade de tempo, intensidade relacional/emocional, confiança mútua e reciprocidade são características de um laço e determinantes da sua força relacional em determinada rede social. Neste sentido, Recuero (2009) define laços fortes e laços fracos. Os primeiros são constituídos em conexões mais vastas e concretas no que refere-se às trocas sociais; já os laços fracos têm trocas mais difusas e são estruturadores das redes sociais conectando os *clusters*.

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. [...] Laços fortes e fracos são sempre relacionais, pois são consequência da interação que, através do conteúdo e das mensagens, constituem uma conexão entre os atores envolvidos. Já o laço associativo, por sua característica básica de composição, tenderia a ser, normalmente, mais fraco, pois possui menos trocas envolvidas entre os atores (RECUERO, 2009, p. 41).

Os indivíduos pertencem hoje a uma comunidade vasta de compartilhamento. Consequentemente o texto se atualiza quando ele consegue não somente dialogar com os diferentes horizontes históricos, mas também quando, nestas perspectivas, atinge o objetivo da informação ser replicada, tendo consideráveis fluxos e reflexos. A atual cultura da mobilidade, como discorre Lemos (2008), é uma cultura locativa. Essa mobilidade nas diferentes comunidades criadas compõe o aspecto fundamental do “gerenciamento de reputação” (Rheingold, 2006) que se caracteriza com a disponibilidade de observação para, então, classificar a reputação e o “capital social” do outro. O autor salienta como fundamental para esses fluxos, a educação,

a disponibilidade de observação e o modo de aplicação destes meios pelos indivíduos.

[...] estar disponível para ver de que forma as outras pessoas classificam uma pessoa em particular ou uma publicação, e isto, adicionando características que a tecnologia mede, mas que são essencialmente medidas sociais, que podem aumentar o valor do meio. Um outro aspecto importante é a educação. Como as pessoas são educadas, para que forma e como usar o meio. A tecnologia sozinha não irá fazer nada sem que as pessoas a utilizem, e como elas sabem usá-las? (RHEINGOLD, 2006, p. 210).

Para esse autor, as tecnologias são como “sistemas de comunicação cotidianos”, não se restringindo apenas aos sistemas teóricos; por isso, a necessidade desse entendimento e da compreensão para o uso. O senso de comunidade, permitido pelas Redes Sociais na Internet, possibilita minimizar o sentimento de isolamento, por conseguinte, estabelecendo a noção de pertencimento.

[...] a Internet facilitou o contato *off-line*, aumentando o conhecimento entre vizinhos e aumentando a frequência de contato com outros vizinhos. Estas conclusões são importantíssimas, na medida em que salientam o fato de que os laços sociais na Internet, muitas vezes, são laços que também são mantidos *off-line* (RECUERO, 2009, p. 43 – 44).

A interação mediada por computador propicia esses processos de espacialidade, oportunizando novos ambientes relacionais e de interação, importantes para estabelecer e manter os laços iniciais. Fixam, então, laços de proximidade por interesses comuns e afinidades. Ou seja, estes laços, à medida que as interações acontecem, serão reforçados. Ou, conforme o seu alcance, permanecem como laços fracos. Isso depende das características da localidade e da globalidade, seja ela física ou virtual. O indivíduo, nas diferentes redes de conexão com interações mediadas por computador ou dispositivo móvel, estabelece vínculos sem o deslocamento físico, sem alterar a sua mobilidade. Logo, a onipresença nas Redes Sociais na Internet potencializa e auxilia o fortalecimento destes laços. Esse

“valor constituído a partir das interações entre os atores sociais” (Recuero, 2009, p. 45) vai determinar o capital social.

Para tanto, são as conexões estabelecidas entre esses indivíduos, aliando reciprocidade e confiança, que irão determinar o capital social. Putnam (2000, p. 19) observa que o termo é referente “à conexão entre indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidade e confiança emergem dela”. O fortalecimento do capital social advém do robustecimento dessas relações. Desta forma, os processos de desenvolvimento para o benefício próprio irão determinar os interesses do indivíduo em fazer parte da rede. O capital social confere como que um elemento essencial para o desenvolvimento e a constituição das comunidades (Putnam, 2000). A multiplicidade das Redes Sociais na Internet permite diferentes lugares e ferramentas, utilizadas para manter os relacionamentos e as interações nos processos do capital social e dos laços. Assim sendo, é preciso estar presente, ser visto, para “existir” no ciberespaço. O ator é o que ele expõe nos ambientes em que circula. É, portanto, através dos seus registros de informações que a memória vai constituindo-se. De fato, faz-se necessário analisar as interações nas redes, visto que a quantidade ficará estática, no entanto, não continuam trocando. Logo, há um processo permanente de construção de identidade nas redes.

Um processo que perpassa não apenas as páginas pessoais, como *photoblogs* e *weblogs*, *nicknames* em chats e a apropriação de espaços como os perfis em softwares como o Orkut e o MySpace. Essas apropriações funcionam como uma presença do ‘eu’ no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém ‘que fala’ através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet (RECUERO, 2009, p. 26 – 27).

Com o espaço de fala ampliado e a visibilidade aumentada, os recursos de sociabilidade nas redes são estabelecidos. A vigilância e a visibilidade tornam-se o “imperativo” da interação mediada por computador. São os atores sociais os constituintes das redes, os construtores dos espaços de relações, interações e expressões individualizadas e coletivas. Assim sendo, potencializam os processos de pertencimento, de constituição do capital social, de engajamento e as possibilidades de cooperação e manutenção dos laços sociais nas comunidades. No entanto, os processos de personalização estão estabelecendo as vias de conexões

e direcionando os rastros nas redes. Neste sentido, Pariser (2012) observa que há “muitas ligações”, mas poucas conexões. “E isso é importante, pois são as pontes que criam nosso senso do que é ‘público’ – o espaço em que resolvemos os problemas que transcendem nosso nicho e nossos restritos interesses pessoais” (2012, p. 21). A personalização a partir destas análises das redes muda os fluxos de informações, já que os rastros que cada indivíduo deixa nas redes levam às escolhas e aos filtros de notícias cada vez mais direcionados e, portanto, personalizados. Trata-se de um processo de reação a estímulos específicos de filtros “invisíveis”. Nas redes, o compartilhamento, as interações, a cooperação em outros ambientes e com outras informações (que são cada vez mais vigiadas e monitoradas), tornam a invisibilidade aparente, permitindo a constituição, tanto de novas comunidades quanto de fortalecimento do capital social e dos laços. Portanto, todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste contexto, são práticas de significação.

Os indivíduos vivem em comunidade a partir das suas afinidades, “e a comunicação é o modo pelo qual eles vêm a ter coisas em comum”. Para Dewey (1915), *in* Santaella e Lemos (2010), “a sociedade continua a existir não apenas pela transmissão, pela comunicação, mas pode-se dizer que ela existe na transmissão e na comunicação”. Já nas Redes Sociais na Internet, o que os atores têm em comum, é, sobretudo, a vontade de comunicar alguma coisa. Contudo, para a compreensão do ator é necessário seguir o caminho percorrido, suas inscrições, conexões, regras, estatísticas, compreender a prática e suas expressões. O conteúdo, nas Redes Sociais na Internet e mídias locativas trazem outras perspectivas para os indivíduos. São narrativas hipermidiáticas, agregadoras de diferentes conteúdos e informações. Com isso, estabeleceu-se uma nova forma de leitura, fragmentada, segmentada, descontínua, exigindo daquele antigo leitor uma postura imediata nestas inúmeras janelas comunicativas e interativas. A forma, por conseguinte, passa a ser a mensagem nas mídias locativas e nos dispositivos móveis. Essas conexões estabelecem uma troca e modificação nos agentes envolvidos através de estímulo, resposta e processos de negociação e troca. Para tanto, são estes sistemas interativos que formam a base das redes sociais constituída, de fato, por atores e conexões. Assim, nas conexões em diferentes esferas sociais, o indivíduo não exclui sua rede, não se exime de representações sociais, sejam virtuais ou presenciais.

A mobilidade altera as características dos conteúdos. Pois, não são modificadas apenas as relações, mas o modo de distribuir informações, deixando rastros nos espaços e diferentes lugares, criando efetivamente uma identidade, uma memória global e não-local. Indivíduos inseridos antes, em uma comunicação linear, hoje, percebem-se em um ambiente ubíquo na comunicação móvel. A comunicação interativa e coletiva das Redes Sociais na Internet (RSIs) configura-se como aspecto relevante na comunicação da saúde, já que nelas estão inseridas comunidades, grupos de discussão, conexões com aplicativos (informações e dados) e interações sociais que possibilitam as diferentes vias das dinâmicas conversacionais e de compartilhamento numa comunidade. Neste sentido, o indivíduo engloba todo o processo de interação dentro de um grupo e cultura específica. Rheingold, *in* Casalegno (2006), discorre sobre o sentido de comunidade. Para o autor, trata-se de um “fenômeno que é redefinido pelos seres humanos através da história” (2006, p. 206). Os diversos períodos precedentes da História modificam as relações, alterando o sentido de pertencimento em uma comunidade. O que atualmente modifica uma comunidade são as redes sociais (Rheingold, 2006). O autor define, então, uma comunidade como “um grupo de pessoas que têm um interesse comum ou que dividem algum tipo de destino comum e que se comunicam com as outras regularmente. A memória entra na comunicação de forma regular com os outros” (Rheingold, 2006, p. 206). O autor salienta a importância de, em uma comunidade, as pessoas “terem identidades persistentes, mesmo que essas identidades não sejam as mesmas que elas utilizam na sua vida face a face” (Rheingold, 2006, p. 206). Este pretexto é simplesmente pela efetivação do capital social, pelos laços de confiança e/ou desconfiança que a outra pessoa lhe desperta; para o autor, a manutenção do capital social não pode ser realizada se os indivíduos possuem identidades diferentes a cada nova interação. Desta forma, informações em diferentes vias tornam-se um centro virtual, determinante para o capital social. São, portanto, agregadores sociais que permitem interações em diferentes redes de comunicação assíncronica, e que, possibilitada pelas tecnologias e dispositivos móveis vão auxiliar nestes processos de geração de novas vias.

2.2 TECNOLOGIAS E DISPOSITIVOS HÍBRIDOS MÓVEIS NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET (RSIS)

A potência das Redes Sociais na Internet (RSIs), da mobilidade e das inúmeras possibilidades de comunicação e informação *online* aumenta a diversidade do espaço, das trocas e compartilhamentos. Com a inserção de diferentes tecnologias, dispositivos e aparatos tecnológicos híbridos na vida cotidiana dos indivíduos, estes compartilham por distintas vias nas RSIs. As tecnologias da comunicação digital – neste caso, as *peer to peer* (de igual para igual, P2P) –, produzem essa possibilidade de interação entre indivíduos e agentes em comunicação. Com a ubiquidade da comunicação, tempo e espaço ganham novas dimensões, pela possibilidade do registro e compartilhamento das informações. Trata-se agora do ponto de uma universalidade empírica que abre as possibilidades, pela primeira vez na História, para as conexões e transitoriedade. Com as “mídias de função pós-massiva” (Lemos, 2007); o indivíduo comum passa a emitir e receber informações. São produtos independentes dos centros emissivos da informação e do mercado da comunicação que são personificados a partir das percepções e vivências de cada indivíduo. Muitas vezes, os fluxos todos-todos, diferenciam-se dos fluxos tradicionais das mídias de função massiva, que são objetivamente um-todos. Segundo Lemos (2007), a princípio, esse entendimento do processo criativo e, portanto, do fluxo de compartilhamento, pode ser compreendido facilmente por qualquer indivíduo. Criando, assim, uma comunidade de usuários em que processos são estabelecidos, a intermediação é neutra e a interação acontece diretamente “com um mercado de nichos”. As mídias pós-massivas (Lemos, 2007) criam processos de interação, elevando as potencialidades dos meios.

Mais do que informativas, como as mídias de massa, as mídias pós-massivas vão criar processos mais comunicativos, por troca bidirecional de mensagens e informações entre consciências. [...] Diferentemente dos meios de massa, os meios de função pós-massiva permitem a personalização, a publicação e a disseminação de informação de forma não controlada por empresas ou por concessões de Estado. As ferramentas com funções pós-massivas insistem em processos de conversação, de interações, de comunicação, em seu sentido mais nobre, tendo aí uma importante dimensão política, como veremos mais adiante (LEMOS, 2007, p. 125).

A antiga mídia envolvia um criador humano que produzia, manualmente textos, elementos visuais ou em áudio, em uma composição particular ou

sequencial. Atualmente, há uma variabilidade na distribuição que seria impossível sem a modularidade. São novas arquiteturas, narrativas e espaços que também modificam e abrem caminhos para a área da comunicação para saúde. Estes fluxos informacionais definem e redefinem o indivíduo, a sociabilidade nas redes de conexão, a memória, a narrativa e a transitoriedade pelos diversos espaços. A onipresença da conectividade informacional nos dispositivos móveis, aparatos tecnológicos e redes de comunicação, envolvem os indivíduos em Redes Sociais na Internet numa escala crescente. As estruturas da telefonia móvel e das redes sem fio ainda se encontram em processo de efetivação em alguns países; no entanto, estes “territórios informacionais” (Lemos, 2007), estão compreendendo, em algum parâmetro, a vida social dos indivíduos, seja nas simples tecnologias desenvolvidas na área econômica, quanto nos mais complexos estudos na área da inteligência artificial e nas tecnologias da área da medicina. Esta ascensão na vida social e privada torna-se, cada vez mais, o sentido de ubiquidade presenciado na sociedade contemporânea. Portanto, a interação mediada por um dispositivo ou um artefato tecnológico híbrido, reúne funções do computador, telefone, câmera de vídeo, processador de textos, etc. Essa “conexão multirrede” vincula-se a diversas outras redes como *Bluetooth*, Wi-Fi, GPS. Desta forma, Lemos (2007) expõe os “Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirrede (DHMCM)”:

[...] aliam a potência comunicativa (voz, texto, foto, vídeos), a conexão em rede e a mobilidade por territórios informacionais (Lemos, 2006), reconfigurando as práticas sociais de mobilidade informacional pelos espaços físicos das cidades. Isso significa a ampliação da conexão, dos vínculos comunitários, do controle sobre a gestão do seu espaço e tempo na fase pós-massiva da comunicação contemporânea. Com os DHMCM, emergem formas de contato permanente, contínuo e em mobilidade, propiciando novas vivências do espaço e do tempo nas (ciber)cidades. Trata-se da mobilidade em espaços intersticiais (Santaella, 2007), eletrônicos e físicos, transformando a vivência das cidades em ‘práticas híbridas por excelência’ (Beiguelman, 2005, p. 154) (LEMONS in ANTON, 2008, p. 50 – 51).

Neste contexto, a mudança no modo como o homem se comunica e movimenta-se pelas cidades pode ser observada. A comunicação com o telefone fixo ficava restrita há um determinado lugar físico. Agora, o indivíduo está permanentemente conectado ao dispositivo de comunicação e transitando pelos

espaços urbanos. Considerando que os fluxos comunicacionais trocam mais dados do que voz, a onipresença é conquistada nos diferentes espaços. O corpo troca seus dados e participa efetivamente desses fluxos informacionais. O celular, como dispositivo móvel, representa um processo de “segurança ontológica” para o indivíduo. Trata-se de um instrumento de registro. Circular pelos espaços e suas redes de conexão sem celular é sentir a sensação de estar completamente “isolado do mundo contemporâneo” (Ferraris, 2007). Os telefones, que antes eram objetos desenvolvidos com o desígnio central de realizar e receber ligações, atualmente realizam conexões entre dados em espaços configurados pela mobilidade. Portanto, o celular deixou de ser um aparato tecnológico móvel, capaz de receber e fazer ligações. Tais ações estão, agora, em segundo plano.

As possibilidades trazidas pelo uso e disseminação do celular e aplicativos perfazem um novo paradigma da comunicação ubíqua. A complexidade do uso das diferentes ferramentas e suas possibilidades conectivas possui uma dimensão de vias tanto com a Internet, quanto com os computadores e outros dispositivos móveis. Trata-se de um instrumento de comunicação com sua importância, ressaltada, sobretudo, pelo uso das ferramentas de compartilhamento, pois é “um instrumento de registro” (Ferraris, 2007). Logo, a complexidade do celular torna-se ampla na comunicação ubíqua. Não se trata apenas de um processo da oralidade, mas, principalmente, da escrita. No entanto, o que permanece como fluxo contínuo de uma hiperconexão são esses dispositivos e suas possibilidades de acesso rápido a conteúdos diversos, redes sociais, *e-mail* e *SMS*. Os inúmeros e crescentes aplicativos que possibilitam diferentes modos de comunicação e interação através de um aparato tecnológico estão conectando pessoas, objetos e lugares em diferentes redes.

O uso do celular como instrumento para produzir, tocar, armazenar e circular música; como plataforma para jogos *online* no espaço urbano (os *wireless street games*); como dispositivo de ‘*location based services*’ para ‘anotar’ eletronicamente um espaço, ver ‘realidades aumentadas’, monitorar o meio ambiente e possibilitar o mapeamento ou a geolocalização por GPS; ou, ainda, como meio para escrever mensagens rápidas (*SMS*), tirar fotos, fazer vídeos e acessar a internet (LEMOS *in* ANTOUN, 2008, p. 49).

Portanto, muito mais do que um simples telefone, o celular, hoje é efetivamente esse dispositivo híbrido sobre o qual Lemos (2008) discorre. Não apenas as informações estão disponíveis; a forma e o conteúdo modificaram também o modo de arquivamento das memórias. Produção e recepção assumem novas dimensões nas comunidades virtuais, nos ambientes da comunicação ubíqua e pervasiva, assim como a forma de percepção e cognição das informações referentes à saúde. Para tanto, o celular, enquanto elemento identitário hodierno, é o “reforço da identidade individual” e “símbolo da identidade juvenil” (Castells ET al., *in* Fidalgo 2007, p. 252). Desta forma, a questão da identidade do ser humano proposta por Heidegger é realizada sob os termos de autenticidade e inautenticidade, encarando, no dia a dia, uma existência inautêntica e autêntica, determinada pelos outros que com ele coexistem.

A comunicação ubíqua mantém e promove a identidade inautêntica ao contribuir para um maior relacionamento entre os indivíduos e respectiva normalização e uniformização. Ligado permanentemente aos outros, o ser humano vê-se dispensado de decisões genuínas e liberto de quaisquer responsabilidades. Na medida em que pensa e age como a gente pensa e age, lhe é tirado de cima o peso da decisão e das consequências que dela possam advir. A gente alivia-o no dia a dia, facilita-lhe a vida. E como a gente é toda a gente e ninguém em particular, cada um é outro e nenhum ele mesmo. Assim, a gente é o ninguém a quem todo o ser humano está entregue, desde sempre, na coexistência com os outros (FIDALGO, 2009, p.82 *apud* Heidegger, 1979, p. 128).

A onipresença na ubiquidade tecnológica dá o sentido de identidade, já que esta é determinada pela coexistência com os outros; então, de fato, antes o ser humano existe nesta relação com o outro. Também, está imbricada nestes processos a pluralidade do celular como analisa Fidalgo (2009):

[...] à primeira vista, o celular parece potencializar enormemente a uniformização social e cultural dos usuários em detrimento das respectivas individualidades. Mas o celular também oferece possibilidades genuínas de ser humano, tanto a um nível pessoal como social, que sem ele nunca existiram. De fato, o celular estende os limites da comunicação, no tempo e no espaço, e nessa extensão abre novas possibilidades de ser, de agir e de co-existir com os outros (FIDALGO, 2009, p. 85 – 86).

Os espaços físicos sempre mantiveram informações e dados, mas, com a ubiquidade tecnológica, essas redes criadas fisicamente em determinados espaços e tempos, configuram-se como laços presentes em fluxos. Dessa forma, os indivíduos têm possibilidades de conexões em vários ambientes simultaneamente, alterando as dinâmicas sociais, o modo de ser e os comportamentos nas redes. A identidade, portanto, “não é algo dado à partida, mas um processo de constituição plural e complexa de como as pessoas se veem a si próprias e se sentem as mesmas em diferentes ações, vivências e contextos” (Fidalgo, 2009, p. 86). O processo de aquisição, exibição, função e consumo desses dispositivos móveis determinará os processos de domesticação do seu uso. Trata-se, assim, de um objeto que faz parte do cotidiano, um objeto físico com determinadas características (aproximação, marca, qualidade, *design*) que estabelecerão uma dimensão e símbolos de estatuto social e cultural. A apropriação é parte do processo de aquisição (as possibilidades dos usos que cada indivíduo fará dele) e passa por este momento em que o objeto deixa de ser um mero item comercial, para inserir-se na esfera pessoal dos objetos.

A domesticação da tecnologia processa-se por diversas fases: imaginação, apropriação, objetivação, incorporação e conversão. Desde o momento em que temos pela primeira vez uma ideia do objeto e de como nos poderia ser útil, passando pela sua entrada na nossa esfera pessoal, à maneira como se torna uma expressão de nós mesmos, a domesticação do dispositivo é ela mesma o reverso de um processo constitutivo da identidade do usuário. Pela imaginação há uma antecipação do futuro, num momento em que o objeto ainda é *de fato* exterior à esfera pessoal dos nossos pertences. (FIDALGO, 2009, p. 88).

Estes fluxos informacionais são contínuos e fazem do uso tempo integral na vida cotidiana dos indivíduos. O arquivamento das informações e a memória, agora, encontram-se nas redes. A invisibilidade dessa memória cresce com a demanda de aplicativos; onde cada vez mais são arquivados dados e informações pessoais. O celular e a inserção na vida cotidiana dos indivíduos evoluem também para as “comunicações expressivas” (Fidalgo, 2009), que estabelecem ligações no uso e compartilhamentos de dados em diferentes esferas sociais e redes de conexão. No entanto, Fidalgo (2009) salienta que o uso do celular e sua mobilidade inerente

estabelecem uma distância com o outro no mesmo ambiente. Para tanto, diferentes esferas sociais e de compartilhamento são criadas.

Os indivíduos emancipam-se dos condicionamentos espaciais, por um lado, mantendo remotamente relações sociais que anteriormente exigiam a presença simultânea dos interlocutores no mesmo local, e por outro, distanciando-se das presentes condições de interação com outros, a fim de dirigir a sua atenção a interlocutores remotos. De tal emancipação espacial ou local não decorre necessariamente, todavia, uma maior abertura a novas relações, ou a um espírito mais cosmopolita. Pelo contrário, na maior parte dos casos representa uma regressão social, um encapsulamento na pequena comunidade de origem. [...] O celular converte-se assim como que numa concha social e cultural que cobre o indivíduo para onde quer que se desloque (FIDALGO, 2009, p. 89 – 90).

Então, o uso do celular em diferentes redes pode estabelecer a indisponibilidade para o avanço de outros no mesmo ambiente. Para o autor essa relação não é como na teoria da relatividade. É “o espaço-tempo ecológico de nosso habitat que muda” (Ferraris, 2007), dando a relativa sensação de que tudo está mais próximo. Uma relação que, pela possibilidade de registro e compartilhamento das informações, traz “a ideia de que o tempo universal, que antes existia já não existe” (Ferraris, 2007). Trata-se agora do ponto de vista do autor de uma “universalidade empírica”, que abre as possibilidades, pela primeira vez na História, para as conexões e transitoriedade. O autor discorre sobre uma “revolução silenciosa”, causada pela transformação na vida cotidiana das pessoas e jamais pensada em outras décadas: “ninguém havia previsto, por exemplo, que uma máquina de escrever e um telefone, juntos, transformassem completamente a vida das pessoas” (Ferraris, 2007). O uso do celular modificou não só as relações sociais do indivíduo, seus espaços de circulação nas cidades, suas interações na comunidade, mas também a memória e o arquivamento de informações relacionadas à sua saúde. Estes dispositivos móveis permitem a circulação, a disseminação e o compartilhamento de dados, fluxos informacionais e histórias que são narradas a partir destes novos espaços. Assim, o corpo já não é apenas um meio biológico, mas uma extensão de artefatos e dispositivos móveis que possibilitam um fluxo intenso de informações e estocagens de dados sem precedentes.

Este dispositivo móvel ou “computador hiper-pessoal” (Pellanda, 2006) torna-se uma extensão de lugares físicos, de lembranças, acompanhando o indivíduo em

distintos espaços. Imerso na hiperconectividade com outros objetos e redes de pessoas, possui um potencial para movimentar-se por espaços públicos e privados nas redes, favorecendo, assim, uma sociabilidade *always on* (Pellanda, 2006) em contextos locais. Esta cultura de desterritorialização, em que dispositivos móveis em rede movimentam-se, interagem e compartilham em distintos espaços urbanos, forma novas práticas de mobilização social, tornando, portanto, os espaços entre público e privado desses indivíduos cada vez mais imbricados. Estes dispositivos estão “conectados” às roupas, como acessórios, a outros dispositivos e a outras pessoas, etc., interagindo e agindo por conta das conexões formadas. Estas apropriações de dispositivos e tecnologias móveis tornam-se grandes aliadas para a saúde e suas vertentes, como podem ser observadas na ascensão da Internet das Coisas com “tecnologias para vestir”, cada vez mais acopladas ao corpo.

2.3 INTERNET DAS COISAS

A cultura da mobilidade em que pessoas, objetos, tecnologias e informação hibridizam-se possui uma dimensão física, relativa ao transporte de dados, informações, objetos e *commodities*. Esses sistemas infocomunicacionais podem ser observados nas redes móveis dos dispositivos de saúde (bem-estar social, físico e mental), dos aparatos tecnológicos com acesso a redes sem fio, transmissão de dados (USB); bem como nos sistemas de geolocalização. São objetos e dispositivos conectados a indivíduos e, a fim de compreendê-los, é necessário observar as suas associações e trajetórias (Lemos, 2012). Na observação de um dispositivo móvel, como por exemplo, de um *smartphone*, são estabelecidas diferentes associações e inúmeras trajetórias, considerando que esses dispositivos e aparatos tecnológicos são compostos de muitos outros objetos que remetem a funções e experiências distintas. Essas conexões ou associações são relevantes para analisar as tecnologias e o contexto atual da Internet das Coisas e suas dinâmicas nas Redes Sociais na Internet (RSIs).

São práticas culturais de deslocamento e interações entre redes que possibilitam novas dinâmicas entre objetos, dispositivos móveis, redes de conexão e indivíduos. Assim, novas formas de apropriação dos espaços urbanos são colocadas em vias através de marcações de espaços físicos, lugares e objetos. Sendo assim, as formas de significação e a apropriação dão sentido aos espaços e suas

conexões. São “rastros” deixados nas diferentes vias destes fluxos territorializantes em que circulam dados e informações. Desta forma, a Internet das Coisas (*Internet of Things - IoT*) tem conectado indivíduos em outras esferas infocomunicacionais. Assim, não são apenas transformadores dos espaços públicos e privados, mas de novas formas de socialização e de apropriação dos artefatos integrados ao corpo, como roupas, acessórios, telefones, sensores, etiquetas NFC (*Near Field Communication*), entre outros.

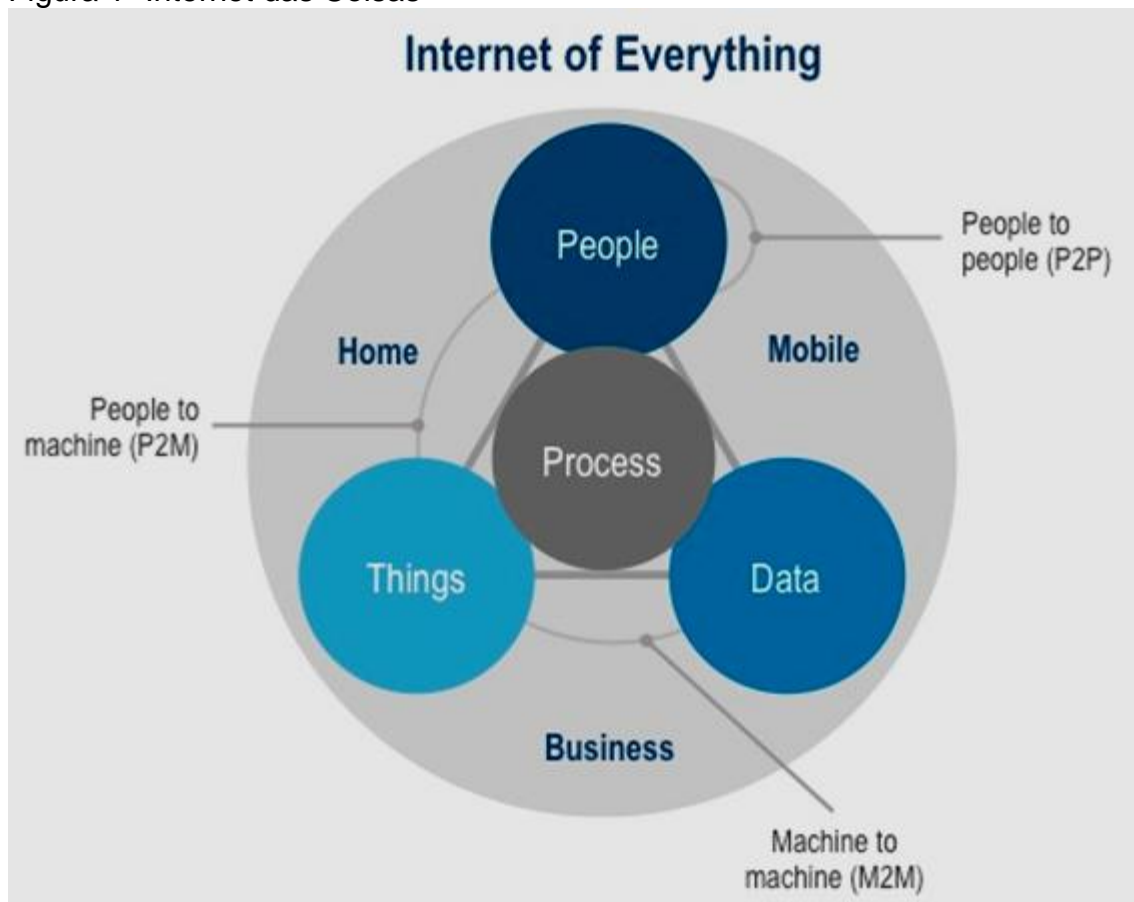
Deste modo, o conjunto de dispositivos móveis, as tecnologias e os processos infocomunicacionais vinculados a um determinado lugar determinam as mídias locativas. Estes dispositivos informacionais móveis têm características definidoras da mobilidade de emissão e recepção de informações a partir de um determinado local, implicando, assim, “uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até então inédita” (Lemos, 2007). Processadas por artefatos, estas informações “são utilizadas para agregar conteúdo digital a uma localidade, servindo para funções de monitoramento, vigilância, mapeamento, geoprocessamento (GSI), localização, anotações ou jogos” (Lemos, 2007, p. 1-2). Estes objetos participam da cultura do nomadismo (Maffesoli, 1997) da nossa sociedade atual, em que transitar pelas cidades, espaços físicos e virtuais é estabelecer conexões com redes de pessoas e tecnologias híbridas. Os “nômades virtuais” buscam, então, os territórios informacionais para sua locomoção (Lemos, 2009).

Os novos nômades virtuais criam territorializações em meio a movimentos no espaço urbano. Os nômades possuem um território, eles seguem trajetos costumeiros, passando de ponto a ponto [...] e esses pontos só existem para serem abandonados. O que vale é o que está entre os pontos (LEMOS, 2009, p. 30 – 31).

A Internet das Coisas (IoT) traz as possibilidades de ações infocomunicacionais que um objeto adquire (Lemos, 2012). Desta forma, os objetos comunicam, trocam e se associam a alguma coisa para a IoT. Com o intuito de tornar as coisas mais simples e com o acesso amplo da Internet às associações que são realizadas através de objetos, indivíduos e dispositivos móveis hiperconectam em redes de conexão. A IoT, portanto, é composta, na sua estrutura, por pessoas, processos, coisas e dados. Estes fluxos e vias são trocados entre pessoas e

peças (redes P2P), pessoas e máquinas (P2M) e máquinas e máquinas (M2M). A figura 1 apresenta este processo em diferentes vias, sejam elas nos negócios (espaço público), em casa (espaço privado) e no móvel (em espaços públicos e privados).

Figura 1- Internet das Coisas



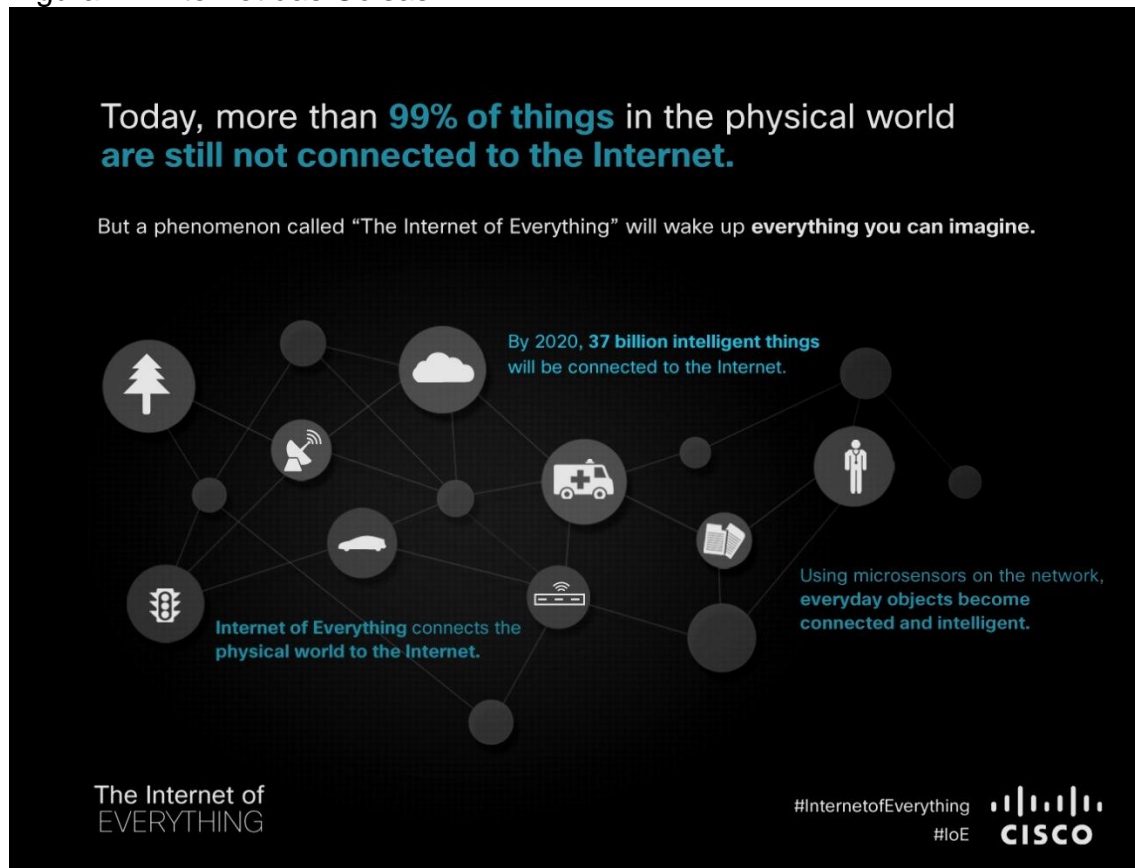
Fonte: Cisco.com

O fenômeno da Internet das Coisas está evoluindo em diferentes áreas na sociedade (medicina, cuidados preventivos, práticas para o bem-estar físico, tecnologias em roupas e acessórios com sensores, etc.) a que objetos têm acesso e conexões às diferentes redes na Internet. No entanto, este contexto exposto da ubiquidade infocomunicacional ainda não está totalmente conectado à Internet. De todo modo, é ampliado para uma Internet de Tudo (*Internet of everything* – IoE) na perspectiva otimista de Dave Evans (2012). Esta Internet de Tudo é aquela em que as coisas vão ganhar consciência, contexto, poder de processamento e capacidade maior de detecção. A IoE seria uma imensa “rede de redes”, em que as conexões

designariam oportunidades econômicas sem precedentes para diversos setores da sociedade, indivíduos e países, além de possibilitar experiências “mais ricas”, criando uma rede relevante, reunindo indivíduos, processos, dados e coisas, realizando conexões. A diferença entre a Internet das coisas, partindo da definição anteriormente exposta, refere-se ao fato, segundo Evans (2012), da aplicação do conceito de “efeitos de rede”. Quando mais coisas, pessoas e dados tornam-se conectados, assim o poder da Internet cresce exponencialmente.

A Internet, com sua inerência de rede de redes, amplia-se dessa forma. Assim, o poder das redes aumenta e o crescimento da IoE é essencialmente mais amplo. A plataforma CISCO¹³ afirma que, nesta perspectiva, “o fenômeno chamado ‘Internet de Tudo’ (figura 2) irá acordar tudo o que você pode imaginar”. Numa perspectiva para 2020, “37 bilhões de coisas inteligentes estarão conectadas a Internet”. Assim, a IoE “conecta o mundo físico com a Internet”. Utilizando “microssensores na rede, objetos do cotidiano tornam-se conectados e inteligentes”.

Figura 2 - Internet das Coisas



¹³ Acesso em 19 de janeiro de 2013. <<http://blogs.cisco.com/news/how-the-internet-of-everything-will-change-the-world-for-the-better-infographic/>>.

Fonte: Cisco.com

Nesta perspectiva, as possibilidades de ascensão dos dois fenômenos apresentados acima estão em consonância com as redes formadas pelo atual panorama ubíquo da sociedade, uma vez que o acesso, as empresas de tecnologia e as pesquisas científicas expandem-se. O crescimento do acesso gratuito em muitos espaços das cidades, a ampliação das redes de Internet (sem fio e 3G) e o barateamento dos dispositivos móveis (*smartphones* e *tablets*), possibilitam uma inserção ampla de novos artefatos tecnológicos na ubiquidade comunicacional. São objetos, acessórios e vestimentas que têm como inerências dar maior conectividade, mobilidade e onipresença aos indivíduos ubíquos. A hibridização dos objetos nos ambientes hiperconectados proporciona novas formas de agregação com objetos, redes e indivíduos e apropriações cognitivo-sensoriais. As vestimentas também informam. Com a miniaturização dos dispositivos móveis, ganham espaço os artefatos tecnológicos, possibilitando maior mobilidade dos indivíduos, sem deixar que as atividades cotidianas sejam compartilhadas e sem impedir que espaços públicos e privados não sejam vividos. Imprimir sentido aos lugares já vem sendo atualizado pela ubiquidade, no entanto, trata-se de uma nova esfera informacional, em que tecnologias e pequenos artefatos móveis estão, agora, acoplados ao corpo do indivíduo ubíquo. Não mais como extensões, mas como parte, estando, por consequência, conectados a diversas redes de conexão, outros objetos e pessoas.

As memórias de cada indivíduo também começam a ser arquivadas em objetos. Pesquisadores do “*The Hexagram Insitute*”¹⁴ da Universidade Concordia de Montreal mantém o projeto “*Wearable Absence*”, o projeto colaborativo relata a “ausência de vestir” ao criar uma roupa capaz de reproduzir as sensações físicas de um determinado momento. A jaqueta com biosensores, adaptadores, sistemas de conexão sem fios e cabos flexíveis (para gravar reações físicas de um indivíduo) é ainda um protótipo. A “*Wearable Absence*” ainda não tem previsão de venda, mas trata-se de um objeto que exemplifica este fenômeno da ubiquidade informacional e da hibridização entre indivíduo, corpo e tecnologias móveis. Capaz de captar e memorizar a temperatura corporal, umidade da pele, frequência cardíaca e ritmo

¹⁴ Fonte: <<http://www.wearableabsence.com>>.

respiratório, a roupa envia os dados via dispositivo móvel ou qualquer outro banco de dados. Quando o indivíduo quer relembrar as mesmas sensações daquele momento vivido, as informações são retransmitidas à jaqueta para lembrar. Ainda, através dos biosensores, é possível gravar os sons do momento e registrar memórias de pessoas para, posteriormente, obter as memórias físicas da pessoa ausente. Essas ações são possibilitadas por sistemas que estimulam as reações físicas.

Design, interfaces amigáveis, possibilidades de onipresença nas redes e interações nos diferentes espaços transformam estes artefatos em conexões. O “*Project Glass*” *Googleglass* já apresentou seus primeiros protótipos no início de 2013, que devem ser vendidos a partir de 2014 ao preço de US\$1.500; todavia, para o produto final, a Google ainda não tem uma previsão exata de comercialização. Os óculos utilizam sistemas de realidade aumentada e GPS, possibilitam compartilhar imagens nas redes sociais, acessar informações como a previsão do tempo, rotas, localização, além de mensagens diretamente nas lentes dos óculos. A interação ocorre via comandos de voz, permitindo responder a mensagens e saber a localização de um amigo próximo. Ainda, há outros projetos sendo desenvolvidos por artistas e *designers*, como vestidos com acoplamento de *chip* que tem as mesmas funções de um telefone celular. Um *software* embutido ao tecido do colete *Ping*¹⁵ permite a sincronização com a rede social *Facebook*, podendo compartilhar mensagens pré-definidas na rede. A ideia é da americana Jennifer Darmour, objetivando aumentar a conectividade entre pessoas, através da integração de dispositivos e roupas com o indivíduo.

O que se observa como análise deste panorama e que os próximos capítulos irão trazer como reflexão –, são as dinâmicas estabelecidas entre esses artefatos tecnológicos, os dispositivos móveis e os indivíduos, visto que as tecnologias tornam-se obsoletas, mas suas alterações permanecem nas redes. Quanto mais uma tecnologia torna-se transitória e relevante no modo de comunicar, interagir, informar e trocar dados, como no caso da perspectiva da *mhealth*, dos artefatos tecnológicos que compartilham dados de saúde e da ascensão dos dispositivos móveis e aplicativos na área da saúde, são necessárias as análises dinâmicas nos fluxos comunicacionais entre objetos, indivíduos e corpo. É importante considerar

¹⁵ Acesso 19 de janeiro de 2013. <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI236480-17933,00-TECNOLOGIA+PARA+VESTIR.html>>.

que, ainda que as relações aconteçam por meio da tecnologia, elas se estabelecem na vida *offline*, e, portanto, em ambientes físicos.

As empresas de tecnologias móveis e a comunicação científica, através das pesquisas e análises, estão fazendo exatamente isto: mostrando aos indivíduos as tecnologias para um futuro próximo. O ato de “vestir a tecnologia” direcionará o setor de inovação para novos produtos neste contexto ubíquo. Corpo e máquina interagindo com tamanha naturalidade e ainda mais acoplados ao corpo, como uma vestimenta ou, segundo direciona Maffesoli (2012), uma “segunda pele”, que não é apenas um acessório, fazendo parte de todo um contexto corporal, privado – mas, ao mesmo tempo, público –, estético, com uma identidade própria do sujeito e que vai se transformando ao incorporar novas tecnologias¹⁶.

2.4 CIDADÃO IMERSIVO

[...] a informática não tem mais nada a ver com computadores. Tem a ver com a vida das pessoas (Nicolas Negroponte, 1995).

Os avanços tecnológicos e informacionais, a deslocalização e a desterritorialização alteraram a forma da informação e o modo de interação na sociedade contemporânea. Modificaram a percepção tanto das máquinas, quanto dos homens. Atualmente, atores humanos e nãohumanos convivem no mesmo espaço.

A ampliação da sociedade de massa e o crescente interesse da indústria foram fatores determinantes para a modificação do que hoje é sociedade informática. As relações entre indivíduo e sociedade, para Schaff (2001), oscilam (ao menos teoricamente) entre dois polos: o individualismo e o totalitarismo. O primeiro é analisado como categoria: “representaria a existência individual sem restrições e orientada apenas pelo livre arbítrio pessoal e por considerações voltadas exclusivamente para o próprio interesse”. No outro extremo, o totalitarismo, identificado como o processo de subordinação total “(inclusive espiritual) do indivíduo à sociedade”. O homem, ser político e com inerências comunicativas, vive

¹⁶ Este assunto será aprofundado no subcapítulo 5.1 Corpo (híbrido) na cibercultura.

em uma cidade (*polis* – política), espaço da cidadania; por conseguinte, tem pertencimento coletivo sobre o poder. Para tanto, nessa dimensão, cada indivíduo possui direitos, é livre e pode usufruir deles reivindicando-os. Morin (*in* Silva e Martins, 2003) observa a interação entre os indivíduos dentro de uma sociedade, impossibilitando a percepção desses seres apenas pelos elementos que os constituem. São as “emergências sociais” que possibilitam o desenvolvimento, através do processo conjunto entre a sociedade –, possuidora de uma língua e cultura própria –, e o indivíduo que faz parte dela, agregando tais valores.

Somos produtos e produtores no processo da vida. Da mesma maneira, somos produtores da sociedade porque sem indivíduos humanos não existiria a sociedade mas, uma vez que a sociedade existe, com a sua cultura, com os seus interditos, com as suas normas, com as suas leis, com as suas regras, produz-nos como indivíduos e, uma vez mais, somos produtos produtores. Produzimos a sociedade que nos produz (MORIN, 2003, p. 16-17).

A diversidade dos indivíduos é uma das riquezas fundamentais da humanidade e é produzida pelas inerências e possibilidades de cada um. A cidadania – como processo de participação da sociedade civil –; reserva o direito a este ator social de ter sua cultura representada pelos meios de comunicação, assim como, de obter informações sobre as demais culturas e dados fundamentais que garantam sua sobrevivência no espaço social. É nessa busca constante de inserção que o termo cidadania assume o sentido de nacionalidade e, em outro tempo, de organização social: “a cidadania pode começar por definições abstratas, cabíveis em qualquer tempo e lugar, mas para ser válida deve poder ser reclamada” (Santos, 1987, p. 86).

Há, porém, cidadãos que não exercem as suas funções, há os que as buscam e os que nem mesmo sabem das suas funções. Segundo Santos (1987), “em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário”. Um cidadão que, pelas próprias fases históricas da sociedade em que está inserido, tornou-se consumidor de produtos e serviços. A igualdade dá-se no exercício da cidadania. Uma luta que, conforme o autor, “não se esgota na confecção de uma lei ou da Constituição”, sendo que a lei é apenas debate da Filosofia, em momento finito. O “consumidor-cidadão”, para Santos (1987), “alimenta-se de parcialidades”.

Desta forma, fica evidente que as respostas que serão repassadas a ele devem ser setoriais, restringindo-se a um alcance meramente limitado, não levando em conta o direito ao debate, já que este consumidor não se relaciona com os objetivos finais das ações públicas ou privadas.

O homem-cidadão, isto é, o indivíduo como titular de deveres e direitos, não tem o mesmo peso nem o mesmo usufruto em função do lugar em que se encontra no espaço total. Para começar, o acesso às fontes de informação não é o mesmo. Ora, na fase atual da economia ser desinformado equivale a estar desarmado diante das mutações tão rápidas que atingem a vida cotidiana de cada um (SANTOS, 1987, p. 86).

Processos de vigilância e visibilidade também são demandados desse indivíduo para ampliar a sua efetivação na sociedade. “Assim como o indivíduo deve estar sempre vigiando a si mesmo para não se enredar pela alienação circundante, assim o cidadão, a partir das conquistas obtidas, tem de permanecer alerta para garantir e ampliar sua cidadania” (SANTOS, 1987, p. 80). O “cidadão é multidimensional” e essa dimensão permanece articulável com as demais na busca por um sentido da vida, procurando dessa maneira, o futuro, partindo sempre de uma concepção de mundo já estabelecida ou em processo de concepção. Santos discorre sobre a educação desse cidadão, calcada em parcialidades, quando afirma:

A educação corrente e formal, simplificadora das realidades do mundo, subordinada à lógica dos negócios, subserviente às noções de sucesso, ensina um humanismo sem coragem, mais destinado a ser um corpo de doutrina independente do mundo real que nos cerca, condenado a ser um humanismo silente, ultrapassado, incapaz de atingir uma visão sintética das coisas que existem, quando o humanismo verdadeiro tem de ser constantemente renovado, para não ser conformista e poder dar resposta às aspirações efetivas da sociedade, necessárias ao trabalho permanente de recomposição do homem livre, para que ele se ponha à altura do seu tempo histórico (SANTOS, 1987, p. 42).

O espaço público, muitas vezes, não possibilita o debate, devido as suas limitações inerentes. Na atual sociedade, o cidadão encontra, nas Redes Sociais na Internet (RSIs), um espaço de comunicação, informação e interação com seus pares, criando novos laços e fortalecendo outros já existentes. Um ambiente em que

laços fracos e fortes convivem juntos. O cidadão é um sujeito que tem suas garantias, a princípio afixadas pelos poderes públicos. Inserido na sociedade civil, com relações sociais e culturais diferentes e, muitas vezes, iguais, tem o direito à informação tanto para o seu bem-estar, qualidade de vida, como para ampliação do conhecimento. Esse espaço sem fronteiras nem barreiras, cuja distância é abolida, surge como uma oportunidade de efetivação da cidadania, mesmo que, teoricamente, esta se idealize apenas no imaginário coletivo. Mas é nesta nova “Ágora Digital” que esse cidadão encontra um espaço de fala. Neste sentido, Miaille destaca:

[...] é assim que com esse espaço de debate quase universal nasce um cidadão cujo pertencimento não se restringe a um dado território, mas obtém, imediatamente, a dimensão mundial. O cidadão virtual responde assim à divisão imposta pelas condições concretas de comunicação do século XVIII ao XX (MIAILLE, 2004, p. 18).

Logo, os indivíduos são autônomos, mas dependem do meio exterior para exercer esta autonomia, desde a forma biológica até a social. São, assim, “seres trinitários” (Morin, 2003), pertencentes à espécie biológica *Homo Sapiens* e também seres sociais. O autor salienta a importância da percepção das três naturezas, já que, inúmeras vezes, o modo de pensamento habitual acaba por dividir ou até mesmo excluir estas unidades.

Todos os seres humanos têm as mesmas atitudes cerebrais fundamentais. É também certo que os seres humanos têm uma identidade profunda pelo fato de poder desenvolver a sua nacionalidade e por serem afetivos, capazes, todos eles, de sorrir, de rir e de chorar. A observação de um etólogo alemão sobre uma jovem surda, muda e cega de nascença demonstrou que, por ela rir, chorar, e sorrir, não tinha aprendido, através do seu meio cultural, estas manifestações afetivas (MORIN, 2003, p. 18).

A diversidade dos indivíduos é apontada por Lévy (2003), que, generalizando, discorre sobre o ambiente contemporâneo. Se este, dentro de um regime político, cultural, ou organizacional, tiver “afinidades com a intensificação das interconexões, melhor ele sobreviverá e resplandecerá no ambiente”. O autor ressalta que não é

necessário que todos os indivíduos façam essa dissolução de fronteiras para sobreviver, mas ele indica que:

[...] a melhor forma de manter e desenvolver uma coletividade não é mais construir, manter ou ampliar fronteiras, mas alimentar a abundância e melhorar a qualidade das relações em seu próprio seio, bem como com outras coletividades. O poder e a identidade de um grupo dependem mais da qualidade e da intensidade da sua conexão consigo mesmo do que da sua resistência em comunicar-se com o seu meio (LÉVY, 2003, p. 190).

O “cidadão virtual” (Miaille, 2004) é considerado caso suas atribuições sejam reunidas. No futuro, será considerado, então, um cidadão de fato.

A incerteza prevalece nesta acepção. Ao contrário, no segundo sentido, a pessoa é “praticamente” considerada como cidadão, mesmo se certas condições não estão ainda reunidas para que ela o seja, com efeito, totalmente. Nesse sentido, pode-se dizer que uma criança na escola ou um jovem é um “cidadão virtual”, isto é, ele possui direitos e pode reivindicar o lugar de um “quase cidadão”. (...) O “cidadão virtual” já está, portanto, presente por meio do voto eletrônico (MIAILLE, 2004, p. 15-17).

É no espaço público, local de debate e discussão, que este cidadão virtual se define.

Verificam-se transformações inegáveis mesmo se, evidentemente, não são resolvidas todas as questões. Em seguida, a decisão como ponto de chegada e objeto do debate poderá ser analisada sob a luz da virtualidade: aqui, a paisagem é bastante diferente e percebem-se mais dificuldades do que no primeiro caso. Enfim, é o que dá consistência à prática do cidadão, deliberação e decisão, que deverá ser interrogado, a saber, o lugar desse indivíduo dentro de um conjunto institucional e procedimental no seio do qual o cidadão obtém sentido e consistência. Nessa última perspectiva, os resultados são, certamente mais problemáticos (MIAILLE, 2004, p. 17).

A Internet possibilita não somente os atributos relacionados às mídias tradicionais, mas uma convergência que vai além: busca integrar, sem distinção, todos os indivíduos, num acesso livre às informações multimidiáticas. O “direito

secundário” (Gentilli, 2005) à informação que faz referência às “modernas sociedades de massa”, visualizadas com mais alusão à posse destes direitos. Próprio desta sociedade, a produção de informações se amplia, os cidadãos buscam seus direitos, ficando bem mais claro o direito à informação. O processo de difusão é dos meios, não se restringindo apenas aos processos políticos e sociais. Este direito “secundário”, portanto, é referenciado como sendo “um direito necessário para a realização de outros direitos, um direito ‘meio’, não um direito ‘fim’” (Gentilli, 2005).

O direito à informação não se dá somente na esfera dos meios de comunicação e mídias digitais, mas se expande a todas as informações inerentes à busca da cidadania ativa, como na saúde (para o bem-estar pessoal e social, qualidade de vida, programas preventivos) e nos poderes públicos (relativos à vida na sociedade civil). Enfim, refere-se ao direito à vida na sociedade atual.

O direito de cada um ter acesso às melhores condições possíveis para poder formar as próprias referências particulares, fazer suas escolhas e seus julgamentos de modo autônomo. Nestas condições é uma circunstância que gera um direito à autonomia; é, portanto, um fator de mão dupla no processo de democratizar a democracia: por um lado, fortalece o processo de emancipação humana na medida em que auxilia o cidadão no exercício de suas prerrogativas, por outro lado, consolida o conjunto dos demais direitos posto que sua difusão ao se tornar mais ampla, torna-se por consequência mais acessível (GENTILLI, 2005, p. 130-131).

O direito social à informação “deve ser concebido como uma extensão do direito à educação e à do direito à saúde, necessárias e úteis para a manutenção da vida humana em sua dignidade mínima” (Gentilli, 2005, p. 130). Tal informação deve servir para o uso coletivo, relacionando-se com a educação para um melhor convívio em sociedade. O autor observa que essas informações devem ser necessárias para o dia a dia dos cidadãos, para que possam desenvolver as atividades referentes da melhor maneira possível. As questões de saúde pública, informações sobre campanhas de vacinação, doenças e curas, programas sociais, e outras informações associadas à saúde, devem ser idealizadas nesta dimensão.

O jornalismo é uma das formas de expressão deste direito social. Obviamente não a única. Nos momentos em que se manifesta a carência do cidadão no acesso as estas informações, cabe ao Estado oferecer tais

informações, de forma tutelar ou regulamentar, da mesma forma como fornece (ou deveria fornecer) saúde, educação ou outros serviços sociais. (GENTILLI, 2005, p. 132).

O cidadão é um sujeito que tem suas garantias, em tese, afiançadas pelos poderes públicos. Inserido na sociedade civil, com relações sociais e culturais diferentes e, muitas vezes iguais, tem o direito à informação tanto para o seu bem-estar, qualidade de vida, como para a busca pelo conhecimento intelectual. Os meios de comunicação são livres também para produzir essas informações, por isso, quanto mais informação os cidadãos receberem, mais o processo evolutivo da vida em sociedade se ampliará. Portanto, com o livre acesso às informações, o cidadão passou a buscar na Internet subsídios relativos à sua saúde, a mudanças de hábitos, a instruções, esclarecimentos, enfim, todo tipo de atualização para o resgate tanto da sua cidadania, quanto do conhecimento na área da saúde. Podendo, de fato, utilizar estas redes para “falar”, muitas vezes, entretanto, o indivíduo nem sempre tem o que “dizer”. As ressonâncias tanto desse silêncio quanto das “vozes” nas Redes Sociais na Internet possuem implicações nas diversas esferas da sociedade.

3 MEMÓRIA MÓVEL: ARQUIVOS NÃOBIOLÓGICOS

Todos nós estamos obcecados pela necessidade de alimentar a informação, tão rapidamente quanto possível, mas não descobrimos mecanismos que nos deem muita coisa em troca. Confesso que sei tanto sobre o que se passa na mente humana quanto sobre o que se passa na mente de uma formiga. Aliás, este talvez seja um bom lugar para se começar (Lewis Thomas, 1973).

A memória do indivíduo está hoje “arquivada” em diferentes ambientes, o fluxo informacional é intenso e as narrativas são multimidiáticas. Na sociedade contemporânea, tempo e espaço são reconfigurados com as tecnologias móveis entre a vida cotidiana dos indivíduos e o seu corpo biológico. Estes espaços híbridos, agregadores de conhecimentos, permitem uma maior circulação e compartilhamento de informações referentes à saúde. Comunidades se estabelecem e tornam-se cada vez mais transitórias. São novas formas de comunicação, compreensão, trocas instantâneas e diferentes modos de circulação nas cidades e em seus ambientes. O registro de dados e informações em diferentes espaços virtuais amplia a forma como o corpo comunica tais informações em diferentes vias. Assim, os fluxos de dados e informações sobre bem-estar físico também se expande.

Cérebros, cidades e *softwares* estão interligados a instâncias de auto-organização, constituindo-se como interações locais que levam à ordem global. Pela primeira vez, as condutas destas práticas físicas e de saúde, os fluxos infocomunicacionais e a geração de dados são expostos no espaço público compartilhado da Internet. As redes de conexões sociais criam e estabelecem interações em diferentes esferas; surgem, então, novas formas de lembranças e esquecimento. O indivíduo, imerso neste emaranhado, está em constante visibilidade e vigilância, um estado de transitoriedade constante desses dados. Ou

seja, tempo e espaço demonstram cada vez mais a fragilidade da memória orgânica, da qual as tecnologias têm se apropriado com o objetivo de potencializar produtos e serviços para a melhoria da memória. A atual sociedade configura-se como o espaço da instantaneidade, em que os fluxos são rápidos e o que está visível são as formas das vidas virtuais, e ao mesmo tempo, reais. Assim sendo, difere também o modo de aquisição de como essas memórias são trabalhadas e “arquivadas” nos diversos dispositivos tecnológicos. Este panorama, em constante fluxo, portanto, modifica e altera os processos de cognição, lembrança, esquecimento e arquivamento das vivências cotidianas.

Essas vivências estão expostas nas redes sociais na Internet, nos aplicativos de compartilhamento de imagens, vídeos, músicas, etc. São formas de expor, fazer-se presente, visível e, claro, observar os outros. O corpo orgânico participa do relato cotidiano da ubiquidade, dos processos de informação e dados via dispositivos, e entre redes de conexões. Portanto, a memória e o esquecimento são, no contexto apresentado, base para a análise das dinâmicas. A velocidade e a indústria do esquecimento (Virilio, 2006) são parâmetros para uma vivência na sociedade ubíqua, já que as possibilidades das conexões em redes sociais na Internet são virtualmente presentes na memória. “A memória virtual atualiza a memória viva na interação” (Virilio, p.93, 2006). Conforme o autor, a memória “vivida”, que acontece no momento, “é o elemento mais novo que nos oferecem as tecnologias de comunicação” (Virilio, p. 93, 2006). Assim, o “instante presente” dilata-se, expande-se e torna-se visível em diferentes vias. Logo, o tempo real é a “novidade da memória”, onde, diante de diferentes perspectivas, a memória virtual atualiza-se. Assim, “a memória virtual, é a memória do tempo real do presente e da telepresença” (Virilio, p. 96, 2006). No entanto, como propõe o autor, na atual sociedade, predomina o esquecimento. Ou seja, a Internet auxilia nos processos entre indivíduo e memória, assim como os artefatos e tecnologias móveis (aplicativos, geolocalização, etc.) são potencializadores de uma memória histórica. Para tanto, a respeito dos artefatos culturais como superação das limitações físicas dos indivíduos (McLuhan, 2004), diferentes objetos e métodos são como ferramentas, um “prolongamento” da memória. Ou seja, a escrita como instrumento que auxilia nos processos de lembrança; neste caso, significativa esta observação. Considerando que, atualmente, inúmeros prolongamentos da memória biológica estão em atuação no cotidiano dos indivíduos, são diferentes dispositivos e aparatos

tecnológicos que armazenam dados e informações. Assim, o esquecimento é parte essencial deste processo da memória biológica. A saturação, como expõe Izquierdo (2004), acontece pelo fluxo intenso de exposição. Portanto, os processos de esquecimento são necessários, visto que “para pensar é necessário poder esquecer” (p. 53, 2004).

Ao descrever o personagem com percepção e memória infalíveis no conto “Funes, o Memorioso”, Jorge Luis Borges (1999) narra a memória perfeita. Funes, era capaz de lembrar de detalhes do seu dia, mas não eram lembranças simples. “Cada imagem visual estava ligada a sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entresonhos” (Borges, 1999, p. 139). Reconstruía um dia com suas lembranças e, para cada nova reconstrução, levava mais um dia. Assim, “Funes discernia continuamente os avanços tranquilos da corrupção, das cáries, da fadiga. Notava os progressos da morte, da umidade” (Borges, 1999, p. 490). O autor descreve ainda que Funes “era o solidário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso” (Borges, 1999, p. 490). No entanto, Borges (1999, p. 490) relata que talvez Funes não fosse capaz de pensar. Já que, “pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes, não havia senão detalhes quase imediatos” (1999, p. 490). Esta descrição do personagem de Borges mostra justamente o mundo de conexões e vias, fluxos e interações instantâneas em que os indivíduos estão inseridos atualmente. A sociedade dos dispositivos e aparatos tecnológicos híbridos está inundada por um excesso de dados e fluxos infocomunicacionais sem precedentes, tudo à disposição destes indivíduos.

De tal forma, a interação entre homem e máquinas torna a memória transitória em um espaço-tempo distinto. Assim, ampliam-se também as perspectivas na apreensão entre tecnologias, corpo, indivíduo e processos distintos de interações sociais. Conforme Teixeira (2008), a “tecnologia do mental” aproximou diferentes áreas para a ampliação de novas perspectivas.

A mente deixou de ser algo exclusivo dos seres humanos. Desde 1940 passamos a atribuir mentes e inteligência a máquinas e outros dispositivos artificiais. Desenvolveu-se uma *tecnologia do mental*, da qual resultou uma aproximação crescente entre a psicologia, ciência da computação e a engenharia. Desse projeto interdisciplinar surgiu a inteligência artificial e, posteriormente, a ciência cognitiva (TEIXEIRA, 2008, p. 11).

Com a ascensão da inteligência artificial na década de 1970, muitas atividades consideradas típicas dos indivíduos puderam ser programadas por computadores, como jogar, calcular, desenhar, etc. Assim, novas perspectivas de percepção da mente, cérebro e memória começaram a ter consequências no modo pelo qual são concebidas essas relações.

Paralelamente à revolução computacional e seus desdobramentos mais recentes, ingressamos, a partir dos anos de 1990, na 'década do cérebro'. Nela se esperava que o desenvolvimento da neurociência, aliado aos progressos de outras disciplinas como a genética e a biologia molecular, pudesse finalmente desvendar a natureza da consciência humana – que alguns já declararam ser o último mistério ainda não resolvido pela ciência. A década do cérebro já terminou, grandes avanços foram alcançados, mas a natureza da consciência ainda continua sendo um mistério. Desta década ficaram, entretanto, marcas profundas: nela, mais do que em qualquer época, tentou-se tornar a ciência da mente uma ciência do cérebro (TEIXEIRA, 2008, p. 11).

Com os diversos dispositivos e aparatos tecnológicos móveis, a memória nutre-se permanentemente, deslocando-se do seu estado físico para a mobilidade das tecnologias da informação e dispositivos. Hoje, uma nova forma de estocagem das memórias, agora coletiva, é percebida; estes blocos quase imperceptíveis perpassam por fluxos intensos e desterritorializantes das informações. São fluxos que tornam as memórias “vivas”, agora. Ou seja, a memória está “viva” quando é apropriada pelos indivíduos e quando passa pelas intervenções da multiplicidade nas redes. “A memória não existe senão por inovação (ou apelo por um outro), alteração permanente e constante” (Casalegno, 2006). O espaço, o tempo, a duração e a memória constituem-se, no momento, nas tecnologias e dispositivos móveis. Modificando forma e conteúdo, os indivíduos entrelaçam-se e movem-se pelas redes, deixando seus rastros. A mudança acontece constantemente, sem cessar, e esse próprio estado constituído já faz parte dela.

No entanto, a natureza da duração que integra o estado da memória é uma experiência psicológica (Bergson, 2006). A duração é “não-linear, indivisível e coalescente”. A mudança torna-se “bem mais radical do que se poderia pensar num

primeiro momento” (Bergson, 2006, p. 1). Os afetos, representações e a volição estão em constantes processos de mudança para Bergson (2006). O que é determinante como representação dessa memória são os aspectos da percepção, lembrança, matéria (conjunto de imagens) e, por fim, a imagem. A imagem é o meio do caminho entre a “coisa” (concreta) e a representação (abstrato). Essa representação está muito além da própria imagem. A memória, portanto, constitui-se dessa união entre tempo e duração (“*durée*”), em que substância é alteração e são unificados numa “totalidade movente”.

Sob a duração homogênea, símbolo extensivo da duração verdadeira, uma psicologia atenta discerne uma duração cujos momentos heterogêneos se penetram; sob a multiplicidade numérica dos estados conscientes, uma multiplicidade qualitativa; sob um eu com estados bem definidos, um eu onde sucessão implica fusão e organização. [...] A consciência, atormentada por um insaciável desejo de distinguir, substitui a realidade pelo símbolo, ou só percebe a realidade através do símbolo. Como o eu assim refratado e por isso mesmo subdividido presta-se infinitamente melhor às exigências da vida social em geral e da linguagem em particular, ela o prefere e perde pouco a pouco de vista o eu fundamental (BERGSON, 2008, p. 5 - 6).

Imaginar, portanto, não é lembrar. A lembrança se estabelece através da ação e da imagem. O universo é duração; assim, os sistemas delimitados pela ciência têm sua duração pela ligação ao resto do universo. “[...] quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreendemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo” (Bergson, 2006, p. 8). Para tanto, esses sistemas trabalham em conjunto e são interdependentes.

[...] dois movimentos opostos, um de “queda”, outro de “elevação”. O primeiro nada mais faz que desenrolar um rolo já pronto. Poderia, em princípio, realizar-se de maneira quase instantânea, como ocorre com um mola que se distende. Mas o segundo, que corresponde a um trabalho interior de maturação ou de criação, dura essencialmente e impõe seu ritmo ao primeiro, que é inseparável dele (BERGSON, 2006, p.8).

A combinação das vivências atuais com as experiências passadas constituem-se em memória. Desta forma, “não há percepção que não esteja

impregnada de lembranças” (Bergson, 2006, p. 86). Duas hipóteses são propostas para a compreensão desse estado.

[...] essa percepção está na própria base de nosso conhecimento das coisas e que é por tê-la ignorado, por não ter distinguido entre o que a memória acrescenta a ela ou dela retira, que se fez da percepção inteira uma espécie de visão por sua maior intensidade. [...] por mais curta que se suponha ser uma percepção, ela sempre ocupa uma certa duração e exige, por conseguinte, um esforço da memória, que prolonga uns nos outros uma pluralidade de momentos. Em suma, a memória nessas duas formas, quando recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata e também quando contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual para a percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas (BERGSON, 2006, p. 86 – 87).

Na concepção de Ricoeur (2007), a memória estabelece como um processo da lembrança, uma “fidelidade ao passado”. Para tanto, “a memória está no singular, como capacidade e como efetuação. As lembranças estão no plural: temos *umas* lembranças” (Ricoeur, 2007, p. 41). As lembranças, então, são tratadas de forma a constituir o limiar do “fundo memorial”, onde, em estados vagos, buscamos lembrar. O hábito e a memória estão interligados, constituindo os dois polos de um processo de fenômenos mnemônicos.

O que faz a unidade desse espectro é a comunidade da relação com o tempo. Nos dois casos extremos, pressupõe-se uma experiência anteriormente adquirida; mas num caso, o do hábito, essa aquisição está incorporada à vivência presente, não marcada, não declarada como passado; no outro caso, faz-se referência à anterioridade, como tal, da aquisição antiga. Nos dois casos, por conseguinte, continua sendo verdade que a memória ‘é do passado’, mas conforme dois modos, um não marcado, outro sim, da referência ao lugar no tempo da experiência inicial (RICOEUR, 2007, p. 43).

Essa dualidade hábito/memória explica a “conquista da distância temporal”, relatada por Ricoeur (2007): “conquista situada sob o critério que podemos qualificar de gradiente de distanciamento” (2007, p. 43). Para tanto, consiste em uma classificação das experiências relativas à profundidade temporal, referindo-se ao passado – presente, bem como aquelas em que o passado é referenciado em sua

“preteridade passada”. O passado é uma pequena parte que se torna representação (Bergson, 1990). Com a globalização, as mudanças nas identidades culturais acarretadas pelo espaço-tempo desses novos *selves* possibilitaram um “esvaziamento do tempo” – este é, em uma pré-condição, para o “esvaziamento do espaço”, tendo prioridade sobre ele. Logo, a lembrança é da ordem do tempo; o tempo (passado, presente e futuro) é virtual; o passado é apenas uma “sensação”; o presente é o que está ocorrendo. Dessa forma, não há diferenças entre o passado e o presente, mas sim um “prolongamento” daquilo que chamamos de presente. A comunicação ubíqua extrai as possibilidades do espaço e do tempo. Dessa forma, relações “ausentes” que são localmente distantes se dão em qualquer ambiente. O lugar, nessa esfera atual, está presente de forma invisível, ocultando as relações distantes. O corpo interligado aos diferentes aparatos tecnológicos passa a ser parte desse deslocamento ubíquo da comunicação.

Ao mesmo tempo em que nossa percepção atual e, por assim dizer, instantânea efetua essa divisão da matéria em objetos independentes, nossa memória solidifica em qualidades sensíveis o escoamento contínuo das coisas. Prolonga o passado no presente, porque nossa ação disporá do porvir na exata proporção em que nossa percepção, avolumada pela memória, tiver contraído o passado. Responder a uma ação sofrida com uma reação imediata que se ajusta ao seu ritmo e se prolonga na mesma duração, estar no presente, e num presente que recomeça sem cessar, eis a lei fundamental da matéria: nisso consiste a *necessidade*. Caso haja ações *livres* ou pelo menos parcialmente indeterminadas, elas só podem pertencer a seres capazes de fixar, de tempos em tempos, o devir sobre o qual seu próprio devir se aplica, de solidificá-lo em momentos distintos, de condensar assim sua matéria e, assimilando-a, digeri-la em movimentos de reação que passarão através das malhas da necessidade natural (BERGSON, 2006, p. 178 – 179).

Será, portanto, através da independência das ações sobre a matéria no ambiente que se firmam as medidas de liberdade de espaço e de movimentação. O compartilhamento de memórias e informações permite que indivíduos possam “conquistar o tempo presente, compreendê-lo e aceitá-lo” (Casalegno, 2006). As diferentes vertentes de pertencimento numa determinada comunidade fazem com que esses processos estejam “vivos” nas redes, possibilitando maior dimensão e fluxos informacionais.

[...] a memória dá aos seres humanos a possibilidade de viver uma existência poética, não apenas uma existência funcional e utilitária. Se as pessoas compartilham as memórias, elas realmente possuem um tipo de existência poética (CASALEGNO, 2006, p. 209).

Portanto, não há memória sem o processo de esquecimento. Para a memória fixar-se e permanecer a fixidez da escrita, principalmente do livro, isso é de suma importância. O esquecimento não se dá no seu sentido profundo da apreensão do conteúdo. Já em outros meios, o esquecimento é veloz. É preciso ficar em “relação íntima”, já que o que “serve de tela para a memória, hoje, são os sistemas, são as comunicações massivas” (Virilio, 2006, p. 99). Essa dinâmica social estabelecida e referenciada ao “capital social” (Rheingold, 2006) determina um processo de confiança mútua entre os membros de uma comunidade, pois, no ambiente *online*, configuram-se as relações interpessoais que são transformadas e recriadas sob forma de espaço e tempo diferentes. Caracterizando-se, assim, como um elemento crucial nessa dinâmica o sentimento de confiança entre os membros da comunidade, considerando os fluxos comunicacionais e informacionais da rede estabelecida. Diversas conexões são constituídas através das redes, aumentando as capacidades e habilidades cognitivas. As conexões entre a diversidade de linguagens e suportes de modo interativo no ciberespaço, com mídias locativas e as Redes Sociais na Internet (RSIs) possibilitam a manutenção dos laços nas diferentes esferas das sociedades, alterando, assim, o espaço destas memórias físicas. A “falta de transitoriedade” nas comunidades online é gerada com a possibilidade de compartilhamento de histórias e memórias.

Com a continuidade disso, vem a possibilidade para construção social de normas, rituais, significados. As pessoas desenvolvem confiança enquanto partilham experiências e cultura *on-line*. [...] eu penso que as maiores possibilidades para o crescimento da comunidade estão nesses locais onde há uma intersecção entre experiências no virtual e no resto da vida (TURKLE *in* CASALEGNO, 2006, p. 292).

As noções de tempo, espaço e memória modificaram as esferas das sociedades. Atualmente, os espaços geográficos já não se configuram como os

únicos. A imensidão de espaços de armazenamento está onipresente nas relações, no modo de transmitir e receber informações e, conseqüentemente, nos modos de produção. A memória transitou de lugares físicos para os armazenamentos nas diferentes redes de conexão, implicando novas formas de (re)configuração, sociabilidade e, na comunicação para saúde, novas possibilidades antes inimagináveis.

4 SAÚDE MÓVEL: PERSPECTIVAS NA UBIQUIDADE COMUNICACIONAL

Considerando a saúde como um direito social e à cidadania, este pressuposto adquire maior amplitude com as atuais mudanças na sociedade em rede, onde o acesso às informações sobre saúde amplia-se. Na perspectiva das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), os sistemas de saúde – em diferentes níveis – têm trazido benefícios para os indivíduos e profissionais da área. Criam-se, assim, relações complexas de cooperação, engajamento e participação coletiva na Internet. São, portanto, fluxos informacionais da saúde, em que o indivíduo compartilha, numa rede ampla, atividades cotidianas relacionadas ao seu bem-estar físico. Utilizando sistemas da comunicação ubíqua, os dispositivos híbridos estão presentes nos processos cotidianos e, portanto, sociais de cada indivíduo. Desse modo, trata-se de um novo paradigma na comunicação para saúde. Uma nova forma de comunicar, sociabilizar e interagir nestas redes é instaurada na perspectiva da comunicação para saúde.

O desenvolvimento acelerado das tecnologias tem ampliado as possibilidades de conteúdos disponíveis na Internet e nas Redes Sociais, bem como a disseminação de aparatos tecnológicos e dispositivos móveis que possibilitam um maior fluxo de informações de saúde. São portais de saúde, comunidades de discussão (entre profissionais e indivíduos), aplicativos, dispositivos móveis e tantos outros artefatos tecnológicos que auxiliam na disseminação do conhecimento de práticas da saúde. No entanto, em muitos casos, na comunicação para saúde, privilegia-se a doença ao invés da saúde, assim abordando, com menos frequência, a educação para saúde ou a prevenção. Também os aspectos de bem-estar físico são relativizados, sob o foco de uma “espetacularização” da saúde e do corpo, como dietas, emagrecimento, boa forma, etc.

Este espaço infocomunicacional ubíquo possui diferentes vias e redes que se formam através de pessoas e objetos, dados e informações, estabelecendo, assim, novas perspectivas para áreas que até então ficavam restritas a uma esfera privada. Com a evolução das tecnologias tornando-se intimamente presentes no cotidiano

dos indivíduos, forma e conteúdo, dados e informações pessoais ganham a esfera pública de compartilhamento, em um espaço híbrido. Essas dinâmicas constituem as atuais redes de informações sobre saúde, onde as interações formam uma linha tênue entre público e privado. Este fenômeno comunicacional é observado sob o paradigma da comunicação para saúde, em que estão inseridos o próprio conceito de saúde, a produção científica, o jornalismo para saúde e os aspectos da cidadania.

O conceito de saúde é frequentemente empregado para designar a doença; logo, a enfermidade, alcançando uma profusão de análises na sua designação. Apresenta suas transformações nas mudanças históricas da sociedade, na evolução da comunicação científica e das tecnologias. O termo é advindo de um conceito médico, mas também social, individual e coletivo, sendo, portanto, um patrimônio público. Desse modo, todos os indivíduos têm direito a receber informações, atendimento especializado, orientações, etc. O modelo biomédico, desde o século XVI, marcou a ciência e a tecnologia médicas. Ressaltando a questão espaço-temporal da saúde, dois paradigmas distintos na sociedade ocidental podem ser observados: “o mecanicista, e o socioecológico, ou ambiental” (Nogueira, 2008). Em uma perspectiva simplista, na qual o universo e os seres vivos são comparados, de forma metafórica, com máquinas, obedecendo a impulsos. Quando a máquina sofre algum defeito, o médico entra em ação para “consertá-la”. Este paradigma, no entanto, foi alusivo na prática médica do ocidente durante o século XVIII e XIX, com maior incidência a partir da “revolução bacteriológica”. O discurso biomédico – com aspectos mais relacionados à doença e à cura – direcionava-se à saúde físico-química generalizada, independente das individualidades. Desta forma, processos e sintomas eram apresentados em diferentes tempos e lugares.

Entendido como progresso, capacidade, recurso e potencial, o conceito de saúde mostra-se inclusivo e expansivo (não se circunscreve apenas ao contexto da biologia e do corpo, alargando-se a outras esferas, como aos territórios), culturalmente determinado e dependente da posição social dos indivíduos. O anterior modelo patogênico revela-se insuficiente face ao novo conceito de saúde, que passa a ser perspectivado num modelo salutogênico (NOGUEIRA, 2008, p. 28).

A Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁷, organismo sanitário internacional integrante da Organização das Nações Unidas, definiu, em Conferência realizada no ano de 1946, o conceito de saúde, como sendo um “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente ausência de enfermidade ou invalidez”. Foi a partir dessa definição mais aberta do conceito de saúde que nos deslocamos do estado mecanicista para o estado de saúde social, cultural, econômica.

O conceito de saúde, nos discursos políticos atuais, também é entendido como de grande potencialidade ao progresso social. Recurso essencial para o desenvolvimento econômico e pessoal. A qualidade de vida é certa para que se consiga um desenvolvimento humano, manutenção e aumento nos níveis de saúde. As intervenções na saúde pública, qualidade de vida, o acesso a programas, a disponibilização de cuidados aos indivíduos e de informações básicas para uma vida mais saudável, são fatores que contribuem para a melhoria da saúde da população. Luis de Miranda Roberto Sá Junior (2004), no Jornal do Conselho Federal de Medicina, destaca algumas significações da palavra saúde. Aqui foram extraídas apenas as mais relevantes.

a) sanidade, ausência de enfermidade a um ser vivo (o mais antigo significado, como em: esteve doente, recuperou a saúde); d) estado de capacidade, energia, disposição e vigor físico ou mental f) área do conhecimento e campo de estudo sobre a saúde, as ciências da saúde (enfim, todos os estudos sanitários que se interessam pelos indivíduos e comunidades, as ciências da saúde); h) atividade política pública ou programa social governamental voltado para os cuidados com a saúde individual ou coletiva e para a administração destes serviços [...]. Neste último sentido, saúde (melhor seria dizer ação, estabelecimento ou sistema de cuidados com a saúde) quer dizer atividade sanitária consubstância das nações e serviços de saúde; na atividade dos trabalhadores e dos estabelecimentos ou agências de saúde, nos programas e planos de saúde e nas ações de saúde públicas ou privadas. Quando se diz: a saúde é direito do cidadão e dever do Estado, funcionário da saúde, profissional da saúde ou orçamento da saúde, é com o sentido de assistência ou cuidado com a saúde que o termo é utilizado (JUNIOR, 2004, p. 15).

Assim, o cuidado à saúde imbrica-se em diferentes esferas sociais e, cada vez mais, com a amplitude do acesso às informações, sobrepõem-se como processos coletivos de monitoramento da saúde. Para tanto, são responsáveis oficiais por excelência pela saúde: o Ministério da Saúde e as Secretarias Estaduais e

¹⁷<<http://www.who.int/en/>>. Acesso em: 04 de maio de 2013.

Municipais de Saúde. Portanto, a saúde é um dos Direitos Humanos indispensável para a sociedade; é uma questão de dignidade e deve ser garantida pelo Estado a todos os cidadãos, para que possam gozar das suas atribuições na sociedade civil. O direito à saúde firma-se como uma regulamentação de normas para o comportamento dos homens em sociedade. De acordo com a Constituição Federativa do Brasil, no Art. 196:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Em uma sociedade marcada por desigualdades sociais, o Estado traz uma tarefa e um enorme desafio: o preceito constitucional à saúde como um direito de todos e um dever dele. Torna-se necessária a compreensão de todos os processos da saúde: doença, transmissões, cuidados, educação para saúde, aspectos preventivos, epidemiologias, bem-estar físico, mental e social; propondo a saúde em espaços públicos, sociais e em diferentes contextos e situações abrangentes. Desta forma, aspectos relevantes ao conhecimento das distintas significações da saúde, em diferentes medidas, tornam-se mais claras ao indivíduo.

[...] a Saúde pode propô-la todos os dias, em todos os espaços sociais, em toda oportunidade que surgir sempre que compreender a necessidade da desmedicalização do processo saúde-doença, se compreender, epidemiologicamente, a transmissibilidade social da doença, essa finalização de uma concepção materialista necessária para que eu mesmo compreenda o que pode vir a ser um problema de saúde (BOTAZZO, 1999, p. 149).

A saúde preventiva trabalha com ações informativas para evitar que os indivíduos tenham enfermidades e mantenham a qualidade de vida necessária. Essas ações de ordem pública são direcionadas a toda sociedade civil. Entretanto, esses aspectos ampliam-se a outras ordens.

Não acontecem apenas na esfera da saúde pública. Alguns aspectos individuais, relativos à saúde de cada um, também podem sofrer intervenções de medicina preventiva. As pessoas que procuram os serviços de saúde periodicamente para fazer avaliações, chamadas de *check-up*, com o objetivo de detectar precocemente problemas de saúde, também estão fazendo medicina preventiva. A decisão de fazer ou não um *check-up* é individual, fugindo da esfera de atuação da saúde pública. (TELAROLLI in KUPSTAS, 1997, p. 38).

Diante desta perspectiva de prevenção, os aspectos de bem-estar social, físico e mental – a saúde –, passam por um processo de “conquista”. Ou seja, depende de cada indivíduo, que é capaz de potencializá-la através das suas atitudes com o meio, com a sociedade e com as suas redes de conexões. Mais do que isso, existe o direito à informação, o processo que esta linha perfaz até o caminho do entendimento que deve ser mediado por diferentes vias e redes de conexão, sejam elas públicas e/ou privadas. García e Botazzo (1999), em uma visão positivista sobre a saúde e a sociedade, incluem a existência de várias e distintas práticas médicas, divididas em grupos ou classes sociais e afirmam que “em um tempo e espaços sociais dados, destroem o mito de uma medicina abstrata e geral” (1999, p. 119). Neste sentido, os autores continuam observando a relatividade deste composto, quando propõem que toda a sociedade civil “é autônomo *quando está determinado por suas leis*”. Os processos geradores externos na concepção do termo e sua subjetividade atual relativizam como um processo de saúde ideal e quase inalcançável. Os conflitos diários entre meio e sociedade auxiliam no processo de mal-estar, estresse, insatisfação consigo mesmo, etc., fatores que podem acarretar uma ausência de saúde. Para tanto, a saúde deve ser um estado de superação dessas “dificuldades” do dia a dia, sendo assim uma espécie de segurança para as inerências da vida. Portanto, a saúde tem suas mudanças e transformações no sentido epistemológico, nas mudanças históricas da sociedade, na evolução da comunicação científica e das tecnologias.

4.1 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: interfaces para a comunicação para saúde com a mobilidade

Os impactos da comunicação para a saúde nos indivíduos devem ter no seu receptor um público bem informado, para então, terem efeitos duradouros. A cultura

da “alfabetização em saúde” (Epstein, 2001) tem representado grande influência na comunicação ubíqua e suas diversas formas de acesso às informações. Assim, “a interface entre as capacidades para a comunicação e os temas de saúde têm adquirido importância crescente” (Epstein, 2001, p.15). Essa demanda deve-se ao interesse dos indivíduos por informações para melhor compreenderem os aspectos da saúde. Assim sendo, uma população alfabetizada em saúde tem melhores resultados na busca da informação preventiva e de doenças transmissíveis. A comunicação para a área da saúde trouxe novos níveis no processo comunicacional na Internet, desde a democratização do conhecimento científico até a ética dos profissionais envolvidos. A Internet possibilita novas dimensões de interação e informações distribuídas neste meio.

Para a área da Saúde a *internet* trouxe um novo cenário. A facilidade de se obter informações sobre qualquer tipo de doença, tratamentos, produtos e serviços médicos faz com que usuários e pacientes busquem, na rede, conhecimentos sobre suas doenças, diagnósticos, terapêuticas, medicamentos. Isso resultou em globalização e democratização do conhecimento médico, tornando-o mais acessível a todos. A *internet* tem permitido que médicos e demais profissionais de saúde, pacientes e outros consumidores acessem repetidamente informações médicas em volume sem precedente (PACIOS, 2007, p. 16).

A comunicação para saúde entrelaça-se aos processos da ubiquidade comunicacional, possibilitando, dessa forma, a democratização do conhecimento e da comunicação. Esses fluxos e processos comunicacionais deixam rastros e estabelecem-se como forma de interação e memória nas diferentes comunidades, tecnologias móveis e aparatos tecnológicos. O conhecimento científico nas diferentes plataformas tecnológicas é dividido em duas categorias por Bueno (1984) e Cunha (2008): “disseminação científica” (envolvendo a transmissão para especialistas, entre científicos ou para outras áreas) e a “divulgação científica” (relatando a distribuição para o público em geral). O processo de divulgação científica estabelece uma ligação com o jornalismo, pressupondo um “processo de recodificação” (Bueno, 1984). Para tanto, tem-se como finalidade disponibilizar o conteúdo de forma acessível “a uma vasta audiência”, projetando, assim, a transposição da linguagem especializada para uma linguagem não especializada, auxiliando no processo comunicativo. Com tudo, no que se refere à comunidade

científica, a relação estabelecida acontece consigo mesma, nos segmentos especializados e com a sociedade, são os processos comunicacionais, chamados, respectivamente, de “primário e secundário” (Epstein e Cunha, 2008). A comunicação secundária não possui uma audiência fixa como a primária, utilizando determinadas linguagens e outros recursos, – como a retórica –, para suprimir a especificidade das linguagens especializadas ao público leigo. A memória de cada indivíduo está, agora, em diferentes espaços, fragmentada em sistemas de circulação nas redes. São rastros que auxiliam na construção permanente de novos espaços.

A comunicação da saúde deve ser um entrelaço para os assuntos pertinentes à prevenção e qualidade de vida, enfim, para as informações referentes à saúde, como subsídio a informações, dados e comunicação referente a todo o seu espectro. A comunicação interativa e coletiva das Redes Sociais na Internet (RSIs) configura-se como aspecto relevante para esta pesquisa, já que delas emergem os usuários que buscam não apenas informações, mas sanar suas dúvidas, trocar e compartilhar, bem como participar das ações sociais em detrimento de uma cidadania ativa na sociedade. Foi a partir da última década que a comunicação para saúde toma rumos, não só relativizando-se como uma subárea da comunicação científica, como também abrindo caminhos para a informação dos cidadãos. Na década de 80, as redes eletrônicas tinham pouca influência sobre a comunicação científica, ou quase nenhuma, pois o acesso dos cientistas a ela era restrito e limitado. No entanto, com a disseminação da Internet e suas possibilidades de publicação em rede, a comunicação científica tomou novas dimensões, beneficiando-se com o uso das ferramentas da *web*. Essa comunicação dinamizou o processo científico, assim como o processo de conhecimento coletivo.

Assim, a evolução do fluxo da comunicação científica na era eletrônica vai além da publicação eletrônica de documentos, incluindo a adoção de transformações nos padrões de comportamentos da comunidade científica e sua relação com a sociedade. “Além da dimensão inovadora que a *Internet* aporta como tecnologia de meio de publicação, surge a dimensão de caráter político que preconiza o conhecimento científico como bem público, indispensável para o desenvolvimento social e econômico (PACKER, 2005 *in* CASTRO, 2006, p. 60).

Do processo de divulgação em periódicos ao acesso na rede, a comunidade científica estabeleceu novas formas de socialização desse conhecimento. A democratização do conhecimento científico na rede é maior, já que estão inseridos, “em contextos informados” (Packer, 2005), profissionais, docentes, discentes, pesquisadores, havendo maiores oportunidades nos fluxos de comunicação e nas suas decisões profissionais. Assim, esses processos de aquisição, compartilhamento e trocas de informações possibilitam ao indivíduo um aprendizado contínuo, aumentando suas possibilidades de ação. Dessa forma, a sua apropriação em um determinado contexto tende a “aumentar a eficiência, a eficácia e a qualidade do seu desempenho, competências essas indispensáveis nos serviços de saúde” (Packer, 2005, p. 269). Ao relatar que o indivíduo social é apto a perceber, de forma rápida, as influências que são impostas a ele sem ceder à oportunidade de escolha, Sabbatini (2005) afirma que este processo “é o estudo da natureza das relações entre diferentes sistemas de ideias” mesclando com a multiplicidade de fatores de personalidade institucionais.

As publicações científicas são assim, mais do que um mero veículo de informação, de lutas de interesse (individuais ou coletivos) ou de posicionamento em certas redes sociocognitivas. Seja qual for a interpretação que se faça de suas funções, há de ter em conta seu caráter ativo, sua autonomia e a influência que podem exercer, tornando comum a informação sobre a qual se edifica o consenso e o conhecimento científico (SABBATINI, citado por LUÍNDIA, 2005. p. 65).

Portanto, a comunicação científica estabelece-se como o grupo de várias atividades que tem associação à produção, disseminação e uso da informação. Assim sendo, a Internet, os diferentes dispositivos móveis e aparatos tecnológicos possibilitam inúmeras formas de interação com as informações e dados. A comunicação ubíqua ampliou as formas de acesso aos conteúdos científicos, a cibercultura trouxe a possibilidade de indivíduos compartilharem, receberem e emitirem fluxos informacionais sem precedentes, sendo também produtores de conteúdos no ciberespaço. Esses fluxos de informação auxiliam também no processo de construção dos canais de comunicação que se estabeleceram na rede. A comunicação para a saúde é um mediador neste processo de conhecimento na

área da saúde. Desse modo, a linguagem aparentemente facilitadora deve tomar forma e conteúdo ao que se pretende no discurso da comunicação científica.

Com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1920, por Carlos Chagas, as técnicas de propaganda à educação sanitária foram associadas de acordo com o estudo da comunicação por Harold Lasswell, para uma divulgação de forma pública sobre os aspectos referentes à saúde. Antes desse período, não havia qualquer processo de divulgação ou vertentes entre o setor médico-sanitário e os meios de comunicação. Foi com Getúlio Vargas, na mesma década – ao perceber o poder dos meios (principalmente do rádio) e da retórica –, que as campanhas foram sendo fortemente centralizadoras e políticas. Contudo, eram focalizadas nas percepções higienistas, associando à conduta individual as chamadas “doenças da pobreza”. Eram campanhas de saúde sustentadas nos modelos das teorias da propaganda política e tinham como escopo implicações na ordem comportamental mediante o convencimento. Assim, isolavam os processos situacionais, cognitivos e culturais, criando barreiras entre indivíduos e a efetiva ação da comunicação, além de não considerarem o sentido e a compreensão dos problemas de saúde (bem-estar social, físico e mental).

4.2 PRÁTICAS RESSIGNIFICANTES NA COMUNICAÇÃO PARA SAÚDE

Na vida social, desde as mais antigas formas de comunicação até a ubiquidade tecnológica, as formas que designam relações e interações sociais entre os indivíduos e os lugares são as capacidades cognitivas de criar redes de conexões. Deste modo, a comunicação consiste “como um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos” (Thompson, 1995, p. 25). O autor discorre sobre fatos em que os meios de comunicação tornam a “dimensão simbólica irreduzível”. Estão incluídos com tudo o que os indivíduos recebem e produzem, relacionando-se com fatos significativos da produção, armazenamento e circulação de materiais. Dessa forma, a facilidade em manter a preocupação nos aspectos técnicos torna-se mais evidente.

Estes aspectos técnicos são certamente importantes, não deveriam, porém, obscurecer o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si. [...] Os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos (THOMPSON, 1995, p. 19 – 20).

Assim, a comunicação tem o “poder” de contribuir para a formação de ideias de mundo, e, conseqüentemente, comportamentos dos indivíduos. Barreto (1994) emprega o termo “poder”, referindo-se ao fato de que não haveria outro lugar para exercer sua função tão claramente como no campo da saúde. O direito à informação, garantido desde 1990, registra-se na Lei Orgânica da Saúde nº 80810/90, no artigo 7º Capítulo II que afirma:

Dos Princípios e Diretrizes

Art. 7º As ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS) são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no art. 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda aos seguintes princípios:

V - direito à informação, às pessoas assistidas, sobre sua saúde;

VI - divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e a sua utilização pelo usuário;

Para tanto, a comunicação e seus artefatos tecnológicos, visam informar os indivíduos sobre práticas de saúde que estabeleçam vínculos com a sociedade. Assim, a comunicação para saúde propõe métodos, a fim de influenciar tanto decisões individuais quanto coletivas para melhorar a saúde. Dessa forma, com as redes de conexão na Internet, os diferentes dispositivos móveis e artefatos tecnológicos possibilitam um amplo acesso a estes fluxos informacionais. No entanto, a comunicação para saúde na Internet trata-se de um fenômeno relativamente novo. No que consiste ao acesso a informações em *sites*, portais e comunidades com conteúdos relacionados à saúde, ainda não possuem um mecanismo para controlar seus conteúdos. Porém, a *Health on the Net Foundation* (HON), que se preocupa com questões éticas envolvendo a utilização desses *sites* da área da saúde, criou o Código de Conduta (*HON-Code*), com o intuito de auxiliar

usuários e mantenedores, estabelecendo oito princípios: Autoridade¹⁸, Complementaridade¹⁹, Confidencialidade²⁰, Atribuições²¹, Justificativas²², Transparência na Propriedade²³, Transparência do Patrocínio²⁴, e, Honestidade e Política Editorial²⁵. O *HON-Code* auxilia no desenvolvimento para a página da *web*, uma regulamentação com princípios onde o leitor pode certificar-se das fontes e das informações contidas.

A comunicação para a área da saúde trouxe novos níveis no processo comunicacional na Internet, desde a democratização do conhecimento até a ética dos profissionais envolvidos. A Bioética²⁶ entra neste processo como um balizador para as informações referentes à saúde.

A ética permeia as relações humanas e, dessa forma, ela também está presente nas relações humanas virtuais que ocorrem na *internet* quer essas relações aconteçam em tempo real ou não. A ética procura princípios que dirijam a consciência na escolha do bem (Singer, 2000). Se os responsáveis pelas informações contidas nos *sites* de medicina e saúde tiverem essa consciência na escolha do bem, os usuários que buscam informações na *internet* estarão mais seguros. É a ética permeando as relações via *internet*. O uso da *internet* é um eficiente meio de prover-se informação de saúde para profissionais e pacientes, comparado a outras mídias (JAMES *et al.*, 2007 *in*; PACIOS, 2007, p. 54-55).

¹⁸ Toda orientação médica ou de saúde contida no *site* será dada somente por profissionais treinados e qualificados, a menos que seja declarado expressamente que uma determinada orientação está sendo dada por um indivíduo ou organização não qualificado na área médica.

¹⁹ A informação disponível no *site* foi concebida para apoiar e não para substituir o relacionamento existente entre pacientes ou visitantes do *site* e seus médicos.

²⁰ Será respeitado o caráter confidencial dos dados dos pacientes e visitantes de um *site* médico ou de saúde - incluindo sua identidade pessoal. Os responsáveis pelo *site* se comprometem em honrar ou exceder os requisitos legais mínimos de privacidade de informação médica e de saúde vigentes no país e no estado onde se localizam o *site* e as cópias do *site*.

²¹ Quando for o caso, a informação contida no *site* será respaldada por referências claras às fontes consultadas, e, quando possível, tendo *links* HTML para estas fontes. A data em que cada página médica foi atualizada pela última vez será exibida claramente (no topo da página, por exemplo).

²² Quaisquer afirmações feitas sobre os benefícios e/ou desempenho de um tratamento, produto comercial ou serviço específico serão respaldadas com comprovação adequada e equilibrada, conforme indicado no Princípio 4.

²³ Os programadores visuais do *site* irão procurar dispor a informação da forma mais clara possível e disponibilizar endereços de contato para os visitantes que desejarem informação ou ajuda adicional. O *webmaster* exibirá seu endereço de *e-mail* claramente em todas as páginas do *site*.

²⁴ Os apoios dados ao *site* serão identificados claramente, incluindo a identidade das organizações comerciais e não-comerciais que tenham contribuído para o *site* com ajuda financeira, serviços ou recursos materiais.

²⁵ Se a publicidade é uma das fontes de renda do *site*, isso deverá ser indicado claramente. Os proprietários do *site* fornecerão uma breve descrição da política de divulgação adotada. Os anúncios e outros materiais promocionais serão apresentados aos visitantes de uma maneira e em um contexto que facilitem diferenciá-los do material original produzido pela instituição gestora do *site* (<http://www.hon.ch/HONcode>). (in PACIOS, 2007 p. 6-8).

²⁶ Ética da vida.

A possibilidade de utilização das ferramentas da comunicação para saúde e dos processos infocomunicacionais em diferentes redes de conexão na Internet podem ter linhas diferentes. Epstein (1998) e Cunha (2008) observam que são duas estruturas que consideram conceitos para aplicação das notícias ou informações com diferentes “tempos operacionais dos cientistas e dos jornalistas, mais longos os primeiros e mais curtos os segundos”. A comunicação para saúde tem, em seu discurso, a linha entre o científico e o jornalismo, duas características que denotam narrativas diferentes, processos comunicacionais que podem ser desde o interpessoal até o hipermediático, com o jornalismo *online*, sites especializados em comunicação para saúde e os dispositivos e aplicativos móveis.

As informações jornalísticas, na rede, sobre saúde auxiliam no processo de busca pela qualidade de vida e cidadania. Um procedimento que passa pela vulnerabilidade dos sites noticiosos da saúde. Bueno (2001) relata que esta cobertura da mídia na saúde “padece de uma doença difícil de ser tratada: a chamada patologia da fonte, cujos sintomas são a desqualificação da informação e o domínio dos interesses comerciais” (2001, p. 22). Para o autor, a cura se reflete em um “tratamento longo e doloroso”, incluindo ética, política frente às fontes e capacitação dos comunicadores da área. Por sua vez, as mídias e as redes de conexão na Internet utilizam-se de informações mais ligadas à cura do que ao processo de saúde, ou, informações relativas a ela. A superficialidade e descartabilidade são levadas ao público dessa forma, pois o indivíduo acaba percebendo que a informação não é procedente, ou não pode ser aplicada no seu cotidiano. Esses diferentes fluxos são estreitados, já que as informações repassadas devem servir para auxiliar na busca por uma “cidadania ativa” na saúde, objetivando a melhoria, o atendimento, a especialização, enfim, todos os processos inerentes a ela.

A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além, de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como ‘jornalismo de serviço’. Por extensão, tornam-se objetos privilegiados de cobertura jornalística,

vigilância e crítica, as políticas públicas de saúde dirigidas a grupos populacionais, como as campanhas de prevenção da AIDS ou de detecção do câncer de mama (KUCINSKI, 2000, p. 183).

As definições de políticas públicas, muitas vezes, servem como pontos importantes para a busca da qualidade de vida, informações sobre a responsabilidade da cidadania ativa na saúde, moradia, alimentação, etc. Tais assuntos não devem ser tratados separadamente ou com ênfase somente para cura e campanhas. Em diferentes vias, os dispositivos móveis e artefatos tecnológicos ganham espaço na ubiquidade comunicacional. Interações, compartilhamentos e processos de cooperação ampliam-se nesta perspectiva.

Atualmente a interatividade está mais ligada ao setor de marketing, do que à possibilidade efetiva de interação dos leitores. Afinal, estes anseiam por uma participação ativa, pela possibilidade inerente das redes sociais de compartilhamento e troca. Este aspecto vai ao encontro do *webjornalismo* participativo, já que atualmente os indivíduos inseridos nesses ambientes são também os produtores de conteúdo. Neste contexto, a interatividade refere-se à dinâmica da instantaneidade, sendo que o indivíduo e a outra ponta da conexão (seja ela o produtor do conteúdo ou a tecnologia) estabelecem uma comunicação em tempo real, podendo esclarecer dúvidas, trocar opiniões, entre outros tantos recursos. O processo de comunicação no ciberespaço funde-se com o processo de produção do jornalismo, assim como nas Redes Sociais na Internet (RSIs). Para tanto, são apontadas seis características para o jornalismo *online*: “Multimedialidade/Convergência²⁷, Interactividade²⁸, Hipertextualidade²⁹, Customização do Conteúdo/Personalização³⁰, Memória³¹ e

²⁷ Referindo-se à convergência dos formatos das mídias de imagem, texto e som, na narrativa do contexto jornalístico. Convergência no sentido de que se torna possível na circulação, disponibilização em plataformas variadas e suportes, “numa situação de agregação e complementaridade”.

²⁸ A interatividade com outras pessoas e o computador. Um sistema multi-interativo, designando os processos de leitura e compartilhamento que envolve um leitor no jornalismo *online*.

²⁹ Possibilitando a interconexão de textos através dos *hiperlinks*. Bardoel & Deuze (2000) in Palacios (2002, p. 3) ressaltam “as várias pirâmides invertidas da notícia”, bem como outros recursos hipermediáticos.

³⁰ Referindo-se às configurações dos conteúdos aos usuários que acessam (de acordo com os seus próprios interesses) os *websites* jornalísticos. Segundo o autor, “Há sites noticiosos que permitem a pré-seleção dos assuntos, bem como a sua hierarquização e escolha de formato de apresentação visual (diagramação). Assim, quando o site é acessado, a página de abertura é carregada na máquina do Utente, atendendo a padrões previamente estabelecidos, de sua preferência” (Palacios, 2002, p. 4).

Instantaneidade/Atualização Contínua³²” (Palacios, 2002). Assim, são distinguidas as potencialidades da Internet para o desenvolvimento do jornalismo para saúde. Essa nova miscelânea do mundo digital entrelaça meio e mensagem, num mundo não-linear, em que a procura e o compartilhamento possibilitam a busca de conhecimentos e informações. Isso posto, ainda que complementares, tais campos de ações são distintos. Considerou-se, então, expor a temática dos processos de comunicação científica e as informações na comunicação para saúde, analisando como pressuposto o fenômeno desses sistemas de informação na saúde, o mercado como ascensão para o compartilhamento de dados e inerências relacionadas ao bem-estar físico, mental e social. Portanto, faz-se necessária a abordagem das dinâmicas que se entrecruzam nesta pesquisa, através de percepções das vertentes *mHealth* e *eHealth*.

4.3 MHEALTH E EHEALTH

As crescentes mudanças nas tecnologias, afetando diretamente as áreas da comunicação para saúde, auxiliaram no imenso espaço de fala dos indivíduos, antes restrito apenas à esfera privada e aos especialistas. A comunicação para saúde, portanto, não faz parte apenas das relações nas redes físicas e presenciais, mas em dimensões antes inimagináveis em formas de compartilhamento, engajamento, produção e recepção de conteúdos. Com a influência e o crescimento das redes de acesso à Internet, assuntos relacionados ao bem-estar ganham mais espaço e poder de disseminação a partir da década de 90. Atualmente, os âmbitos comerciais e os diferentes aparatos e tecnologias móveis auxiliam no processo da comunicação para a saúde em diferentes níveis (redes sociais, comunidades virtuais, portais de notícias, aplicativos, sensores, etc.). Em âmbito organizacional, a popularidade das tecnologias móveis vem possibilitando todo tipo de interação, como a popularidade desses dispositivos, aplicativos para celulares e sensores de atividades. A mudança de comportamento também deve ser ressaltada, considerando que se trata de um

³¹ Palacios (1999) já estabelecia um argumento de acumulação de notícias de informações, sendo esta, mais do que as outras mídias, a mais viável técnica e econômica na *web*. Sendo que, o volume de informação disponível, “é potencialmente muito maior no jornalismo *online*”, assim, produzindo efeitos referentes à produção e recepção das informações.

³² A agilidade do processo de atualização do material no jornalismo *online* estabelece um laço a partir das potencialidades inerentes da *web*. Rapidez de acesso, facilidade na produção e disponibilização são propiciadas, segundo o autor “pelas tecnologias telemáticas”.

fenômeno recente o compartilhamento e monitoramento pelo próprio indivíduo da sua saúde, ou seja, de dados e informações privadas que, até pouco tempo, eram compartilhadas apenas com o profissional da área médica. Referente aos aspectos da cidadania, esses compartilhamentos podem auxiliar na busca da melhoria de uma política de saúde coletiva.

O resultado dessa rede ubíqua é um maior fluxo de informações sobre saúde na Internet, em que grupos e comunidades de discussão, portais, sites especializados, etc., vêm ampliando a perspectiva da comunicação para saúde. Por outro lado, as intervenções de órgãos governamentais em saúde vêm sendo desenvolvidas para diminuir a incidência de doenças, bem como para aumentar os sistemas preventivos. Ressaltando práticas de bem-estar físico, essas ações ampliadas em diferentes vias e constituídas por diversas estratégias podem modificar a adoção ou manutenção de comportamentos saudáveis. No entanto, as efetivas mudanças de hábitos requerem comprometimento, esforço, tempo considerável e motivação. Considerando os aspectos relevantes e inerentes de uma Rede Social na Internet, essas ações podem ser alcançadas via engajamento, constituição de laços e incentivo por parte dos outros indivíduos.

O *eHealth* (saúde eletrônica) é um conceito com a finalidade de acolher visões práticas e metodológicas do uso da Internet e seus artefatos tecnológicos para a disseminação, acesso das informações e serviços sobre saúde. A profusão de definições elencadas por Gunther Eysenbach (2001) aborda desde os aspectos clínicos, da pesquisa, aos âmbitos locais e globais. No entanto, nesta análise, priorizam-se as vertentes das tecnologias e saúde (bem-estar social, físico e mental). Levando-se em conta que suas atribuições ficam constituídas a aplicações das tecnologias da informação e das comunicações a todos os processos de funções e serviços que intervêm no setor da saúde, esse conceito não tem referência apenas ao uso de acesso à Internet, mas à sua inclusão de ferramentas nas diferentes esferas da saúde – aos profissionais, usuários dos sistemas de saúde e indivíduos em geral.

Essas intersecções entre informática médica, saúde pública e economia podem claramente ser observadas através do surgimento do *eHealth*. Assim como diversas áreas da comunicação para saúde na Internet impulsionaram-se pelo setor da economia, o *eHealth* nasceu estimulado pelo marketing e setor dos negócios, visando, portanto, ao lucro, através do provimento de ferramentas, produtos e

serviços ligados à saúde. Neste caso, são estratégias mais específicas para o indivíduo e com menos ênfase para a população; seguem desde portais para o consumidor até a telemedicina e telessaúde. Em uso desde 1999, o termo teve sua primeira abordagem por profissionais de marketing, assim sendo, o uso do “e” referindo-se a esse termo “em linha”. No entanto, o que esse termo abarca é uma contribuição para esse novo modo de relacionamento entre cidadão e profissionais da saúde. Assim, na tentativa de uma maior abordagem e amplitude do espaço da saúde na Internet, o termo vem sendo atualizado, não se caracterizando apenas sob os aspectos da medicina na Internet, mas, como já exposto, a todos os aspectos relacionados à saúde, à medicina e a computadores. A abordagem vai além de um “mero desenvolvimento tecnológico” (Eysenbach, 2001). Na definição do autor, esse campo situa-se em abordagens na informática médica, negócios e saúde pública.

e-saúde é um campo emergente na intersecção da informática médica, saúde pública e de negócios, referindo-se aos serviços de saúde e informações entregues ou reforçadas através da Internet e tecnologias relacionadas. Num sentido mais amplo, o termo caracteriza não apenas um desenvolvimento técnico, mas também um estado de espírito, uma maneira de pensar, uma atitude e um compromisso para a rede, pensamento global, para melhorar os cuidados de saúde a nível local, regional e mundial usando tecnologias de informação e comunicação (EYSENBACH, 2001, p. 1).

São, portanto, aplicáveis a serviços de saúde e informação que têm seus fluxos na Internet e tecnologias móveis. O autor salienta que a designação “e” de *eHealth* não se restringe apenas ao sinônimo “eletrônico”, identificando também termos como (aqui, foram destacados apenas os mais importantes):

[...] (capacitação dos consumidores e pacientes³³) tornando as bases de conhecimento da medicina e registros eletrônicos pessoais acessíveis aos consumidores através da Internet; (educação³⁴) de médicos através de fontes *online* (educação médica continuada) e consumidores (saúde, educação adaptada, informação preventiva para os consumidores); (Permitindo³⁵) a troca de informações e comunicação de forma padronizada entre os estabelecimentos de saúde; (estendendo³⁶) o alcance dos cuidados

³³ *Empowerment of consumers and patients;*

³⁴ *Education;*

³⁵ *Enabling;*

³⁶ *Extending;*

de saúde além de seus limites convencionais; (ética³⁷) envolve novas formas de interação e coloca novos desafios e ameaças a questões éticas como prática profissional *online*, consentimento informado, de privacidade e de equidade; (equidade ou patrimônio³⁸) tornar os cuidados de saúde mais justos é uma das promessas da e-saúde (EYSENBACH, 2001, p. 2).

Em adição, o autor ressalta que é essencial que a saúde eletrônica tenha uma usabilidade amigável, consiga entreter e seja “emocionante”. Advinda desse conceito, o *mHealth* (saúde móvel) estabelece ligações significativas no que tange os estudos do primeiro conceito, considerando que acarretam o desígnio central de maximizar a ação dos serviços de saúde, diminuir custos desses fluxos e escalonar sua qualidade. Os processos de prevenção são salientados nestas duas vertentes, já que se configuram como tecnologias e dispositivos móveis capazes de atuar nas atividades orientadas para os devidos fins das ações ligadas à vigilância em saúde, assim como podem ser capazes, dentro dos fluxos informacionais direcionados, de atuar em eventos de desastres naturais e bioterrorismo, já que envolvem características e comunidades de atores diferentes que compartilham responsabilidades e fluxos informacionais (Eysenbach, 2001).

Esse contexto se refere aos aspectos da *ehealth*, onde tecnologias da informação, dispositivos móveis e aspectos relativos aos sistemas de saúde estão imbricados. Desta forma, Gil (2012) traça um panorama da perspectiva da *eHealth* no conjunto da aquisição de conhecimentos que a amplitude das redes possibilita; neste sentido, “incrementando o seu bem-estar e qualidade de vida” (Gil, 2012) numa perspectiva mais abrangente. Tais sistemas de interação propiciam que seus usuários dialoguem com as tecnologias de forma virtual, potencializando-as. O conhecimento, especificamente na área da saúde, no entanto, estende-se quando o cidadão é capaz de realizar todo o processo de recepção e internalização de vários elementos dos processos informacionais que, ao somarem-se com outras informações já adquiridas irão influenciar nas mudanças de todo o seu repertório cognitivo e conceitual. A especificidade da comunicação para saúde abrange toda a sua temática, desde o bem-estar social, até assuntos ligados às pesquisas médicas. Neste contexto ubíquo, o conteúdo irá determinar qual a melhor maneira de informá-lo nas diferentes mídias. Aqui, percebe-se a presença do cidadão que, ao ter a

³⁷ *Ethics*;

³⁸ *Equity*.

saúde como maior bem social, integra-se em outras redes criando seu próprio percurso, com inúmeras possibilidades de monitoramento da sua saúde. Práticas de educação na saúde são desenvolvidas, acompanhando o progresso da comunicação para saúde. Portanto, no contexto desta análise, entende-se por saúde móvel, ou saúde eletrônica, as redes de conexão na Internet, dispositivos e aparatos tecnológicos sobre saúde, assim como dados e informações sobre o contexto geral da saúde (bem-estar físico, mental e social) que podem gerar dinâmicas em outras esferas sociais a partir da Internet. Nesta definição, podem ser incluídos as Redes Sociais na Internet, os aplicativos de saúde, sensores e artefatos tecnológicos.

5 MUDIATIZAÇÃO DA SAÚDE: CONEXÕES HÍBRIDAS

As diferentes redes estabelecidas na atual sociedade ubíqua constituem relações, laços sociais e conexões entre indivíduos e tecnologias híbridas. Analisar e observar os processos entre estas conexões, seus laços e a apropriação torna-se um parâmetro para compreender o desenvolvimento das sociedades e seus processos. Com a evolução no modo de comunicar-se, cada tecnologia está imbricada e com espaços cognitivos para sua precedente. Atuam, desta forma, em uma sociabilidade movente, os dispositivos e tecnologias móveis com acesso e disseminação em distintas comunidades no campo da comunicação para saúde. Hibridizam-se homens e máquinas em uma mesma via. Dessa forma, a midiatização da saúde e os processos de comunicação formulados nesse contexto, constituem a intersubjetividade simbólica e a regulação da existência humana, dinamizadas em um ambiente cognitivo. Imerso nesse ambiente está o indivíduo, onde os fluxos territorializantes, tanto infocomunicacionais, quanto de tecnologias, imbricam-se e modificam os modos de socialização.

Advinda da sociedade da informação, o novo contexto delimitado pela midiatização estabelece mudanças significativas nos modos de produção, circulação e recepção de mensagens. Trata-se, portanto, de um processo cíclico e constante, onde os meios são modificados pelos comportamentos, e estes, modificados pelos meios, assim sendo um processo sociotécnico. O desenvolvimento destes procedimentos transformados em meios instaura-se de forma intensa e acelerada na sociedade. Sodré (2006), ao discorrer sobre os cenários da midiatização, afirma que “é uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomediações” (2006, p. 20). Deste modo, são caracterizadas pelo *medium*, em que indivíduos, mídias e instituições são cobertos mutuamente, de forma não-linear. Portanto, sob a perspectiva da midiatização, os indivíduos precisam interagir, não apenas estarem presente ou serem visíveis no ambiente midiático. Este “fazer-se ver” dá-se de diferentes formas e vias, seja através de dispositivos ou aparatos tecnológicos, seja nas interações em Redes Sociais na Internet (RSIs).

As tecnologias da comunicação, nessa perspectiva, apresentam novas formas de interação e possibilidades sociotécnicas. Assim, imprimem maior relevância e

alcance das conexões infocomunicacionais. O espaço público, nessa perspectiva, ganha nova configuração.

De fato muda a natureza do espaço público, tradicionalmente animado pela política e pela imprensa escrita. Agora, formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou telerreal) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais (SODRÉ, 2006, p. 19).

As relações sociais que se estabelecem na atual sociedade configuram-se como o processo constitutivo da rede. Esta rede de relações formada por indivíduos, tecnologias e dispositivos móveis reconfigura as ligações sociais entre os seres humanos. Está, portanto, em jogo, segundo Sodré (2010), “um novo tipo de formaliza o da vida social, que implica uma outra dimensão da realidade, portanto formas novas de perceber, pensar e contabilizar o real” (2010, p. 16). Assim, a complexifica o da sociedade   instaurada. Segundo Ver n (*apud* Fausto Neto, 2008), este processo d -se devido   sua ambiência: uma sociedade cada vez mais midiaticizada, mais se complexifica. Dessa forma, essa sociedade modifica os meios que de uma posi o de suporte passam para uma posi o de “atores”, despertando o interesse por assuntos como a saúde, por exemplo. Essas informaçoes, permeadas por ideologias e processos de persuasão, têm o intuito de buscar a adesão dos indivíduos. Para o autor, a sociedade da midiaticiza o envolve essa cultura midiática que “se converte na referência sobre a qual a estrutura s ciot cnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afeta o em vários níveis de organiza o e da dinâmica da própria sociedade” (Fausto Neto, 2008, p. 93). São, portanto, rela oes sociais articuladas sob formas de sentir e saber. A midiaticiza o da saúde, considerando o contexto exposto, surge com essa migra o de práticas sociais nas redes.

Os indivíduos passam a utilizar as tecnologias midiáticas como práticas mediadoras das suas a oes cotidianas, particulares, as quais estão, agora, ligadas   lógica midiática. A descontinuidade, ou a não-linearidade, traz as no oes da busca pelo conhecimento de forma fragmentada e heterog nea. Esses mecanismos, na sociedade, configuram-se como o processo de midiaticiza o na saúde. Portanto, a comunica o para saúde expande-se nesse contexto, dessa forma, ao dar grande

visibilidade para questões como bem-estar físico, boa forma, dietas, emagrecimento, entre outros. O processo de midiatização utiliza-se de ideias, ideologias, tendências e produto para fazer com que se fale de algum assunto. Agendar³⁹ os conteúdos, portanto, impõe valor na sociedade. Esse é o processo da midiatização. Assim, Fausto Neto (2008) ressalta a produção de sentido nas práticas dessas conexões.

[...] as mídias deixaram de ser apenas instrumentos a serviço da organização do processo de interação dos demais campos, e se converteram numa realidade mais complexa em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida, e interações sociais atravessadas por novas modalidades do <<trabalho de sentido>>. Neste contexto, as mídias não só se afetam entre si, se inter-determinando, pelas manifestações de suas operações, mas também outras práticas sociais, no âmago do seu próprio funcionamento (FAUSTO NETO, 2008, p. 92)

Estas “novas relações” – meio, sociedade e geração de sentido –, são elementos indispensáveis para os processos das conexões da midiatização na saúde. Com a mobilidade, de fato a circulação das coisas no mundo expande-se, fazendo chegar, via conexões entre tecnologias e objetos, distintas informações e dados que são produtores desse processo, resultando na midiatização contemporânea. No entanto, para Sodré (2010), a indústria da informação centra-se “na virtual anulação do espaço pelo tempo, gerando canais de distribuição de bens e a ilusão da ubiquidade humana” (2010, p.14). Contudo, as mídias não se constituem apenas como instrumentos de interação, mas de todo o processo em que se compõe esta nova perspectiva. Para o autor, a midiatização pode ser pensada como uma “quarta esfera existencial” (Sodré, 2006), ou seja, um novo “*bios* midiático” (Sodré, 2010), por dar à existência uma nova denominação cultural, ou seja, redefinir o espaço público e as formas de saber e sentir, resultando neste *ethos* midiatizado. Assim, a mídia torna-se o instrumento capaz de criar ou direcionar as subjetividades no indivíduo. O “*bios* midiático” (Sodré, 2010) traz os processos que surgem ou são “moldados”, tornando-se dependentes, tanto das informações quanto das tecnologias. A midiatização, então, sugere essa qualificação e outro modo de

³⁹ Sodré (2010) expõe a perspectiva da *agenda-setting* neste contexto da midiatização, ao discorrer sobre a mídia e seu processo de estruturação e/ou reestruturação de percepções e cognições: “O agendamento só funciona por força das prescrições de natureza moral, potencializadas pela iluminação da tecnologia e do mercado, em consonância com a profunda afetação da vida comum pela tecnocultura” (2010, p. 57).

presença do indivíduo nas associações e interações na sociedade contemporânea, novas formas de vida que vão se alterando através dos costumes, sensorialismo, condutas. Enfim, a eticidade de cada indivíduo é reformulada com a midiaticização.

A eficácia da generalização dessa eticidade na sociedade tradicional é assegurada pela ilusão simulativa (nesta, tem-se a 'sensação' de estar informado, por exemplo, pelo fato de estar 'quase presente' ao acontecimento veiculado pela imagem) e pela retórica repetitiva, simplificadora e veloz das mensagens (SODRÉ, 2010, p. 60).

A partir dessa perspectiva, voltam, segundo o autor, “novas bases histórico-culturais” (Sodré, 2010) entre indivíduos: grupos e imaginação. Como pontua o autor, embora estes processos técnicos, econômicos e políticos refiram-se às transformações tecnológicas, ainda conservam parte das “velhas estruturas de poder”, pois se trata de uma hibridização das técnicas e tecnologias. A imaginação, portanto, no ambiente cognitivo, “privilegia analogias e conexões, torna-se imperativa a ênfase nos recursos imaginativos [...], ao lado da dominância do pensamento lógico-abstrato” (Sodré, 2010, p. 96). Desse modo, estão inseridas as diferentes motivações entre os grupos, assim como as distintas vias de manipulação. Já os grupos, segundo Sodré (2010) “impõem-se nas práticas pluridisciplinares. Estas tornam-se epistemologicamente características das atividades que associam ensino, pesquisa e aplicação tecnológica” (2010, p. 95). Portanto, grupo e imaginação estão em constante progresso, visto que este espectro está destinado às trocas de conhecimento e informação implicando um processo denso de criatividade e inovação, advindas de “estímulos imaginativos”. Assim, nessas diferentes esferas, o autor ressalta a revalorização da imaginação. Este “reordenamento social”, em que novas formas de socialização se instauram, conteúdos e significados têm, agora, fins mercadológicos. O *ethos* midiaticizado mantém, nesse cenário, a mesma lógica do processo estrutural da hipermídia.

O espaço de visibilidade delimita e caracteriza a midiaticização, pois não acontece apenas em vias públicas, mas nas diferentes esferas da comunicação ubíqua, sendo que estas esferas também são abrangentes para o *ethos*. Desse modo, com novas possibilidades através da técnica digital, essa “nova forma de vida” retoma um espaço de vigilância. É, portanto, muito mais proeminente, nesta

análise, a perspectiva da “fase do espelho” (Sodré, 2010) na proposta da sociedade midiaticizada. Trata-se, então, de uma nova ordem organizacional com processos de modificações na identidade, conduta, mentalidade e poder. As tecnologias e os dispositivos móveis vêm traduzindo e ampliando os espaços informacionais na comunicação científica, para saúde e acessos às novas vias de conexões entre homem e máquina. Para tanto, faz-se pertinente pensar estas transformações entre este “ordenamento artificial do mundo”, proposto por Sodré (2010), a partir dos espectros do espelho como uma metáfora para aquilo que se vê diante de si e do próprio reconhecimento enquanto ser humano, ao que propõe as conexões formadas a partir dos indivíduos que estão inseridos nestas redes. Segundo Maffesoli (2012), essa fase na pós-modernidade pode ser observada como a “fase das telas”. O autor propõe pensar nas telas que estão na sociedade: celulares, computadores, *outdoors*, vitrines, etc. O que se propõe, nesta análise, é uma reflexão sob a amplitude da fase das janelas, sendo que o indivíduo não se exime da sua rede física, visto que continua compartilhando em outras redes, via outras janelas.

Na ubiquidade da comunicação, o que permanece são os rastros e as conexões formadas. Neste contexto de midiaticização, o acesso às informações referente à saúde populariza-se com um toque, assim como o corpo passa a ocupar lugar nesta perspectiva. Ou seja, os dispositivos imbricados neste aspecto auxiliam na constituição de novas redes de interações. Assim, o corpo já não é apenas um meio biológico, mas uma extensão de artefatos e dispositivos móveis que possibilitam um fluxo intenso de informações e estocagens de dados sem precedentes. Esta nova configuração (em constante mudança) da sociedade midiaticizada acarreta, também, novas formas de personalização das informações e dados na rede, onde interatividade e interação na saúde estão imbricadas. Para tanto, considerando os processos da midiaticização da saúde e os diferentes dispositivos e aparatos tecnológicos nesta vertente, cada mídia exigirá do corpo uma nova apropriação e configuração.

5.1 CORPO (HÍBRIDO) NA CIBERCULTURA

Os aparatos tecnológicos e dispositivos móveis estão modificando a forma das práticas cotidianas. O corpo neste contexto é um instrumento de registro ainda

mais equipado e ubíquo; já não se configura apenas por uma composição de células e conexões entre neurônios. Na atual sociedade ubíqua – onde tudo está integrado, de alguma forma, por uma conexão física –, objetos, máquinas e conexões móveis com acesso à Internet estão hibridizados nos espaços de fluxos territorializantes. O corpo, então, faz parte deste contexto da cibercultura e das redes de conexões sociais, visto que os fluxos de informações e dados são, agora, emitidos por meio do corpo entre uma tecnologia e diferentes redes.

A união entre corpo (corpo biológico, vestimentas, acessórios, etc.) e tecnologias móveis (sistemas de geolocalização, sensores, etiquetas RFID, redes *Wi-Fi*, circular pelos espaços físicos e virtuais, etc.) estabelece o *status quo* na sociedade. Ou seja, auxilia tanto nos processos de fortalecimento, quanto de manutenção das interações sociais neste contexto. Com essa nova configuração, os dispositivos e aparatos tecnológicos formam outras vias de fluxos infocomunicacionais, o corpo contém informações e dados que ampliam as conexões, e, portanto, comunica-os para diferentes fluxos. Conforme assegura McLuhan (1969), “qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo” (McLuhan, p. 63). O autor, ao fazer uma analogia do mito de Narciso⁴⁰, confirma a relevância deste para a extensão de objetos e dispositivos tecnológicos na atual sociedade. Conforme o autor, “o que importa neste mito é o fato de que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios” (McLuhan, p.59). Assim, como “extensão” os objetos não afetam ou modificam apenas a vida cotidiana, mas fazem parte de um processo de aceleração da “vida sensória”, modificando e alterando os modos e ações de todo o contexto. Sendo assim, afetam também os sentidos. Contudo, não apenas as tecnologias para locomoção nas cidades, os celulares, as câmeras fotográficas, os relógios, entre outros, configuram-se como extensões.

⁴⁰ Como a própria palavra Narciso indica, está intimamente ligado à experiência humana. O “entorpecimento” pela própria imagem refere-se a esta extensão de si mesmo. “O jovem Narciso tomou seu próprio reflexo na água por outra pessoa. A extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida. A ninfa Eco tentou conquistar seu amor por meio de fragmentos de sua própria fala, mas em vão. Ele estava sonado. Havia-se adaptado à extensão de si mesmo e tornara-se um sistema fechado” (McLuhan, 1969, p. 59).

O que se pode perceber é que estes sensores, chips e acessórios, já não são apenas extensões de um indivíduo, mas fazem parte do corpo, definindo-o como sujeito de uma comunidade, espaço e lugar, determinando e reconstruindo, assim, sua identidade pelos territórios infocomunicacionais estes aparatos tecnológicos estão agora acoplados ao corpo. Logo, participam de todas as ações cotidianas como uma “segunda pele”; portanto, como parte do corpo biológico do indivíduo. Desse modo, Regis (2012) define a imbricação entre corpo e tecnologias no sentido da constituição do humano: “Os dispositivos técnicos deixam de ser meras ferramentas ou próteses que favorecem ou prejudicam o conhecimento da verdade do sujeito; as tecnologias de informação são modos de constituição do humano” (2012, p. 172). O conceito de corpo traz, em si, a complexidade dos pensamentos fundamentais modernos, onde as fronteiras entre indivíduo e cultura eram delimitadas pelas ações, ligando-se a sociedade com a natureza, sendo que as determinações fisiológicas eram imbricadas.

Enquanto a Modernidade singulariza o humano por sua capacidade de pensar, e articula a imagem do corpo ao *logos*, a Atualidade informatiza o corpo e produz tecnologias que se conectam diretamente com a carne. A carne é matéria comum de todos os corpos, humanos e animais. O corpo, ao ser privado de suas ‘vestes culturais’, é incitado a todo tipo de troca, não apenas entre organismos biológicos. Tornam-se possíveis hibridismos, implantes, transplantes, próteses e conexões entre seres vivos e mortos, orgânicos e minerais, organismos humanos e animais, componentes orgânicos e maquínicos (REGIS, 2012, p. 101).

O corpo enquanto projeto finito “garantia a empiricidade necessária à positividade do saber” (Regis, 2012). Atualmente, este corpo é compreendido por inúmeros processos e conexões sociais, hibridismos que se convergem entre redes virtuais e físicas nas sociedades e comunidades. Na perspectiva de mudança e hibridização do corpo biológico, Regis (2012) aponta para as inúmeras possibilidades de manutenção e modificação do corpo, bem como o uso de tecnologias para alterar e aumentar as capacidades cognitivas e biológicas. Assim, o objetivo dos indivíduos, segundo a autora, “parece ser conhecer seu mapa genético para diagnosticar a propensão a doenças precocemente e evitá-las, seja pelo uso de implantes, transplantes ou qualquer outra intervenção clínica disponível” (Regis, 2012, p. 102). O corpo, enquanto acessório, é percebido na visão de Le Breton

(2003) na perspectiva de uma “sobressignificação”. As inúmeras possibilidades de conhecimento, informações, trocas e recepção de dados convergem na atual sociedade para uma imbricação ampliada de serviços à disposição nas diferentes redes de conexão. A “representação provisória” a qual está situada o corpo traz à tona os artefatos tecnológicos como acoplamentos, como processos de dispositivos integrados ao corpo, no qual efeitos serão efetivados. “A maleabilidade de si, a plasticidade do corpo tornam-se lugares-comuns. A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao *design* do momento” (Le Breton, 2003, p. 28). A transformação no modo de interagir e atuar na sociedade converte o corpo a um processo de jogo entre o homem e seu próprio corpo, segundo o autor.

Uma versão moderna do dualismo não opõe mais o corpo ao espírito ou à alma, porém, mais precisamente, ao próprio sujeito. O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o *ser-no-mundo*, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um *kit*, uma soma de partes eventualmente descartáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal (LE BRETON, 2003, p. 28).

Esta identidade provisória ou durável possui uma hibridização com o contexto social e suas interações. O contexto atual em que dietas milagrosas com promessa de emagrecimento surgem diariamente é reforçado pela facilidade de busca e compartilhamento destas informações. As mudanças e modificações no próprio corpo são constantes, e o corpo é ostentado como práticas simultâneas de expressão de si e de uma própria tradução de “maleabilidade”.

O corpo é o suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras (LE BRETON, 2003, p. 28).

As novas formas de socialidade⁴¹ do corpo expandem-se, assim como as possibilidades de circulação das informações na comunicação ubíqua da saúde, permitindo, desse modo, que as redes de conexão se ampliem, transitando agora entre as interfaces: corpo, espaço, dispositivos e aparatos tecnológicos móveis. Este espaço, onde tudo está imbricado, criando e fortalecendo os laços sociais, definirá os novos contextos, com o arcaico e as tecnologias híbridas em sintonia. Assim, através da maneira de viver de cada indivíduo e do coletivo, o saber-fazer, saber-dizer e saber-viver definem o cotidiano (Maffesoli, 2010). No entanto, ao analisar a sociedade e a comunicação, não são submetidas a uma lógica do “dever-ser”. Tenta-se, nesse caso, compreender como a comunicação serve de “cimento social”, criando e recriando novas biografias a partir das redes de conexões entre corpo, sociedade e espaço. Sendo assim, a partir da lógica de difusão das informações e da comunicação nas diferentes redes de conexão híbridas, a exploração da biografia torna-se elemento essencial das tribos pós-modernas. Assim, o foco desta dinâmica está no processo, o “estar-junto” como artifício para observar as formas de participação e comunicação no imaginário destas comunidades. Para tanto, é necessário haver uma integração entre razão e os componentes da personalidade. Desse modo, o alargamento da consciência é estabelecido. Dessa forma, a lógica, conforme Maffesoli (2010), estabelece uma estrutura relativa e, portanto:

[...] vai valorizar o sensível, a comunicação, a emoção coletiva, e será então mais relativa, completamente dependente dos grupos (ou tribos) que estrutura enquanto tais, será então uma *ethica*, um *ethos* que vem de baixo. Moral *versus* ética (MAFFESOLI, 2010, 4ª ed., p.21).

A “dosagem sutil”, salientada neste pressuposto por Maffesoli (2010), refere-se ao equilíbrio entre a erudição (crítica e razão) e a paixão (sentimento e imaginação); assim, o processo de avaliação de um fenômeno qualquer pode ser efetivado. Esta racionalidade aberta da pós-modernidade está intrinsecamente ligada ao entusiasmo e ao instinto. Os processos coletivos de compartilhamentos, as interações e as conexões que serão estabelecidas entre corpo, tecnologias e redes

⁴¹ Para Maffesoli a socialidade “significa que a vida social não poderia se reduzir às simples relações racionais ou mecânicas que servem, em geral, para definir as relações sociais” (Maffesoli, 2010, p. 92). Assim, este conceito permite uma integração entre sentimentos, emoções, imaginários, lúdicos, que, segundo o autor, estão inseridas nas nossas sociedades.

firmam as lógicas destas vias. Desse modo, a passagem da “lógica da identidade” para a “lógica da identificação” (Maffesoli, 2010), refere-se à primeira como a da ordem individual; já a lógica da identificação diz respeito à ordem coletiva. “A cultura do sentimento é, portanto, a consequência da atração. Agregamo-nos segundo as ocorrências ou os desejos. É uma espécie de acaso objetivo que prevalece. Mas o valor, a admiração, o *hobby*, o gosto que são partilhados tornam-se cimento, são vetores de ética” (Maffesoli, 2010, p. 32). O autor salienta a sua denominação para ética, em que essa moral seria “sem obrigação nem sanção; sem outra obrigação que a de unir-se, de ser membro do conjunto do corpo coletivo; sem outra sanção que a de ser excluído, cessa-se o interesse (*inter-esse*) que me liga ao grupo”. Assim, portanto, refere-se à “ética da estética: o fato de experimentar junto algo é fator da socialização” (2010, pp.32 – 33).

O corpo passa a ser o instrumento desse processo, tanto de identificação em grupos, quanto de uma “epifanização do corpo” (Maffesoli, 2010), tendo como base a complementação e o enriquecimento da simples razão. Ou seja, a concepção fenomenológica do corpo abordada pelo autor está presente na inserção do corpo individual ligado a um grupo. “A vida urbana é mesmo a das aparências. O espetáculo cotidiano não está mais acantonado a lugares fechados, capilarizou-se na rede densa do mundo físico e social” (Maffesoli, 2010, p. 139). O autor salienta também que o cuidado com o corpo e essa epifanização da qual retrata e inclui o indivíduo nas conexões sociais é também um processo de “causa e efeito da comunicação”.

[...] a preocupação e o cuidado com o corpo que se observam constantemente, as máscaras e os adornos que representam uma constante antropológica podem ser analisados como tantos outros meios de se situar uns em relação aos outros. O corpo em espetáculo, sendo, a partir daí, causa e efeito da comunicação (MAFFESOLI, 2010, p. 41).

Logo, a superexposição do corpo individual pode ser observada na ubiquidade tecnológica com referência ao processo de “barroquização” (Maffesoli, 2010). Ao considerar o barroco não apenas como um momento específico da história da arte, ampliando a sua perspectiva ao “tipo societal”, o autor refere-se a este processo, a algo que tem seus percursos na vida cotidiana na sociedade.

Assim, “[...] ocupa um lugar mais ou menos importante, pode-se dizer que a acentuação do *corpo em situação* é sinônimo da barroquização de um dado conjunto social” (Maffesoli, 2010, p. 145). Trata-se, portanto, da relação com o outro, principalmente pela identificação do que o barroquismo constrói como o natural e o artificial. Esta constante mudança permite a observação de ações nas redes de conexão entre indivíduos, dispositivos e tecnologias híbridas e corpo. Ao interagir e compartilhar nestas redes, e cooperar com elas, constituem-se relações sociais em um determinado grupo ou comunidade, de onde são emitidos dados e informações do próprio corpo biológico, permitindo, desta forma, a comunicação. A estética, neste sentido, através da qual tornam-se possíveis inúmeras vias para compartilhamento de imagens, textos e dados, torna-se fator de coesão na rede.

Os objetos inseridos no contexto já não fazem parte mais de apenas uma conexão, eles “especializam”. Os objetos barrocos tinham esta lógica de aproximação, também potencialmente vividas no momento atual, para o autor a igualdade destes dois contextos em que a igreja, o lugar, o palácio serviam como suporte para a função de viver “num pequeno paraíso, sem esperar mais” (Maffesoli, 2010).

Cada objeto, através da sua própria banalidade, está cercado de uma aura que faz acontecimento. O mundo dos objetos não tem mais nada de inquietante, de alienante, como podia ser o caso numa perspectiva finalizada, à espera de uma ‘parusia’ qualquer. Ele tinha essa função reificante, já que ligava-se à terra, e desviavam ideais longínquos. Ao contrário, ele torna-se mágico. Novo *totem*, o objeto é vetor de agregação. Mas esse objeto preenche esse papel justamente porque concentra o tempo. Torna-se um condensado de tempo e de espaço, daí sua função de acontecimento (MAFFESOLI, 2010, p. 170).

Assim, forma e conteúdo são constantes. A forma como uma exterioridade que permite compreender o interior, de maneira imaginária que possibilita uma imagem figurada cômoda, como uma “pele” que autoriza que o corpo se sustente. A partir daí, pode-se observar como essa pele cada vez mais irá constituir as tribos e suas relações sociais. As tribos urbanas, através do seu modo de vestir, sua exterioridade, com maior frequência utilizando aparatos tecnológicos como pulseiras de medição das atividades físicas, monitoramento da saúde e *chips* que auxiliam nestes monitoramentos, estão configurando este processo. Portanto, a forma é

formante a partir de um exterior em que se pode compreender como se elaborar o viver-juntos. Esta manifestação da forma – como a prática nas academias, o culto ao corpo, a mediatização da saúde –, vai demonstrando, na pós-modernidade, como as sociedades estão dando maior ênfase à exterioridade. O cuidar de si é transposto para outros aparatos tecnológicos que não mais apenas o corpo, ou, somente para uma esfera social restrita, há uma imensidão de conexões e redes sociais. Para tanto, as relações sociais que vão sendo estabelecidas são configuradas para Maffesoli (2012) como o uso dos prazeres. Assim sendo, o corpo já não é metáfora; passa a ser realidade “societal”. A superfície do corpo torna-se a essência do estar-junto. Então, essas manifestações são trabalhadas na forma da construção do corpo, sempre, para e com o olhar do outro. São, portanto, técnicas praticadas em grupos, com o intuito de “tornar visível essa graça invisível que é estar-junto” (Maffesoli, 2010, p. 147).

[...] desde que a sociedade se miniaturiza (clãs, tribos), sua necessidade de emblemas, de totens, de símbolos, faz-se mais premente, nem que seja para fortalecer uma agregação que não tem a solidez do institucional. Assim, o corpo, como invólucro, não é um excedente que se possa rejeitar à vontade, uma concha vazia que se possa abandonar; está, ao contrário, intrinsecamente ligado ao corpo social. Há, entre essas duas modulações do corpo, uma reversibilidade das mais sólidas, que pode se comparar, [...] à que une a natureza e a cultura (MAFFESOLI, 2010, P. 147).

Esta superexposição nas diferentes redes e nos processos de circulação com aparatos e dispositivos móveis permite que o indivíduo obtenha trajetórias, monitoramentos, circulação e formação de novas vias comunicacionais através dos aplicativos, *chips*, dispositivos móveis e aparatos tecnológicos na área da saúde. Vigiar e monitorar, fazer circular dados e disponibilizá-los nas redes sociais permite uma ligação entre um grupo, a que este corpo individual está conectado, e, portanto, inserido. Desta forma, a lógica do corpo social está presente no processo; grupo, tribo ou sociedade são componentes desse corpo. Sendo assim, o estar-junto forma-se como um elemento dessa aparência, bem como da teatralidade do corpo que se assume no cotidiano. A mediatização da saúde insere-se neste ciclo, visto que não só as formas sociais desse corpo individual são expostas, mas diferentes formas de comunicação e informação estão disponíveis na ubiquidade tecnológica das redes

formadas por dispositivos, aplicativos de saúde, *chips* de monitoramento de atividades físicas e diferentes aparatos tecnológicos que permitem o compartilhamento e a vigilância.

Isso posto, ao observar o paradigma da saúde móvel nas redes de conexão em que corpo, memória e espaço estão interligados, enviando dados e informações, pode-se constatar a valorização do corpo, a exaltação e a midiatização da saúde. Como discorre Michel Maffesoli (2012), “a valorização do corpo sem objetivo, sem uma meta a ser atingida, simplesmente pela valorização de si mesma”. Desse modo, o “corporismo” firma-se como constituinte destas novas formas de conexões na sociedade pós-moderna. Ao movimentar-se pelas cidades, lugares físicos e virtuais, esse indivíduo coloca-se em relação à comunicação; para tanto, a comunicação constitui-se um laço social. Dessa forma, o lugar cria o laço; as relações nas diferentes redes de conexão e esferas sociais vão se estabelecendo. Esta comunicação tem como pressuposto o contato, o “colocar em relação”, ou seja, a função “tática”. De forma que, ao tentar captar, por meio do imaginário, é o fato de que a cultura não pode ser compreendida integralmente, caso não se aceite que exista “algo a mais”, uma superação da cultura. Assim, o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo, ou parte do coletivo. Desta forma, o imaginário pós-moderno reflete o tribalismo dentro de elementos ou parâmetros. Esse processo une o indivíduo no contexto, identificando-o com diferentes grupos tribais de acordo com interesses efêmeros.

Para tanto, a socialidade é este modelo de agregação social do período pós-moderno. Em tal contexto, o sujeito ubíquo insere-se em uma lógica de socialidade móvel entre estes diferentes aparatos e tecnologias. Buscando a conceitualização de Marshall McLuhan (1969) no que se refere às extensões destas tecnologias, uma extensão tecnológica pode ser trabalhada como um meio, assim como um meio pode agir como uma extensão tecnológica. No entanto, são relações pós-humanas, com agregação de tecnologias que permitem o desenvolvimento de ações que vão além da visão orgânica. É uma hibridização entre corpo biológico e tecnologias que enviam esta construção de uma narrativa ubíqua. O conhecimento ordinário referente aos processos de aquisição destas informações, em que sujeito e objeto formam um só no ato de conhecer, refere-se aqui à força da potência social, desta energia criadora das comunidades que são capazes de criar o “cimento social”, a afirmação de amor à vida aqui e agora contra o produtivismo, o progressismo e

outras ideologias de domesticação. A sinergia entre este arcaico – as mesmas formas antigas de circulação pelas cidades e de comunicação – com as tecnologias, aparatos e dispositivos móveis vão disponibilizar os laços sociais, juntamente com o desenvolvimento, a partir da função e das raízes. Assim sendo, os laços criados a partir de novas tecnologias estabelecem relações sociais e vão constituindo, dando sustentação às novas formas de socialidade. Nas redes sociais, nos *chats*, nos aplicativos de saúde, enfim, em todos os tipos de cultura na sociedade pós-moderna, são definidas como o jogo de crueldade e a criança (infantilidade). Esse involuntarismo, em que o lúdico, o onírico e a imaginação ganham forças para potencializar os laços sociais nas redes de conexão. Portanto, o fato de salientar o estar-junto como estar envolvido em um processo adquire forma nestes aplicativos e dispositivos da saúde, alterando não só as novas biografias que são criadas, como também os processos de comunicação entre as redes e os indivíduos. São, desta forma, novas tecnologias de produção e de difusão de bens simbólicos. O estar-junto, o tribalismo e o lúdico nas Redes Sociais na Internet da sociedade pós-moderna unem espaço, cidades e corpo em lugares distintos, possibilitando interações com diferentes meios e coletivos. A multiplicação das imagens nas redes funciona como um totem onde os indivíduos compartilham entre as conexões estabelecidas. O reencantamento do mundo nesta esfera da Internet traz a consolidação do comunitário, da vida em comunidade e sociedade, de novos espaços sendo compartilhados, onde comunicação e técnica servem ao “cimento social”. Portanto, o espaço pós-moderno – aqui relatado – destas redes de conexão realiza-se por identificação transitória. Maffesoli (2012) propõe, nesta perspectiva das imagens, ser possível pensar esta fase como a “fase das telas”, em que o indivíduo se reconhece e interage aliando razão e sentido. O autor salienta que a linguagem do corpo que se mostra nas sociedades (através das vestimentas, língua, etc.) serve de vetorização e não de frivolidade. Assim, “essa frivolidade é o indício mais claro de uma nova lógica de estar-junto que está se colocando no lugar” (Maffesoli, 1996, p. 181). Deste modo, há uma reconfiguração do espaço público, das conexões que enviam dados e informações nos diferentes ambientes das cidades e do próprio corpo (que agora também enviam dados através destes aparatos tecnológicos).

As ações e interações nas diversas plataformas ubíquas estão cada vez mais vigiadas e monitoradas, bem como estão, a cada nova conexão, sendo

potencialmente personalizadas por filtros e algoritmos que indicam o próximo caminho a ser seguido. Os espaços criados a partir dos fluxos comunicacionais e informacionais das sociedades em redes potencializam as formas e os lugares que são reconfigurados nestes ambientes, em que os indivíduos têm inúmeras possibilidades de interações sociais (podem trilhar seus próprios caminhos, compartilhar, cooperar, fortalecer os laços sociais nas redes de conexão, etc.). O comportamento humano é o resultado desse vasto processo de interpretação que os indivíduos, de forma coletiva ou isolada, conduzem à definição de um objeto, situações, eventos, no seu cotidiano. Para tanto, diferentes apropriações terão como aporte diferentes abordagens do método, com maior ou menor flexibilidade e adaptação. A cidade é observada como lugar da mobilidade, com seus interagentes, de processos de corpo individual e coletivo, da constituição das biografias, processos distintos de aculturação e suas possibilidades de interação social com outras comunidades. Os objetos sociais são construídos e reconstruídos pelos indivíduos. Com isso, os significados formados desses objetos dão-se pelo fato dos indivíduos imprimirem-lhes sentido no decorrer das interações. Neste sentido, as ações desenvolvidas levam esse indivíduo às interações com outros grupos sociais, onde o “espaço é uma cristalização do tempo” (Maffesoli, 2010).

O objeto, enquanto condensado do mundo, os objetos, que, com insistência, cercam-nos constantemente, têm uma função homeopática: eles acostumam-nos à estranheza da natureza. Por isso, favorecem a reversibilidade existente entre os dois mundos: o mundo da natureza e o mundo da sociedade. Mostram sua unidade também (MAFFESOLI, 2010, pp. 247 – 248).

A comunicação ubíqua extrai as possibilidades do espaço e do tempo; desta forma, relações “ausentes” que são localmente distantes, se dão em qualquer ambiente. Por conseguinte, o lugar, nesta esfera atual, está presente de forma invisível, ocultando as relações distantes. O corpo interligado aos diferentes aparatos tecnológicos passa a ser parte desse deslocamento ubíquo da comunicação. Os objetos são agregadores de sentimentos; assim, ao passar do estágio de “objeto banal”, este envolve-se, tornando-se como “fonte de encantamento”. Então, a “relação com o mundo passa por um objeto” (Maffesoli,

2010). Esse é um processo de mediação no qual:

O grande objeto mundo apreendido pelo pequeno objeto amado. Há em cada um desses casos, um encaminhamento de conhecimento, no sentido iniciático do termo, é claro: aproximamo-nos do saber por mediações específicas, etapas sucessivas. No caso, serão pontuações de objetos que constituem, de ponta a ponta, o mundo onde estou e seu encantamento específico (MAFFESOLI, 2010, pp. 248 – 249).

O mapeamento do corpo e o monitoramento da saúde de cada indivíduo tornam-se amplos. Para tanto, cada mídia exige do corpo e da mente uma nova configuração. São necessidades específicas para a utilização desses aparatos que auxiliam na circulação dos fluxos informacionais (já que são objetos conectados com capacidades de comunicação, de envio e trânsito de informações). É através da ubiquidade tecnológica que a interatividade estabelecida nas redes de conexões sociais se estabelece como participante no imaginário do outro. Portanto, o compartilhamento e as possibilidades de interações (engajamento, conflito e cooperação) dão-se com maior abrangência nas diferentes conexões criadas e/ou estabelecidas. Dessa forma, o corpo também é uma interface da memória transitória e de um espaço compartilhado de informações privadas. Esse corpo é também uma interface de conexões de um processo de interação, de dispositivos móveis e aparatos tecnológicos em diferentes redes de conexões sociais.

Então, o corpo desse indivíduo pós-moderno é também uma conexão que participa destes processos interacionais, modificando e alterando espaços, cognição e memória, através de sistemas de monitoramento e vigilância inerentes das redes móveis. Ou, como expõe Bergson (1999), esse corpo, no conjunto do “mundo material”, seria uma imagem “[...] que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em certa medida, a maneira de devolver o que recebe”. O processo de aquisição, exibição, função e consumo desses dispositivos móveis irão determinar os processos de domesticação do seu uso. Trata-se, assim, de um objeto que faz parte do cotidiano, um objeto físico com determinadas características (aproximação, marca, qualidade, modelo) que irá estabelecer uma dimensão e símbolos de estatuto social e cultural, desta sociedade societal. Portanto, o indivíduo não exclui

sua rede, não se exime de representações sociais, sejam virtuais ou presenciais. Conforme Le Breton (2003), os espaços e locais em que este indivíduo cuida do corpo “são espaços propícios para encontros provisórios e calorosos, onde é possível passar horas agradáveis sem ter de se comprometer muito” (2003, p. 54).

A paixão pelo corpo modifica sem dúvida o conteúdo tradicional do dualismo, que transformava o corpo antes na parte decaída da condição humana. Nessa vertente da modernidade, o corpo é associado a um valor incontestável, e essa admiração tende a psicologizá-lo, a torná-lo um local felizmente habitável a ele, acrescentando-se uma espécie de suplemento de alma (suplemento de símbolo). Favorece na escala do indivíduo uma espécie de substituto do outro (LE BRETON, 2003, p. 54).

Portanto, por possuir processos de aquisição e distribuição amplos, corpo e dispositivos móveis ubíquos não se situam apenas em uma rede, mas podem inserir-se em diferentes redes de conexão. Desta forma, a circulação pelos contínuos espaços de fluxos estabelece vínculos e diferentes formas simultâneas de práticas que irão redefinir estes processos.

5.2 VISIBILIDADE DO CORPO NA CIBERCULTURA

Nestes processos de comunicação ubíqua entre dispositivos e aparatos tecnológicos móveis, indivíduo, corpo e redes estão em constante hibridização. Este espaço, considerado por muitos como o fim das relações interpessoais, do contato humano, dos deslocamentos territoriais e de uma democracia questionável – muitas vezes excludente –, acabou por estreitar os laços das mídias, criando (e potencializando) lugares e a desterritorialização do mundo. No entanto, o que se percebe atualmente é uma reconfiguração do espaço público e privado. O ciberespaço estreita os laços entre indivíduos e informações, entre corpo e dados. A visibilidade é reforçada nas Redes Sociais na Internet (RSIs), nos dispositivos móveis e aparatos tecnológicos. Dessa forma, o corpo biológico e todos os seus dados e informações estão agora visíveis nestas conexões. Assim, ocorre uma mudança estrutural da Internet, podendo cada indivíduo manifestar-se de fato, sem as mediações de antes.

No entanto, antes de qualquer processo midiático, a visibilidade dava-se em contextos territorializantes, e, portanto, dentro de processos comunicacionais em que indivíduos e instituições trocavam informações no local dos acontecimentos. Com o desenvolvimento das mídias e de seus métodos, uma nova esfera de vigilância e visibilidade é instaurada. A visibilidade, como de fato acontece com toda tecnologia de sua época, proporciona regimes de luz (Foucault, 1986). Então, há a publicização das práticas de discursos sociais. Esta vigilância nas conexões digitais ocorre para monitorar, de forma sistemática e a distância, ações, informações e dados dos indivíduos no contexto do ciberespaço. Assim, torna-se possível o conhecimento sobre suas condutas, escolhas e possíveis intervenções que irão ser realizadas nestes espaços. “Os sistemas de informação e comunicação da cibercultura se tornam tecnologias de vigilância potenciais” (Bruno, 2008, p. 170). As identidades produzidas através de sistemas de conexões com máquinas estão imbricadas com os perfis. Sendo assim, estas “encontram nos perfis sua forma-padrão, que implicam procedimentos específicos de individualização” (Bruno, 2008, p. 176). Este perfil, nas redes, é uma forma de conduta e de visibilidade de ações futuras; são, portanto, “simulações de identidades” (Bruno, 2006). Assim, o indivíduo vai traçando seus caminhos nas redes de conexão, sua identidade, então, vai ficando à mostra.

Estes processos de vigilância, monitoramento, arquivamento e publicização são expostos em diferentes vias. Sendo assim, o processo de individualização obtém maior visibilidade.

Podemos chamá-lo de individualização transversal ou combinatória, em que são mais vigiados, arquivados e classificados os indivíduos mais conectados às redes informacionais; e, especialmente, os que nelas são mais visíveis, participativos ou inseridos nos circuitos de consumo e civilidade. Estes serão mais classificados em bancos de dados e mais acessados por perfis de saúde, segurança, consumo, entretenimento, etc. (BRUNO, 2008, p. 178).

Ou seja, estes sistemas de vigilância dos perfis e suas identidades nas redes visam obter escolhas, ordenar, encaminhar e projetar ações, cenários, produtos, interesses e interações.

As identidades projetadas pelos perfis não visam tanto as consciências que sustentam a ação; elas dão um passo à frente e visam diretamente a própria ação. A 'recompensa' e a 'punição' que tais identidades trazem consigo são menos da ordem do ser do que da ordem do acesso. Quanto maior a adequação ao perfil, maior é o acesso a circuitos de consumo e civilidade e mais perfis são gerados (BRUNO, 2008, p. 179).

Os espaços de fluxos infocomunicacionais nas redes híbridas potencializam o isolamento e a sobrecarga cognitiva, bem como deixam visíveis rastros, trajetórias, dados e informações, não apenas os que estão expostos nos perfis, mas do próprio corpo. Conectados no ciberespaço, os corpos dissolvem-se, hibridizados na cibercultura neste contexto em que a visibilidade torna-se ampla. Máquinas, indivíduos, tecnologias e dispositivos criam conexões sociais e interações sem precedentes. Como Foucault (1986) afirma, tais articulações de poder são advindas do século XVIII.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (Foucault, 1986, p. 80).

Desta forma, o poder relativo às conquistas “[...] emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder” (Foucault, 1986, p. 146). Sustentado pelas práticas cotidianas nas redes de conexão, o corpo, com diversos aparatos e dispositivos tecnológicos, configura e possibilita a construção, a busca pelo prazer, sob uma vontade de superação de si e do corpo. Este cuidado de si, na Antiguidade, era premissa para o acesso à vida política, permitindo, assim, a vida pública, e, conseqüentemente, o agir na coletividade, desta forma, servindo como base para a “conduta social e pessoal e para a arte da vida” (Foucault, 1990, p. 50).

El si no es el vestir, ni los instrumentos, ni las posesiones. Há de encontrarse en el principio que usa esos instrumentos, um principio que no es del cuerpo sino del alma. Uno há de preocuparse por el alma: ésta es la principal actividad em el cuidado de si. El cuidado de si es el cuidado de la

actividad y no el cuidado del alma como sustancia (Foucault, 1990, p. 59).

Logo, o corpo inserido na cibercultura atua em sistemas de vigilância que se especializam e distribuem-se nos fluxos informacionais. O isolamento e a sobrecarga cognitiva atuam como sistemas de poder.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e corpos exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. [...] digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (Foucault, 1987, p. 133 – 134).

A sistematização desses processos da visibilidade do corpo híbrido permite uma ampla vigilância dos fluxos informacionais entre dispositivos e aparatos tecnológicos no ciberespaço. Desta forma, o exercício do poder está entre estes processos. Assim, na rede, esse exercício do ver e ser visto expõe a “máquina de ver”, permite a visibilidade e a vigilância numa relação de registros. A vigilância e o monitoramento das mídias locativas invadem o campo da privacidade, do corpo, dos indivíduos, inserindo-se assim nas esferas públicas do ciberespaço, onde cada vez mais os sistemas de personalização distorcem as realidades, criando assim “filtros invisíveis” (Pariser, 2012) que monitoram e vigiam tais dados nas redes. Diante de tal perspectiva, são geradas novas formas de conduzir as percepções. As compreensões de como estes fluxos infocomunicacionais entre corpo, indivíduo e suas informações relativas ao bem-estar físico serão estabelecidas pelos processos de vigilância nesta cultura da participação.

Logo, o que se percebe atualmente é a reconfiguração do espaço público e privado; visto que, à medida que as instituições antigas cediam espaços para novas possibilidades, esses termos mudaram também sua configuração na sociedade.

Estas relações, então, configuram-se estreitamente com as relações de poder que legitimam as sociedades. Como observa Thompson (1998), estes domínios privados e públicos distinguem-se pelas organizações econômicas que visam a fins lucrativos, bem como as relações pessoais e familiares. Já o domínio público, neste contexto das sociedades ocidentais contemporâneas, pertence ao Estado, da mesma forma que “as organizações estatais e paraestatais (incluindo as organizações de bem-estar social)” (Thompson, 1998, p. 112). Também, obviamente que, neste sentido contemporâneo, são distintas do sentido de “público” quanto ao acesso aberto aos indivíduos. Já o sentido privado, restrito a determinado grupo ou comunidade.

Público neste sentido é o que é visível ou observável, o que é realizado na frente de espectadores, o que está aberto para que todos ou muitos vejam ou ouçam. Privado é, ao contrário, o que se esconde da vista dos outros, o que é dito ou feito em privacidade ou segredo ou entre um círculo restrito de pessoas (THOMPSON, 1998, p. 112).

Ou seja, estes espaços na ubiquidade comunicacional, estão inter-relacionados. Thompson analisa esta dicotomia na perspectiva publicitária, em que a privacidade estaria em jogo, assim como “[...] visibilidade versus invisibilidade. Um ato público é um ato visível, realizado abertamente para que qualquer um possa ver; um ato privado é invisível, realizado secretamente atrás de portas fechadas” (Thompson, 1998, p.112). Diante desta contextualização e das possibilidades da cibercultura e da onipresença nas redes com dispositivos e aparatos tecnológicos híbridos, é possível tomar como parâmetro as inerências trazidas pelas redes de conexão ubíquas na Internet, as quais já não estão sob controle de uma instituição, mas de indivíduos que emitem, processam e produzem conteúdos que, até então, eram privados das suas vidas cotidianas (como dados e informações de saúde), repassados a instituições e indivíduos da saúde pública. Agora, estes fluxos informacionais estão disponíveis e visíveis em uma ordem global pública, com acesso aberto. Estes espaços de fluxos com conexões híbridas vão redimensionar corpo e informação. As redes estabelecidas possibilitam esta compreensão e maior visibilidade do corpo na cibercultura com a mediatização da saúde. Em um espaço onde tudo está imbricado, as possibilidades de interações nestas vigilâncias também

tornam-se amplas. Esse processo, então, faz reaparecer as dimensões locais, os espaços e lugares dessas dinâmicas, antes restritas a uma determinada comunidade, ou informações que ficavam restritas às vias privadas.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de descrever e observar as redes de conexão constituídas através das interações nas comunidades *online* da Nike+ *FuelBand*, bem como analisar os processos comunicacionais estabelecidos na Rede Social na Internet (*Facebook*), será utilizada a abordagem netnográfica – consideram-se, nesta pesquisa, as duas abordagens teóricas da netnografia, tanto a Internet enquanto cultura, quanto como artefato cultural –, adotando a perspectiva do interacionismo simbólico e observação participante como aporte metodológico.

6.1 A ESCOLA DE CHICAGO E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Com o intuito de definir o conceito da natureza e a função das notícias, bem como a influência que esta exerce no comportamento das pessoas, Robert Ezra Park, ao imbricar-se na sociologia, defende a existência de um sucessivo laço entre as atividades do repórter e do sociólogo. As particularidades são definidas no sentido de que os dois profissionais necessitam, para atuar de modo adequado, das práticas sociais inerentes à profissão do conhecimento elaborado. O jornalista necessita de um conhecimento organizado, singular, contextualizado, mas não conceitual. Já para o sociólogo, a “conceptualização do conhecimento” mantém suas bases na natureza sistemática, proposta a públicos com formação característica, especializados.

Park destaca-se entre os membros da Escola de Chicago, onde acompanhou os pensamentos de George Simmel sobre as cidades, o qual examinava-as como um “estado de espírito”. Para a Escola de Chicago a cidade é apresentada “(...) como ‘laboratório social’, com seus signos de desorganização, de marginalidade, de aculturação, de assimilação; a cidade como lugar da ‘mobilidade’” (Mattelart, 2005, p. 34). Todos os aspectos relacionados à comunidade e os seus indivíduos são ponto de conduta destes estudos, desde esses aspectos sobre a natureza da informação e a diferenciação entre a “propaganda social” ou publicidade municipal, até a “ecologia humana”. Ao aprofundar-se nos estudos das comunidades humanas, as definições de comunidade, suas diferenças e homogeneidade surgem como proposta de estudos das interações sociais. A comunidade é definida a partir de três

elementos básicos, “uma população organizada em um território, em maior ou menor medida nele enraizado, cujos membros vivem numa relação de interdependência mútua de caráter simbiótico” (Mattelart, 2005, p. 34). Sendo inerentes às relações, a luta pelo espaço, o processo inicial de organização na sociedade inicia-se.

O contexto antropológico das cidades refere-se ao individualismo urbano, em que espaço e tempo são transitórios. Assim, a cidade é observada como lugar da mobilidade, com seus interagentes, processos distintos de aculturação e possibilidades de interação social com outras comunidades. Atualmente, o sentido dessa mobilidade reflete-se nas Redes Sociais da Internet (RSIs), com abrangência para um lugar desterritorializado movente, ubíquo e transitório, onde locomover-se tem sentido amplo. Nas RSIs, o indivíduo tem um espaço imenso para essa locomoção sem sair do seu espaço físico, porém alterando suas percepções de mundo, de sociabilidade e cognição.

Os processos comunicativos e de interação dos indivíduos na sociedade estão imbricados na perspectiva da “metodologia etnográfica”, instituída primeiramente no campo das ciências sociais por John Dewey e George Herbert Mead. Com a proposta de estudar estas interações sociais, “encontra-se na base de uma microssociologia que parte das manifestações subjetivas do ator” (Mattelart, 2005, p. 36). Com novos meios de organização nas sociedades, instaurando a “ordem moral” através das “concentrações urbanas e industriais”, indivíduo e sociedade entram em um sistema tensional.

Se existe comunicação é em virtude das diversidades individuais. E se o indivíduo está submetido às forças da homogeneidade ele é capaz de se subtrair a ela. Reencontramos aí a tensão que percorre as pesquisas de Dewey, para quem a comunicação é ao mesmo tempo causa de e remédio para a perda da comunidade social e da democracia política (MATTELART, 2005, p. 36).

A capacidade de experiência do indivíduo produz uma ação singular e única, traduzindo-se na sua trajetória de vida. Estes aspectos das interações sociais aparecem na Escola de Chicago como fatores de estudos das mídias e suas concepções nas relações com a sociedade. Os estudos das interações simbólicas dos atores designam a distinção dos grupos sociais, com base no conceito central

do significado e os objetos sociais, estes são construídos pelos atores envolvidos de forma permanente.

A corrente do interacionismo simbólico desenvolvida pela Escola de Chicago concentra-se na natureza social, com estrutura basilar em que o significado social dos objetos deve-se ao fato de que os indivíduos dão-lhes sentido no decurso de suas interações. Assim, os atores, a partir da interação entre as pessoas, constroem ações individuais ou coletivas, agindo neste contexto social. A vida em sociedade pressupõe a interação social. No entanto, não são apenas estas relações e significados que o indivíduo dá ao mundo que estabelecem as interações sociais, mas as atitudes críticas igualmente formam esta corrente. A posição do interacionismo simbólico, segundo Blumer (1969), é de que “os significados proporcionados pelos elementos ao homem são intrinsecamente fundamentais”.

O uso de significados por um indivíduo em ação implica um processo de interpretação. A subjetividade e/ou a intersubjetividade dos atores são determinantes das ações sociais para esta corrente. Motivações sociais e a liberdade de escolha de cada indivíduo formam-se como ponte de acesso aos significados das interações. O interacionismo simbólico baseia-se, assim, em três premissas. A primeira estabelece que os seres humanos determinem suas ações a partir dos significados que o mundo lhes oferece. A segunda premissa versa no fato de que esses significados são provenientes ou advindos das interações sociais com os outros indivíduos. Já a terceira premissa determina que os significados são “manipulados” pelo processo de interpretação e, modificados por este, empregado nas relações com outros indivíduos.

A partir dessas premissas, há a sistematização do que Blumer (1969) classifica como “conceitos básicos, ou ‘imagens-raiz’”. São estas “imagens” que se referem à “natureza dos seguintes problemas: grupos ou sociedades humanas, interação social, o homem como agente, atividade humana e conjunção das linhas de ação”. Essas imagens, em conjunto, representam a forma como o interacionismo simbólico analisa a sociedade e o comportamento humano. Surge o processo de interpretação a que é levado o indivíduo a partir da ação, observação, relacionando, portanto, o significado destas, traçando seu próprio fluxo, à luz desta interpretação. Neste sentido, as ações desenvolvidas a partir das acepções adquiridas elevam esse indivíduo às interações com outros meios sociais.

Portanto, a interação social potencializa os processos de pertencimento numa sociedade em constante construção pelos indivíduos. O comportamento humano é o resultado desse vasto processo de interpretação a que os indivíduos, de forma coletiva ou isolada, conduzem a definição de um objeto, situações, eventos, etc. O interacionismo possibilita compreender o significado desses processos para os indivíduos, não somente nas suas interações sociais, mas também através dos elementos envolvidos nas ações sociais.

6.2 NETNOGRAFIA

Em constante transformação, os comportamentos e práticas sociais estabelecidos nos diferentes ambientes – virtuais ou físicos –, demandam um campo antropológico e social que se entrelaça. Como objeto de estudo, a Internet possui dois modelos de abordagem teóricas: “internet enquanto cultura e internet enquanto artefato tecnológico” (Amaral, Fragoso e Recuero, 2011, p. 40). Enquanto artefato cultural, é procedente da antropologia e dos estudos das comunidades, possuindo “significados compartilhados que são produzidos por uma comunidade de ideias” (Shah apud Amaral, Fragoso e Recuero, 2011, p. 40), oportunizando, assim, a compreensão do objeto como um local híbrido. Desta forma, as fronteiras entre o espaço físico e o virtual interatuam de forma fluída.

As práticas de produção e consumo de conteúdo dos usuários acabam oportunizando um amplo recorte de análise. Nessa abordagem, o papel das audiências pode ser enfatizado e relativizado em seus aspectos positivos e negativos, a partir de uma intrínseca relação com os estudos culturais como propõe Sterne (1999), sob a noção antevista por Raymond Williams (1974), de que as tecnologias são sempre produzidas por um processo histórico e em um sistema social, como uma ‘articulação ou aparato’ (Slack e Wise, 2002) (AMARAL, FRAGOSO e RECUERO, 2011, p. 42 – 43).

Essa perspectiva observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana (Amaral, Fragoso e Recuero, 2011). Dessa forma, aspectos das comunidades virtuais e físicas aparecem como um elemento cultural, favorecendo a percepção da rede, visto que “o objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações” (Amaral, Fragoso e Recuero, 2011, p. 42).

Os modelos de cultura e de artefato cultural são utilizados para fornecerem uma estrutura para pensar sobre dois aspectos do ciberespaço que podem ser observados como campos para um etnógrafo. Cada olhar sobre a internet sugere diferentes abordagens metodológicas e um conjunto distinto de problemas e vantagens (HINE apud AMARAL, FRAGOSO e RECUERO, 2011, p. 41).

A proposta do coletivo de pesquisa espanhol *Mediaciones (Universitat Oberta de Catalunya)* tem sua ênfase na abordagem da convergência de mídias, permitindo assim que os objetos sejam construídos seguindo as práticas e os atores sociais, “levando em conta não apenas a dimensão simbólica, mas também a dimensão material no qual o campo é definido durante a pesquisa” (Amaral, Fragoso e Recuero, 2011, p. 44). Neste contexto, a tecnologia midiática e a Internet configuram-se como geradoras das práticas sociais.

De acordo com essa proposta, cada abordagem teórica e seus diferentes conceitos são apropriados a diferentes objetos/campos e podem ser observados sob diferentes metodologias de pesquisa qualitativa. Os objetos de estudo são desenhados e definidos a partir das práticas midiáticas por eles geradas, levando em consideração as relações ‘borradas’ entre online/offline. [...] A abordagem praxeológica proposta pelo grupo de Barcelona funciona como um entrelaço que envolve ‘representação (narrativas), práticas (agenciamentos) e materialidade (infraestrutura); e que esteja além das dicotomias, entendidas como articulações, ‘campos’, metodologias e traduções (AMARAL, FRAGOSO e RECUERO, 2011, p. 43 – 44).

A partir da inserção nas comunidades, o pesquisador entra em contato com o seu objeto de estudo. Para Geertz (2001), o fazer etnográfico configura-se como:

[...] tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2001, p. 20).

Popularizado na metade dos anos 1990 por Kozinets, o termo netnografia advém do neologismo (net+ etnografia), tratando de abordagens de pesquisas em comunidades de consumo *online*. Outras terminologias como “ciberantropologia” também são mapeadas por autores que têm como base conceitos da antropologia ciborgue de Haraway (1991). Desta forma, observa “humanos nos ambientes conectados” (Amaral, 2010, p. 127), com o intuito de “examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de ‘ser humano’” (idem, 2010, p. 127). O termo “etnografia virtual” foi popularizado por Hine (2000, 2005), considerando as mudanças na comunicação advindas das tecnologias.

A metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos nos quais ela é empregada e é uma abordagem adaptativa que floresce na reflexividade sobre o método. A abordagem etnográfica descrita aqui tem como objetivo fazer justiça à riqueza e complexidade da Internet e também defender a experimentação dentro do gênero como uma resposta a novas situações (HINE apud AMARAL, FRAGOSO e RECUERO, 2011, p. 172).

A definição de Angrosino (2009) refere-se à etnografia como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009, p. 30). Criam-se novas relações e modos de interação nas comunidades *online*, configurando-se como processo de comunicação adaptados das relações sociais presenciais e transpostas para o universo *online*. Para tanto, as diferentes abordagens etnográficas estabelecem-se como referenciais metodológicos nestes campos.

[...] trata-se de uma participação muito peculiar, na medida em que é possível para o/a pesquisador/a tornar-se invisível, ou seja, ver sem ser visto/a, não interferindo em princípio na dinâmica da interação observada, embora deva-se levar em conta a possibilidade do *lurker* já estar contida na própria enunciação dos/as participantes. É essa participação (mesmo que invisível) no grupo que irá viabilizar a apreensão de aspectos daquela cultura possibilitando a elaboração posterior de uma descrição densa, que demanda uma compreensão detalhada dos significados compartilhados por seus membros e da rede de significação em questão (BRAGA, 2006, p. 4 – 5).

O método etnográfico, desta forma, passa por adaptações quando configurado aos ambientes digitais. Diferentes apropriações terão como aporte diferentes abordagens do método, com maior ou menor flexibilidade e adaptação. Para tanto, a abordagem netnográfica considera as práticas de consumo de mídia, os processos de sociabilidade e os processos comunicacionais que envolvem as representações dos indivíduos inseridos nas comunidades virtuais. A ascensão dessas comunidades, dos aplicativos móveis e aparatos tecnológicos na comunicação ubíqua apresentam ainda uma forma provisória, configurando-se, assim, como um processo ainda em fase de estabelecimento. As formas de apropriação dos meios mudaram com a comunicação ubíqua. Com isso, novas possibilidades metodológicas foram inseridas e ainda constituem um fenômeno embrionário. Os indivíduos passam a utilizar as diferentes ferramentas possibilitadas pela convergência midiática e pelo avanço das tecnologias através dos dispositivos móveis. Dessa forma, a base nunca está desvinculada dos processos comunicativos, sejam eles presenciais ou por interação mediada por computador, na forma *online*.

O processo de interação social ocorrente no interior dos ambientes proporcionados pela Internet é recente, e parte de estratégias individuais e grupais não herdadas, mas adquiridas por apropriação e adaptação de regras já estabelecidas, próprias de outros contextos relacionais (Braga, 2001). Tais estratégias vão sendo aplicadas caso a caso, atendendo a demandas situacionais, anterior a uma codificação formal explícita ou mesmo tácita, que se consolidará depois da sedimentação de uma cultura da atividade online (BRAGA, 2006, p. 1 – 2).

O enfoque comunicacional observado nas comunidades virtuais e tecnologias móveis onde os fluxos das redes se estabelecem, confere a esta abordagem o contexto e as culturas que delas emergem e nelas se desenvolvem. São conversações, práticas e negociações simbólicas “cuja observação sistemática e a investigação interpretativa nos ajudam a decompor e desvendar padrões de comportamento social e cultural” (Amaral, Fragoso e Recuero, 2011, p. 168). A narrativa dessa abordagem passa por uma multiplicidade de formas textuais, são processos participativos que integram as transformações nas diferentes esferas das

sociedades, em que a Internet tem alterado as relações sociais.

Assim, torna-se pertinente que outras técnicas e métodos sejam aplicados em conjunto com a netnografia, considerando que, conforme argumentam Montardo e Passerino (2006) em estudo sobre *blogs*, a limitação da netnografia está justamente na identidade e veracidade dos indivíduos na rede. Sendo assim, podem ser aplicadas técnicas como entrevistas, observação de sites, documentos, vídeos, entre outros, que irão possibilitar legitimar e confrontar os dados e as informações destes integrantes das redes. Contudo, a netnografia permite uma maior fluidez entre as conexões, visto que há possibilidades de analisar identidades, as formas de relacionamento, as dinâmicas e interações. Assim como a obtenção dos dados torna-se rápida e menos subjetiva (Kozinets, 2000). A netnografia, dessa forma, possibilita pensar, como propõe Hine (2000), os processos das “culturas da Internet”. Assim são possíveis formas de interpretação quanto à Internet como artefato cultural, ampliando suas perspectivas de dinâmicas interacionais nas redes. Como já exposto, as tecnologias e dispositivos híbridos inserem-se cada vez mais no cotidiano dos indivíduos, ou seja, com este aporte metodológico é possível observar, nesta perspectiva, as multiplicidades da Internet e suas redes de conexão. Considerando esse pressuposto, a amplitude da rede refere-se aos processos de consumo e produção que, conforme salienta Hine (2000), “são dispersos entre múltiplos locais, instituições e indivíduos” (p. 28). Assim essa cultura tão ampla e multifacetada possibilita que outros métodos tornem-se aporte para observações e análises de dinâmicas nas redes de conexão. Portanto, como aporte complementar desta pesquisa, será utilizada a observação participante.

6.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante, neste contexto, agregará ao método maior capacidade de imersão. Diante disso, busca-se compreender o meio e os processos da cibercultura pela própria vivência. Assim, “a observação participante exige a presença contínua” (Gomes, 2012, p. 57) no ambiente. No entanto, considerando a proximidade e as interações que destes processos irão surgir, faz-se necessário um certo “distanciamento”.

Para que este método não seja unicamente uma experiência pessoal, mas resulte em dados e produza conhecimento, há que se portar com um certo distanciamento, buscar objetividade, pôr-se ao largo dos acontecimentos. E, às vezes, isso se dá nos momentos cruciais em que os membros de uma cultura confiam na participação do pesquisador. As tensões vêm e vão, e cabe ao pesquisador ser capaz de manter-se com respeito e dignidade diante dos seus pesquisados e diante dos temas sobre os quais busca obter dados (GOMES, 2012, p. 57).

É, portanto, essencial, que se faça uma relação entre a parte e o todo, ou seja, a observação do contexto que será pesquisado, suas inerências e suas potencialidades para buscar compreendê-lo. Daí a importância das técnicas de mensuração para análise das observações, relatos e pontos salientes. A observação participante permitirá uma apuração de diferentes rotas e vias para o pesquisador, através da sensibilidade e das técnicas observadas. Como ressalta Travancas (2006), a observação participante “depende da sensibilidade do pesquisado”, desta forma, “não há uma regra, nem um código rígido de comportamento” (2006, p. 103). Esta inserção, de fato, auxilia nos processos de observação, percepção e na escrita das dinâmicas vivenciadas em determinada comunidade. Nesse contexto, conforme Peruzzo (2006, p. 134), o pesquisador acompanha as atividades do grupo ou comunidade participando das suas ações, ou seja, vivenciando na prática, reiterando que é apenas um observador neste contexto. Dessa forma, o grupo ou comunidade não tem interferência na pesquisa e nas suas fases de desenvolvimento. Contudo, o pesquisador pode deixar clara sua visibilidade na comunidade pesquisada; sendo assim, ele pode ser “encoberto” ou “revelado”, sendo que o grupo pode, ou não, ter conhecimento do que está sendo investigado. Portanto, este método permite uma maior mobilidade e amplitude do campo investigativo, apoiado no interacionismo simbólico e na netnografia.

7 TRAJETÓRIA E IDENTIDADE NIKE+

Se você tem um corpo, você é um atleta (Bill Bowerman, co-fundador Nike Inc.).

Antes de qualquer tecnologia, há indivíduos pensando na sua efetivação. Assim, criam-se conexões físicas e virtuais, entre tecnologias e pessoas, entre ideias e realizações. A história da Nike Inc. é repleta destas conexões, sonhos e objetivos comuns. Uma marca com representatividade, que iniciou seus trabalhos pensando na evolução dos desempenhos dos atletas. Para Bill Bowerman, co-fundador da empresa, o potencial humano nos esportes era visto com inúmeras possibilidades. A observação citada acima referencia ainda hoje os trabalhos da empresa. Em 1950, Bowerman, treinador de atletismo da Universidade de Oregon, realizava diversas experiências e inovações para calçados de corrida, com o intuito de melhorar a vantagem competitiva dos seus atletas. Ignorado pelos fabricantes de calçados da época, começou a fabricar os próprios calçados para seus esportistas. O atleta Phil Knight, em 1955, competiu pelo programa de atletismo de Bowerman. Formado na Universidade de Oregon, fez MBA em finanças na Universidade de Stanford, onde escreveu o artigo que daria impulso à sua vida. A hipótese era que “calçados de corrida com qualidade poderiam ser fabricados no Japão”⁴², podendo competir com marcas alemãs mais consagradas. Knight, em visita ao empresário dos calçados Tiger (Onitsuka Co., Kobe, Japão) convenceu-o a tornar-se um distribuidor dos produtos nos Estados Unidos. Ao enviar uma amostra dos calçados de corrida para Bowerman, com o intuito de efetivar uma venda, Knight recebeu um convite do treinador para ser sócio e apresentar suas ideias de calçados para a empresa Tiger. A empresa *Blue Ribbon Sports* nasceu em janeiro de 1964, quando Bowerman e Knight dividiam-se entre as vendas e as descobertas dos calçados. Bowerman rasgava os calçados para realizar experimentos com o intuito de deixá-los mais

⁴² Fonte: <<http://nikemedia.com.br/2009/11/16/anos-50-quando-a-nike-deu-seu-primeiro-suspiro-ela-inalou-o-espirito-de-dois-homens>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2013.

leves e com melhor desempenho para as corridas. Em 1965, a empresa contratou o primeiro funcionário, Jeff Johnson que desenhou alguns modelos de calçados, criou materiais de marketing (primeiros panfletos, anúncios impressos, catálogos da empresa) responsabilizou-se pelo sistema de pedido postal e abriu a primeira loja varejista (Santa Monica, Califórnia). Em 1971, sugeriu o nome Nike.

A marca Nike estava sendo estabelecida. O logo “Swoosh”, conhecido internacionalmente, foi desenvolvido por Carolyn Davidson, uma estudante de design da Universidade Estadual de Portland. Em 1972, a nova linha de calçados inovava no design e na leveza. O jovem atleta Steve Prefontaine tinha visibilidade e potencial nas pistas de corrida, tornando-se o representante da marca; mas era preciso expandir os negócios. Para os futuros corredores, Prefontaine – que ficou conhecido como a “alma da Nike” – enviava pares de tênis com bilhetes pessoais de encorajamento. A partir dos anos 80, a Nike impulsionou as suas tecnologias nos calçados com o Nike *Air* e vieram assinaturas de tênis com o atleta Michael Jordan da NBA, o que impulsionou a empresa no mercado. Em 1987, com uma forte campanha de marketing, a empresa anunciou, na televisão, com trilha sonora original de “*Revolution*”, dos Beatles, o primeiro calçado da marca com *air bags* visíveis. No ano seguinte, uma série de anúncios com a *tagline* “*Just do it*” era apresentada pelo atleta Bo Jackson, fortalecendo a imagem do tênis *cross training*.

As lojas *Niketown* criaram um novo modelo de consumo, em 1990, em Portland, Oregon – as “*retail-as-theatre*” – onde o consumidor, além da compra, tem experiências multissensoriais. Com inúmeros prêmios varejistas e de modelo arquitetônico, as lojas espalharam-se pelos Estados Unidos e internacionalmente. Os próximos anos foram de contratos com jogadores individuais e, em 1995, a empresa assinou contrato com vários jogadores do time brasileiro, vencedor da Copa do Mundo. No ano seguinte, o contrato estava assinado com o time todo e a empresa passou a confeccionar o uniforme do time brasileiro. A marca sempre agregando atletas de diversos esportes, assinou contratos aumentando a visibilidade e demonstrando a dualidade entre tecnologias e corpo para o melhor desempenho dos atletas. Nos anos 2000, estreando durante as Olimpíadas de Sydney, apresentou o sistema de amortecimento e estabilidade de calçado: o Nike Shox. Em fevereiro de 2012, a empresa lançou Nike *Flyknit*, um tênis de corrida com tecido leve e sem costura projetado a partir dos desejos de atletas. Com tecnologia nova e patenteada, o calçado tem variações de fios e dos tecidos projetadas com precisão

somente onde necessário. Assim, a parte superior do calçado torna-se leve, justa e virtualmente sem costura. O tênis pesa somente 160 gramas. O presidente e CEO da Nike, Inc., Mark Parker, afirmou, no lançamento dos produtos em Nova Iorque, que esta tecnologia “redefine a ideia de calçado de corrida: leve e sem costura, ele age como uma segunda pele para o pé”⁴³. O conceito de “segunda pele” foi exposto nos capítulos anteriores e servirá como base para esta análise.

Com a evolução das tecnologias dos produtos, as abordagens nas campanhas de marketing também evoluíram. O “*Secret Tournament*” partiu da ideia de que grandes atletas precisam de grandes produtos e grandes anúncios. Com propaganda, Internet, relações públicas e eventos com foco no consumidor, a marca continua investindo na relação entusiasmo e engajamento. Mais do que um simples anúncio, a Nike continua com essa abordagem na sua base das comunicações, desenvolvendo produtos e métodos criativos para comunicar-se diretamente com seu público. As derivações dessas tecnologias – Nike *Free*, Nike *Sphere* e o Nike+ – potencializam as interfaces entre tecnologia e indivíduo.

A Nike+ possui diversos produtos tecnológicos com o intuito de proporcionar monitoramento das atividades diárias do indivíduo (figura 3). O sensor (*chip*) funciona sem fio, acoplado na palmilha do tênis Nike+ e, com o auxílio do aplicativo, monitora as atividades; Nike+ *SportWatch* GPS funciona como um treinador de pulso, monitorando com GPS (Sistema de Posicionamento Global) as atividades e corridas, grava os melhores resultados e possui lembretes para avisar os dias de corrida; o Nike+ *Running App* aplicativo que monitora as corridas e o progresso, não necessita de sensor e está disponível para os sistemas iOS e Android; a Nike+ *SportBand* é um aparelho em que é possível personalizar o monitor para exibir somente informações consideradas importantes para as atividades físicas; o iPod nano com Nike+ possibilita incluir as mesmas funcionalidades no aparelho; Nike+ *Kinect Training* traz uma série de treinamentos personalizados que acompanham a evolução de cada indivíduo. Em tempo real, as atividades podem ser desenvolvidas com a tecnologia dos *games* e a interação da realidade virtual em casa.

⁴³ Fonte: <<http://nikemedia.com.br/2012/02/22/nike-mostra-novidades-tecnologias-para-as-quadras-e-pistas>>. Acesso em 07 de janeiro de 2013.

Figura 3 - Quadro demonstrativo dos produtos Nike+

		 Nike+ SportWatch GPS	 Nike+ Running App	 Nike+ SportBand	 iPod nano	 Nike+ Kinect Training
✓	Ideal para	Monitorar corridas			Monitorar atividades físicas	
⊕	Ganhar NikeFuel	✓	✓	✓	✓	✓
	Monitora suas corridas (distância, ritmo, duração)	✓	✓	✓	✓	
	Monitora todas as atividades do dia (passos, calorias, tempo ativo)				✓	
	Mapeamento da localização via GPS	✓ *	✓			
	Captura percursos de voltas em circuito	✓				
	Faz sincronização sem fio (Via dispositivo móvel)		✓			✓
	Integração com sua biblioteca de músicas		✓		✓	✓
	Funciona com Sensor Nike+ Running	✓		✓	✓ **	
	Opções de tamanho	Tamanho único	N/A	Tamanho único	8 GB, 16 GB	N/A

* Atividades em ambientes fechados com sensor opcional da Nike+ Running ** O sensor não é necessário para a 6ª geração do iPod nano

Fonte: <<http://nikeplus.nike.com>>. (Acesso em 02 de dezembro de 2012).

A empresa com sua sede atual em Oregon, nos Estados Unidos tornou-se a líder em projetos, comercialização e distribuição de calçados, roupas, equipamentos e acessórios esportivos exclusivos para variedade de esportes e atividades físicas⁴⁴. Diante desse panorama, a empresa vem investindo na área da informação, incluindo, dessa forma, em seus produtos, tecnologias híbridas que possibilitam acesso a sistemas de geolocalização, fluxos infocomunicacionais através do acesso à Internet, a dados e características inerentes de conteúdos informativos nas redes sociais. Ou seja, após a Nike+, outra perspectiva da marca inicia o seu processo na área da informação. Este, portanto, é um dos pontos relevantes desse objeto, que

⁴⁴ Outras empresas de propriedade exclusiva da Nike são: Converse Inc., (cria, comercializa, distribui calçados, roupas e acessórios esportivos); Cole Haan (cria, comercializa, distribui sapatos, bolsas, acessórios e casacos de luxo); Umbro Ltd., (marca líder de produtos para futebol) e Hurley International LLC (cria, comercializa, distribui sapatos, acessórios e roupas para esportes de ação e estilo de vida jovem). Fonte: <<http://nikemedia.com.br>>. Acesso em 07 de janeiro de 2013.

cria conexões e estabelece novas dinâmicas com indivíduos nas redes, entre os sistemas informativos e seus produtos, objetos e artefatos tecnológicos.

Investindo em campanhas de engajamento nas Redes Sociais na Internet, a marca tem ganhado maior visibilidade e interação nestas redes. O site “Arquitetura de informação”⁴⁵ publicou, no dia 19 de setembro de 2012, um relatório do site “*Trendwatching*”, apontando “12 minitendências de consumo e tecnologia” (figura 4). O relatório contém uma lista com apresentação que inclui desde eletrodomésticos *high tech*, até redes sociais virtuais no mundo físico. O sexto tópico – “*Nanny apps & 24/7 Feedback*” – apresenta o dispositivo *Nike+ FuelBand*, com a seguinte descrição: “A *Nike+ FuelBand* é uma pulseira que monitora os movimentos, consumo de calorias, e tempo de conclusão para as tarefas específicas. O dispositivo pode ser configurado para monitorar os esforços que serão pré-programados para atingir os *goals* (o *display* de LED muda do vermelho para o verde conforme o progresso), o que pode ser gerenciado por computador ou via *iOS smartphone*”.⁴⁶


⁴⁵ Fonte: <<http://arquiteturadeinformacao.com/2012/09/19/12-minitendencias-de-consumo-e-tecnologia>>. Acesso em: 19 de setembro de 2012.

⁴⁶ “*The Nike+ FuelBand is a wristband that tracks movement, calorie intake, and completion time for specific tasks. The device can be set up to monitor the wearer’s efforts toward pre-programmed goals (the LED display turns from red to green with progress), which can be managed by computer or iOS smartphone*”. Tradução da autora.

Figura 4 - Apresentação do "Trendwatching"

6. NANNY APPS & 24/7 FEEDBACK

Nike + FuelBand



The **Nike + FuelBand** is a wristband that tracks movement, calorie intake, and completion time for specific tasks. The device can be set up to monitor the wearer's efforts toward pre-programmed goals (the LED display turns from red to green with progress), which can be managed by computer or iOS smartphone.

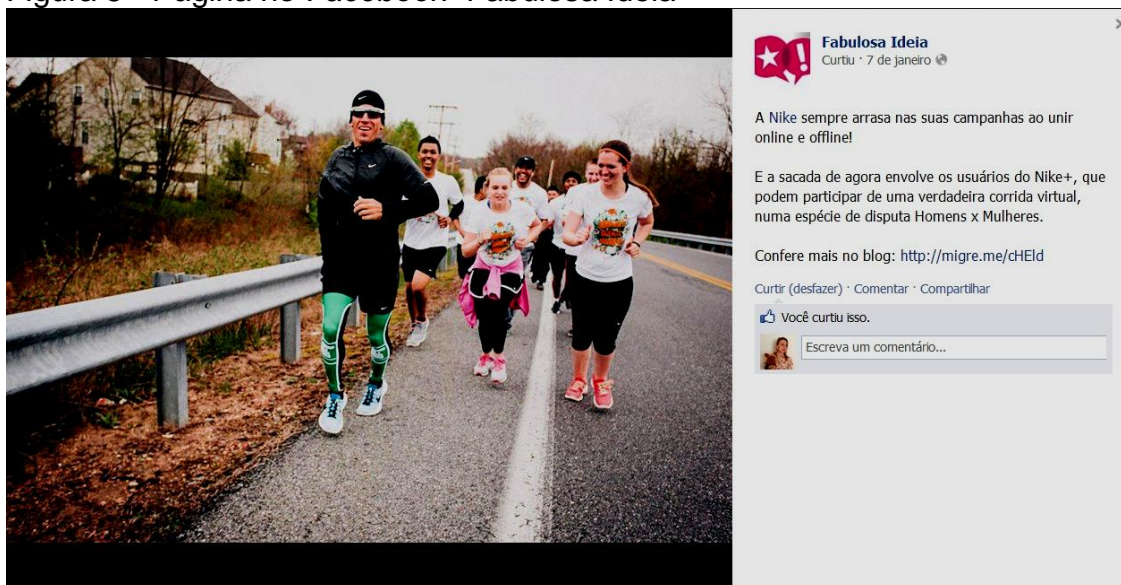


www.trendwatching.com |
MINI TRENDS | 16

Fonte: <<http://arquiteturadeinformacao.com/2012/09/19/12-minitendencias-de-consumo-e-tecnologia>>. Acesso em: 19 de setembro de 2012.

A agência de comunicação "Fabulosa Ideia" publicou, na sua página no *Facebook*, conteúdo sobre a campanha da Nike+ (figura 5). A divulgação destaca o impacto das suas campanhas tanto *online* quanto *offline*, com *link* para o *blog* da agência que disponibiliza informações sobre a campanha da "Nike+ Missions".

Figura 5 - Página no Facebook "Fabulosa Ideia"

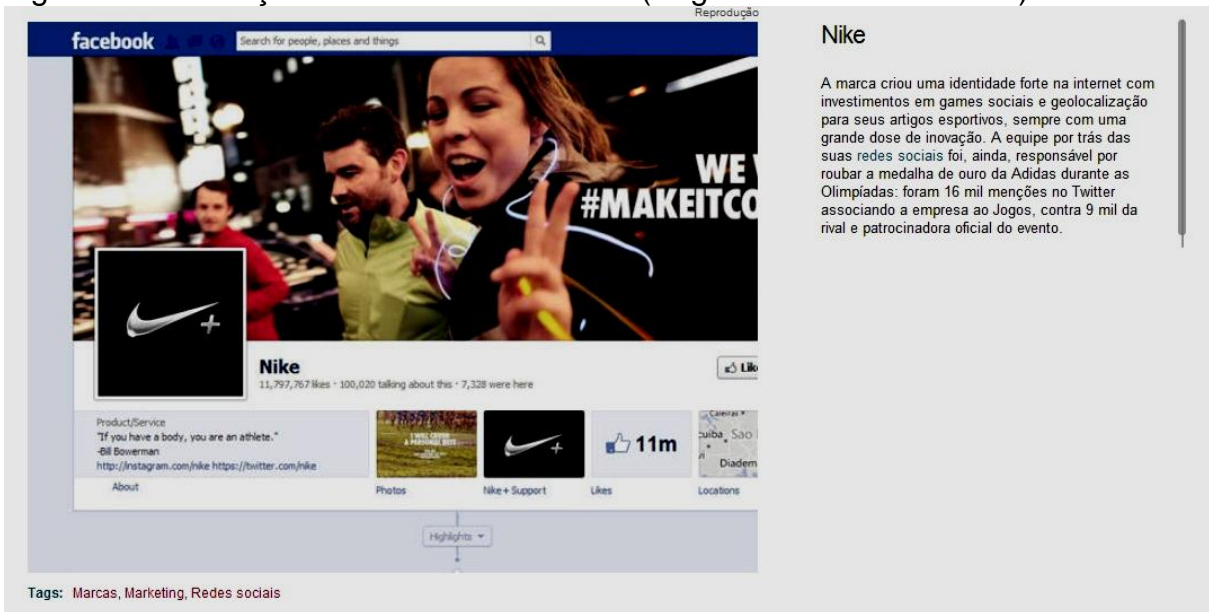


Fonte: <<http://www.facebook.com/fabulosaideia>>. (Acesso em 07 de janeiro de 2013).

A publicação na revista Exame.com⁴⁷ a marca Nike aparece como um dos perfis a ser seguido na Rede Social Facebook (figura 6), ressaltando a sua consolidação nas Redes Sociais na Internet (RSIs), reforçando a identidade nesses espaços e sua inovação nas tecnologias de artigos esportivos. A colunista ainda observa o engajamento da equipe diante das RSIs e os concorrentes da marca, durante as Olimpíadas, que tinha a marca Adidas como patrocinador. “[...] foram 16 mil menções no *Twitter* associando a empresa aos Jogos, contra 9 mil da rival e patrocinadora oficial do evento”. A publicação sugere 25 marcas para observar seus conteúdos durante o ano de 2013, considerando publicações e monitoramentos do ano anterior.

⁴⁷ Revista especializada em economia e negócios. Edição *online* de 10 de janeiro de 2013 – “25 marcas para ficar de olho nas redes sociais em 2013 – confira os perfis que prometem contar boas histórias neste ano”, texto de Mirela Portugal. (<<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/25-marcas-para-seguir-nas-redes-sociais-em-2013#25>>) Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

Figura 6 - Publicação na revista Exame.com (Página Nike no Facebook)



Fonte: <<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/25-marcas-para-seguir-nas-redes-sociais-em-2013#25>>. (Acesso em: 10 de janeiro de 2013).

Essas publicações, com diferentes tipos de foco (um site de notícias sobre arquitetura da informação, uma agência de comunicação brasileira e uma revista com foco em economia e negócios), auxiliam nos processos de observação da crescente preocupação das marcas com as interações entre os indivíduos usuários desses dispositivos, visto que o número de seguidores em suas diferentes Redes Sociais na Internet (RSIs) cresce consideravelmente. A marca Nike+ *FuelBand* promove diversos encontros e interações em espaços físicos, potencializando os lugares e suas conexões. Também, mantém patrocínio com atletas (basquete, futebol, futebol americano e atletismo, etc.) que auxiliam neste retorno de engajamento e visibilidade.

Saindo de uma venda de commodities no setor de calçados para inserir-se no mercado dos artefatos e dispositivos tecnológicos móveis, a Nike vem investindo ainda mais em tecnologia e informação, visto que um dos resultados do novo produto é o compartilhamento nas Redes Sociais na Internet, aliando design, usabilidade e interatividade com as esferas *online* e *offline* tornando essa inserção e imersão nos processos ubíquos uma cultura densa na questão do exercício, do corpo e do bem-estar físico. A pulseira Nike+ *FuelBand* possibilita que o indivíduo, ao compartilhar as suas atividades pelas diferentes redes de conexão, mostre as

informações disponibilizadas pelo seu corpo (calorias, tempo e trajeto percorrido). Esses dados geram novas interações nas redes compartilhadas, aumentando seus fluxos comunicacionais. Portanto, o fenômeno da comunicação ubíqua que auxilia no monitoramento das atividades diárias dos indivíduos está num contexto geral, inserido como um produto derivado de uma marca com grande representatividade no mercado, com uma identidade cada vez mais consolidada nas RSIs e com o intuito de despertar engajamento nas rotinas cotidianas. No entanto, referenciado como novidade no campo de dispositivos de saúde, visto que auxilia para o desenvolvimento do bem-estar físico, mental e social.

8 ANÁLISE DA NIKE+ *FUEL*BAND E SUAS EXTENSÕES SOCIAIS NAS REDES

Os espaços de fluxos transitam em diferentes esferas na comunicação ubíqua com as redes de conexões sociais, os espaços e lugares das cidades. A ubiquidade e a onipresença são proporcionadas pelos diferentes aparatos e dispositivos tecnológicos que com a miniaturização, o ajuste ao corpo e as inúmeras possibilidades de interações e conexões enviam, emitem dados e informações compartilhando em redes de conexões sociais.

Com o intuito de possibilitar o compartilhamento, engajamento, interações e o incentivo de atividades físicas, a Nike+ *FuelBand* (figura 7) teve seu lançamento no dia 19 de janeiro de 2012. É uma pulseira que monitora e mede os movimentos diários de cada indivíduo através dos sistemas *NikeFuel*, calorias, passos e tempo. Assim, a Nike+ *FuelBand* está inserida na comunicação para saúde através do monitoramento de atividades físicas. As suas conexões são partes importantes no processo da “saúde móvel”. Para tanto, têm o objetivo de motivar ações para o bem-estar físico. O sistema possui um display de *LED* com uma série de vinte luzes, do vermelho ao verde. As sequências em cores vão estabelecendo, à medida que o usuário aproxima-se do seu objetivo diário, através dos indicadores (passos, calorias, tempo e *Fuel* – sistema de medida de métricas *FuelBand*), uma pontuação das atividades diárias desenvolvidas de acordo com a meta pré-estabelecida. Dessa forma, serão enumerados os objetivos a serem atingidos durante o período de atividades. Desde atividades simples como caminhadas a práticas desportivas podem ser pontuadas (no entanto, não é recomendável para natação). Com isso, a pulseira torna-se uma espécie de vestimenta do usuário. Através dos movimentos do pulso, a medição é contada. As comparações nas redes de conexão podem ser realizadas e compartilhadas. Os dados podem ser enviados via *USB* (embutido na pulseira), sistema *Bluetooth*, ou pela sincronização com a plataforma Nike+. A pulseira é comercializada por uma média de R\$ 570,00. Já o aplicativo é gratuito para o sistema iOS. Ainda possibilita que o usuário armazene as atividades, grave e acompanhe o progresso diário através do site nikeplus.com (figura 8), compartilhando nas Redes Sociais na Internet (*Twitter* e *Facebook*). O site da Nike+ *FuelBand* divulga informações referentes ao produto e modo de funcionamento. O usuário pode fazer uma visita virtual pelo aplicativo, realizar o *download* para o sistema iOS, obter as especificações técnicas e realizar a compra. Ainda, há

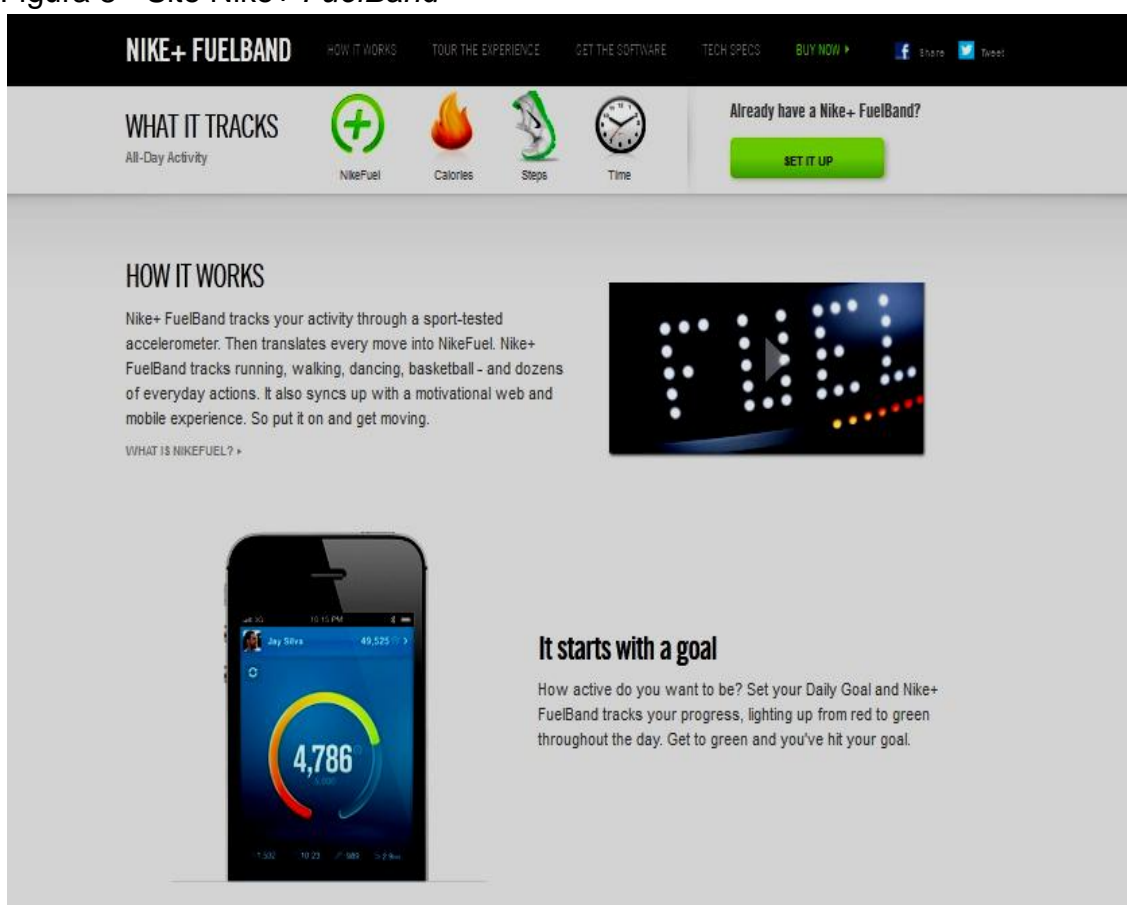
possibilidade de compartilhamento dos conteúdos do site via *Facebook* e *Twitter*. O site é uma plataforma interativa, com usabilidade e interface amigáveis que possibilitam diferentes narrativas, predominando o uso de textos e vídeos. Na categoria “como funciona”, são disponibilizadas informações referentes aos sistemas de mensuração: *Fuel*, calorias, passos e tempo. A personalização do dia e a possibilidade de acompanhar o progresso podem ser observadas através dos vídeos. Há ainda a possibilidade de realizar a compra *online* da pulseira.

Figura 7 - Três modelos Nike+ *FuelBand*: *Black Ice*, *Black* e *White Ice*



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

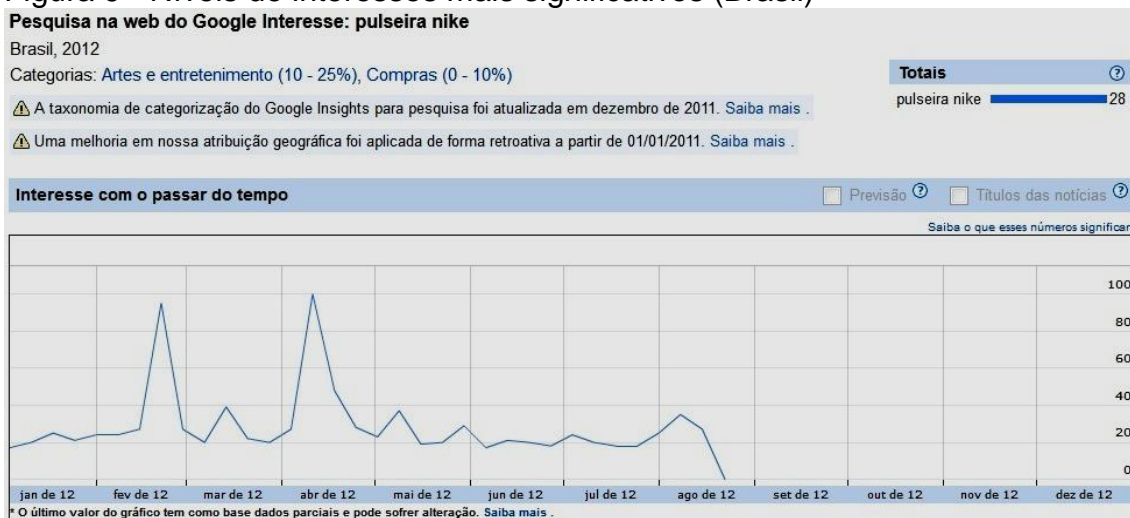
Figura 8 - Site Nike+ FuelBand



Fonte: <<http://nikeplus.com>>. (Acesso em: 17 de julho de 2012).

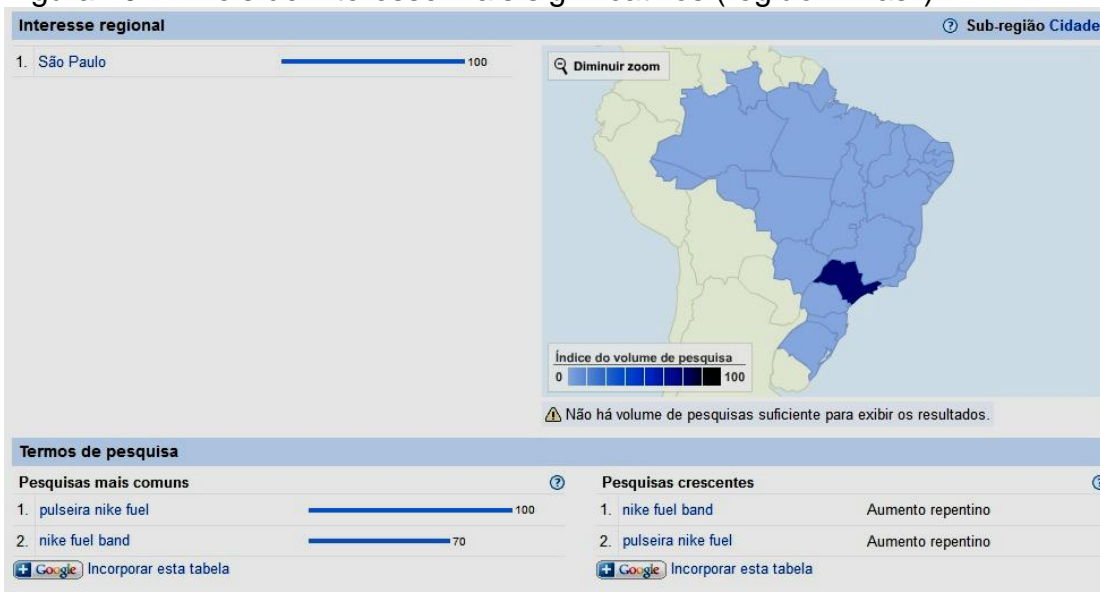
Para uma primeira mensuração dos dados desta pesquisa, foi realizada a busca por interesses através do sistema *Google Insights* com as palavras em português “pulseira Nike”, com os seguintes filtros: “pesquisa na web do Google”, “Brasil”, ano de referência de 2012 e “todas as categorias”. A amplitude da busca resultou na categorização do conteúdo em: Artes e entretenimento (10 – 25%), Compras (0 – 10%), sendo São Paulo/SP a cidade com acesso mais relevante de busca. Os termos com níveis de interesse mais significativos foram “pulseira nike fuel” (100%) e “nike fuel band” (70%) (figuras 9 e 10).

Figura 9 - Níveis de interesses mais significativos (Brasil)



Fonte: <<http://google.com/insights/searchs>>. (Acesso em 23 de agosto de 2012).

Figura 10 - Níveis de interesse mais significativos (região - Brasil)



Fonte: <<http://google.com/insights/searchs>>. (Acesso em 23 de agosto de 2012).

A pesquisa também foi realizada com os termos “Nike+ *FuelBand*”, inserindo os seguintes filtros: “pesquisa na web do Google”, “Estados Unidos”, ano de referência de 2012 e “todas as categorias”. Resultando nas categorias: Compras (50 – 75%), Esportes (10 – 25%) e Artes e entretenimento (0 – 10%) (figura 11 e 12). O estado com acesso mais relevante de busca foi Oregon, analisando os termos com níveis de interesse mais significativos: “nike *fuel*” e “nike *fuel band*” com números crescentes nas buscas (figura 13).

Figura 11 - Níveis de interesses mais significativos (Estados Unidos)



Fonte: <<http://google.com/insights/searchs>>. (Acesso em 23 de agosto de 2012).

Figura 12 - Níveis de interesses mais significativos (região - Estados Unidos)



Fonte: <<http://google.com/insights/searchs>>. (Acesso em 23 de agosto de 2012).

Figura 13 - Termos de pesquisa (Estados Unidos)



Fonte: <<http://google.com/insights/searchs>>. (Acesso em 23 de agosto de 2012).

Na página “Nike+ *FuelBand*” do *Facebook*, há 1.292 pessoas falando sobre e com acesso de curtir de 27.203⁴⁸. Na categoria de “Produto/Serviço”, a página foi criada em 19 de janeiro de 2012 com a seguinte descrição: “A Nike+ *FuelBand* mede sua atividade cotidiana e a transforma em Nike*Fuel*. Nike*Fuel* é a medida final da atividade. Quanto mais você se move, mais você ganha”⁴⁹. O acesso mais frequente de usuários falando sobre o assunto localiza-se nos Estados Unidos. A faixa etária desses usuários situa-se entre 25 e 34 anos. Neste levantamento, a semana mais popular de acessos e informações sobre a Nike+ *FuelBand* ocorreu no dia 5 de agosto de 2012 (Figura 14).

Figura 14 - Página Nike+ *FuelBand* no *Facebook*



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 23 de agosto de 2012).

A página no *Facebook* disponibiliza informações, compartilhamento de fotos, textos de incentivo à prática esportiva e uso da pulseira. Na referida rede social, encontram-se três grupos⁵⁰ relacionados ao aplicativo: “Nike *Fuel Friends*”⁵¹, “Nike+ *FuelBand*”⁵² e “Nike+ *FuelBand*”⁵³, sendo este último o de maior representatividade

⁴⁸ Atualizado em: 23 de agosto de 2012. Acesso: < <http://www.facebook.com/nifuel>>.

⁴⁹ “The Nike+ *FuelBand* measures your everyday activity and turns it into Nike*Fuel*. Nike*Fuel* is the ultimate measure of activity. The more you move, the more you earn”.

⁵⁰ Como referenciais para a abordagem desta análise os grupos no *Facebook* categorizam-se em comunidades.

⁵¹ Grupo com 72 membros. Acesso em: 23 de agosto de 2012.

<<https://www.facebook.com/groups/205119366274528/>>.

⁵² Grupo com 110 membros. Acesso em: 23 de agosto de 2012.

<<https://www.facebook.com/groups/265844896828090/>>.

⁵³ Grupo com 585 membros. Acesso em: 23 de agosto de 2012.

para esta pesquisa, visto que, em análise preliminar, observou-se um maior número de publicações, cooperação e engajamento. Os participantes utilizam a rede para trocar dados, esclarecer dúvidas e conseguir mais seguidores.

Inseridos na Rede Social na Internet *Facebook* (página e grupos Nike+ *FuelBand*), configuram-se como uma rede altamente direcionada e relevante para a produção de notícias, ampliação e manutenção dos laços sociais. A própria rede possui uma plataforma neutra para a comunicação e a colaboração, bem como torna-se uma fonte de relevância através dos seus *feeds* de notícias. São relações sociais existentes também na vida real, pois a atividade acontece em lugares físicos. Só a partir do momento em que o usuário utiliza-se das ferramentas de compartilhamento na esfera virtual é que se estabelece o vínculo na RSI. Pariser (2012) observa o fluxo comunicacional no *Facebook*, onde cada vez mais pessoas utilizam-se dos *feeds* de notícias como fonte principal de informação, considerando o cenário e a predominância de usuários dos Estados Unidos: “36% dos americanos com menos de trinta anos de idade leem suas notícias em redes sociais. E a popularidade do *Facebook* está disparando em todo o mundo: quase meio milhão de pessoas adere ao site a cada dia” (Pariser, 2012, p. 13 – 14). Analisando estes dados preliminares as categorias de análise mantêm-se em redes de conexão e fluxos comunicacionais (laços sociais, compartilhamento, engajamento e cooperação), memória, saúde (bem-estar social, físico e mental) comunicação para saúde e saúde móvel (*eHealth* e *mHealth*).

Portanto, esta análise, apoiada ao interacionismo simbólico e com base nas metodologias da netnografia e observação participante, iniciou-se com a observação do objeto proposto. Logo após, a observação das redes (página oficial da Nike+ *FuelBand*, comunidade Nike+ *FuelBand* no *Facebook* e site Nike) que se iniciou em setembro de 2011. Assim, ao começar a análise e as percepções das seis conexões já referenciadas a partir da Nike+ *FuelBand*, esta pesquisa foi dividida em três etapas de coleta de dados. A primeira coleta de dados aconteceu durante o período de 17 de julho a 17 de agosto de 2012, através da observação e do monitoramento dos fluxos informacionais nas duas redes (página oficial da Nike+ *Fuelband* e comunidade Nike+ *Fuelband* no *Facebook*), considerando a pulseira como fonte central para estes fluxos. A segunda aconteceu no período de 03 de novembro a 03

de dezembro de 2012, quando foi disponibilizada a pesquisa Nike+ *FuelBand* na comunidade do *Facebook*. A terceira coleta de dados aconteceu no período de 04 de dezembro de 2012 a 19 de janeiro de 2013, como continuidade da observação participante e do método netnográfico.

Considerando que a observação participante insere o pesquisador no ambiente pesquisado, as fases das coletas de dados caracterizam-se apenas como dados estatísticos, ou seja, são períodos específicos de monitoramento e levantamento dos dados. Logo, as observações e análises gerais estão inseridas ao longo da análise, bem como referenciadas nas conclusões. Portanto, ao se utilizarem as metodologias propostas, faz-se necessário o recorte nas categorias de análise, ressaltando que o artefato tecnológico é a conexão central que possibilita as dinâmicas nas redes observadas. No entanto, o objetivo desta análise não é a pulseira, mas as informações e os fluxos de dinâmicas gerados na comunidade Nike+ *FuelBand* do *Facebook*. Deste modo, a partir das observações preliminares, os critérios utilizados durante as três etapas da coleta de dados foram pontuados em relevância e/ou publicações recentes (integrantes da comunidade com mais publicações e/ou publicações com mais interações), temporalidade (tempo de acesso e publicações), acesso (o tempo em que cada integrante compartilha informações e dados), número de conexões (conexões estabelecidas com outros indivíduos), interações, engajamento, compartilhamento, dados de postagens (curtir). Na segunda e terceira etapas, também foram utilizadas medidas para observação dos dados coletados e da quantificação da pesquisa. Assim, por observar maior incidência de aspectos relativos ao engajamento e motivação nas conexões estabelecidas o fluxo de atividades na comunidade Nike+ *FuelBand* tem os seguintes sistemas de mensuração: 1) obter informações sobre a pulseira (dúvidas, comentários, acesso, etc.); 2) iniciar novos laços com integrantes da comunidade (amigos); 3) acompanhar as atividades do seu amigo (comentários, atualizações, curtir, compartilhar imagens, etc.); 4) Fluxos de atividades relacionadas à saúde (motivação para prática de atividades físicas); 5) influência na rede.

8.1 AS CONEXÕES SOCIAIS DA NIKE+ *FUEL*BAND

As tecnologias estão criando relações de proximidade, afetividade, interações e engajamento com os indivíduos. Os produtos tecnológicos da comunicação ubíqua

fazem parte da vida cotidiana como extensões do próprio corpo. A hiperconexão estabelece os laços sociais e afetivos, em que as comunidades virtuais se configuram e reestruturam novos coletivos. São processos e ações que impactam na realidade através das tecnologias. Novas formas de pensar, perceber e compreender as esferas sociais são colocadas na esfera virtual através da comunicação ubíqua. Neste processo de aquisição das informações e dados, de transitoriedade e compartilhamento nas redes sociais, o indivíduo está inserido em um emaranhado comunicacional sem precedentes. São ambientes onde os fluxos de informações são intensos, rápidos e transitórios. Recorrer à “memória física” para lembrar-se de atividades, números de telefones e nomes de pessoas já deixou de ser uma prática recorrente. Cada vez mais essas ações são delegadas às tecnologias.

Esses novos processos da comunicação ubíqua, aliados às tecnologias móveis (dispositivos e redes de comunicação como *palms*, *laptops*, *GPS*, celulares, etiquetas *RFID*, *Wi-Fi*, *bluetooth*), configuram-se como territórios informacionais (Lemos, 2009). Os aplicativos e dispositivos móveis na área da saúde estão inseridos no fluxo comunicacional das manifestações e compartilhamento de dados que antes eram repassados apenas para os profissionais da saúde, portanto, a uma esfera privada. Atualmente, estão presentes em vários ambientes virtuais e artefatos tecnológicos em uma esfera sob vigilância e visibilidade pública. A última fronteira percebida na comunicação para saúde refere-se a este compartilhamento, o *mHealth* e o *eHealth* (saúde móvel), nas quais as infinitas possibilidades nas redes de conexão são estabelecidas através dos aplicativos de saúde para o bem-estar social, físico e mental. Assim, são estabelecidas novas interações sociais que adicionam e fortalecem novos laços além da esfera física. Considerando a relevância dos aplicativos e dispositivos móveis, bem como a profusão de abordagens, devem ser salientados aspectos da informação ubíqua. Para tal assertiva, considera-se, desde já, a questão da “saúde móvel” como escopo central nestas redes onde dados e informações são compartilhados, e onde são estabelecidas as redes de conexão entre corpo, indivíduo, informações e tecnologias.

Contudo, considerando a amplitude do contexto, ressalta-se algumas abordagens observadas nesta análise. A primeira abordagem referente a essa nova esfera da comunicação ubíqua em aplicativos, dispositivos e aparatos tecnológicos

na comunicação para saúde diz respeito à questão do *gamification* (ferramentas digitais que transformam o uso das redes sociais com o intuito do jogo, tarefas diárias sendo compartilhadas e com diferentes objetivos). Com a ascensão dos aplicativos de saúde que auxiliam no processo anterior, bem como na questão da memória, há, agora, aparatos tecnológicos que ajudam no processo de arquivamento dessa memória. Os sensores tecnológicos a baixo custo estão se inserindo no cotidiano dos indivíduos e o compartilhamento dessas informações e dados nas redes de conexão facilita a medição e o monitoramento das ações. Com isso, o deslocamento pelas cidades, ambientes e interações ficou mais simples, ágil e rápido diante das novas possibilidades de deslocamento e visibilidade da informação ubíqua. Outro aspecto relevante é a *data visualization*, aplicativos que permitem visualizar de forma mais fácil os números que antes ficavam restritos, ou quase incomunicáveis para os usuários. Portanto, a “saúde móvel” (incluindo desta forma, bem-estar social, físico e mental) refere-se a informações que circulam em diferentes redes de conexões, elevando o seu fluxo infocomunicacional em distintos aplicativos, dispositivos móveis e aparatos tecnológicos.

Diante da análise preliminar, observaram-se seis tipos de conexões Nike+ *FuelBand*. Enquanto artefato tecnológico (pulseira) e dispositivo móvel (aplicativo Nike+ *FuelBand* para acesso, monitoramento e compartilhamento) (figura 15).

Figura 15 - Conexão 1: artefato tecnológico



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 10 de janeiro de 2013).

Enquanto produtor de conteúdo (site *Nikeplus.com*) que permite o acesso às informações, dados, conhecimento da ferramenta em distintas narrativas (figura 16);

Figura 16 - Conexão 2: site Nike+ *FuelBand*

The image is a screenshot of the Nike+ FuelBand website. At the top, there is a dark navigation bar with the text "NIKE+ FUEL BAND" on the left and several menu items: "HOW IT WORKS", "TOUR THE EXPERIENCE", "GET THE SOFTWARE", "TECH SPECS", and "BUY NOW" with a right-pointing arrow. To the right of these are social media icons for Facebook (labeled "Share") and Twitter (labeled "Tweet").

Below the navigation bar is a light gray section titled "WHAT IT TRACKS" with the subtitle "All-Day Activity". It features four icons: a green plus sign for "NikeFuel", a flame for "Calories", a green running shoe for "Steps", and a clock for "Time". To the right of these icons is a green button that says "SET IT UP" and the text "Already have a Nike+ FuelBand?".

The main content area has a heading "HOW IT WORKS" followed by a paragraph: "Nike+ FuelBand tracks your activity through a sport-tested accelerometer. Then translates every move into NikeFuel. Nike+ FuelBand tracks running, walking, dancing, basketball - and dozens of everyday actions. It also syncs up with a motivational web and mobile experience. So put it on and get moving." Below this text is a link "WHAT IS NIKEFUEL? >". To the right of the text is a video player with a play button and a background of glowing blue and white dots.

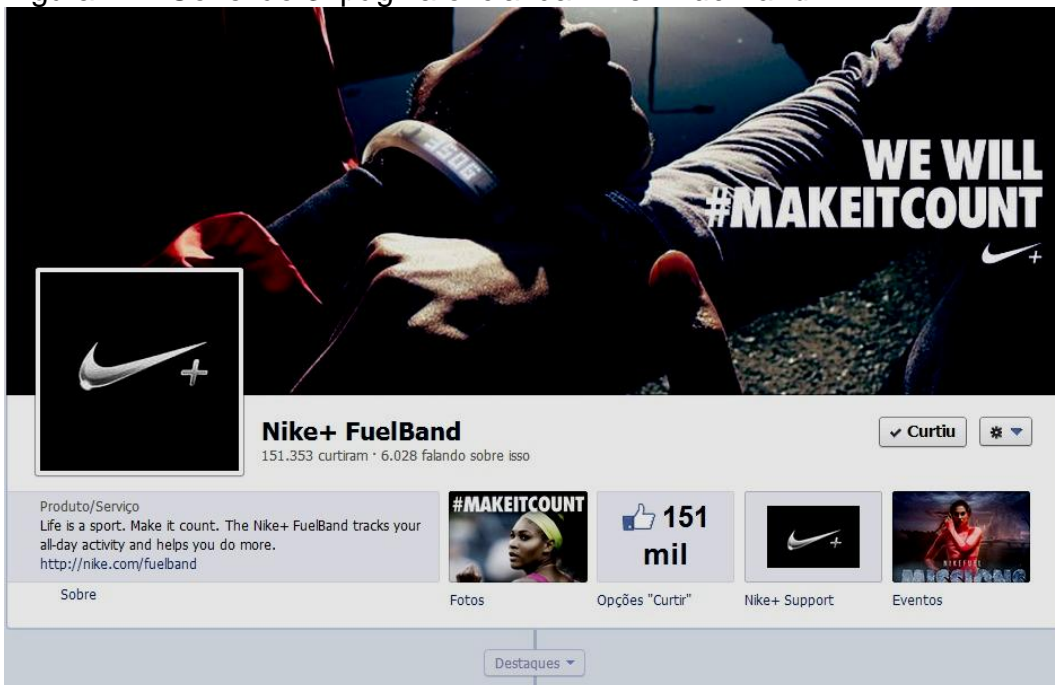
At the bottom left, there is a smartphone displaying the Nike+ app interface. The screen shows a circular progress indicator with the number "4,786" in the center. Above the circle, it says "Jay Silva" and "49,525". At the bottom of the screen, there are icons for "7:30", "10:23", "500", and "5.7 km".

To the right of the smartphone is a section titled "It starts with a goal" with the text: "How active do you want to be? Set your Daily Goal and Nike+ FuelBand tracks your progress, lighting up from red to green throughout the day. Get to green and you've hit your goal."

Fonte: <<http://nikeplus.com>>. (Acesso em 17 de julho de 2012).

A página oficial da Nike+ *FuelBand* na Rede Social na Internet *Facebook* (narrativa inerente das RSIs) (figura 17);

Figura 17 - Conexão 3: página oficial da Nike+ *FuelBand*



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 16 de janeiro de 2013).

A comunidade oficial do *Facebook* (Nike+ *FuelBand*), grupo fechado que qualquer pessoa pode ver, mas somente membros podem acessar as publicações (Figura 18).

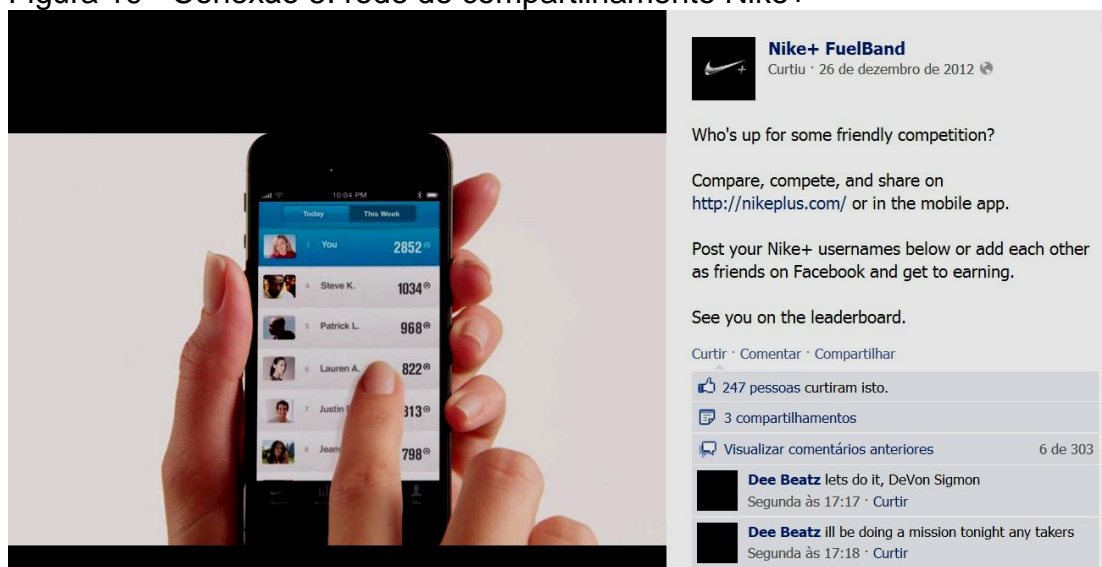
Figura 18 - Conexão 4: comunidade Nike+ *FuelBand*



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 16 de janeiro de 2013).

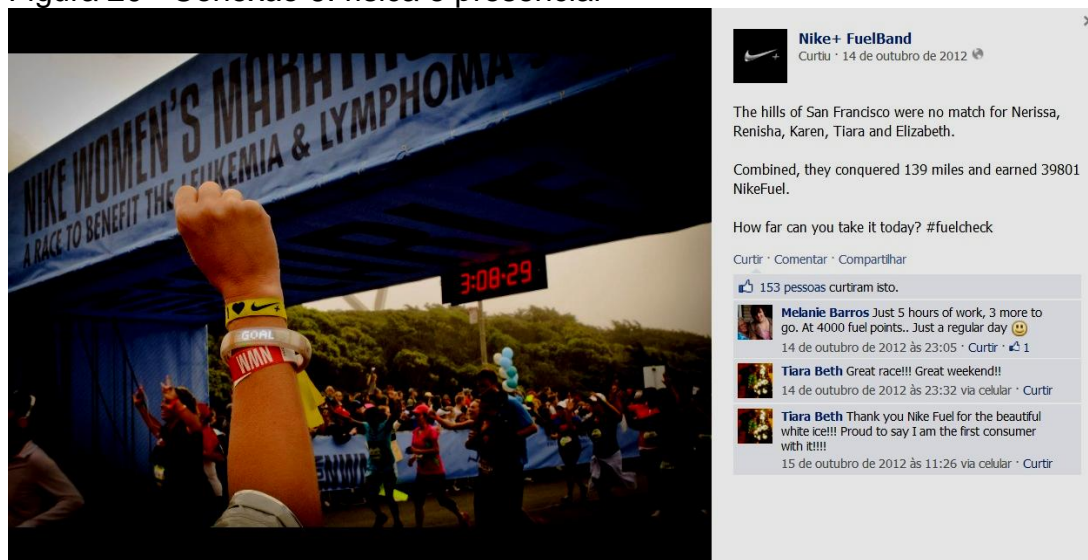
Rede de compartilhamento de Nike+ (figura 19) onde são inseridos “Nike name”, uma rede social de compartilhamento a partir do aplicativo. Dessa forma, não é necessário que o usuário tenha laços nas outras RSIs, mas, a partir desta conexão, podem ser compartilhados em outras redes. E a sexta conexão física e presencial (Figura 20) (onde, através das conexões, são divulgadas as interações sociais presenciais, ou seja, as promoções, campanhas, eventos, etc. Onde as interações com a Nike+ acontecem fisicamente).

Figura 19 - Conexão 5: rede de compartilhamento Nike+



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 01 de janeiro de 2013).

Figura 20 - Conexão 6: física e presencial



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 01 de janeiro de 2013).

Por possuir uma narrativa ampla, é inerente que não esteja situada em apenas uma mídia, mas em diferentes dispositivos e aparatos tecnológicos que podem inserir-se nas redes de conexão. Desse modo, com a hiperconexão, as conexões sem fronteiras e/ou barreiras estão mais amplas e sociáveis.

O monitoramento das informações sobre saúde agora é transitório entre os fluxos dos artefatos tecnológicos que, acoplados ao corpo, tornam-se objetos de desejo pela facilidade e usabilidade ao monitoramento da própria saúde (bem-estar físico, mental e social). Assim, o homem prolonga várias partes do seu corpo como uma espécie de “autoamputação”. A primeira conexão estabelecida com a Nike+ *FuelBand* trata-se justamente do artefato tecnológico enquanto acoplamento: como uma vestimenta, ela pode acompanhar o usuário a qualquer atividade cotidiana. Esse aparato tecnológico tem forte relevância para a mobilidade nas cidades, permitindo que o indivíduo compartilhe novos fluxos comunicacionais e redes de conexões em tempo e espaço distintos, fazendo uso deles. Corpo e máquina estão cada vez mais integrados e interagindo com outros meios. Logo, as tecnologias e dispositivos móveis possibilitam que o indivíduo deixe seus rastros e memórias em diferentes esferas, mas continue compartilhando e cooperando nas redes sociais, onde há probabilidades de fortalecimento dos laços sociais, além da cooperação e do incentivo para continuar monitorando sua saúde e praticando atividades físicas. Essa fronteira presenciada na sociedade ubíqua permite um nível de memória compartilhada e arquivada em diferentes redes de conexão e vias.

As narrativas transmidiáticas da Nike+ *FuelBand*, tanto na primeira rede de conexão, quanto na terceira e quarta – onde estão situados, respectivamente, a página e o grupo do *Facebook* –, permitem que múltiplas máquinas de consumo mudem a forma de recepção das informações e dados. Ou seja, a comunicação ubíqua está presente nas relações sociais em diversos níveis de interação com a comunicação para saúde. Um avanço significativo pode ser observado na amplitude de *downloads* de aplicativos, a fonte para *downloads* de aplicativos *Fluny* disponibilizou, em janeiro de 2012, dados da pesquisa realizada nos Estados Unidos, onde são baixados 500 mil aplicativos por ano. Assim, reitera-se a observação desta quebra de paradigmas com a distribuição de informações e a visibilidade na comunicação para saúde, visto que essa fronteira na comunicação para saúde é recente, e a “saúde móvel” transcende a questão da informação jornalística distribuída de forma linear, posto que agora é o usuário quem produz o

conteúdo e, muitas vezes, pauta o jornalista. É notório que o compartilhamento é inerente nas Redes Sociais na Internet, principalmente quando se trata de comunidades. Caso contrário, o indivíduo é apenas um “*stalker*⁵⁴”: observa e recebe os conteúdos, mas não compartilha. No entanto, o que se percebe são conteúdos, fotografias, momentos e informações pessoais sendo compartilhados nessa comunidade analisada.

Já as publicações na página do *Facebook* têm uma média de duas a três publicações por dia, realizadas pela própria empresa, não tendo ligação direta com a comunidade. No entanto, é na comunidade que a interação de fato acontece entre os indivíduos, seus dados e informações. Logo, há o sentido da ação entre os participantes da comunidade, onde a relação é estabelecida, os laços são criados e fortalecidos, visto que o foco nas postagens, comentários, curtir e compartilhamentos auxiliam neste processo. Os integrantes fazem uso do espaço através da interação mediada por um dispositivo móvel ou computador. Primo (2005) ressalta que a interação deve ser percebida “como um processo desenvolvido entre os interagentes” (2005, p. 8). Deste modo, na comunidade do *Facebook*, o que se percebe são estas relações fortalecendo os laços sociais, interagindo com o meio e os integrantes do grupo em diferentes esferas. O indivíduo passa a compartilhar e motivar outros atores da rede, um processo que estabelece o sentido da cooperação nas redes. Nas diferentes postagens analisadas, a evidência foi a da cooperação para seguir outros usuários e adicioná-los como amigos.

[...] quando a complexidade do conhecimento e da interação humana é reconhecida, as práticas educacionais *online* passam a valorizar as atividades cooperativas, a discussão no grupo, os projetos de aprendizagem, enfim, a construção do conhecimento (não a mera reprodução) (PRIMO, 2005, p. 2).

Os processos de engajamento, adicionar amigos e compartilhar passam pelos fluxos de relacionamentos interdependentes da interação, já que os integrantes da comunidade fazem uso do dispositivo móvel e do artefato tecnológico (a pulseira)

⁵⁴ Prática de usuários que permanecem em uma comunidade ou conectados a uma rede para apenas receberem e obterem dados de pesquisa. Enfim, são parte integrante, mas não ativos. Geralmente não enviando dados ou informações, não estando engajados nos processos da comunidade, e, desta forma, não expõem seu perfil. Mas, continuam sendo integrantes da rede e comunidade.

em outras esferas (físicas). Desta forma, em sentido privado, compartilham as informações na Rede Social na Internet (RSIs), para um fortalecimento, engajamento e manutenção da rede de fluxos. Logo, ao comunicar-se, a pessoa não distingue apenas o ato da linguagem, mas antes participa de um processo de engajamento do processo comunicativo. Conseqüentemente, as redes de conexões estabelecidas desenvolvem-se na esfera *offline*, como participante e interagente dos fluxos e interações sociais ali estabelecidos e mantidos; e como extensão desse espaço. Assim, configura-se como a rede de compartilhamento e interações inerentes nesta comunidade. Portanto, as primeiras interações acontecem ao adicionar amigos à nova rede (figura 21).

Figura 21 - Adicionando "amigos"

Susan Johnson
I need friends! I'm SusieJJ215
Curtir · Comentar · Seguir publicação · 19 de Julho às 22:56 próximo a Boston

👍 Sky Bundy e Nakita Ross curtiram isso.

Sky Bundy add me
19 de Julho às 23:12 · Curtir

Stephanie Palmer you can add me.
19 de Julho às 23:17 · Curtir

Stephanie Palmer i think there might be a type in your screen name, i couldn't find you
19 de Julho às 23:17 · Curtir

Susan Johnson i thought maybe it was my privacy setting but that didn't help.. i can't find me either using my email address! boo
19 de Julho às 23:32 · Curtir

Stephanie Palmer lol its ok. im pretty sure you will end up on my nike app either way. ive noticed it just takes a day or two and then you just automatically appear out of nowhere. Further more the nike plus website is gonna be under maintenance tonight.
19 de Julho às 23:34 · Curtir

Susan Johnson sounds good! I'll be patient :-p
19 de Julho às 23:36 · Curtir · 👍 1

Jennifer Wilson Feickert I just added you too. I'm new to this whole thing so hopefully it worked.
20 de Julho às 15:19 via celular · Curtir

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 20 de julho de 2012).

Dentro dessa grande rede de conexão entre os aplicativos, os dispositivos móveis, o compartilhamento nas redes sociais e a saúde, há uma motivação além dos artefatos tecnológicos, permitindo que outros usuários participem da mesma rede, não ignorando os processos de comunicação para saúde, jornalismo científico e as informações noticiosas que deste ambiente podem emergir. As apropriações de sites de saúde na Internet, a passagem da informação para a efetiva mudança nos hábitos de saúde (bem-estar físico, mental e social) refletem na constituição da memória, já que nesse espaço ficam arquivados diferentes rastros e dados de todos os usuários. Logo, a análise mostra que quanto maior é o tempo de conexão e o uso da pulseira Nike+ *FuelBand*, maior será a demanda de informações e dados publicados (Figuras 22, 23, 24, 25, 26 e 27).

Figura 22 - O compartilhamento das informações Nike *Fuel*



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 13 de agosto de 2012).

Figura 23 - Dúvidas e busca por resoluções de problemas com o produto (o sentido de cooperação)



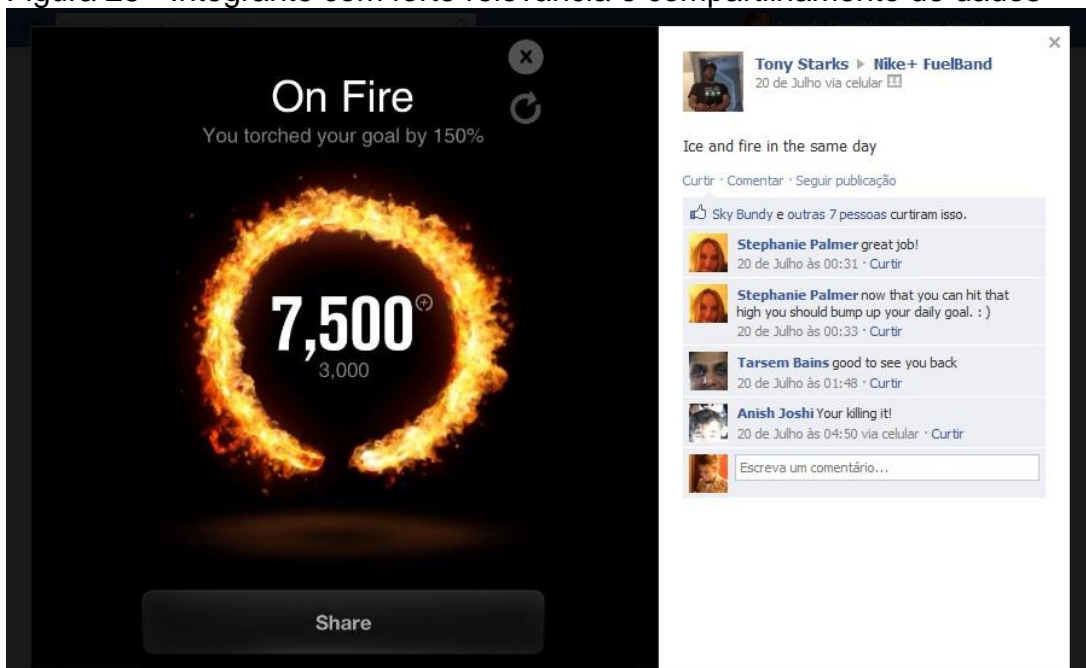
Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 26 de julho de 2012).

Figura 24 - Início da interação: "Where are you guys and girls from?"



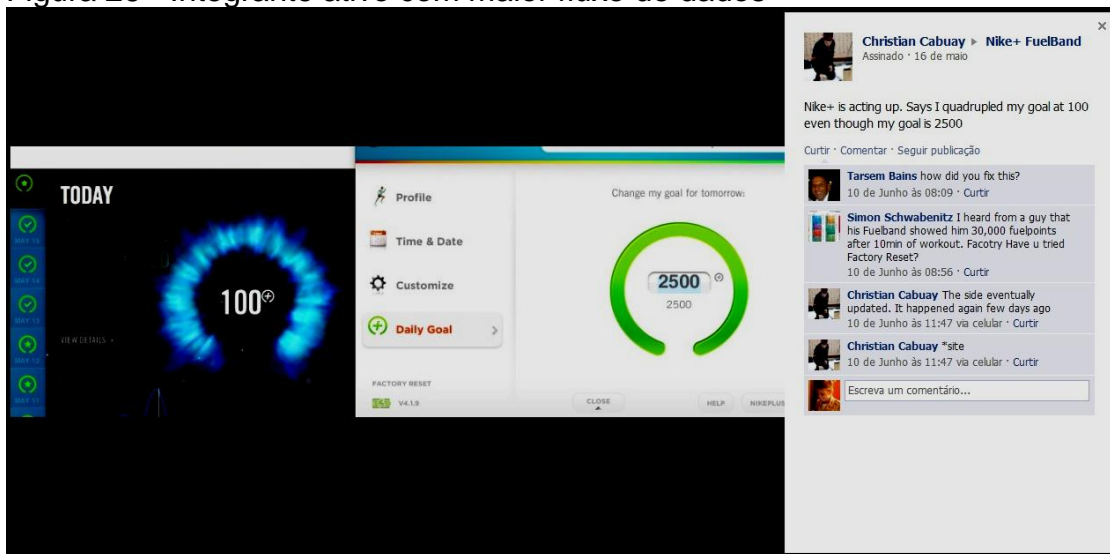
Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 28 de julho de 2012).

Figura 25 - Integrante com forte relevância e compartilhamento de dados



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 21 de julho de 2012).

Figura 26 - Integrante ativo com maior fluxo de dados



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 12 de junho de 2012).

Figura 27 - Integrante com forte capital social (maior fluxo de dados)



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 14 de novembro de 2012).

A reputação na rede permite esse fluxo intenso de informações, onde os laços sociais vão se estabelecendo pelo sistema de “troca de seguidores”⁵⁵, tornando-se, assim, uma rede de confiança, unindo as diferentes redes de conexão, entre tempo e espaço, físicos e virtuais a inerências do corpo e da mente. A memória é transitória, visto que os fluxos também podem ser apagados e compartilhados para redes mais amplas. Portanto, as relações acontecem por meio da tecnologia, mas se estabelecem na vida *offline*, nas interações com o espaço físico. Depois, há o compartilhamento das metas estabelecidas individualmente (sentido de engajamento, compartilhamento, cooperação nas redes sociais). As mídias locativas e seus processos da comunicação móvel e pervasiva propõem-se, neste contexto, a repensar os espaços urbanos onde são iniciadas estas interações entre os objetos (a pulseira) e suas conexões. Essa apropriação através de diferentes vias – como a geolocalização e os espaços físicos – permite a ampliação das conexões sociais da comunicação para saúde.

8.2 CONEXÕES RESSIGNIFICANTES NA COMUNIDADE NIKE+ *FUEL*BAND

A comunidade Nike+ *FuelBand* está, portanto, inserida na Rede Social *Facebook*, uma rede colaborativa, que, desde 2004, vem aumentando significativamente o número de membros. Através de perfis e comunidades, permite que a cada perfil sejam configurados sistemas de privacidade, visibilidade e personalização, podendo ser-lhe acrescentados grupos – privados e públicos –, aplicativos, eventos, além da possibilidade de seguir perfis, curtir páginas e compartilhar vídeos, etc. Através do *feed* de notícias, ainda é possível configurar as publicações visíveis, selecioná-las entre públicas ou para amigos. Enfim, uma grande rede de conexão a cada dia mais personalizada e com filtros de sistemas de buscas altamente personalizado para o fluxo de informações destas conexões. Estes filtros personalizados, na realidade, colocam cada indivíduo dentro da rede na “bolha dos filtros” (Pariser, 2012). A ideia é a de entrelaçar essas conexões e redes ao máximo de personalização para o usuário. Estes filtros *online* examinam exatamente o que cada usuário da rede está emitindo de informações e dados nestas conexões, para, então, “fazer extrapolações”. Ou seja, para produzir

⁵⁵ Prática recorrente nas Redes Sociais na Internet (RSIs) que permite ter tantos seguidores quanto seguir. Assim, aumenta-se a rede pela prática da troca.

mecanismos de previsão que irão refinar e criar desejos e novos fluxos de informações nas redes. “Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós [...] que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações” (Pariser, 2012, p. 14). Portanto, essa é a “bolha dos filtros” onde as redes estão inseridas.

Dessa forma, a comunidade aqui analisada trata-se também de uma rede cooperativa e com forte engajamento entre os integrantes. O que pode ser observado, neste caso, é que algumas publicações são referenciadas sobre o uso, defeitos, dúvidas, gerando, então, comentários negativos referentes ao aparato tecnológico. Isto se deve ao fato de a rede possibilitar maior incidência de fortalecimento dos laços sociais. A comunidade *Nike+ FuelBand* possui 1.016 membros⁵⁶ – com uma média de 10 novos membros por semana –. Já as publicações tornam-se variáveis: entre 4 a 6 por dia. No entanto, um grupo pequeno, e, portanto, ativo, faz referência e engaja-se para as ações de compartilhamento, trocas de mensagens, mensagens de motivação e novas amizades. Considerando que o número de integrantes ativos (uma média de 20) é menor, bem como o fato de em uma comunidade haver mais *stalkers*, esse fluxo pode ser observado pelas interações e dinâmicas na rede.

Como pode ser constatado na análise, as interações entre os participantes da comunidade acontecem entre os processos inerentes da rede social, bem como nas outras esferas. Contudo, a inerência do *Facebook* não segue uma ordem cronológica de postagens. Desta forma, as atualizações de postagens são referenciadas como “publicações recentes”, conforme o número de comentários ou a quantidade de “curtir” que são mensurados. Durante o período de análise, a metodologia da observação participante possibilitou uma imersão, permitindo compreender as vias que iam se formando. Com o decorrer do tempo, estas conexões entre os participantes da comunidade se fortaleceram, formando, assim, laços sociais fortes, consistentes e com interações entre os indivíduos, o que possibilitou novos vínculos (como novos amigos para a rede social *Facebook*). Trata-se, aqui, de um sentido não apenas motivacional, mas de engajamento e cooperação nas redes, considerando que estes participantes relacionam-se além das esferas e conteúdos relativos à conexão inicial que os liga, ou seja, a Nike+

⁵⁶ Dados atualizados em 19 de janeiro de 2013. <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>.

FuelBand auxilia no fortalecimento do laço e na sua manutenção. Tal observação deve-se ao fato de que alguns usuários não só comentam, compartilham e curtem imagens e publicações relacionadas à pulseira, mas essas interações acontecem na esfera “privada” do *Facebook*, o perfil pessoal. Assim, são criadas outras conexões que podem ser observadas a partir de comentários em fotos no álbum, nas atualizações de notícias na página, etc.

Portanto, fica evidente que o processo de integrar a comunidade, como pesquisadora, permitiu esses vínculos na rede. Com o decorrer dos meses, os integrantes mais ativos e com capital social estabelecido iniciaram a interação, visto que não havia compartilhamento. Assim sendo, os convites para adicioná-los como amigos na Rede Social *Facebook* foram recebidos. Criava-se outra conexão, o que, evidentemente, permitiu uma observação participante mais ampla diante dos perfis que se tornavam públicos pelas relações mútuas e a criação de novos laços. A proposta relativa ao método da observação participante trata-se justamente dessa interação e do processo de compreensão da cultura que está sendo vivenciada. Como já exposto, é necessária a participação ativa do pesquisador no ambiente. “Não basta observar os fenômenos, não basta entrevistar as pessoas que deles participam, não basta conhecer os documentos materiais ou ideológicos de uma cultura. É preciso vivenciá-la!” (Gomes, 2012, p. 56). Esta presença contínua foi essencial para todo o processo de observação nas redes de conexão, cabendo ainda ressaltar que a análise foi realizada a partir do acompanhamento diário, monitoramento através de pesquisa e observação participante com base na metodologia netnográfica, o que permitiu, dessa forma, maior fluidez entre a comunidade e os perfis dessas conexões.

As medições foram feitas a partir de contatos ou, primeiramente, de contatos já adicionados (por integrantes, indivíduos que já participavam da comunidade). A observação participante foi realizada numa imersão na comunidade e, como já relatado, dividida em três fases. A análise, então, passou para um segundo momento: uma imersão de dados entre as conexões, onde foi possível observar, através da metodologia netnográfica, as suas interações entre esses usuários. Assim, a análise mais consistente de observação passou a ser diferenciada. Cabe retomar que, como medida de mensuração, foram estabelecidos alguns critérios de observação durante todo o período de análise: 1) obter informações sobre a pulseira (dúvidas, comentários, acesso, etc.); 2) iniciar novos laços com integrantes da

comunidade (amigos); 3) acompanhar as atividades do seu amigo (comentários, atualizações, curtir, compartilhar imagens, etc.); 4) fluxos de atividades relacionadas à saúde (motivação e incentivo para prática de exercícios); 5) influência na rede (laços sociais e capital social). Assim, foi possível observar os sistemas de relevância, publicações recentes, temporalidade, acesso, conexões estabelecidas, dinâmicas (interações, engajamento, compartilhamentos, cooperação, etc.) e dados da postagem.

O objeto central desta pesquisa está justamente nas redes de conexões e interações, criadas a partir desse aparato tecnológico, observando e salientando que só a tecnologia e a técnica não são basilares para as ações do humano. São levados em consideração os aspectos do indivíduo, sua capacidade de interação social e apropriação do objeto, resultando em ações nos espaços físicos compartilhados e em ambientes virtuais. A memória e a apropriação dessas informações estão imbricadas no mesmo ambiente comunicacional e em diferentes vias de conexões, alterando, assim, as formas, a recepção e o compartilhamento de conteúdos. Para tanto, a memória desloca-se para outros aparatos tecnológicos, exigindo igualmente do corpo, uma nova configuração.

Contudo, além da marca – inerente ao objeto central desta pesquisa –, o que deve ser referenciado, a partir das análises das conexões e interações sociais, são as suas dinâmicas, ou seja, os aspectos de relevância, compartilhamento e monitoramento de atividades físicas e práticas desportivas, elevando os aspectos de saúde e bem-estar físico, mental e social. Corpo e tecnologias nunca estiverem tão integrados. Trata-se, portanto, de um produto tecnológico e, como já referenciado, tem suas características intrínsecas no que se refere a questões mercadológicas. Foram observados, durante o período de maio de 2012 a janeiro de 2013, diferentes vídeos promocionais, institucionais e de visibilidade da marca. De fato, esses produtos audiovisuais geram grande motivação, incentivo e impacto nas interações com o produto, por tratar-se, justamente, de campanhas de marketing com o intuito de despertar interesse pela compra e engajamento com a marca (como, por exemplo, para participações de eventos públicos em diferentes locais físicos).

No entanto, como se trata de um espaço exíguo, esta pesquisa não desconsidera implicação da marca na decisão da compra, mas salienta que este produto é um dos pioneiros na área do bem-estar físico, atividades físicas e *fitness*, considerando que o objetivo central é o da movimentação. Assim sendo, uma

pulseira que para mensurar a meta estabelecida diariamente é preciso estar com ela as 24 horas do dia. Isso só é possível por considerar-se o seu design como um acessório, sua portabilidade e usabilidade. Desta forma, os compartilhamentos de dados e informações pessoais (do seu bem-estar físico) estão sendo distribuídos em diferentes redes e esferas de conexões. Caso este que é de grande relevância para o campo da comunicação da saúde, *ehealth* e *mhealth*, visto que se trata de uma ascensão de aplicativos relativos ao campo. No entanto, o que esta pulseira proporciona são interações com distintas redes de conexões, dinâmicas, dados e informações pessoais, sendo compartilhadas e monitoradas pelo próprio indivíduo. Os aspectos da memória do tempo e do espaço ali relativizados estabelecem, portanto, a duração. Esta observação pode ser feita, observando-se a primeira publicação de imagem da comunidade: o integrante que criou o grupo compartilha uma imagem, deixando assim este registro como interação de uma dinâmica inicial (figura 28).

Figura 28 - Primeira publicação de imagem da comunidade



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 19 de julho de 2012).

Os indivíduos que participam da comunidade no *Facebook Nike+ FuelBand* fortalecem seus laços sociais além desta conexão, formando, assim, novas conexões, ou seja, são adicionados pelo perfil pessoal do *Facebook*. Este processo de construção de vínculos e conexões nas redes perpassa também por um processo de expressão de identidades sociais nesta cultura da participação. São apropriações

de novos espaços: dos espaços físicos por onde circulam para obter Nike *Fuel*; seja através do dispositivo móvel ou na comunidade do *Facebook*, compartilhando e fortalecendo tanto os laços sociais quanto o capital social individual. Assim, as Redes Sociais na Internet (RSIs) vão estabelecendo conexões entre esses indivíduos e os espaços públicos de compartilhamento. Trata-se, no entanto, de um espaço privado, mas ao mesmo tempo público, em que as visibilidades de cada indivíduo vão se construindo através dos “rastros” deixados, um espaço de visibilidade para as ações que são desenvolvidas em outras esferas (físicas, privadas, públicas). Portanto, as conexões formadas são estabelecidas pelos laços sociais das interações entre indivíduos nas redes. Desta forma, as conexões só são estruturalmente visíveis pelas possibilidades de manutenção dos rastros sociais desses indivíduos. Este processo inicia-se, legitimamente, a partir do momento em que o indivíduo é aceito na comunidade, sendo que, a partir desse momento, ele passa a adicionar amigos à sua rede (figuras 29, 30 e 31).

Figura 29 - Primeira interação na rede: adicionar



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 25 de outubro de 2012).

Figura 30 - "Eu preciso de alguns Nike *fuel* friends"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 13 de novembro de 2012).

Figura 31 - "Eu não tenho amigos que estão usando a Nike *fuel* band"

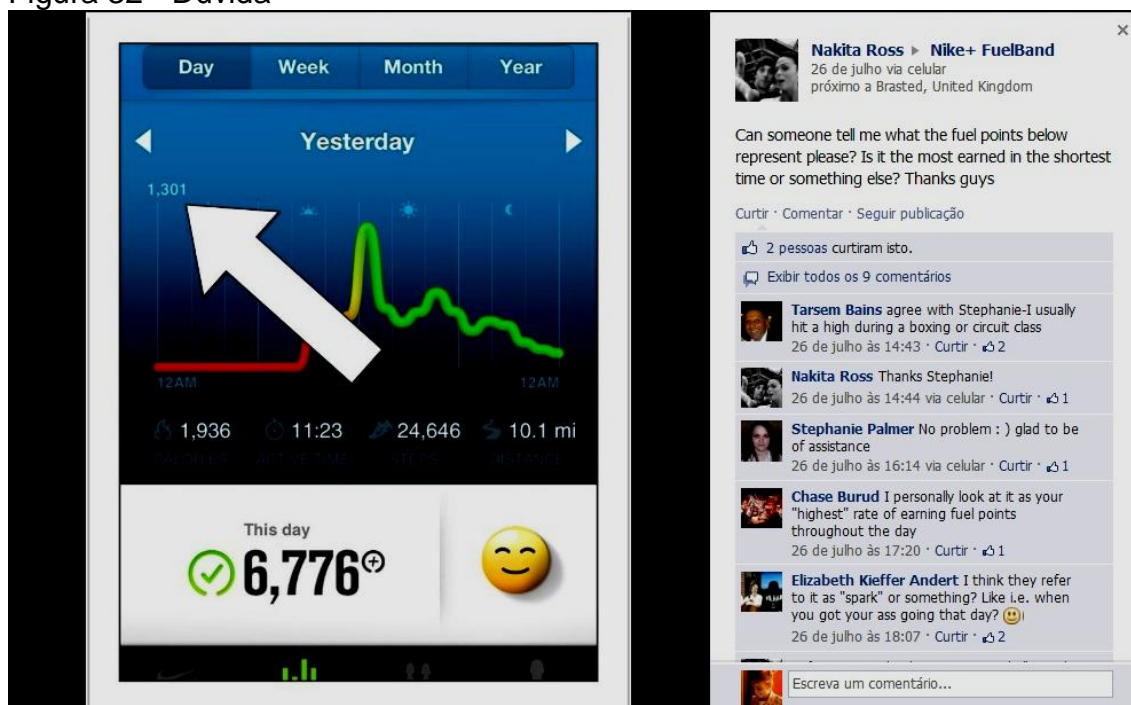


Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 25 de outubro de 2012).

O capital social da rede da comunidade do *Facebook* pode ser mensurado pelos laços sociais estabelecidos, ou seja, nesta rede podem ser percebidos os três tipos de laços: os relacionais, dialógicos e associativos. Considerando que a

participação e o capital social são relativos a esses laços, um pequeno grupo está entre os laços relacionais, assim com conexões e interações entre esses indivíduos nas redes, e, portanto, com laços fortes. Neste grupo, é possível identificar, pela relevância, acesso e tempo na rede, indivíduos que firmam esta conexão e fortalecem o seu capital social através desses laços fortes. São conexões estabelecidas não apenas na comunidade, mas no perfil pessoal de cada indivíduo, assim interagindo e participando dos processos inerentes à rede: dados de postagem (curtir, comentar, compartilhar), engajamento e interações (figura 32).

Figura 32 - Dúvida



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. Acesso em 29 de julho de 2013.

Faz-se necessário ressaltar a presença do indivíduo que participa ativamente deste processo de engajamento, incentivando, compartilhando, fortalecendo os laços sociais e agregando capital social. Aqui, diante das análises de compartilhamento nas diferentes redes em que este integrante interage, observou-se a “conexão afetiva”. Não são apenas interações, proximidade ou intencionalidade de manter estas conexões. Mas com a intimidade, a questão do afeto, este indivíduo, com capital social na rede, é capaz de incentivar e fortalecer a participação de outros para compartilhar e participar. A figura 33 demonstra tal interação. Ao compartilhar

um cartão desejando “feliz aniversário”, no mural da página pessoal de um integrante da comunidade Nike+ *FuelBand*, as manifestações dos laços sociais fortes são expostas. Na sequência de comentários, podem-se observar agradecimentos, votos pelo aniversário e a conexão afetiva formada pela rede Nike+ *FuelBand*.

Figura 33 - Publicação na página pessoal



Fonte: <<http://www.facebook.com/gmenn4eva>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

A conexão afetiva formada pela rede Nike+ *FuelBand* é o processo de incentivo, gerador de novos fluxos de informações e de dados relativos às atividades cotidianas de cada indivíduo participante da comunidade. Assim, o sentido de cooperação também é ressaltado. Nas figuras 34 e 35, o integrante da comunidade atualiza sua foto de capa na página pessoal. A foto é relacionada à campanha promovida pela Nike+ *FuelBand* “We will #makeitcount – In 2013”, a qual propõe aos participantes compartilharem suas metas para o ano de 2013, podendo incluir como foto de capa do perfil na rede social a imagem. Assim, a conexão com outro integrante é novamente estabelecida.

Figura 34 - Campanha para o ano de 2013: compartilhamento como foto de capa

Nike+ FuelBand
Curtiu · Domingo

Curtir · Comentar · Compartilhar

693 pessoas curtiram isto.

24 compartilhamentos

Visualizar comentários anteriores 6 de 72

Scott Green 15k is crazy. im still after my 10k goal.
há 22 horas · Curtir

Brent Leach is everyone here happy with the Fuelband? I am seriously considering a purchase. Just dont know how it wpuld look on a date. lol
há 12 horas · Curtir

Chris Rivera Wow the best I did was just over 10000 from running 15 km in the morning followed by playing ice hockey for 2 hours
há 10 horas · Curtir

Jer Poster i love my fuelband! however you have to purchase it at a apple store and they are not as helpful as the people at the Nike store...oh well can't win them all! BUY IT BRENT!
há 9 horas · Curtir

Escreva um comentário...

Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 13 de janeiro de 2013).

Figura 35 - Foto de capa

Fonte: <<http://www.facebook.com/gmenn4eva>>. (Acesso em 18 de janeiro de 2013).

Desta forma, as interações sociais reativas possuem um sentimento de pertencimento em determinada comunidade formada pela rede. A combinação da quantidade de tempo, intensidade relacional e emocional, confiança mútua e reciprocidade são características de um laço e determinantes da sua força relacional em determinada rede social. Nesse sentido, Recuero (2009) define laços fortes e laços fracos. Aqueles são constituídos em conexões mais vastas e concretas no que se refere às trocas sociais; já estes têm trocas mais difusas e são estruturadores das redes sociais, conectando os *clusters*. Assim, o fortalecimento de laços em diferentes redes pode alcançar o sentido de incentivo, como se pode observar na figura 36, em publicação no perfil “Butch Chua- Basa”, integrante da comunidade Nike+ *FuelBand* com fortes laços e capital social. A publicação sugere que ao não conseguir atingir o objetivo proposto para o período, a atualização foi feita para o seu

perfil na página do *Facebook*. Sendo assim, para receber mais incentivo, o aplicativo sugere: “ajude-me a conseguir atingir novamente com um comentário ou curtindo”.

Figura 36 - Incentivo (publicação página pessoal)



Fonte: <<http://www.facebook.com/butchbasa>>. (Acesso em 01 de janeiro de 2013).

O capital social em uma rede específica fortalece as interações, a comunicação em outras vias e o compartilhamento de informações. Ao receber uma nova pulseira Nike+ *FuelBand*, a integrante da comunidade compartilha no seu perfil pessoal uma foto do produto com a legenda: “Finalmente ... Meu novo brinquedo chegou:)” (figura 37). Assim, em outra rede, ela continua a manter conexões, compartilhando informações sobre o uso, benefícios e afetividade que mantém com o artefato tecnológico, ressaltadas as afirmações “é tão legal”, “amo tanto”. Também indica as suas medições de *fuel* para os amigos e um “novo” uso para a pulseira: “eu prendo no meu tênis”. Tal conexão afetiva pode ser mensurada pelo seu nível de capital social já salientado anteriormente. No entanto, estas publicações de determinados atores com forte relevância e ativos na rede, determinam, neste caso, um conhecimento amplo sobre o aparato tecnológico.

Figura 37 - "Finalmente...meu novo brinquedo chegou"



The figure consists of three vertically stacked panels. Each panel on the left shows a photograph of a Nike FuelBand in its black retail box, which is placed inside a larger cardboard shipping box. The box lid is open, and the FuelBand box is prominently displayed. The background shows a wooden desk with a computer mouse and some colorful objects. On the right side of each panel is a screenshot of a Facebook post and its comment thread. The post is from 'Butch Chua- Basa' and is dated August 21, 2012. The text of the post reads: 'Finally ... New toy came:) — com Jojo Villa, Tuch Gonzales e Lizette C. Catalla.' Below the post are several comments from friends, including Jojo Villa, Tuch Gonzales, Lizette C. Catalla, and Glen Cruz, all expressing excitement and interest in the new device. The comments are dated August 21 and 22, 2012.

Fonte: <<http://www.facebook.com/butchbasa>>. (Acesso em 01 de janeiro de 2013).

Dessa forma, muitas vezes, em diferentes publicações, configuram-se como outra conexão, outras dinâmicas, podendo, assim, esclarecer dúvidas, falar sobre a pulseira, expor suas frustrações diante dos objetivos, incentivar e finalmente compartilhar com outras novas formas de engajamento (Figura 38).

Figura 38 - Divulgando evento de 2013 na comunidade



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>> (Acesso em 07 de janeiro de 2013).

Os laços desta rede de interação possibilitam uma maior transitoriedade entre as dinâmicas. O capital social adquirido contribui efetivamente para fortalecer o vínculo entre os integrantes. Trata-se, portanto, de uma interação reativa, mas sua presença torna-se ativa, levando-se em conta que sua dimensão de atuação está nessa empatia com a comunidade. A figura 39 mostra uma publicação de um integrante recentemente adicionado à comunidade. Ele expõe problemas com a sua *FuelBand*, diz que não está trabalhando e que, quando aperta o botão, ela não responde. Então faz a pergunta: “O que eu faço?”. Eis que, em menos de três horas, a primeira interação é efetivada. O integrante mais ativo responde, auxiliando na pergunta feita. Outros também participam da interação. São estas dinâmicas, portanto, que fortalecerão os fluxos comunicacionais na comunidade. Ou seja, são através dos processos de cooperação e engajamento que se ampliam os processos.

Figura 39 - "O que eu faço?"



Brian Williams
My fuel band is not working! When I push the button it is not responding. What do I do?

 Curtir · Comentar · Seguir publicação · 19 de janeiro às 06:11 próximo a Long Branch

Marcus Dasilva Call Nike support and get a replacement!
19 de janeiro às 09:03 via celular · Curtir

Sue Zickau Beale First I would plug it into your computer and try a reset then call nike
19 de janeiro às 15:12 via celular · Curtir

Michael F. Williams Nike customer service has been pretty good for this. Julin's Fuelband stopped working a month or so ago. They swapped it out within a couple of days. Good luck, Bri.
Quinta às 21:20 · Curtir

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 20 de janeiro de 2013).

A partir das dinâmicas entre esses integrantes ativos, com laços fortes e capital social, fortalecem-se e ampliam-se os fluxos de mensagens de incentivo e engajamento na rede. Novamente aqui, se ressalta a presença da integrante que, em todas as datas comemorativas (principalmente aniversários) (figura 40), publica uma mensagem (figura 41), imagem, enfim, cria sistemas que possibilitam um laço, um entrelaçamento para futuras interações, que vão permitir um sentido de fixação que é convergente aos espaços privados, em que, portanto, estes integrantes “novos” sentem-se à vontade para questionar, compartilhar seus resultados, tirar dúvidas ou, simplesmente agir na rede.

Figura 40 - 2013



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

Figura 41 - "Start again"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 20 de janeiro de 2013).

Ressaltam-se ainda, nestas conexões afetivas, as relações de interações mútuas e reativas (Primo, 2003) como formas de distinção desses relacionamentos, já que, são poucas as interações presenciais. Sendo assim, segundo Primo (2003), as interações mútuas constituem-se pela cooperação desta conexão, ou relação, em que os indivíduos participantes interagem mutuamente. A interação reativa, no entanto, limita-se às relações de estímulo, resposta, podendo ser observada na

publicação da página oficial da Nike+ *FuelBand* no *Facebook*, através da qual integrantes da comunidade fazem questionamentos (figuras 42, 43, 44). Ali, além de incentivo, são compartilhadas dúvidas, trocas e interações.

Figura 42 - Interação reativa



The image shows two identical promotional images for Nike+ FuelBand. Each image features a person being held up by a crowd at night, with the text "IN 2013 I WILL EARN THE WEEKEND JOIN ME AND TOGETHER WE WILL #MAKEITCOUNT" overlaid. The background is dark with green and blue lights.

On the right side of the image, there is a screenshot of a Facebook post from Nike+ FuelBand. The post contains several comments and a response from the brand. The comments are:

- John Burrington** Does the fuel band have a clock/watch or just track activity only??
12 de janeiro às 15:43 · Curtir
- Katherine Maich** The fuel band has a clock that comes up along with your stats when you click on it. I love using it as my watch, rather than using my phone!
12 de janeiro às 16:26 · Curtir
- Alex Macklemore** made it to the arc, with 4500 fuel points in 90 minutes, successful workout!
12 de janeiro às 16:39 · Curtir · 1
- Donna Greenwood** where do you go adfter you make it to the Arc? Missions website is putting me back at the Vortex!
12 de janeiro às 21:25 · Curtir
- Jim Livingston** I think my band might be on the fritz. It gave me 400+ points during an hour session of typing. Normal?
13 de janeiro às 00:21 · Curtir
- Dan Stewart** no android app for fuel band?
13 de janeiro às 11:07 · Curtir · 4
- Nkeiruka Ughaonu** I had my best weekend yet earning 19,882 NikeFuel; the Saturday of which was a 10K day!

The response from Nike+ FuelBand is:

Nike+ FuelBand Jens - We recommend you sync your Nike+ FuelBand daily to track your progress consistently, but it can hold up to a month worth of data.
18 de janeiro às 07:39 · Curtir

Nike+ FuelBand John - Katherine's right. In addition to tracking your all-day activity with NikeFuel, your steps, and calories, it's also a watch. Learn more here: <http://nike.com/fuelband>
18 de janeiro às 07:40 · Curtir

Nike+ FuelBand Alex - Congratulations on making it to The Arc! What did you do to earn 4500 NikeFuel in 90 minutes? Any pro-tips for the rookies?
18 de janeiro às 07:42 · Curtir

Nike+ FuelBand Donna - By making it to The Arc, you've conquered NikeFuel Missions. Now, everytime you re-play a Mission is a chance to beat your personal best and climb the leaderboard. #makeitcount
18 de janeiro às 07:44 · Curtir

Nike+ FuelBand Congrats Nkeiruka - The 10K Club welcomes you!
18 de janeiro às 07:45 · Curtir · 1

Stephen Rice To all those crying about the android app just get an iPod touch and update your activity using wi-fi I have an android but I've always

Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 19 de janeiro de 2013).

Figura 43 - Interação reativa 2



John Burrington Does the fuel band have a clock/watch or just track activity only??
12 de janeiro às 15:43 · Curtir

Katherine Maich The fuel band has a clock that comes up along with your stats when you click on it. I love using it as my watch, rather than using my phone!
12 de janeiro às 16:26 · Curtir

Alex Macklemore made it to the arc, with 4500 fuel points in 90 minutes, successful workout!
12 de janeiro às 16:39 · Curtir · 1

Donna Greenwood where do you go adfter you make it to the Arc? Missions website is putting me back at the Vortex!
12 de janeiro às 21:25 · Curtir

Jim Livingston I think my band might be on the fritz. It gave me 400+ points during an hour session of typing. Normal?
13 de janeiro às 00:21 · Curtir

Dan Stewart no android app for fuel band?
13 de janeiro às 11:07 · Curtir · 4

Nkeiruka Ughaonu I had my best weekend yet earning 19,882 NikeFuel; the Saturday of which was a 10K day!

Nike+ FuelBand Alex - Congratulations on making it to The Arc! What did you do to earn 4500 NikeFuel in 90 minutes? Any pro-tips for the rookies?
18 de janeiro às 07:42 · Curtir

Nike+ FuelBand Donna - By making it to The Arc, you've conquered NikeFuel Missions. Now, everytime you re-play a Misslon is a chance to beat your personal best and climb the leaderboard. #makeitcount
18 de janeiro às 07:44 · Curtir

Nike+ FuelBand Congrats Nkeiruka - The 10K Club welcomes you!
18 de janeiro às 07:45 · Curtir · 1

Stephen Rice To all those crying about the android app just get an iPod touch and update your activity using wi-fi I have an android but I've always had an iPod and wi-fi everything working just fine Stop Complaining if I can do it you can also so get out there and #makeitcount need some competition add me S23
18 de janeiro às 18:38 · Curtir

Dave Hobbs I can understand Nike ignoring the Android crowd. Android is seen as more for the hacker community, and one doesn't usually asociate hacker with healthy lifestyle. Not sure why someone would buy an iPod touch when they can buy a competitor's product ... Veja mais

Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 19 de janeiro de 2013).

Figura 44 - Interação reativa 3



IN 2013

I WILL EARN THE WEEKEND

JOIN ME AND TOGETHER WE WILL #MAKEITCOUNT

Nkeiruka Ughaonu I had my best weekend yet earning 19,882 NikeFuel; the Saturday of which was a 10K day!
14 de janeiro às 10:25 · Curtir · 1

Daniel Velasco Hola a todos, agrégate a nuestro grupo para hacer retos en Nike+ entre nosotros en Facebook. Click aquí:
Hello everyone, Add to our group to join challenges with Nike+ and get your targets! Click here: <https://www.facebook.com/pages/Nike-plus-Running-group/132768680218365>
16 de janeiro às 06:24 · Curtir

Chris HoopInthebackyard Smith I need some Nike+ friends to push me: ChrisBallerNVA
16 de janeiro às 14:34 · Curtir

Becket McGinn
<http://nikeunning.nike.com/plus/profile/becketmcginn/>
16 de janeiro às 19:27 · Curtir

Nike+ FuelBand Jens - We recommend you sync your Nike+ FuelBand daily to track your progress consistently, but it can hold up to a month worth of data.
18 de janeiro às 07:39 · Curtir

Nike+ FuelBand John - Katherine's right. In addition to tracking your all-day activity with

Nike+ FuelBand Alex - Congratulations on making it to The Arc! What did you do to earn 4500 NikeFuel in 90 minutes? Any pro-tips for the rookies?
18 de janeiro às 07:42 · Curtir

Nike+ FuelBand Donna - By making it to The Arc, you've conquered NikeFuel Missions. Now, everytime you re-play a Mission is a chance to beat your personal best and climb the leaderboard. #makeitcount
18 de janeiro às 07:44 · Curtir

Nike+ FuelBand Congrats Nkeiruka - The 10K Club welcomes you!
18 de janeiro às 07:45 · Curtir · 1

Stephen Rice To all those crying about the android app just get an iPod touch and update your activity using wi-fi I have an android but I've always had an iPod and wi-fi everything working just fine Stop Complaining if I can do it you can also so get out there and #makeitcount need some competition add me S23
18 de janeiro às 18:38 · Curtir

Dave Hobbs I can understand Nike ignoring the Android crowd. Android is seen as more for the hacker community, and one doesn't usually associate hacker with healthy lifestyle. Not sure why someone would buy an iPod touch when they can buy a competitor's product ... Veja mais

Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 19 de janeiro de 2013).

Portanto, considera-se a comunicação entre usuários e empresas nas Redes Sociais na Internet de extrema relevância para o monitoramento da marca. Esse tipo de relacionamento na rede permite que os laços estabelecidos entre indivíduo e empresa/marca constituam-se em relações de proximidade, identificação e, obviamente, comunicação. No entanto, é o engajamento que manterá a construção e manutenção de vínculos. A rede torna-se, então, a “grande metáfora”, sendo que reputação, centralidade e grau de conexão desse indivíduo na rede terá influência; por isso, são importantes as dinâmicas entre os indivíduos. Seus processos de incentivo têm grande relevância para os outros integrantes dessa rede. São, deste

modo, conexões sociais: ciberespaço, cibercultura, dispositivos, corpo, memória e dinâmicas. Trata-se, portanto de uma experiência, ao mesmo tempo, social, física, virtual, de visibilidade e vigilância (figuras 45 e 46).

Figura 45 - Interação (visibilidade)



Will Rivera
 What's your occupation and how many points are you hitting on average a day? With or without additional workouts?
 Curtir · Comentar · Seguir publicação · 8 de novembro às 23:08 via celular

Sullivan Rodrigues curtiu isto.

Butch Chua- Basa occupation: dental assistant,,,hitting 6000-8000 a day w work out...working out at home..biking, elliptical n power walking,,
 9 de novembro às 00:43 · Editado · Curtir · 1

Colin Robson Work in a car factory: 3500-4500 in average day at work 6500-7500 with exercise
 9 de novembro às 00:41 via celular · Curtir · 2

Elizabeth Kieffer Andert middle school band director, 4000 with no workouts. (When I am conducting all day particularly. 😊)
 9 de novembro às 00:47 · Curtir · 2

Robin Johnson-Rodriguez Part time at Costco 4000-4500 with my hot yoga class and chasing a 4 year old!!:)
 9 de novembro às 00:50 via celular · Curtir · 2

Eddy Saldana Office Work - 1200 without a workout.
 9 de novembro às 01:14 via celular · Curtir · 3

Butch Chua- Basa Wat about u will r.?
 9 de novembro às 03:02 via celular · Curtir

William Haro Attorney. I'm hitting an avg of 6000+ daily with workout.
 9 de novembro às 23:14 via celular · Curtir · 2



William Haro Attorney. I'm hitting an avg of 6000+ daily with workout.

9 de novembro às 23:14 via celular · Curtir · 2



Will Rivera Cop and about 5k without a workout and about 7300 with an average workout

9 de novembro às 23:28 via celular · Curtir · 2



Robin Johnson-Rodriguez Looks like I need to step it up!!!:)

10 de novembro às 00:40 via celular · Curtir



Lauren Katz Hitting 3000 daily. And I need to step it up!

10 de novembro às 01:35 · Curtir · 3



Hamda Sahem No work! Three kids and a house to take care of, without w about 5500-6500 with w 7500- 8500

10 de novembro às 15:58 via celular · Curtir · 2



Andrew Brady School lol

1000-1500

No workout

5000-8000 workout

10 de novembro às 16:49 via celular · Curtir · 1



Jennifer Wilson Feickert Desk job. I get about 2000 without a workout.

10 de novembro às 16:59 via celular · Curtir · 1



Tamara Falish Project Manager - I hit between 4000-5000 a day with a AM Insanity workout. Pretty slow increase during work but when my boys get home I put on another 2000 between activities, dinner, and bedtime.

10 de novembro às 19:48 · Curtir · 1



Will Rivera All is fair in the world of fuel points. The key is consistency. Find your average and then challenge yourself. If you

 **Will Rivera** All is fair in the world of fuel points. The key is consistency. Find your average and then challenge yourself. If you are hitting your goal too easily it needs to be raised. I love this thing
10 de novembro às 20:10 via celular · Curtir ·  3

 **Butch Chua- Basa** Me2... Ya ive been thinking of raising goal to 6000 instead of 5000:)
10 de novembro às 20:12 via celular · Curtir ·  1

 **Tamara Falish** And I have been thinking of 4000 to 5000. I say we challenge each other and then motivate!
10 de novembro às 20:14 · Curtir ·  4

 **Will Rivera** That's the ticket!!
10 de novembro às 20:59 via celular · Curtir ·  1

 **Lennart Doe** 6000 stringing Tennis rackets...
+Tennis: 6-10.000
10 de novembro às 21:22 via celular · Curtir ·  1

 **Lauren Katz** Man, y'all are making me feel like a slouch! I need to raise my goal and step it up a bit!
10 de novembro às 21:33 via celular · Curtir ·  1

 **Lauren Katz** I am a Technical Solutions Manager. So far my best day has been 4000 fuel points. The funny thing is, I did no exercise. That was walking the Atlanta airport, LOL. I think the idea of challenging each other is excellent!
10 de novembro às 21:38 · Curtir ·  3

 **Josh Heim** I hate how after a strenous hour workout, i hardly get points!!
10 de novembro às 21:57 · Curtir

 **Brian Baker** Paint highways;) 5000-7000
10 de novembro às 22:11 via celular · Curtir ·  1

 **Brian Baker** Paint highways;) 5000-7000
10 de novembro às 22:11 via celular · Curtir ·  1

 **Italien Francese** 3,300 a school teacher best day w workout
6,900
Domingo às 03:48 via celular · Curtir ·  1

 **Christopher Senosier-Messan** 7500 soccer
Domingo às 14:56 · Curtir

 **Rebecka Frey** Yearbook Rep - avg 4300 - if I add a run, it's over 5000. Best day was 6600 plus (with a 5K, toddler and hubby;s 40th BD).
segunda às 03:29 · Curtir

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 14 de novembro de 2012).

Figura 46 - Atualizou sua foto de capa



Marcus Dasilva atualizou sua foto de capa.

IN 2013
 MARCUS DASILVA
 WILL LACE UP, PUSH HARD,
 RUN 25 MILES A WEEK, DO 2 5K RACES
 AND CLOCK UP 10K NIKEFUEL A DAY.
 WE WILL
 #MAKEITCOUNT

Curtir · Comentar · há 3 horas ·

5 pessoas curtiram isto.

Sabrina Sanabria How did you get this?
 há 2 horas via celular · Curtir · 1

Brian Flannery nice
 há 2 horas · Curtir · 1

Marcus Dasilva @ Sabrina Sanabria go to the Nike make it count page and submit your goals for the year an they will make you the banner!!
 há ± 1 hora via celular · Curtir

Fonte: <<http://www.facebook.com/gmenn4eva>>. (Acesso em 17 de janeiro de 2013).

Desta forma, os laços sociais e dinâmicas que são formados dentro do que é exposto nas publicações tornam-se visíveis entre os integrantes da comunidade, gerando, assim, a confiança mútua, tão importante nesse contexto. Há nesta comunidade, um sentido forte de cooperação. São poucas as publicações relacionadas à competição, visto que, geralmente, não há muitas interações. Ressalta-se aqui, novamente, o sentido da conexão afetiva. O que este artefato tecnológico possibilita são novas conexões, sejam elas físicas ou virtuais. Conexões com outros indivíduos, interações e dinâmicas sociais que se estabelecem a partir de dispositivos híbridos. As práticas cotidianas de cada indivíduo são salientadas, tornam-se expostas e visíveis. São práticas que envolvem não apenas um bem-estar social na rede, mas claramente um bem-estar físico. Portanto, trata-se não apenas de um grupo, ao qual é necessário pedir a solicitação para o seu “criador”, mas de uma comunidade, no sentido efetivo de “agregações sociais” (Rheingold, 1993), tornando-se em novas imbricações ou “teias” no ciberespaço. Fica, então,

caracterizada, pelo autor, uma comunidade e seu sentido de memória imbricado nela:

[...] comunidade é um grupo de pessoas que têm um interesse em comum ou que dividem algum tipo de destino comum e que se comunicam com as outras regularmente. A memória entra na comunicação de forma regular com os outros. [...] é importante para as pessoas, em uma comunidade terem identidades persistentes, mesmo que essas identidades não sejam as mesmas que elas utilizam na sua vida face a face (RHEINGOLD, 2006, p. 206).

Assim, a memória, em tais comunidades, torna-se também de extrema importância para as manutenções, tanto do capital social quanto dos laços. Trata-se de uma comunidade com forte conexão afetiva. Na publicação do integrante que criou a comunidade, estas dinâmicas ficam claras (figura 47). Ao relatar os motivos que deram início ao “grupo”, ele informa que, a princípio, foi por uma experiência, ressaltando o desejo que todos consigam atingir a máxima de *fuel* (métrica da Nike+). Outro aspecto importante nesta publicação faz referência às interações entre os integrantes e os comentários seguintes.

Oi, eu não tenho postado muito aqui, mas eu sou o cara que começou este grupo como uma experiência. Como o natal está chegando, espero que os membros consigam mais de 1k. Fico feliz em ver a *positividade no grupo*. Quanto à minha experiência, desde que eu comecei esse grupo, *eu realmente não olho para competição com ninguém além de mim*. Minha meta é um modesto 2500, mas eu irei batê-lo, em janeiro para 3000, uma vez que eu tenho que levar mais a sério *a atividade física através das artes marciais filipinas, ioga e pintura*⁵⁷ (grifos da autora).

⁵⁷ “Hi, I don't post much here but I'm the guy who started this group as an experiment. As Christmas comes, I expect the members to go over 1k. I'm glad to see *positiveness in the group*. As for my experience since I started this group, I don't really look to compete with anyone but myself. My goal is at a modest 2500 but will bump it up in the January to 3000 since I've been taking physical activity more seriously via *Filipino Martial Arts, yoga and painting*”.

Figura 47 - Publicação final de ano Christian



Christian Cabuay
 Hi, I don't post much here but I'm the guy who started this group as an experiment. As Christmas comes, I expect the members to go over 1k. I'm glad to see positiveness in the group. As for my experience since I started this group, I don't really look to compete with anyone but myself. My goal is at a modest 2500 but will bump it up in the January to 3000 since I've been taking physical activity more seriously via Filipino Martial Arts, yoga and painting.

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 23 de dezembro de 2012 às 22:19 próximo a Walnut Creek

👍 Dino Camba e outras 11 pessoas curtiram isso.

Stephanie Lyn Well this is the best fuelband group on fb! Thanks for creating it! I don't care about the competition either. I have met some great people in this room that keep me super motivated and learned a lot too. Nice of you to post.
 23 de dezembro de 2012 às 22:39 · Curtir · 👍 1

Veronica Guzman Thanks for starting the group!
 29 de dezembro de 2012 às 22:46 via celular · Curtir · 👍 1

Dino Camba great group with good people. Thanks!
 29 de dezembro de 2012 às 23:17 · Curtir

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

Ao posicionarem-se diante da comunidade, indivíduos fortalecem suas identidades, confiança e cooperação. Na segunda quinzena de janeiro de 2013 a comunidade alcançou mais de 1000 membros. Então, o sentido dos laços e da conexão afetiva volta a ser salientado na publicação a seguir (figura 48). Com a frase final: “Parabéns a todos”, as interações seguintes salientam os laços sociais: “obrigada por fazer isso” e “melhor grupo NFB (Nike+ *FuelBand*) do *Facebook!* Obrigada” legitimam o que foi exposto anteriormente nas questões de apropriação de uma comunidade e suas possibilidades de constituição de laços fortes.

Figura 48 - "Parabéns a todos"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 20 de janeiro de 2013).

Estas mesmas dinâmicas podem ser observadas no retorno de integrantes (figura 49) que deixaram de compartilhar, ao interagirem de forma direta – “Eu voltei amigos” – com uma imagem da pulseira. Criam-se interações mútuas, iniciando-se as trocas de informações.

Figura 49 - "Eu voltei amigos"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>> (Acesso em 26 de outubro de 2012).

8.3 PRÁTICAS FÍSICAS EM REDE: motivação e engajamento

No entanto, além de qualquer outra interação na comunidade, quando se trata de aspectos da comunicação para saúde, como já exposto, o que se torna relevante são os processos motivacionais. São a proximidade e afetividade que irão, portanto, definir a intensidade, tanto dos laços sociais quanto das conexões. Desta forma, o sistema criado e mantido nessa via necessita ter estabelecido um forte capital social com algum destes integrantes. Serão estes, que irão conduzir, assim como em outras esferas privadas e públicas de comunidades físicas, as dinâmicas na rede, pois não apenas incentivam outros integrantes a atingirem a meta proposta e/ou estabelecida por si próprio, mas a compartilharem e, mais, a receberem incentivo. Percebe-se, como foi exposto nas conexões observadas entre as dinâmicas formadas por este artefato tecnológico, a inerência do jogo. Contudo, não foram observados sistemas de competições relevantes. Apenas uma referência faz-se necessária: o processo do lúdico como sistema para interação em uma determinada comunidade. O que é, portanto, evidente, são as dinâmicas sociais formadas a partir desta conexão inicial – que pode se estabelecer em vias físicas, ou seja, em espaços, lugares e ambientes das cidades, compartilhando e interagindo com outros grupos.

Observa-se que o processo do lúdico pode ser analisado em todas as atividades físicas. Estas interações e participação da pesquisa só se deram pelo fato de a comunidade contribuir, considerando que, em uma comunidade, o espaço de fala, interação e compartilhamento é igual a todos os participantes. Há, também nesta comunidade, a busca constante por amigos, seguidores, ou, como definido pela Nike+, “*Fuel friends*”. Assim, quanto mais amigos, maior a motivação, o compartilhamento na rede e o engajamento nas atividades físicas com os dispositivos tecnológicos. Este permite uma maior mobilidade. A mensuração com a Nike+ é delimitada e, assim, o indivíduo pode escolher os amigos, definir a meta e compartilhar. A campanha 2013 da Nike+ *FuelBand* está centrada no compartilhamento de imagens, “*fuel*” e frases motivacionais. Para cada objetivo o indivíduo compartilha uma imagem com suas metas para o ano, sendo geradas inúmeras publicações entre a comunidade e seus integrantes de cooperação e incentivo a novas atividades. A figura 50 incentiva os seguidores da página a

compartilharem os seus objetivos para 2013, através da imagem e da frase: “Em 2013 - Vou me tornar um *nikefuel* milionário #vamos fazer valer a pena”. Assim, as interações se estabelecem e os compartilhamentos incentivam as trocas.

Figura 50 - "Vou me tornar um *nikefuel* milionário"



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 01 de janeiro de 2013).

Portanto, para estabelecer as metas e objetivos, as conexões que se formam a partir da pulseira vão além das conexões virtuais, visto que estas vias se fortalecem nas esferas públicas e privadas nos diferentes espaços de interação das cidades. No entanto, a Nike+ promove e compartilha eventos no *Facebook* para incentivar participações em eventos públicos, como treinos em estádios, campanhas contra o câncer (figura 51), eventos direcionados a determinados públicos, eventos com atletas patrocinados pela Nike, entre outros.

Figura 51 - Exercícios para maratona



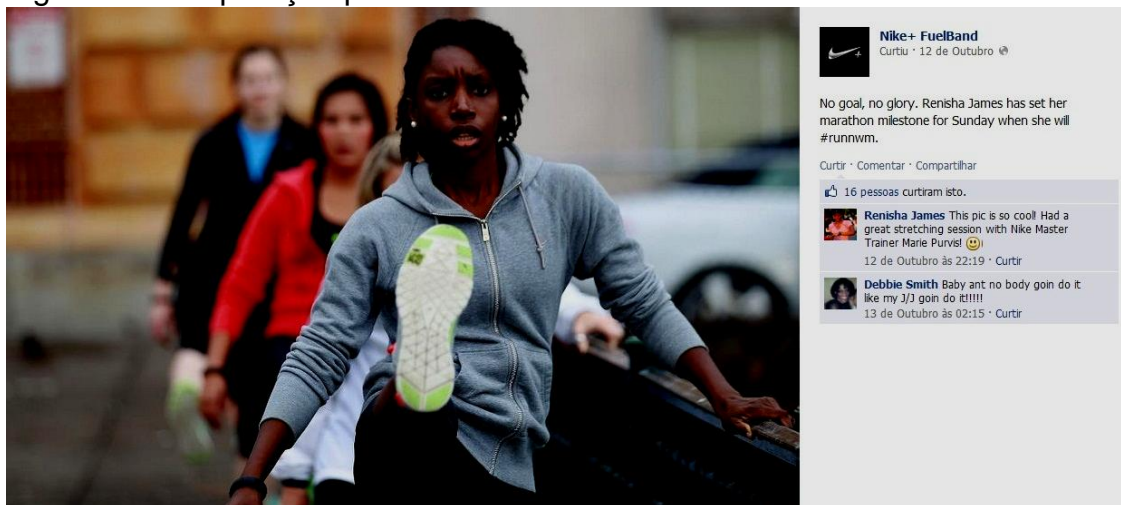
Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

Figura 52 - "Todos por um" (maratona)



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

Figura 53 - Preparação para maratona



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

Um dos fatores determinantes para o desenvolvimento de doenças degenerativas sustenta-se no sedentarismo, ou seja, na ausência de atividades físicas. Incorporar atividades relacionadas à saúde tem sido uma prática constante na sociedade atual, pois em uma sociedade marcada por práticas ubíquas, o deslocar-se, a visibilidade, a vigilância e a rede de amigos fortalecem o intuito da motivação, pressuposto este considerado de extrema importância para qualquer atividade em rede. A grande estrutura formada pelas redes sociais, portanto, auxilia na prática motivacional para atingir uma maior qualidade de vida. Isso é incorporado no contexto já apresentado, não somente por uma questão estética, mas da busca pelo conhecimento dos benefícios das atividades físicas para uma melhor qualidade de vida, tornando os indivíduos mais ativos; tendo assim, um gasto energético acima do repouso. Entende-se, desta forma, que a inclusão de atividades físicas constitui um fator fundamental de melhoria da saúde pública.

Práticas cotidianas como caminhadas nos diferentes espaços físicos das cidades, ou práticas esportivas com o simples intuito do lazer potencializam-se ao poderem receber incentivo nas Redes Sociais na Internet (RSIs). Os benefícios à saúde dessas atividades em rede têm referência, segundo Matsudo & Matsudo (2000), em aspectos do metabolismo, neuromusculares e psicológicos, com efeitos metabólicos desde o aumento da atividade aeróbica até os vários benefícios para o corpo, como a diminuição da frequência cardíaca e da pressão arterial.

Consequentemente, a atividade física auxilia, segundo os autores, na melhoria da autoestima e do próprio bem-estar mental e físico. Os processos de interações e socialização em diferentes comunidades e grupos também devem ser salientados, porquanto, independente do ambiente, lugar ou espaço, o indivíduo que pratica alguma atividade está interagindo e compartilhando em algum nível com alguma rede. “O homem é um ser delimitado por suas próprias dimensões e incapacidades físicas, por sua curva biológica, por sua capacidade psicológica e por suas limitações culturais e sociais” (Turbino, 1987, p. 55). As preocupações com a promoção da saúde e o incentivo a práticas físicas estão sendo priorizados em muitos países, visto que o sedentarismo está intimamente relacionado com a falta de saúde. Assim, esportes, atividades físicas e de lazer que envolvem a prática de atividades em rede com o intuito da motivação, fazem com que esse indivíduo tenha seu tempo ocioso dedicado ao bem-estar, o que se refletirá na qualidade de vida (Turbino, 1999).

Os números de compartilhamentos da evolução de gastos calóricos, movimentação, mapas de geolocalização, tempo e mensuração das medidas *fuel* são maiores; daí, mais relevância na rede. No entanto, a figura 54 mostra um compartilhamento de um indivíduo que, fazendo uso do artefato tecnológico, conseguiu perder peso. Ele expõe dados de quanto pesava quando começou a utilizar a pulseira, fazendo uma comparação, através de duas imagens, com o seu peso atual. Ainda, um hábito recorrente nas publicações é compartilhar os dados dos objetivos a serem atingidos, ou seja, os “*goals*” que serão mensurados pelas práticas cotidianas de atividades. Com um número elevado de conexões estabelecidas, tal publicação torna-se relevante, visto que foram 45 pessoas que curtiram e 15 comentaram. Interações que estabeleceram dinâmicas de cooperação com esta publicação, recebendo comentários de incentivo como “bom trabalho”, “você consegue”, “parabéns”.

Figura 54 - Emagreceu. "Mas há muito mais a fazer"



Rob Joh P ► Nike+ FuelBand
12 de dezembro de 2012 via celular 📱

Started at 430, now at 315, so much more to do! Goal is 250-260!

Curtir · Comentar · Seguir publicação · Compartilhar

👍 Butch Chua- Basa, Tamara Falish, Tarsem Bains e outras 45 pessoas curtiram isso.

Bam Korzan making progress 😊 great job! keep it going.
12 de dezembro de 2012 às 13:50 · Curtir

Volker Herrmann Is that pounds you are talking about? Sorry for the question I am from Germany and we only think metric.
12 de dezembro de 2012 às 13:52 · Curtir

Rob Joh P Yeah it's pounds. I was down to 298 LBS a couple of months ago, I fel off the wagon when my son was born. Got real #Lazy!
12 de dezembro de 2012 às 14:25 via celular · Curtir · 📱 1

Butch Chua- Basa Wowwww good job rob!!! U can do it!!
12 de dezembro de 2012 às 16:14 via celular · Curtir

Kevin K. Lewis congrats keep up the good work
12 de dezembro de 2012 às 17:31 · Curtir



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 10 de janeiro de 2013).

Esta relação entre saúde e práticas físicas e esportivas, portanto, liga-se ao bem-estar físico, mental e social. Todas estas ações identificadas nas redes físicas são agora compartilhadas em diferentes Redes Sociais na Internet (RSIs). Neste caso analisado, a referência da pesquisa inclui desde práticas cotidianas, portanto, sociais, até as práticas de lazer (como frequentar uma festa e dançar, sem deixar de

monitorar e quantificar os seus movimentos, o seu *Nikefuel*). Segundo Tubino (1998), essas práticas de atividades físicas têm ações em todos os campos sociais: políticos, econômicos, sociais e culturais. Logo, possuem também ações “como pano de fundo na busca de expansão e desenvolvimento do processo de modernização da sociedade”. A participação em práticas físicas com a dimensão social está inter-relacionada com os caminhos que levam à qualidade de vida, às práticas de culto ao corpo e boa forma. É, a “geração saúde”, que modifica os contextos sociais, a partir de práticas ressignificantes dos espaços, do corpo e dos fluxos infocomunicacionais no ciberespaço.

As figuras 55 e 56 a seguir demonstram o contexto atual, em que manter a boa forma torna-se uma prática diária entre o regime e a contagem das calorias perdidas. Ao relatar que o artefato trouxe um novo “vício” para os seus treinos de regime, as interações são de motivação, mas também de compartilhamento de experiências a partir do uso da pulseira, como cada indivíduo a utiliza e movimentase.

Figura 55 - "Vício" no regime

 **Cory Alexander**
Got my fuel band Friday and its by far the most addicting thing I've ever added to my workout regimen.

 Curtir ·  Comentar ·  Seguir publicação · 8 de janeiro às 23:22 próximo a Clarksville (Indiana)

 Marcus Dasilva, Italien Francese e outras 9 pessoas curtiram isso.

 **Matthew Laptad** Sounds about right. Welcome!!
9 de janeiro às 03:36 · Curtir

 **Sue Zickau Beale** Welcome to the club!!! You are quite right..addicting... Bordering on consuming
9 de janeiro às 17:44 via celular · Curtir ·  1

 **Cory Alexander** Very much so .. I talked 2 of my buddies into getting them and now we can't stop running around the office
9 de janeiro às 19:54 via celular · Curtir ·  3

 **Sue Zickau Beale** Love it!!! The only people I know that have one are on here!!! Love them all
9 de janeiro às 20:03 via celular · Curtir ·  2

 **Matthew Laptad** My father-in-law has one (in the box) but he refuses to start using it until after football season! Crazy right?
9 de janeiro às 23:37 · Curtir

 **Maricella Guerrero-Larson** Agreed! I don't know anyone else in my circle who has one but I keep recommending it to them 😊!
10 de janeiro às 01:40 via celular · Curtir

 **Butch Chua- Basa** Same here... I dont know anyone who has it.. Except u guys... Thats why i feel so happy to hav this group...
10 de janeiro às 02:25 via celular · Curtir ·  1

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 13 de janeiro de 2013).

Figura 56 - "Quantas calorias por dia?"

 **Mickael Chicha**
i am planning to buy it. does it give calories burned per day ? and if yes how it works ? tx

 Curtir ·  Comentar ·  Seguir publicação · 19 de janeiro às 12:50 próximo a Little Tel Aviv, Tel Aviv

 Darlene Palma curtiu isto.

 **Marco Hadley** Yes it does! It track down your movements all day I guess..
19 de janeiro às 12:56 · Curtir

 **Stephanie Lyn** Yes and no, it doesn't register weight lifting well so of course your burning calories but the band won't pick up much that way. Watch your fuel anyway. More fuel more calories burned!
19 de janeiro às 13:37 via celular · Curtir

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 20 de janeiro de 2013).

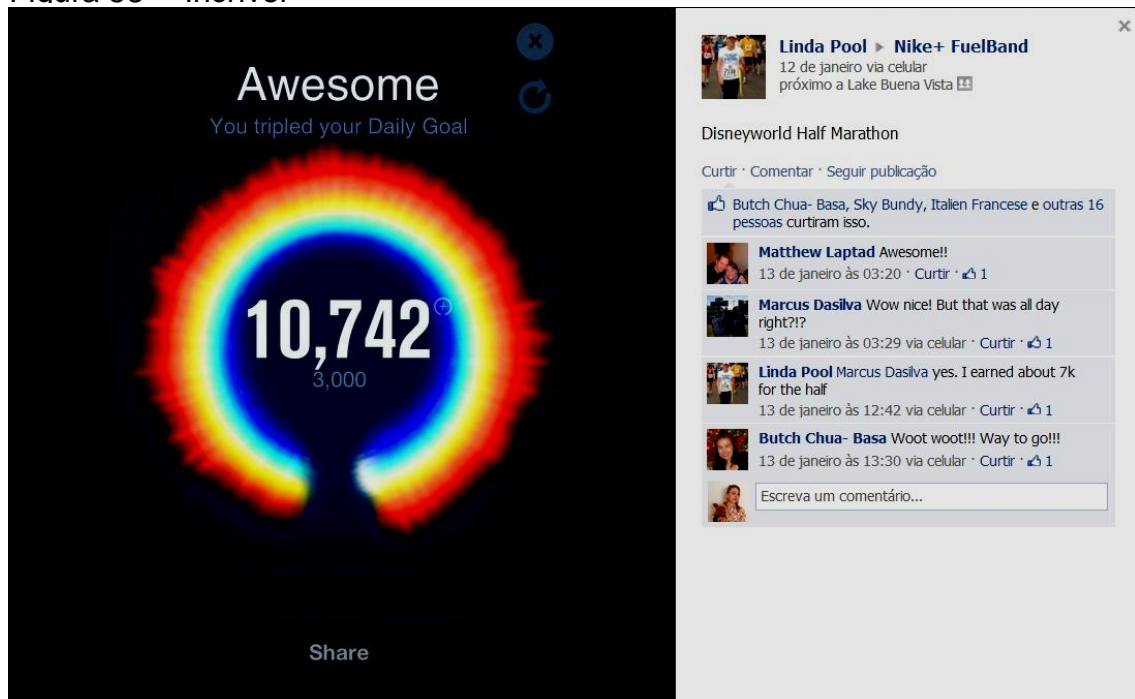
Por conseguinte, nas RSIs e nas comunidades de compartilhamento, como no caso da Nike+ *FuelBand* no *Facebook*, esta referência se estabelece na prática de motivação e incentivo aos indivíduos que compartilham seus dados (figura 57). O termo motivação compreende a prática, fatores e processos que têm como intuito fortalecer e conduzir os indivíduos à determinada ação em diferentes situações. A circulação pelas cidades com a mobilidade e o monitoramento das atividades físicas aumentam a dualidade saúde e qualidade de vida através dos sistemas motivacionais inerentes à rede. Compartilha-se com algum intuito. Assim, o que se percebe, nesta comunidade, são algumas referências para “receber incentivo”, bem como o sentido dos processos lúdicos das práticas irá definir as ações entre lugares, espaços e cidades. Na figura 58, a praticante de maratonas compartilha seu resultado após sua atividade. Ao salientar que sua “meta diária foi triplicada”, os comentários que seguem estabelecem uma relação de incentivo e engajamento com a integrante da comunidade. Assim como nas outras dinâmicas estabelecidas na rede, as interações continuam e os dados da postagem (curtir e comentários) são um fortalecimento destes integrantes com forte capital social e laços sociais na comunidade.

Figura 57 - "Eu preciso de motivação"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 20 de janeiro de 2013).

Figura 58 - "Incrível"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 13 de janeiro de 2013).

Portanto, a prática esportiva está ligada às relações de saúde, ao bem-estar físico, mental e social, deduzindo-se que, o incentivo não apenas para a não doença, mas para a boa forma, assim como para as prevenções, é revisitado nas esferas midiáticas. Assim, a midiatização da saúde ganha espaço e saliência em diferentes redes de conexões, à medida que essas práticas são incorporadas ao cotidiano dos indivíduos.

Nesta comunidade, as publicações de incentivo, que são parte das conexões afetivas, estão relacionadas também ao bem-estar (figura 59). Assim, as imagens que seguem relativizam essas dinâmicas, sejam para incentivar, cooperar ou simplesmente interagir com os outros atores da rede, sendo que estas vias novamente fortalecem interações mútuas (figura 60).

Figura 59 - Mais uma chance



Butch Chua- Basa ▸ Nike+ FuelBand
Assinado · 30 de outubro via celular
próximo a Union City, CA

Curtir · Comentar · Seguir publicação

4 pessoas curtiram isto.

Escreva um comentário...

Patrocinado ⓘ Criar um anúncio

História patrocinada oculta
Para nos ajudar a mostrar-lhe história patrocinada melhores, diga-nos do que você gosta.

Anúncio oculta
Para nos ajudar a mostrar-lhe anúncio melhores, diga-nos do que você gosta.

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 31 de outubro de 2012).

Figura 60 - "Se esforçar pelo progresso, não pela perfeição"



Butch Chua- Basa ▸ Nike+ FuelBand
Assinado · 24 de outubro via celular
próximo a Fremont

Curtir · Comentar · Seguir publicação

7 pessoas curtiram isto.

Rebecka Frey I live it! I was avg. 15 min/mile (around the town). Last week, my first real 5k was 14.02. I'm not winning medals, but I'm moving and improving!
25 de outubro às 01:06 via celular · Curtir · 2

Butch Chua- Basa ❤️
25 de outubro às 02:01 · Curtir

Escreva um comentário...

Patrocinado ⓘ Criar um anúncio

SCALA - experimente usar nada
VALORIZO O QUE ME VALORIZA.
Versatilidade para o dia a dia e ocasiões especiais.

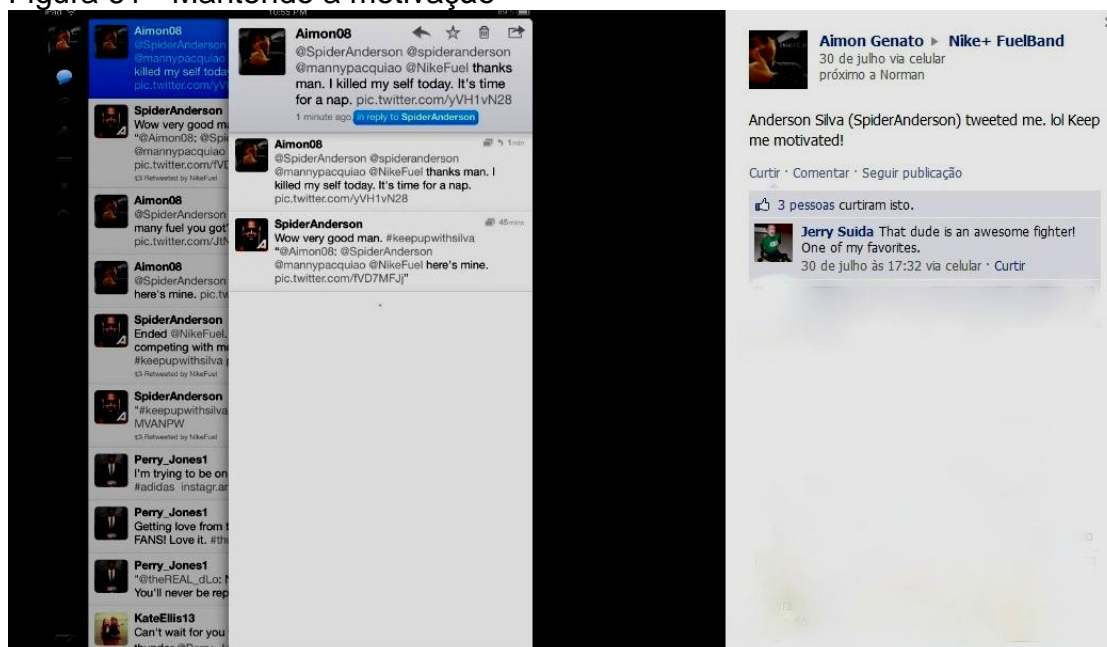
NOVO SHAPEWEAR

Curte · Livia Meimes curtiu isso.

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 25 de outubro de 2012).

O sentido de colaboração obtém resposta ao observar-se o comentário de uma das integrantes da comunidade. Quando relata que “eu gosto disso. [...] eu estou me movendo e melhorando”, percebe-se que ela não atribui o esforço das suas atividades à conquista de “medalhas”, mas a uma motivação maior que é estabelecida entre a rede na comunidade. Já outro integrante recebe o estímulo de um atleta (Anderson Silva, figura 61) e compartilha na comunidade a sua “motivação” adicional. Tão importante quanto os integrantes da rede estas interações fortalecem o incentivo à movimentação, o que, neste contexto, refere-se a “atingir os objetivos propostos por si mesmo”.

Figura 61 - Mantendo a motivação



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 02 de agosto de 2012).

São, portanto, dinâmicas que vão estabelecer o sentido real da motivação para as práticas de cada indivíduo. Assim, logo após cada publicação, as interações são estabelecidas, gerando, então, novos fluxos infocomunicacionais e fortalecendo o sentido do bem-estar físico, do corpo biológico e das interações com dispositivos tecnológicos em todo este processo (figuras 62, 63, 64, 65, 66, 67 e 68).

Figura 62 – “Vale a pena”

**THE SWEAT. THE TIME.
THE DEVOTION.
IT PAYS OFF**

Butch Chua- Basa ► Nike+ FuelBand
Assinado · 29 de outubro via celular
próximo a Union City, CA

Curtir · Comentar · Seguir publicação

Andreea Cristina Sahlian e outras 5 pessoas curtiram isso.

Escreva um comentário...

Patrocinado Criar um anúncio

Anúncio oculta
Para nos ajudar a mostrar-lhe anúncio melhores, diga-nos do que você gosta.

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 30 de outubro de 2012).

Figura 63 - "Faça do exercício parte da sua rotina"

make exercise part of your routine.
like brushing your teeth,
or taking a shower.
don't even think about doing it.
just do it.

Butch Chua- Basa ► Nike+ FuelBand
Assinado · 23 de outubro via celular
próximo a Fremont

Curtir · Comentar · Seguir publicação

4 pessoas curtiram isto.

Escreva um comentário...

Patrocinado Criar um anúncio

Anúncios oculta
Para nos ajudar a mostrar-lhe anúncios melhores, diga-nos do que você gosta.

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 25 de outubro de 2012).

Figura 64 - Frases de incentivo (publicação na comunidade)



Butch Chua- Basa

Quotes
De: Butch Chua- Basa

IT'S ONLY COLD IF YOU'RE STANDING STILL

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 6 de janeiro às 17:49

Marcus Dasilva, Italien Francese e outras 2 pessoas curtiram isso.

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 7 de janeiro de 2013).

Figura 65 - "Para mais motivação"



Markéta Holá

Hi, I'm looking for some friends to get more motivation :-)

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 9 de janeiro às 20:30

Italien Francese e outras 5 pessoas curtiram isso.

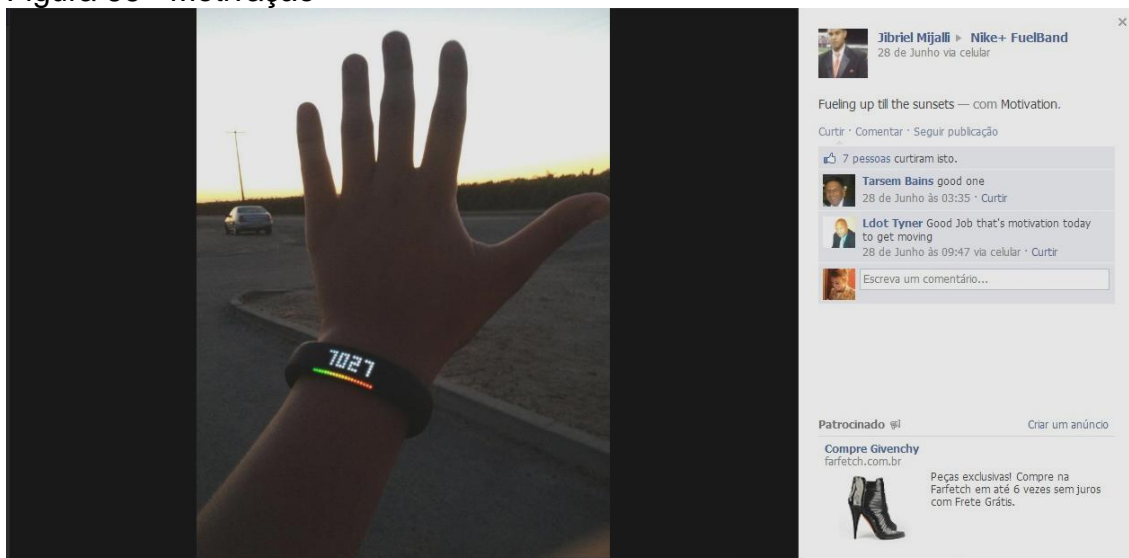
Ver mais 1 comentário

Ant Lessane Add my Nike fuel band, my s/n is Ant Lessane
10 de janeiro às 15:24 via celular · Curtir

Jose Brito I sent you a request
10 de janeiro às 22:27 via celular · Curtir · 1

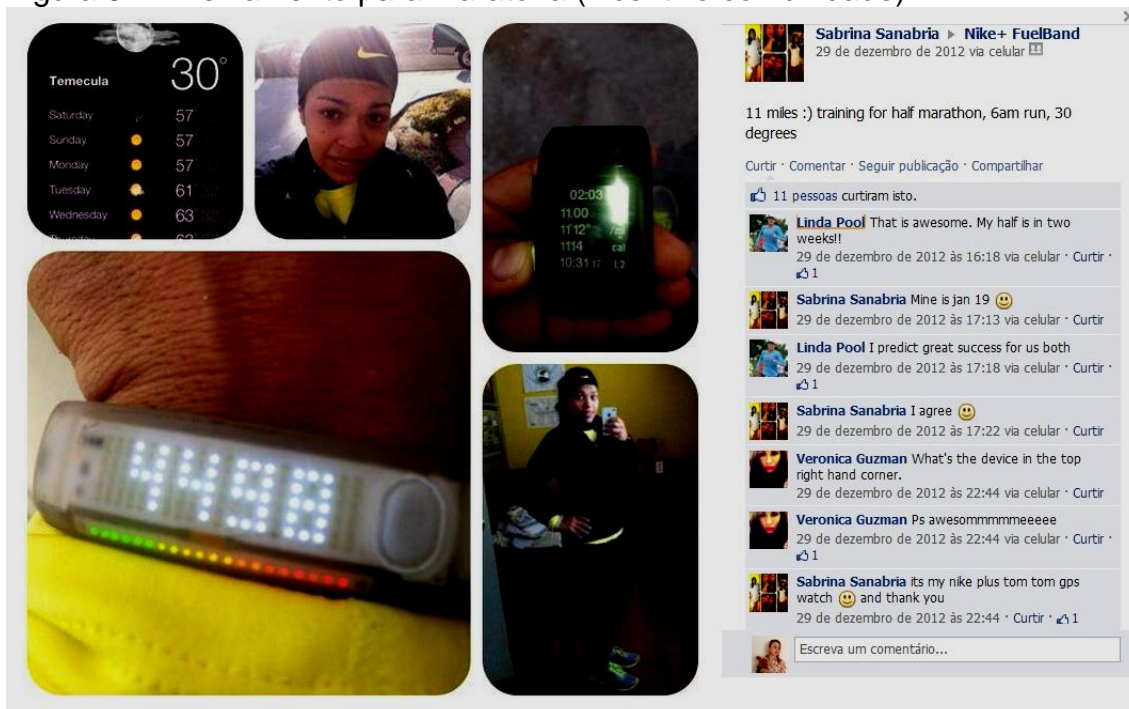
Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 10 de janeiro de 2013).

Figura 66 - Motivação



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 30 de junho de 2012).

Figura 67 - Treinamento para maratona (incentivo comunidade)



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 15 de janeiro de 2013).

Figura 68 - Motivação (página oficial no Facebook)



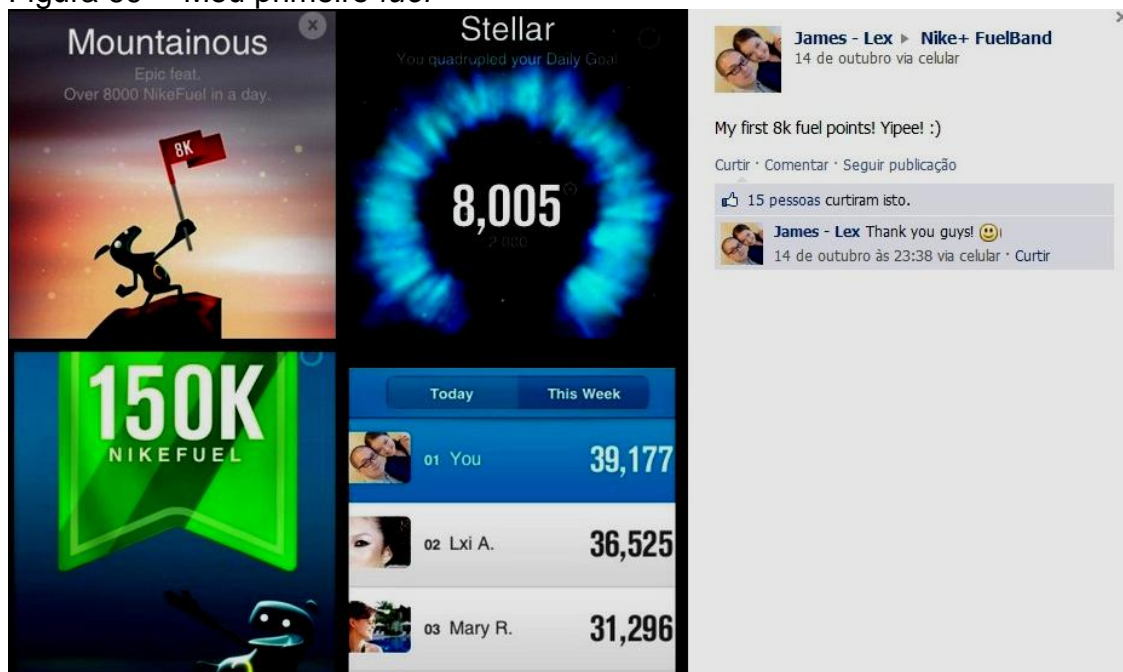
Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 16 de janeiro de 2013).

8.4 REDE DE CONEXÃO: memórias, dinâmicas e visibilidade do corpo

A ideia central é, portanto, a movimentação. Quanto mais o indivíduo movimenta-se, circula pelos espaços, mais *fuel* ele ganha. Ao atingir a meta, então, tem a possibilidade de compartilhar com a rede de amigos.

Na figura 69, ao compartilhar suas imagens de “goals”, ou seja, do seu objetivo alcançado, o número de incentivo pode ser mensurado pela opção “curtir”. Pois o comentário que segue é da própria pessoa que publica, então, agradecendo. Essa mensuração deve-se ao fato de que a cooperação em redes de conexão tem forte influência. Também, como prática recorrente nesta comunidade, são os integrantes que compartilham a sua primeira pontuação. Seu primeiro “*fuel*” é indício do estreitamento das dinâmicas que se estabelecerão posteriormente.

Figura 69 - "Meu primeiro fuel"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 16 de outubro de 2012).

Com os laços fortalecidos, é inerente que a conexão afetiva se estabeleça em publicações de agradecimentos. A publicação a seguir (figura 70) se refere aos integrantes ativos, portanto, com capital social constituído na comunidade. São eles os “responsáveis” pela maior motivação. Há, neste sentido, forte relevância para as práticas posteriores, para o fortalecimento das dinâmicas e para o sentido de “confiança” da comunidade. É fundamental que todos estejam inseridos em um ambiente agradável para poderem compartilhar suas experiências e modificações na vida cotidiana.

Figura 70 - Agradecimento à motivação recebida

 **Stephanie Lyn**
 I wanted to stop through and say thank you to [Marcus Dasilva](#) and [Butch Chua- Basa](#) for the motivation! Everyone in this group rocks but these two have really made me want to step up my game. I want to be in the millionairs club, I want another rainbow award, I want a 365 streak and it's all because these two made me want it! I'm taking the 1st step and admitting I am a now officially a fuel junkie! lol, Happy Birthday Mr. Dasilva and Happy New Year to you all! Now fuel up!

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 1 de janeiro às 11:27 próximo a Highland Hills

 [Arturo Hernandez](#), [Dino Camba](#), [Italien Francese](#) e outras 13 pessoas curtiram isso.

 **Monique Balthazar-Tagliavia** Can I add you , for friendly challenges? Looking to keep motivated and you sound very motivating or you can add me...lligurl1212 thanks
 1 de janeiro às 13:13 · Curtir ·  1

 **Stephanie Lyn** Monique Balthazar-Tagliavia do you have an iPhone?
 1 de janeiro às 13:25 via celular · Curtir

 **Monique Balthazar-Tagliavia** NO, I'm an Android girl, sorry
 1 de janeiro às 13:26 · Curtir ·  1

 **Stephanie Lyn** Monique Balthazar-Tagliavia no problem. I'll add you to my nike+ site today! 😊
 1 de janeiro às 14:06 via celular · Curtir ·  1

 **Monique Balthazar-Tagliavia** Stephanie Frizzell thank you
 1 de janeiro às 14:13 · Curtir

 **Marcus Dasilva** Wow thx this means a lot to me, really does, u go gurl! u can do it!!! Thx for the birthday wish! Lets earn some major FUEL together in 2013!!!!
 1 de janeiro às 14:19 via celular · Curtir ·  1

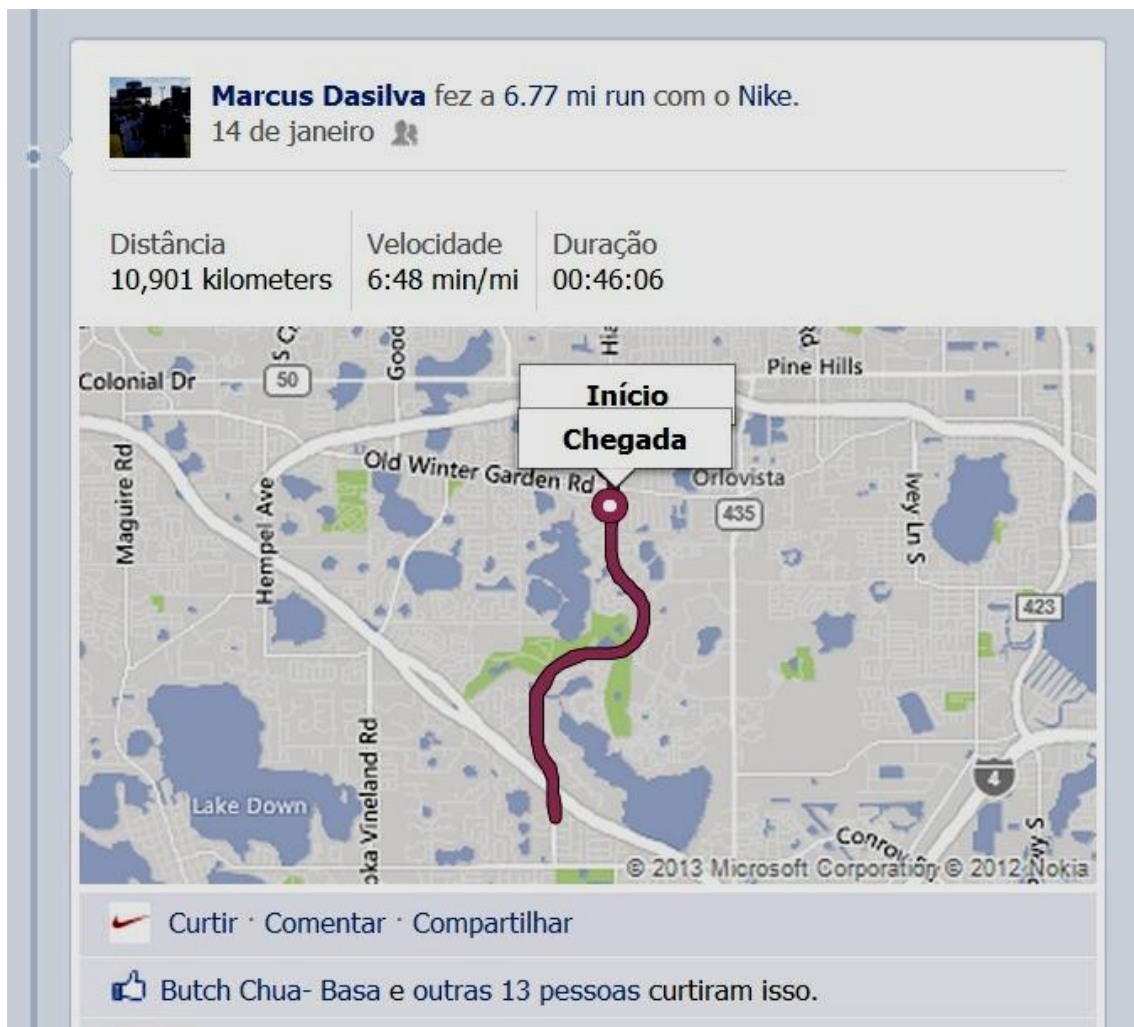
The image shows a vertical list of ten posts from a Facebook group. Each post includes a profile picture, the user's name, the text of the post, and the time and device used to post. The posts are as follows:

- Butch Chua- Basa**: Aww thats nice thing to say... Ty.. N yes we can do it!! Lets go fuel!!!happy new yr to u my fuel buddys:) 1 de janeiro às 15:49 via celular · Curtir · 3
- Butch Chua- Basa**: Hurray for my very first fuel buddy:) 1 de janeiro às 16:34 via celular · Curtir · 2
- Linda Pool**: Stephanie Frizzell - I also want to hit the 1M club this year! Let's do it! I have had my band since Black Friday. I am at approx 150K now. Definitely doable this year. 1 de janeiro às 17:51 · Curtir · 3
- Tarsem Bains**: agreed 1 de janeiro às 18:22 · Curtir · 2
- George Campbell Jnr**: had a few bad months but now back hopefully with a bang 😊 1 de janeiro às 18:32 · Curtir · 1
- Monique Balthazar-Tagliavia**: Stephanie Frizzell.....im 1 de janeiro às 18:51 via celular · Curtir
- Monique Balthazar-Tagliavia**: Stephanie Frizzell I'm clueless today....I don't have an iPhone, but I hijacked my husbands iPad, syncing was easier and accurate on the iPad. 1 de janeiro às 18:52 via celular · Curtir · 1
- Lance Thornton**: I agree new year new goals 4 de janeiro às 16:53 via celular · Curtir · 1
- Bam Korzan**: I agree with you Stephanie. Marcus and Butch are great! They motivate me but of course I can't seem to beat them with my fuel. Haha! Can you add me too? The More the merrier. 5 de janeiro às 00:18 via celular · Curtir · 2
- Butch Chua- Basa**: ❤️,,,ty:) 5 de janeiro às 00:31 · Curtir · 1
- Marcus Dasilva**: Thx bam. 5 de janeiro às 03:06 via celular · Curtir · 1

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 15 de janeiro de 2013).

O que estes dispositivos e artefatos tecnológicos móveis possibilitam é um sistema integrado de conexões entre indivíduos e sistemas virtuais, e circular pelos espaços permite uma imersão em diferentes vias. A localização, através do sistema GPS, torna-se um elemento importante nesse ambiente ubíquo, em que é possível traçar o trajeto e posteriormente compartilhar. A comunicação móvel e os sistemas de geolocalização são potencializados nessa esfera ubíqua. Assim, este ambiente informacional, estas redes de conexão vão se agregando à base do ciberespaço, e criam outras conexões e vias sobre estes espaços físicos e lugares sociais (figura 71).

Figura 71 - Compartilhamento de trajeto via aplicativo Nike



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 15 de janeiro de 2013).

Sabe-se que, os espaços virtuais com suas conexões sociais são lugares de compartilhamento de estatísticas, imagens e, numa definição da Nike+ *FuelBand*, as comunidades ali centradas neste artefato também são lugares para “encontrar inspiração”. Desta forma, “o sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte” (Agier, 2011, p. 114). Há, no entanto, uma necessidade de se reestabelecer o contato com os lugares, visto que se tratam de lugares referentes aos sentidos de interações, social ou simbólico. Mas relocizável. Portanto, há novas relações com o espaço, de forma que os indivíduos retomam as atividades de simbolização e interações nas redes. “A conexão dos espaços físicos e virtuais cria novos tipos de informações que

potencializam os dois ambientes” (Pellanda, 2006). Assim, são compartilhados: calorias, tempo de atividade, passos e trajeto percorrido (Figura 72).

Figura 72 - Compartilhamento de desempenho via Nike+ FuelBand



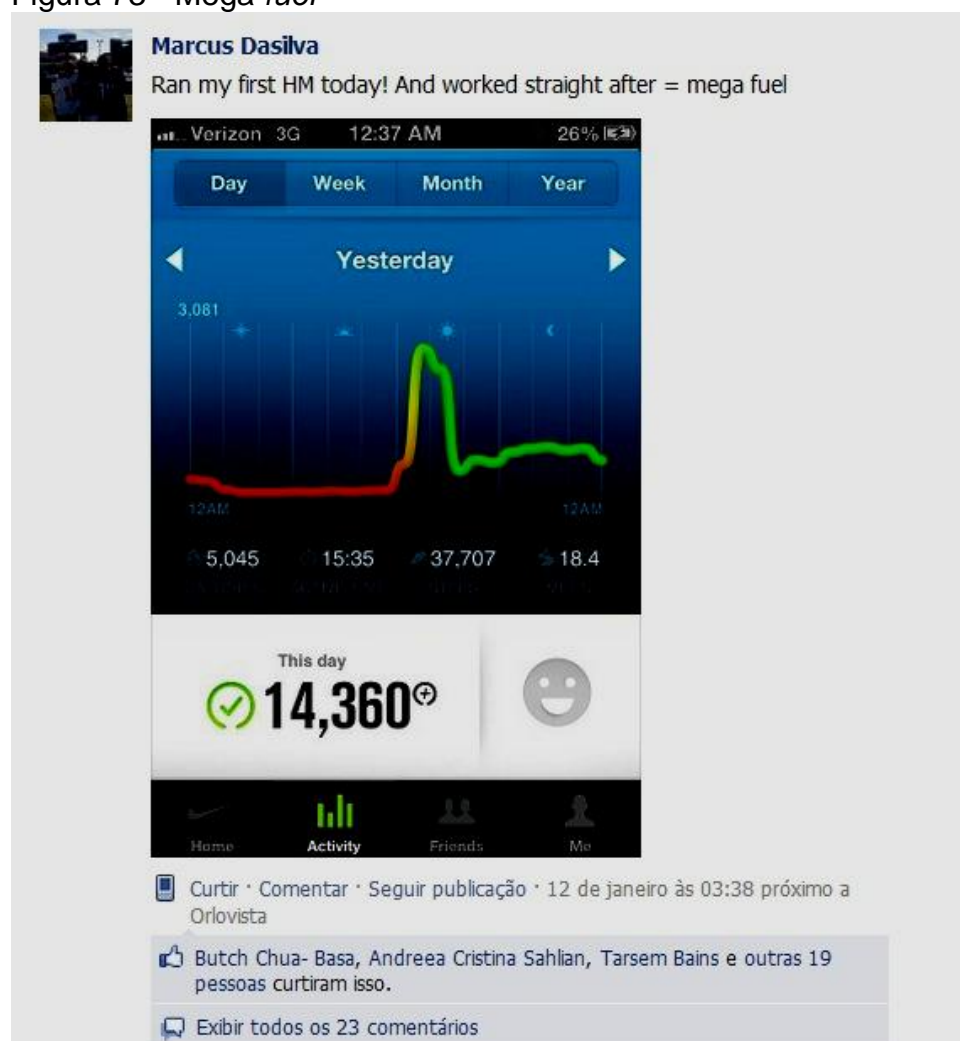
Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 19 de janeiro de 2013).

O sistema de conexões e vias vai desenvolvendo-se a partir de dados, informações e processos de interação, estabelecidos nas conexões com as redes, formando, assim, uma tessitura de conexões híbridas. Estas tem um fluxo relevante para a comunidade virtual, por serem, realizadas, também, na esfera física. Estes fluxos infocomunicacionais (constantes) de saúde individual e particular, ou que eram restritos a apenas um núcleo (aos médicos e profissionais de saúde), em uma esfera distinta e particular, atualmente estão disponíveis nesta rede. Isso só se torna possível, como já exposto, pela mobilidade e mediatização da saúde.

As formas de comunicação que surgem com as tecnologias híbridas implicam novos formatos de linguagem, distribuição e da observação destes fluxos para o *mhealth*. São, neste sentido, compartilhados dados em forma de imagens, como pode ser observado na figura 73, na qual o indivíduo publica a sua primeira

maratona e continua seu trabalho, assim atingindo o seu maior resultado. É exposta, desta maneira, a evolução dos seus movimentos no decorrer do dia (24 horas): o repouso está representado pela cor vermelha mais forte, e assim, gradativamente, os movimentos vão ganhando as cores laranja, amarelo e, por fim, o verde. No gráfico apresentado (muito comum o compartilhamento de tais imagens na comunidade), são descritas as calorias perdidas, o tempo de atividade, os passos e as milhas percorridas, possibilitando, dessa forma, um arquivamento das atividades diárias, semanais, mensais e anuais. Ressalta-se, ainda, a forte visibilidade que este integrante tem na comunidade, considerando suas interações na rede. Desta forma, possui um laço social forte com alguns integrantes e vai fortalecendo o seu capital social, o que também pode ser observado nos dados das postagens (curtir e comentários).

Figura 73 - Mega fuel



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuel>>. (Acesso em 19 de janeiro de 2013).

A memória biológica está também presente em outros aparatos tecnológicos, o que se tornou relevante para a pesquisa inicial, quando foram observadas as interações ente as conexões já apresentadas. Os processos de relevância apontados na metodologia são referentes às conexões estabelecidas a partir da pulseira, ou seja, o corpo biológico circulando e emitindo dados e informações de cada usuário. A memória é transitória, visto que os fluxos também podem ser apagados e compartilhados para redes amplas. Portanto, as relações acontecem por meio da tecnologia, mas se estabelecem na vida *offline*, nas interações com o espaço físico. Depois, há o compartilhamento das metas estabelecidas individualmente (sentido de engajamento, compartilhamento, cooperação nas redes sociais). A cultura colaborativa das Redes Sociais na Internet promove a saúde móvel ao sistema de vigilância e visibilidade, do qual todos podem participar. Essa apropriação através de diferentes meios, como a geolocalização e os espaços físicos, permitem um sentido de comunicação na saúde, sem precedentes. Assim, quanto mais uma tecnologia é revolucionária, mais há participação e efetivação no seu uso.

Todo meio ou tecnologia cria um ambiente de serviço. As possibilidades com a ampliação das redes de conexão que a pulseira traz vão além dessa rede criada pela comunidade no *Facebook*. Corpo, informação e memória estão integrados aos sistemas de fluxos informacionais no ciberespaço. Este conhecimento sob a vontade de intersecção torna-se cada vez mais intenso entre indivíduo e máquina. Em redes de conexão, corpo e máquina, ambos compreendidos como sistemas de comunicação, estabelecem vínculos de “superação”, culto ao corpo e transcendência. Como discorre Sibilía (2005), sob a perspectiva dos *blogs*, esse contexto amplo das redes pode ser estendido para esta análise, quando afirma que:

Cada vez mais, *o que cada um é* mostra-se na superfície visível do corpo, na epiderme trabalhada como um objeto de design. E, também, na auto-estilização inspirada nos personagens cinematográficos, de preferência exposta em uma tela. Eis uma pista que talvez possa explicar esse curioso ‘detalhe’ dos novos diários íntimos publicados na Internet, tão opostos a seus ancestrais genuinamente *privados*: o fato de nascerem com vocação exibicionista, para serem vistos e lidos por milhões de olhos alheios nas infinitas telas das rede (SIBILIA, 2005, p. 46)

Um processo de “presentificação” do estado presente, em que as conexões virtuais estão imbricadas entre corpo e informação. Assim, “[...] estes novos fenômenos revelam mais um traço no processo de reconfiguração que atravessam as subjetividades contemporâneas” (Sibilia, 2005, p. 48). Portanto, estas dinâmicas são relevantes para a comunicação para saúde e suas vertentes, visto que a ascensão dos conceitos e aplicações deles por diferentes esferas da comunicação estão possibilitando uma ampla esfera (*mhealth* e *ehealth*) entre dispositivos tecnológicos e a relação do corpo com a informação nestas redes de conexão.

Há, neste contexto, uma coexistência de vários espaços e sistemas de proximidade – entre redes de conexão que são criadas a partir dos espaços físicos (cidades, ruas e ambiente de práticas) e conexões sociais na Internet –, conexões sociais com dispositivos móveis. Desta forma, os compartilhamentos são motivados por distintos processos de interações com os meios, sejam elas pelas práticas esportivas, pela própria busca de motivação ou através de outras conexões como vídeos, amigos e redes físicas que irão fortalecer estes fluxos na comunidade. Assim, ganha visibilidade não só o artefato tecnológico, mas as próprias informações que são disponibilizadas e corpo. São, de fato, informações e dados privados, disponibilizados pelo próprio corpo. Este sentido pode ser observado na afirmação de Maffesoli (2010), considerando que este artefato tecnológico torna-se um objeto social para os indivíduos nesta rede. Estes artefatos são, então, construídos, reconstruídos, imprimindo-se sentidos de apropriação e formas singulares a cada um no decorrer das suas interações com os meios. Estas redes conduzem os indivíduos a novos lugares e espaços de interações: “espaço é uma cristalização do tempo” (Maffesoli, 2010). Este descobrir dos objetos cria um laço de afetividade, que pode tanto ser observado pelo número de dinâmicas estabelecidas na imagem publicada pela página oficial da Nike+ *FuelBand* (figura 74) no *Facebook*, quanto pelas mensagens deixadas pelos integrantes da comunidade (figuras 75, 76, 77 e 78).

Figura 74 - Pré-lançamento das pulseiras *Black* e *White Ice*



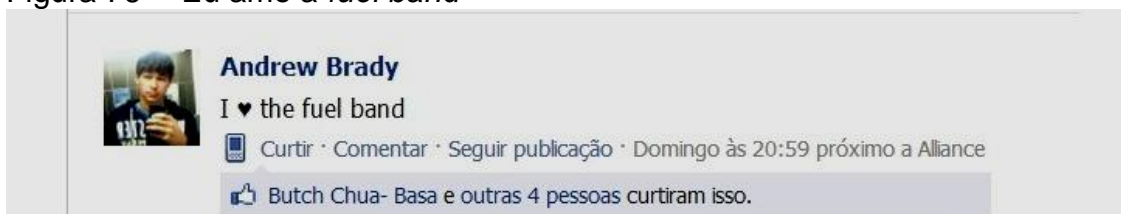
Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

Figura 75 - "Eu amo você *Nike+fuelband*"

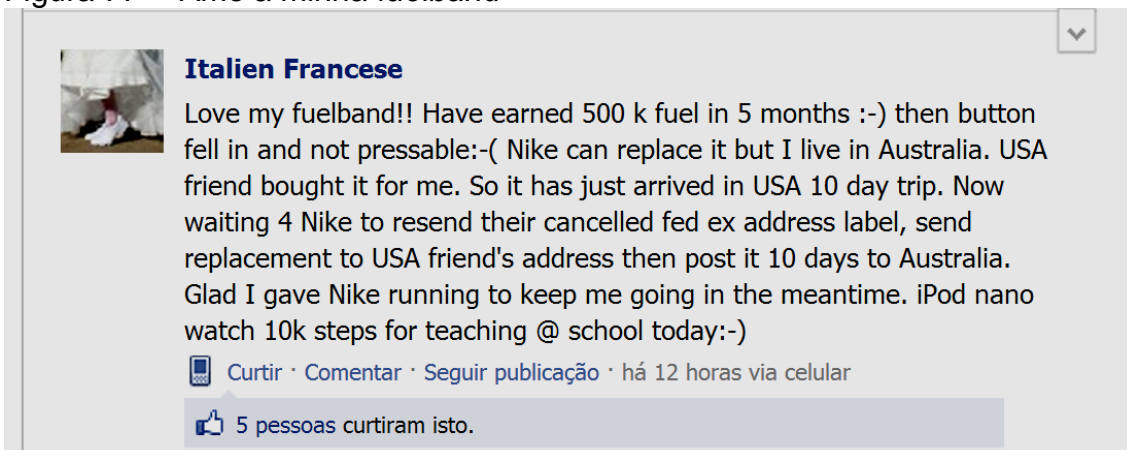


Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 02 de janeiro de 2013).

Figura 76 - "Eu amo a *fuel band*"



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 14 de novembro de 2012).

Figura 77 - "Amo a minha *fuelband*"

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 14 de novembro de 2012).

Figura 78 - "*Goals hit* - Amo a minha *fuelband*"

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 19 de julho de 2012).

Trata-se de um objeto que se ajusta ao corpo, um artefato tecnológico que dá forma ao corpo como uma vestimenta, um acessório (figura 79), enfim, como um acoplamento ao corpo biológico que mensura os movimentos e traduz em tempo, distância, calorias e "*fuel*". Assim, a meta final diária é categorizada pela expressão

“fuel”, “goal”, ou seja, conseguiu-se atingir o objetivo proposto pela mensuração Nike Fuel. Desta forma, o sentido da movimentação pelos diferentes espaços e lugares das cidades hibridiza-se com conexões virtuais e informações do próprio corpo. Ou seja, este corpo biológico, agora, emite dados e informações referentes ao bem-estar físico de cada indivíduo.


Figura 79 - Nike+ FuelBand como acessório



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 11 de janeiro de 2013).

O corpo biológico está inserido no ambiente da cibercultura, relacionando-se com outros aparatos e dispositivos tecnológicos móveis, agora em consonância com lugares, espaços e situações distintas. Trata-se de um acoplamento, em que o corpo modifica e altera as informações que antes eram repassadas via esfera privada. Para Le Breton (2003), o indivíduo realiza uma imersão no espaço virtual, o que permite outros e novos tipos de apropriação do corpo, “pela simulação de situações e por intermédio de uma aparelhagem específica. [...] O deslocamento é induzido às vezes por um uso inédito do corpo: a respiração, um movimento da mão, da cabeça, do torso [...]” (2003, p.143). Nesse sentido que a memória biológica está também presente em outros aparatos tecnológicos (figura 80).

Figura 80 - Contando *fuel* com a música



Nike+ FuelBand
 Curtiu · 10 de setembro de 2012

Life is a sport. Feeling the music counts.

Curtir · Comentar · Compartilhar

5 pessoas curtiram isto.

1 compartilhamento

Nike+ FuelBand
 Curtiu · 10 de setembro de 2012

Trombone Shorty en route to over 3000 NikeFuel.

Curtir · Comentar · Compartilhar

4 pessoas curtiram isto.

1 compartilhamento

Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 12 de setembro de 2012).

São relações que se constituem através deste artefato, mas que adquirem sentido na rede de conexão na Internet, por serem relações presenciais, virtuais e reais. Assim, ao movimentar-se pelas cidades, lugares e espaços cotidianos, o indivíduo compartilha imagens, informações e dados referentes a sua vida privada, seja, através da pintura, da prática do ioga, de caminhadas ou esportes (figura 81). Seus gostos, sua identidade, suas atividades são expostas. Então, este artefato tecnológico configura-se como esta vestimenta que já faz parte do cotidiano desses indivíduos inseridos nesta rede, pois são ações e compartilhamentos que permitem uma movimentação de prazeres, das ações fora do espaço virtual.

Figura 81 - Os diferentes usos



Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 24 de outubro de 2012).

O ato de “vestir a tecnologia” direcionará o setor de inovação para novos produtos neste contexto ubíquo. Corpo e máquina interagindo com tamanha naturalidade e ainda mais acoplados ao corpo. Como uma vestimenta, ou como direciona Maffesoli (2012), uma “segunda pele”, que não é apenas um acessório, mas faz parte de todo um contexto corporal, privado – mas ao mesmo tempo

público, estético e com uma identidade que é do sujeito e que vai transformando-se ao incorporar novas tecnologias (figura 82).

Figura 82 - Pulseiras - acessório



Fonte: <<http://www.facebook.com/nikefuel>>. (Acesso em 12 de janeiro de 2013).

A utilização de aplicativos e dispositivos móveis – esses artefatos como processos do fenômeno comunicacional e informacional nas redes digitais –, o uso dos dispositivos híbridos nos espaços físicos (das cidades) e as apropriações que cada um dá a estes espaços; possibilitam que este indivíduo possa circular e dar significados para diferentes atividades e lugares. Compartilhando tudo em diferentes redes sociais. Como práticas de geolocalização, anotações de lugares físicos e tagueamento, essas dinâmicas são formas de significação aos espaços urbanos das cidades. Ou seja, por criar e potencializar redes de sociabilidade, buscam significar o espaço urbano a partir do reforço comunitário. Estas informações da comunicação para saúde, iniciando as suas conexões em um artefato tecnológico e criando conexões na comunidade estão na rede e são disponibilizadas diretamente pelo indivíduo. Sendo assim, podem auxiliar numa maior cooperação para as ações da comunicação para saúde na ubiquidade.

8.5 PESQUISA APLICADA

Diante do contexto da análise, a “Pesquisa Nike+ *FuelBand*” aplicada foi disponibilizada no dia 03 de novembro de 2012, na comunidade, através do *googledocs* e observaram-se respostas até a data de 21 de novembro de 2012. O intuito da pesquisa foi esclarecer alguns pontos que ainda não estavam visíveis nas dinâmicas. Foram disponibilizadas 20 perguntas e, assim que foram publicadas, as interações iniciaram, justamente por aqueles integrantes ativos e com forte capital social. As interações podem ser observadas via “curtir” e comentário na publicação (figura 83).

Figura 83 - Publicação da pesquisa na comunidade

Nike+ FuelBand 🔒 **Sobre** **Eventos** **Fotos** **Arquivos**

 **Luciele Copetti**
Hi, "fuel friends"!
I'm doing scientific research for my master's degree in media PUCRS in Brazil. Can you collaborate?
Thank you!

Pesquisa Nike+ FuelBand
docs.google.com

📎 Curtir · Comentar · Seguir (desfazer) publicação · Compartilhar · 5 de novembro de 2012 às 01:59

👍 Beuch Benzino e Italien Francese curtiram isso.

 **Henrique Presch** com certeza, o que você precisa?
Abs,
Henrique
5 de novembro de 2012 às 08:04 via e-mail · Curtir (desfazer) · 👍 1

 **Luciele Copetti** Oi, Henrique Presch só responder a pesquisa (documento está a cima). E breve. Abraço. Muito obrigada.
5 de novembro de 2012 às 08:07 · Curtir

 **Henrique Presch** feito. abs
5 de novembro de 2012 às 08:53 · Curtir (desfazer) · 👍 1

Fonte: <<http://www.facebook.com/groups/nikefuelband>>. (Acesso em 10 de janeiro de 2013).

As interações que sucederam esta pesquisa permitiram as observações expostas nas duas etapas anteriores da análise. Conforme os dados iam sendo recebidos, a clareza diante das perspectivas do foco no bem-estar físico através das práticas esportivas tornava-se evidente. Assim como é importante salientar que as dinâmicas de interação aconteceram entre estes indivíduos da comunidade que, nesse processo, respondiam via perfil pessoal através de mensagens. São, contudo, dados que permitem uma observação de alguns pontos centrais: uso de aplicativos, compartilhamento de dados pessoais, frequência do uso, compartilhamento na rede (motivação), auxílio nas atividades diárias e motivação para o uso: bem-estar físico e saúde.

Portanto, as dinâmicas na rede e as possíveis imbricações para práticas efetivas de bem-estar físico e, portanto, da saúde, foram observadas e analisadas nas duas etapas anteriores. Já, as atividades físicas auxiliam para um bem-estar social e mental. Desta forma, são práticas que estabelecem vínculos não apenas na esfera das tecnologias, mas também na esfera da sociabilidade, pois vem modificando e alterando todo o contexto da comunicação para saúde (iniciando com os processos da comunicação científica, da comunicação para saúde e do *mhealth* ou “saúde móvel”). O que se percebe na análise é que não são relativizados componentes de engajamento com a rede e com os fluxos territorializantes. Com a saúde móvel, a circulação pelas cidades e o monitoramento da saúde tornam-se aspecto saliente nas redes de conexão. Logo, a prática esportiva está ligada às relações de saúde, ao bem-estar físico, mental e social. O impulso não apenas para a não doença, mas para a boa forma são revisitados nas esferas midiáticas. Assim, a midiatização da saúde ganha espaço e evidência em diferentes redes de conexões, na medida em que essas práticas são incorporadas ao cotidiano dos indivíduos.

A pesquisa obteve um percentual maior de respostas de indivíduos do sexo masculino: 55%, para 36% do feminino; a média de idade entre 35 a 44 anos, com um percentual de 45 % dos entrevistados, sendo relevante, também, o percentual de jovens de 25 a 34 anos: 23%. Destes, 86% utilizam diariamente a pulseira; de 3 e 5 meses, 23%; 4 meses, 18%; 6 e 7 meses, 9%; 8 meses ou mais, 5%. Tendo como principal motivação de compra o monitoramento das atividades, 68%; outros 50% compraram por uma questão de design; 36% assinalaram para a compatibilidade do aplicativo e para a melhoria da saúde. Tendo como atividade favorita a corrida: 32%

e caminhada: 18%. Em níveis de 0 a 10, foi relatado o quanto a pulseira ajuda a saúde, sendo que um nível de 8 obteve percentual de 32%. Já a motivação para compartilhar os resultados nas redes sociais obteve 23%, 5; 8, 18%; 9 e 10, 14%.

Trata-se, no entanto, para este pequeno grupo da comunidade, uma questão muito mais social, ou seja, são práticas focadas com o intuito das atividades físicas, do culto ao corpo, do que efetivamente de saúde, como no senso comum é, de modo geral, direcionada a prevenções de doenças e à doença. No entanto, são práticas de saúde, pois visam ao bem-estar físico, à melhoria e ao cuidado com a saúde, ou seja, à qualidade de vida. Ao responderem à questão 19 – “O que mais motiva você a usar a Nike+ *FuelBand*?” –, as principais motivações são elencadas como saúde, 59%; bem-estar físico, 50%; melhoria da saúde, 36%, sendo 18% para a prevenção de doenças. Ou seja, de fato, há uma preocupação com a saúde, mas não há a percepção de que essas informações são de saúde, pessoais, e, portanto, de ordem privada. Observa-se esta constatação na questão 15 – “Você compartilha informações pessoais?” –, 64% responderam que não compartilham, sendo que apenas 32%, de fato, têm a percepção de que estes dados e informações disponibilizados nas redes são de ordem pessoal, considerando que compartilham dados relacionados a trajeto percorrido, calorias perdidas, tempo gasto com atividades, atividades desenvolvidas, etc. Em contraponto, os que compartilham informações pessoais têm como objetivo receber incentivo, 32%; cooperar com atividades diárias, 9%; 59% são os que não compartilham estes dados. A pulseira auxilia nas atividades diárias em um nível 8, considerado bom para 36% dos entrevistados e 23% consideram excelente: 10. A motivação para participar do grupo do *Facebook* obteve um percentual de 36% com o objetivo de receber mais motivação nas atividades. Nas interações físicas, corrida obteve 42% e esportes de competição, 32%. 59% dos indivíduos participam de interações com amigos do grupo do *Facebook* com a Nike+ *FuelBand*; 50% não utilizam outras mídias para compartilhar os resultados e um percentual de 50% não compartilharia as informações de saúde com o médico.

Ao questionar-se sobre a motivação da compra – sendo possível selecionar mais de uma opção nessa pergunta –, evidenciam-se as questões das dinâmicas estabelecidas na rede enquanto atividades físicas e monitoramento das atividades, ou seja, o monitoramento das atividades diárias é uma possibilidade de autovigilância. Como já exposto, a miniaturização destes artefatos tecnológicos,

permitindo maior mobilidade, tem elevado o uso em diferentes esferas. Assim, as conexões sociais ampliam-se e são possibilitadas novas formas de observação do próprio corpo, do desempenho e das capacidades físicas.

Figura 84 - 1. Qual a sua idade?

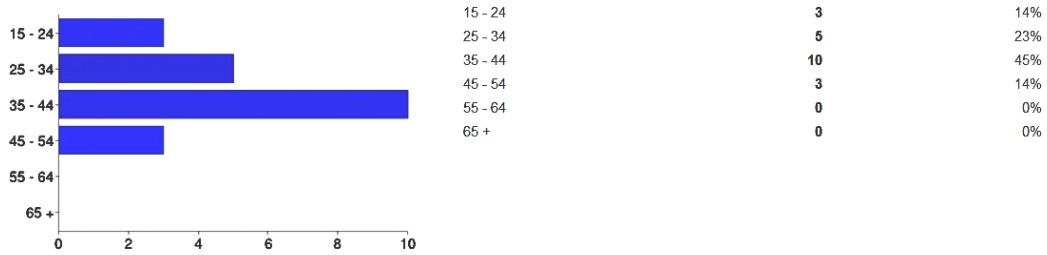


Figura 85 - 2. Qual seu sexo?

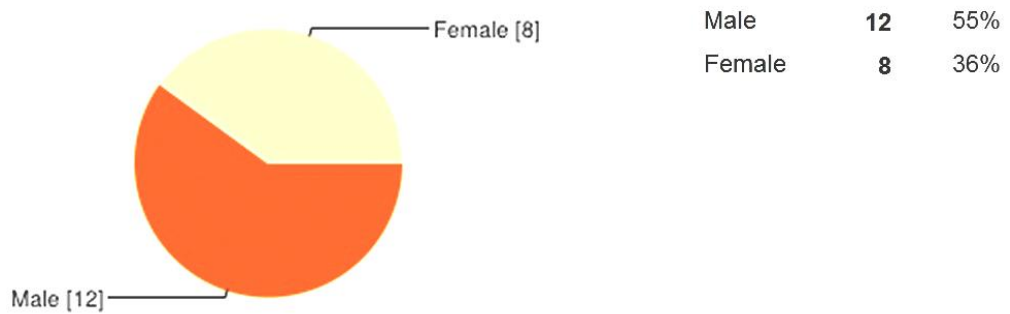


Figura 86 - 3. Cidade; 4. País

Porto Alegre - Brasil Santo Ângelo Oslo Lyon São Paulo Vienna San Diego, CA San Diego, CA delhi Scottsdale, Arizona Fremont long beach Baton Rouge Cicero Antigo Braunschweig Los Angeles San Diego Cleveland london Sara ...

Brasil Norway France Brazil Austria US US india USA Usa usa USA USA USA Germany USA USA US u.k USA USA

Figura 87 - 5. Você utiliza algum aplicativo para monitorar a sua saúde? Se sim, cite um.

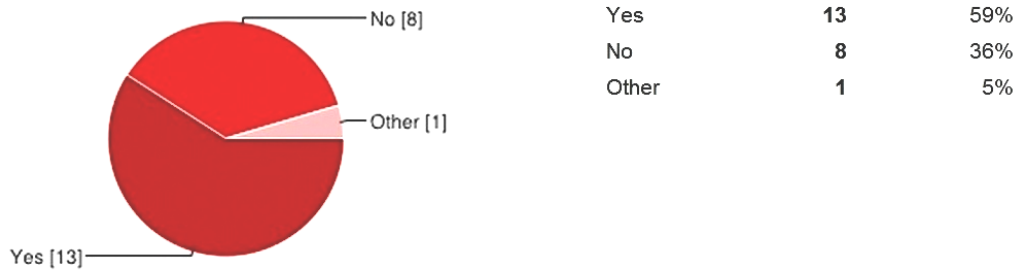


Figura 88 - 6. Qual a motivação para comprar a Nike+ FuelBand?

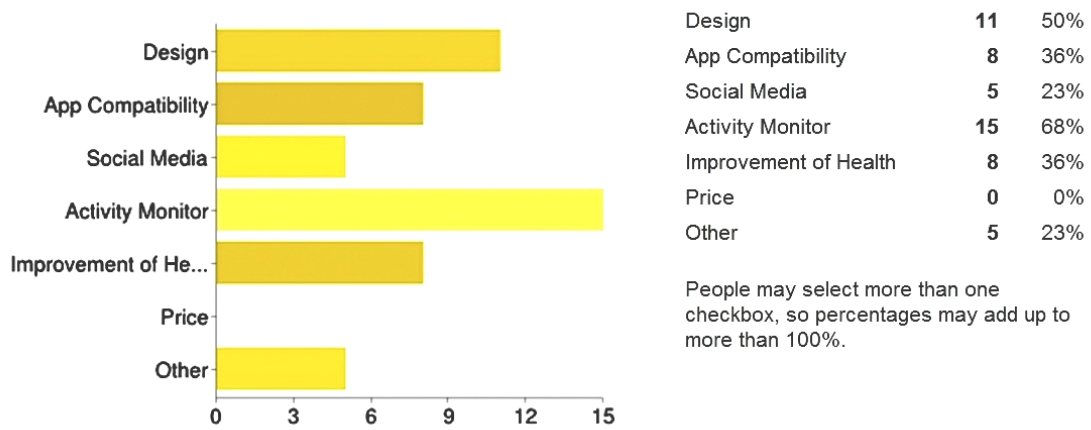


Figura 89 - 7. Em que nível a Nike+ FuelBand ajuda na sua saúde?

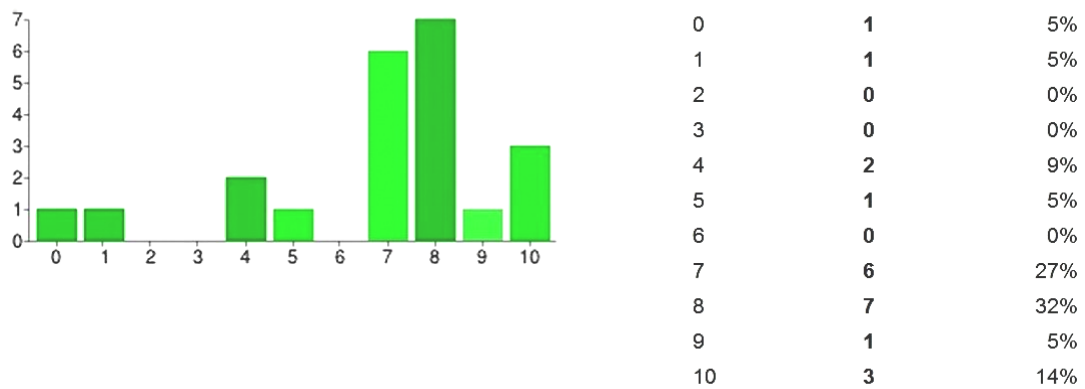


Figura 90 - 8. Há quanto tempo você usa a Nike+ FuelBand?

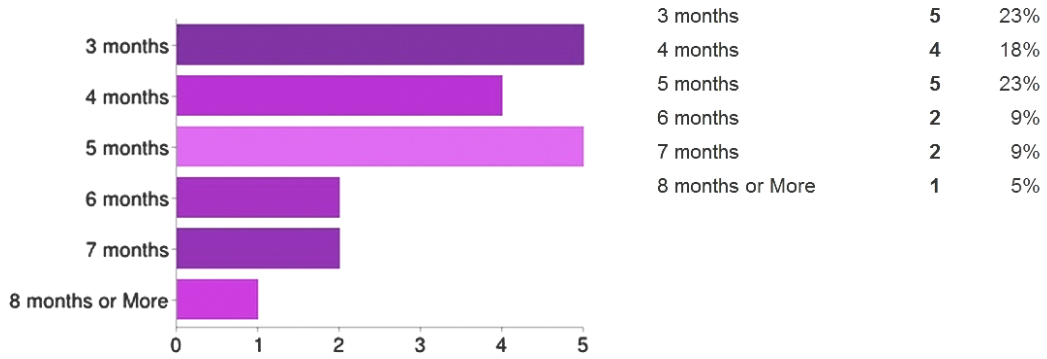


Figura 91 - 9. Com que frequência você usa a sua Nike+ FuelBand?

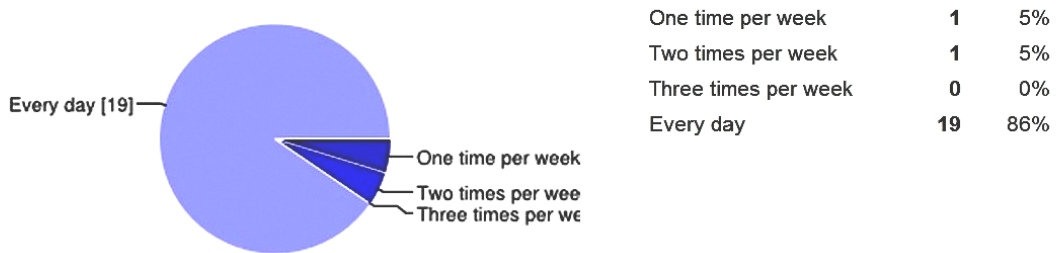


Figura 92- 10. Qual a sua atividade favorita com a Nike+ FuelBand?

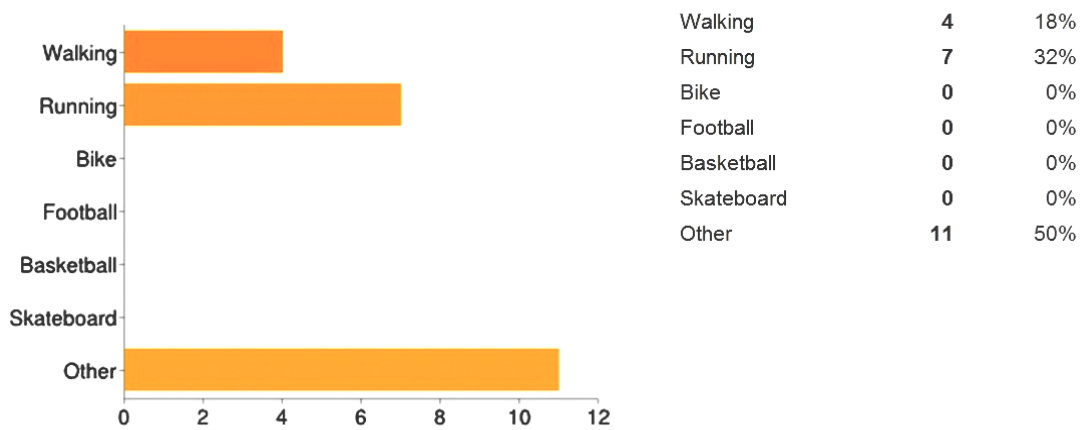


Figura 93 - 11. Qual é o nível da sua motivação para compartilhar os resultados nas redes sociais (*Facebook, Twitter*)?

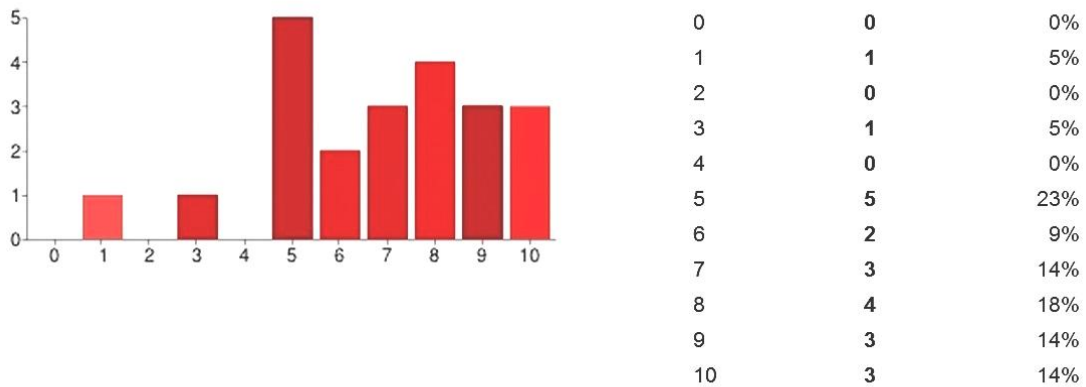


Figura 94 - 12. Qual a sua motivação para participar do grupo do *Facebook* (*Nike+ FuelBand*)? Marque apenas uma alternativa.

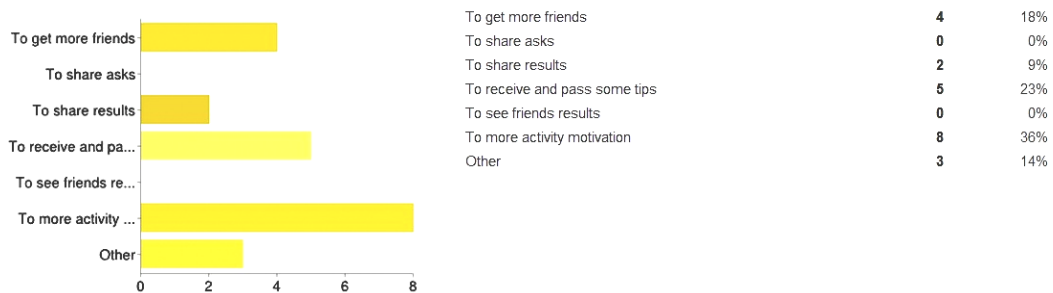


Figura 95 - 13. Você participa de interações com sua *Nike+ FuelBand*?

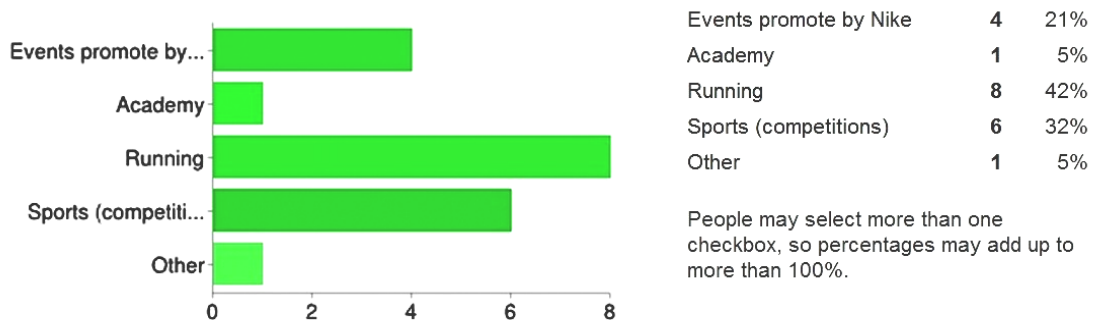


Figura 96 - 14. Você participa com seus amigos do grupo do *Facebook* com sua Nike+ *FuelBand*?

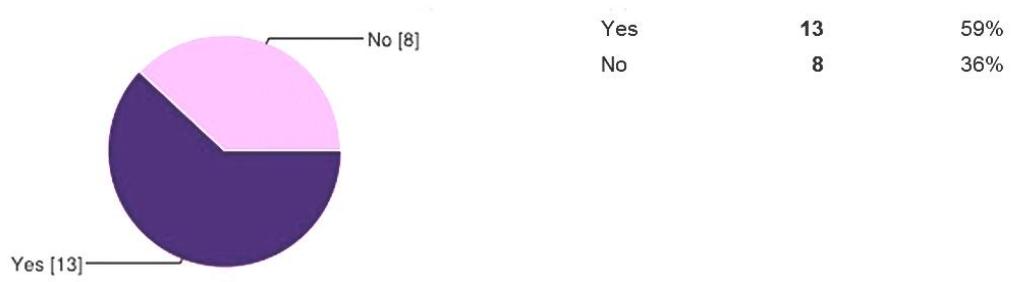


Figura 97 - 15. Você compartilha informações pessoais?

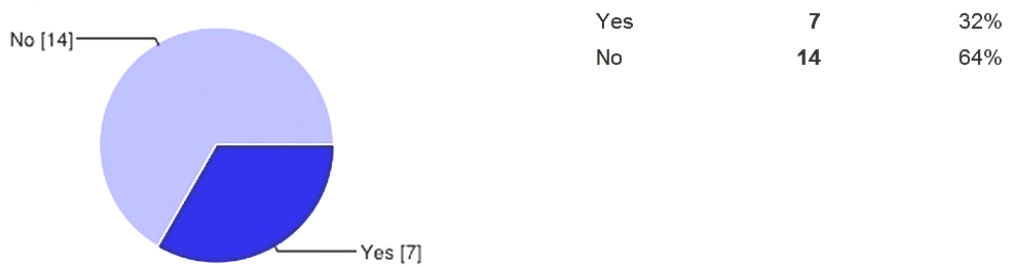


Figura 98 - 16. Por que compartilhar informações pessoais?

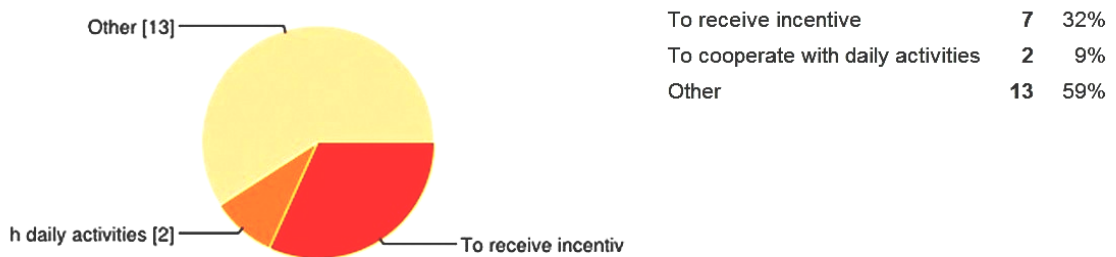


Figura 99 - 17. Você utiliza outras mídias para compartilhar seus resultados?

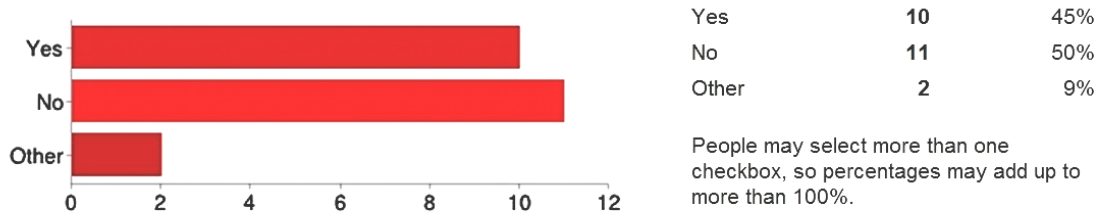


Figura 100 - 18. Em que nível a Nike+ FuelBand auxilia nas suas atividades diárias?

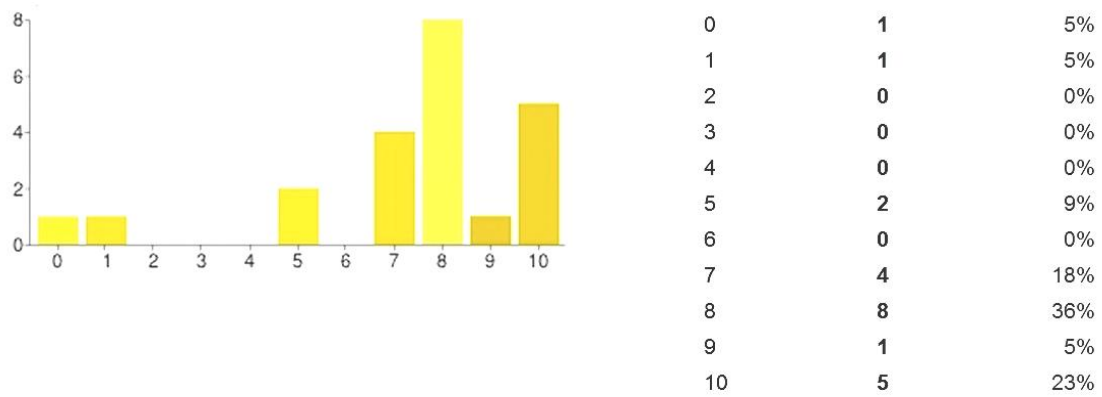


Figura 101 - 19. O que mais motiva você a usar a Nike+ FuelBand?

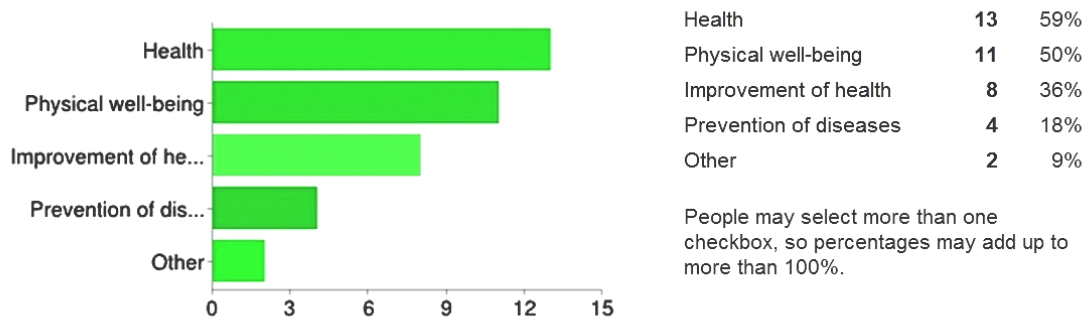
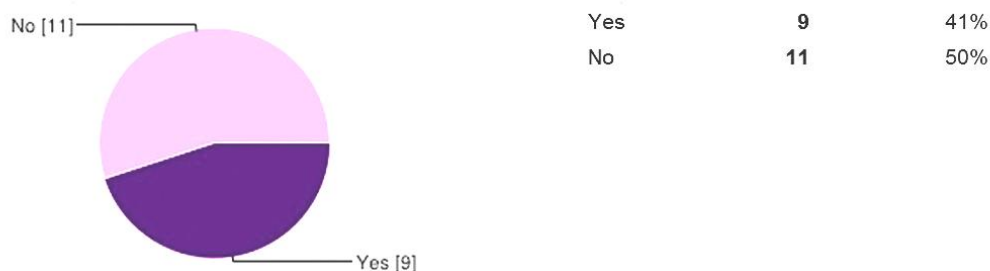


Figura 102 - 20. Você compartilharia informações de saúde com o seu médico?



Considera-se o contexto geral de saúde como bem-estar físico, mental e social, não apenas a doença ou suas práticas preventivas, mas, neste contexto amplo, todos os dispositivos e aparatos tecnológicos que podem auxiliar e compreender estes dados nas redes, para, portanto, serem suficientemente capazes de auxiliar na comunicação para saúde. Visto que estes dados aleatórios na rede não são capazes de produzir dinâmicas. Portanto, estas apropriações entre artefato tecnológico, informações e redes criam novas conexões nas esferas que possibilitam o monitoramento das atividades de cada indivíduo. Este “filtro invisível” das redes possibilita os sistemas de visibilidade e vigilância condicionados a sistemas de personalização. O foco está, no entanto, no movimento do corpo, na busca pela movimentação, no culto à boa forma e às práticas esportivas. São utilizados então, sistemas de interatividade, geolocalização, processos de engajamento, usabilidade das tecnologias e métodos criativos na comunicação.

Portanto, dentro deste espectro, a forma está nas aplicações das dinâmicas na rede. Assim, as mediações e interações sociais nestas conexões são, de fato, proporcionadas por sistemas de cooperação e colaboração, permitindo uma ampla rede de trocas de informações e conhecimentos. São, estas interações e processos de incentivo que, como observados, podem auxiliar nas atividades diárias em outras esferas. Assim, para a saúde móvel, estas dinâmicas têm forte relevância, visto que os processos determinantes destes sistemas estão centrados na cooperação, porém com base, principalmente, na informação para o conhecimento. Trata-se, enfim, de um paradigma: o contexto geral presencia esta relação com o corpo e a informação e imbricados estão os processos da visibilidade destas informações e os artefatos

tecnológicos acoplados a este corpo nas diferentes redes de conexão emitindo estes dados. Assim, trata-se de um “olhar sem ver”, com o foco no contexto da “geração saúde”, no culto ao corpo, na boa forma física, em redes de conexões híbridas entre dispositivos e aparatos tecnológicos.

9 CONCLUSÕES

Permeando campos teóricos e empíricos, a partir das abordagens do interacionismo simbólico, da observação participante e da netnografia, esta pesquisa produziu as proposições que seguem diante das conexões sociais da Nike+ *FuelBand*. As conexões constituídas em diferentes espaços e ambientes nas cidades entre dispositivos e aparatos tecnológicos híbridos estabelecem uma nova perspectiva para a comunicação para saúde, a memória, o corpo e a visibilidade destes fluxos nas Redes Sociais na Internet (RSIs). Do mesmo modo, o indivíduo recebe os fluxos informacionais e dados, arquivando-os e/ou compartilhando, ou seja, incluindo na rede, para fazer-se lembrar e mantê-los como dado mnemônico. Desta forma, a observação participante possibilitou uma imersão, na comunidade e nas outras redes, da pulseira, assim, ampliando as perspectivas de compreensão do objeto, não apenas como uma extensão, mas como um acoplamento ao corpo, vestindo a tecnologia de forma ubíqua e permanente nas situações cotidianas dos indivíduos, produzindo, assim, dinâmicas na comunidade do *Facebook*.

De fato, criam-se conexões. Entre objetos, indivíduos, tecnologias, corpo e memória. O indivíduo está em constante estabelecimento destas conexões, seja para firmar-se como cidadão em uma sociedade marcada pela ubiquidade comunicacional, seja para interações entre diferentes redes sociais (comunidades físicas ou virtuais) e suas dinâmicas. Esta pesquisa, portanto, só se torna relevante por estes fluxos, visto que há indivíduos fazendo uso e participando destas dinâmicas e redes de conexão. Para tanto, torna-se um processo de observação no sentido da análise deste paradigma comunicacional. O corpo está visível, inserido na cibercultura, enviando dados e informações referentes à saúde. Nas redes de conexão este indivíduo pode monitorar e obter conhecimento das suas atividades. São, assim, novas possibilidades de compreensão do próprio corpo.

Contudo, esta cultura apresentada em que corpo, fluxos infocomunicacionais, dados de saúde e artefatos tecnológicos híbridos estão inseridos no mesmo ambiente provoca determinadas atitudes, dinâmicas e processos de vigilância que devem ser observados. A exposição, sem filtros aparentes, cria a impossibilidade de percepção dos dados referentes à saúde, onde práticas da mediatização são elevadas. Como consequência, o fluxo intenso de novas dietas milagrosas é exposto

sem filtro, podendo ocasionar reflexos e processos de doenças e uma disseminação de práticas sem a observação e legitimação de um profissional da saúde. São, no entanto, práticas ressignificantes tanto para a comunicação para saúde quanto para os fluxos infocomunicacionais que surgem destes ambientes.

Estas práticas estão mostrando que novas possibilidades de visibilidade e, por consequência, de vigilância estão inserindo-se nas redes, ressaltando-se o controle sobre a memória, o corpo e os seus sistemas de vigilância atuais. No entanto, os rastros deixados pelos indivíduos nas redes de conexão podem ocasionar mudanças no modo de tratamento da saúde. Isso quer dizer: onde há vigilância há processos que possibilitam a visibilidade e acesso a estes dados, que só serão de fato internalizados se obtiverem essas transformações comportamentais na saúde. A visibilidade, contudo, ocasiona o paradigma da vigilância e a sua duplicidade: o indivíduo tem a possibilidade de monitoramento e a amplitude de conhecimentos científicos e técnicos sobre seu corpo biológico (através do monitoramento das suas atividades), mas, ao mesmo tempo, como já salientado, expõe dados da sua vida mais privada: a saúde, o corpo e sua vida cotidiana. Assim, perde-se o sentido de privacidade, pois todos os seus atos e processos estão sendo monitorados e expostos nas redes.

Como o contexto geral desta análise refere-se ao fato da busca pela qualidade de vida, boa forma, bem-estar físico, a observação da mediatização da saúde desvela os processos da “geração saúde”, que se movimenta em torno de um objetivo comum; está inserido no ciberespaço, nas conexões híbridas entre corpo, fluxos infocomunicacionais e cibercultura. Estas interações entre as conexões que são estabelecidas estão, portanto, vinculadas à pulseira *Nike+ FuelBand*. Esse novo paradigma da comunicação para saúde, de compartilhamentos, visibilidade, vigilância, cooperação, engajamento e de artefatos tecnológicos acoplados ao corpo só são possíveis pela ubiquidade tecnológica atual. O que se presenciava antes eram outras esferas públicas em espaços físicos e informação direcionada no centro. Agora, a visibilidade do corpo torna-se fonte para o compartilhamento. Esta exposição faz com que o corpo seja a base destas informações, sendo assim, o sentido de “segunda pele”, de acoplamento ao corpo ganha reforço, considerando que o uso diário e constante é notório entre os indivíduos que participam da comunidade *Nike+ FuelBand*. No entanto, estas informações e dados só se tornam

fluxos, a partir do momento que estão em conexão com outras redes, neste caso, o aparato tecnológico e a comunidade.

Ao observarem-se e analisarem-se as conexões que são formadas a partir de um objeto, artefato ou dispositivo móvel, enfim, qualquer tecnologia, depara-se com um processo de novidade, ou seja, é preciso que traga satisfação no uso, para então, entrar num processo de apropriação do objeto. Diferentes dispositivos e aplicativos já fazem parte do cotidiano destes indivíduos, através de sistemas interativos, geolocalização, sistemas integrados de tecnologias, engajamento, usabilidade e métodos criativos na comunicação. Assim, os objetos neste contexto ubíquo criam relações de desejo, afetividade e satisfação. Estas trocas são estabelecidas em diferentes esferas no ciberespaço, criam conexões afetivas e compartilham dados da esfera mais privada das suas vidas: a saúde, o corpo, o bem-estar físico e suas práticas esportivas. Como pode ser observado na pesquisa aplicada, 64% dos entrevistados afirmam não compartilhar informações pessoais, e ainda, 50% não compartilhariam as informações obtidas com o médico.

Diante da análise, pode ser observada uma visibilidade invisível onde a rede não mostra suas conexões, fazendo com que entrem num sistema de “olhar sem ver”, com a vigilância presente. Assim sendo, estas tecnologias, com suas apropriações de acoplamento, possibilitam diferentes conexões e interações sociais a partir das informações do corpo. São, portanto, práticas ressignificantes tanto do corpo biológico quanto das suas relações de monitoramento da própria atividade de saúde, que poderiam servir como base para profissionais da saúde, no sentido tanto de práticas de políticas à saúde, quanto da saúde e bem-estar de cada indivíduo. O que se percebe é uma exposição às informações, considerando, segundo a perspectiva de Le Breton (2003), que o corpo é hoje, “uma apresentação de si”, faz parte de um processo de “domínio de si”. Assim, as redes potencializam a visibilidade, os processos de incentivo, cooperação e engajamento, numa aparente comunidade visível apenas para os seus integrantes. No entanto, estes dados estão disponíveis às diferentes esferas. O corpo, no espaço virtual, também cria conexões, memórias e estabelece interações. Em um mundo cercado por tecnologias, os indivíduos estão, agora, entre redes de conexões, dispositivos híbridos móveis e aparatos tecnológicos que prolongam a memória biológica. Os processos de esquecimento são relativizados a buscas nestas redes, onde rapidamente pode-se verificar o seu nível de condicionamento físico, seu tempo de

atividades, suas dinâmicas e suas conexões com novos fluxos infocomunicacionais. Esses processos são, para tanto, na área da comunicação para saúde e saúde móvel um paradigma, possuindo relevância para verificação de novas apropriações e dinâmicas.

Contudo, o que de fato legitima as ações na comunidade e nas conexões estabelecidas são as dinâmicas e estruturas sociais ubíquas estabelecidas pelos indivíduos que fazem uso das diferentes plataformas sem deixar de recorrer às ações presenciais, a vivência nos diferentes espaços e lugares da cidade, a preocupação com a saúde. Logo, as comunidades virtuais favorecem a ascensão e a facilidade ao acesso de informações da saúde. Tão importante quanto à conexão afetiva, observada na análise, é o capital social advindo desta. Para que a construção do capital social se efetive em uma comunidade são necessários processos de intimidade, informações compartilhadas e apoio social. Assim, são constituídas pelos indivíduos como grupo que dão sentido as interações auxiliando nos processos de compreensão nas diversas conexões. Estas conexões formadas a partir das características do *eHealth*, de comunidades virtuais, aplicativos, dispositivos móveis e/ou aparatos tecnológicos podem auxiliar no desenvolvimento da comunicação para saúde através da cooperação estabelecida com estas dinâmicas nas redes. Este contexto abrangente está em desenvolvimento, no entanto, a Comissão Européia desenvolveu a iniciativa e-Europe, na qual se inserem uma série de diretrizes para os chamados cuidados da saúde *online* (*eHealth*). Ou seja, as tecnologias da comunicação estão imbricadas entre corpo, fluxos informacionais e dispositivos e aparatos tecnológicos. Para tanto, os novos desafios para a indústria das tecnologias da informação aplicadas aos cuidados de saúde, foram, principalmente, segundo Eysenbach (2001): “(1) A capacidade dos consumidores interagirem com seus sistemas de saúde *online*; (2) A melhoria das transmissões de dados entre instituições e (3) As novas possibilidades de comunicação entre consumidores” (2003, p. 3). Assim, diferentes processos da comunicação científica, empresas e instituições tem desempenhado papel fundamental para a construção de novos dispositivos, sensores e artefatos tecnológicos que vem auxiliando em uma perspectiva de mobilidade da saúde, bem como, do monitoramento constante pelo próprio indivíduo.

Constata-se, nesta análise, que os avanços tecnológicos favorecem a difusão das comunidades em Redes Sociais na Internet (RSIs) dos pressupostos básicos da

comunicação para saúde: a base do conhecimento nestes processos está na informação, bem como de novas interações e conexões sociais que posteriormente surgirão neste campo da saúde. Este avanço na comunicação para saúde, de fato, estabelece novas perspectivas não só no modo de receber e trocar informações neste campo, mas também, a forma como o corpo comunica os dados mediados por um artefato tecnológico ubíquo. Visto que a memória está disponibilizada, arquivada e onipresente, assim são fluxos de dados que podem ser acessados em distintos espaços. O corpo biológico já não é apenas um meio, mas uma extensão. O aparato tecnológico já não é apenas uma extensão, mas faz parte do corpo. Desta forma, os compartilhamentos nas redes só ocorrem a partir do corpo; inicialmente, efetiva-se a atividade física, a movimentação e circulação por espaços físicos reais. Posteriormente, quando há o compartilhamento, são enviados dados e informações dessa prática para as diferentes redes de interações.

Movimentar-se. Este é o sentido da pulseira Nike+ *FuelBand*. Movimentar o corpo em diferentes atividades cotidianas e contabilizar em passos, calorias, tempo e milhas. Tudo sendo monitorado 24 horas por dia por um artefato tecnológico que permite circular e realizar interações e conexões como uma segunda pele. Assim, as práticas esportivas, de lazer e interações sociais são formas de objetivar um período de tempo não ocioso. De fato, para uma boa qualidade de vida é essencial, a movimentação, a prática de atividades que visem ocupar o tempo ocioso com atividades para o corpo, para o bem-estar físico. O que se observa são atividades cotidianas sendo incluídas como práticas de atividades físicas e metas a atingir durante um período de tempo, recebendo, assim, através da rede virtual, o incentivo para continuar compartilhando e, principalmente, praticando as atividades. Assim como, também representando um fortalecimento de laços distantes a conexões afetivas que irão ressaltar o sentido de comunidade, visto que a única coisa que liga a maioria dos integrantes da comunidade é este artefato tecnológico. Também, a conexão entre espaços físicos de diferentes lugares estabelece uma conexão intensa no espaço virtual.

A pulseira Nike+ *FuelBand* possibilita que o indivíduo, ao compartilhar as suas atividades na comunidade, mostre as informações disponibilizadas pelo seu corpo. Portanto, este fenômeno da comunicação ubíqua como artefato tecnológico auxilia no monitoramento da saúde, do bem-estar social, físico e mental. Não se trata apenas de performance, mas de um objetivo: a busca pela boa forma, qualidade de

vida, prazer, lazer e, portanto, de relações com o bem-estar físico, mental e social. São conexões sociais e interações sobre saúde nas práticas de atividades físicas em uma determinada rede de conexão na Internet, através de um artefato tecnológico híbrido. Este cenário altera os modos de percepção e de internalização de como tais dinâmicas vinham sendo realizadas nas Redes Sociais na Internet na área da saúde, pois os fluxos intensos de dados, informações e compartilhamentos das mais diversas formas de mostrar e afirmar a identidade do indivíduo ficavam expostos nessas redes. No entanto, como já foi salientando, trata-se para o *mhealth* e *ehealth*, dentro deste contexto da ubiquidade (onde aparatos e dispositivos tecnológicos estão agora compartilhando estes dados), de uma perspectiva de mudança de paradigma. Desta forma, outra esfera comunicacional está em curso. O *mhealth* – tem por sua definição justamente este prestar e receber serviços dirigidos para a construção de uma vida saudável com base no uso de aparelhos portáteis de comunicação –, assim a Internet das Coisas, as tecnologias para vestir, a memória, a vigilância e as associações entre corpo e máquina estão imbricadas neste contexto. Desta forma, criam-se novas conexões entre indivíduo e tecnologias, novas apropriações e interações com essas conexões, agora sociais.

Com a possibilidade de fazer uso social dos dados e informações que são disponibilizados nas redes de conexão, a partir de um dispositivo móvel ou artefato tecnológico, as pesquisas científicas na área da saúde móvel, da comunicação e dispositivos móveis para saúde ampliam-se, auxiliando, assim, para uma prática das atividades físicas, melhoria da qualidade de vida e processos inerentes que venham a ser desenvolvidos através destas interfaces. Ainda, os fluxos desses dados podem servir como base para observação dos indivíduos, inserindo-se assim em outras comunidades. Conhecer o corpo biológico não apenas como uma base de apresentação de si, mas como um processo biológico de melhoria de si, esse é o fenômeno apresentado com a comunicação para saúde, saúde móvel e os aspectos de monitoramento destas práticas com sensores acoplados ao próprio corpo. Enfim, um corpo híbrido nas redes de conexões. O uso dos dispositivos móveis para a mediação dessas informações e compartilhamento de dados na Internet trata-se de um espectro sem precedentes para esta área. Ou seja, a visibilidade não apenas de identidades sociais, mas da inserção do corpo na cibercultura, da saúde e suas práticas cotidianas na cultura da participação. Portanto, esses conhecimentos para a comunicação para saúde podem contribuir para o uso social dos fluxos

infocomunicacionais nas redes de conexões entre dispositivos e artefatos tecnológicos híbridos e indivíduos nesta área. Assim, elevando aspectos para um bem-estar físico e práticas cotidianas de saúde. Além disso, as capacidades entre corpo e informação, nessas redes, podem ser extremamente úteis para a observação das possibilidades da saúde móvel nos processos comunicacionais e suas dinâmicas. Esta cultura modifica e altera as atitudes na saúde, como os processos de prevenção, as práticas de atividades físicas, o engajamento, a efetivação de conexões afetivas, a cooperação e o incentivo que antes eram estabelecidos em pequenos grupos e/ou comunidades; agora, efetivam-se no ciberespaço como extensão dos lugares físicos.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

AMARAL, Adriana. **Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas**. In: Revista USP, São Paulo, nº 86, p. 122 – 135, junho/agosto 2010.

_____; FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ANTOUN, Henrique (Org.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

BARABÁSI, Albert-László; BONABEAU, Eric. **Redes sem escala**. In: Scientific American Brasil. Junho, 2003. pp. 64-72.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A questão da informação**. In: Revista São Paulo em Perspectiva, Fundação Seade, v 8, n 4 , 1994.

BENKLER, Yochai. **The Wealth of Networks: how social production transforms markets and freedom**. New Haven: Yale, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Matéria e memória**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTOL, Sônia; GOBBI, Valéria (Org.). **Pesquisa em diálogo: comunicação + arte + educação**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.

BOTAZZO, Carlos. **Unidade básica de saúde: a porta do sistema revisitada**. São Paulo: EDUSC, 1999.

BRAGA, Adriana. **Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica**. In: UNlrevista, vol. 1, nº3, julho 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRUNO, Fernanda. **Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital**. In: Famecos, Porto Alegre, n. 36, p. 10-16, 2008.

BUENO, Wilson da Costa. **A cobertura de saúde na mídia brasileira: os sintomas de uma doença anunciada**. In: Mídia e Saúde. Issac Epstein [et al.] org. Adamantina: UNESCO/UMESP/FIA, 2001.

_____. **Jornalismo científico: conceito e unção.** In: *Ciência e Cultura*, v. 37, nº. 9, p. 1420-1427, 1985.

_____. **Jornalismo e ciência no Brasil: os compromissos de uma prática dependente.** In: *Revista Brasileira de Tecnologia*, v. 16(3), maio/jun. 1985, p. 1421-1425.

BULCÃO, Marly; CESAR, Constança Marcondes (Org.). **Sartre e seus contemporâneos: ética, racionalidade e imaginário.** Aparecida: Idéias & Letras, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Regina C Figueiredo. **Impacto da Internet no fluxo da comunicação científica em saúde.** [artigo científico]. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v40nspe/30623.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWLER, James H. **Connected: the surprising Power o four social networks and how they shape our lives.** New York: Little Brown and Company, 2009.

COHN, Amélia; ELIAS, M. E. Paulo. **Saúde no Brasil: políticas e organização de serviços.** 5. ed. São Paulo: Cortez: CEDEC, 2003.

COSTA, Elisa Maria Amorim; CARBONE, Maria Herminda. **Saúde da família: uma abordagem interdisciplinar.** Rio de Janeiro: Rubio, 2004.

CUNHA, Bastos Rodrigo. **Do científico ao jornalístico: análise comparativa de discursos sobre saúde.** [artigo científico]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000100015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 mar. 2012.

DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle.** In: DELEUZE, Gilles, *Conversações: 1972-1990*, Editora 34, PP. 219-226, 1992. Disponível em: <<http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/midias/controle.pdf>>. Acesso em: 3 de maio de 2012.

ESPANHA, Rita. **Saúde e comunicação numa sociedade em rede: o caso português.** Lisboa: Monitor, 2009.

EPSTEIN, Isaac [Et. AL], organizador. **Mídia e Saúde.** Adamantina, SP, UNESCO/UMESP/FAI, 2001.

_____. **Revoluções Científicas.** São Paulo: Editora Ática, 1988.

EYSENBACH, Gunther. **What is e-health?** *Journal of Medical Internet Research*, 3(2):e20. 2001. [artigo científico]. Disponível em: <<http://www.jmir.org/2001/2/e20/>>. Acesso em: 10 de maio de 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. **Fragmentos de uma “analítica” da midiatização**. In: Revista MATRIZES n. 2. abril, 2008.

FIDALGO, António. **O celular de Heidegger: comunicação ubíqua e distância existencial**. In: Revista MATRIZES. Ano 3, n. , p. 81-98, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GETSCHKO, Demi. **Internet, Mudança ou Transformação?**. In CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008. São Paulo, 2009.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5.ed.. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. São Paulo: Contexto: 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1929.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

JENKS, Charles. **O que é pós-modernismo?** St. Martins Press, NY, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo, saúde e cidadania**. [artigo científico]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32831997000200021&script=sci_arttext>. Acesso em 14 maio. 2012.

KUPSTAS, Márcia (Org.). **Saúde em debate**. São Paulo: Moderna, 1997.

LANIER, Jaron. **Gadget: você não é um aplicativo!** São Paulo: Saraiva, 2010.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003.

_____. **O corpo no espelho social**. In: A sociologia do corpo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

_____; CUNHA, P., **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre, Sulina, 2003.

LITTLEJOHN, Stephen W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MATTELART, Armand et MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MITCHELL, William. **Me++: the cyborg self and the networked city**. The MIT Press, 2003.

MONTARDO, Sandra; PASSERINO, Liliana. Estudo dos Blogs a partir da Netnografia: Possibilidades e Limitações. In: **Revistas de Novas Tecnologias na Educação** - RENOTE.V. 4 Nº 2, Dezembro, 2006.

PACIOS, Marilena. **Os sites de medicina e saúde frente aos princípios éticos da HON**: Estudo baseado em uma amostra de informações sobre as doenças cerebrovasculares e infarto do miocárdio. [artigo científico]. Disponível em:

<http://www.disacad.unifesp.br/pg/..%5Csapg%5Carquivos%5Carq_22.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2012.

PACKER, Abel Laerte. **A construção coletiva da Biblioteca Virtual em Saúde.** [artigo científico]. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a04.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

PAIVA, M. Abdias; LUÍNDIA E. Luiza. **A influência da comunicação eletrônica científica na sociedade.** [artigo científico]. Disponível em: <<http://intercom>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória:** apontamentos para debate. [artigo científico]. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

_____. **Metodologia de pesquisa em jornalismo digital:** algumas reflexões a partir de um caminho percorrido. [artigo científico]. Disponível em: <http://sbpior.kamotini.kinghost.net/sbpior/admior/arquivos/coordenada_2_marcos_pal%DFcios.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2012.

PARAGUAI, Luisa. **Tecnologias móveis:** circulação e comunicação. In Estéticas tecnológicas, novos modos de sentir. Lúcia Santaella; Priscila Arantes (editor). São Paulo: EDUC, 2008, p. 249 – 261.

PARISER, Eli. **O filtro invisível:** o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASQUALOTTI, Adriano (Org.). **Mídias interativas e saúde.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

PELLANDA, Eduardo. **Internet móvel:** novas relações na Cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação. Tese de Doutorado. PUCRS, 2005.

_____. **Nomadismo em espaços sociais:** uma discussão sobre as novas formas de inteirações potencializadas pela mobilidade da informação. UNIrevista. Vol. 1, nº 3: julho, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, Vinicius A. **Estendendo McLuhan:** da Aldeia à Teia Global – Comunicação, Memória e Tecnologia. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PERUZZO, Círcia Maria K. Observação participante e pesquisa-ação. In **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Quão interativo é o hipertexto?:** Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

_____. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador.** In: André Brasil; Carlos Henrique Falci; Eduardo de Jesus; Geane Alzamora. (Org.). *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. 1 ed. Belo Horizonte: PUC minas, 2005, v., pp. 36 -57.

PUTNAM, Robert. D. ***Bowling Alone: The collapse and revival of American community.*** New York: Simon e Schuster, 2000.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

REGIS, Fátima. **Nós, ciborgues: Tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina.** Curitiba: Champagnat, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Cibercultura e pós-humanismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. **Ciência social crítica e pesquisa em comunicação: trajetória histórica e elementos de epistemologia.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

SABBATINI, Marcelo. **Publicações eletrônicas na internet / Marcelo Sabbatini; 1 ed. – São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2005.**

SANTAELLA, Lucia; Valdir José de Castro (Coord.). **Culturas e artes do pós-humano – Da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

_____; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SEARLE, John R. **A redescoberta da mente.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SERRA, Paulo. **Informação e Cidadania.** [artigo científico]. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-informacao-cidadania.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2012.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs.** In Em questão, porto alegre, v.11, n.1, p.35-51, jan./jun. 2005.

SILVA, Juremir Machado da; MARTINS, Francisco Menezes (Org.). **Para navegar no século XXI.** 3. ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Paulista: Brasiliense, 1995.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: Uma teoria social da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Eticidade, campo comunicacional e mediação. In MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade mediada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

STEIN, Ernildo. **Atropologia filosófica: questões epistemológicas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mente, cérebro e cognição**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In **métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TUBINO, Manoel. **O esporte na perspectiva do lazer: uma possibilidade de transcendência**. Rio de Janeiro: Manole, 1998.

_____. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediación. **Diálogos de la Comunicación**. Lima: Felafacs, 1997.

WEINBERG, David. **A nova desordem digital**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

WURMAN, Richard. S. **Ansiedade de informação**. São Paulo: Cultura, 1992.

<<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/25-marcas-para-seguir-nas-redes-sociais-em-2013#25>>. Acesso em: 10 de jan. 2013.

<<http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/mapeando.pdf>>. Acesso em: 17 de jun. de 2012.

<<http://www.arquiteturadeinformacao.com/2012/09/19/12-minitendencias-de-consumo-e-tecnologia/>> Acesso em: 19 de set. de 2012.

<<http://www.nic.br/imprensa/releases/2012/rl-2012-12.pdf>>. Acesso em: 26 de dez. de 2012.

<<http://nikemedia.com.br>>. Acesso em: 06 de jan. de 2013.

<<http://nikemedia.com.br/2009/11/16/anos-50-quando-a-nike-deu-seu-primeiro-suspiro-ela-inalou-o-espírito-de-dois-homens>>. Acesso em: 06 de jan. de 2013.